

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
MESTRADO EM HISTÓRIA

**Nilciana Alves Martins**

**ENTRE CONCEITOS E AÇÕES: A PERSPECTIVA GOLDMINIANA EM FOCO**

Juiz de Fora  
2022

**Nilciana Alves Martins**

**ENTRE CONCEITOS E AÇÕES: A PERSPECTIVA GOLDMINIANA EM FOCO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de mestre em História.

Orientadora: Silvana Mota Barbosa

Juiz de Fora  
2022

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Alves Martins, Nilciana .  
ENTRE CONCEITOS E AÇÕES : A PERSPECTIVA  
GOLDMINIANA EM FOCO / Nilciana Alves Martins. – 2022.  
250 p.

Orientadora: Silvana Mota Barbosa  
Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, 2022.

1. Emma Goldman. 2. Anarquismo. 3. História Intelectual. I. Mota Barbosa, Silvana , orient. II. Título.

**NILCIANA ALVES MARTINS**

**ENTRE CONCEITOS E AÇÕES: A PERSPECTIVA GOLDMINIANA EM FOCO**

Dissertação apresentada  
ao PROGRAMA DE PÓS-  
GRADUAÇÃO EM  
HISTÓRIA da Universidade  
Federal de Juiz de Fora  
como requisito parcial à  
obtenção do título de  
Mestre em HISTÓRIA.  
Área de  
concentração: História,  
Cultura e Poder

Aprovada em 24 do mês de fevereiro do ano de 2022

**BANCA EXAMINADORA**

**Profa. Dra.** Silvana Mota Barbosa - Orientadora

Universidade Federal de Juiz de Fora

**Prof. Dr.** Alexandre Mansur Barata

Universidade Federal de Juiz de Fora

**Profa. Dra.** Ana Paula Palamartchuk

Universidade Federal de Alagoas

Juiz de Fora, 08/02/2022.

---



Documento assinado eletronicamente por **Silvana Mota Barbosa, Professor(a)**, em 24/02/2022, às 11:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **Alexandre Mansur Barata, Professor(a)**, em 11/03/2022, às 18:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **Ana Paula Palamartchuk, Usuário Externo**, em 18/05/2022, às 11:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf ([www2.ufjf.br/SEI](http://www2.ufjf.br/SEI)) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **0673171** e o código CRC **361A72DA**.

---

*Dedico este trabalho ao meu querido pai, Nilson  
Pedro Alves Martins (in memoriam).*

*“Toda pessoa é uma prisão, e também um canto”*

(Friedrich Nietzsche)

*“Carregamos todos, dentro de nós, as nossas masmorras, os nossos crimes e as nossas devastações. Mas nossa tarefa não é soltá-los pelo mundo, mas combatê-los em nós mesmos e nos outros”*

(Albert Camus)

*"Aquele que puser as mãos sobre mim, para me governar, é um usurpador, um tirano. Eu o declaro meu inimigo!"*

(Pierre-Joseph Proudhon)

## RESUMO

A presente dissertação tem, como objetivo principal, investigar a trajetória intelectual de Emma Goldman (1869-1940). Para cumprir tal tarefa, analisamos, partindo de uma metodologia híbrida, um corpo documental formado por uma série de escritos goldminianos publicados entre 1896 e 1931 na revista *Mother Earth* e em outros periódicos. As questões femininas e sociais que afligiram o breve século XX eram parte significativa dos interesses intelectuais e políticos de Goldman e, após análise crítica das fontes, conseguimos identificar como produções transnacionais foram utilizadas por ela na construção de suas linhas argumentativas sob uma série de temáticas, ao lado do caráter original de suas propostas. Ademais, alguns aspectos biográficos da autora foram ressaltados, pois optamos por explorar a relação entre contexto, vida e obra tão presente na produção goldminiana. A forma como a trajetória de outras mulheres apareceu nos escritos de Emma também foi investigada na presente pesquisa. Por fim, ao transcorrer minuciosamente os textos da anarquista, pudemos evidenciar suas contribuições teóricas e práticas para as lutas reivindicatórias das mulheres e da multidão, como também identificar o ato ilocutório presente em seus escritos.

Palavras-chave: Emma Goldman; História Intelectual; Anarquismo.



## **ABSTRACT**

The main objective of this dissertation is to investigate the intellectual trajectory of Emma Goldman (1869-1940). To accomplish this task, we analyzed, based on a hybrid methodology, a documentary body formed by a series of Goldmanian writings published between 1896 and 1931 in Mother Earth magazine and other journals. The women's and social issues that afflicted the brief 20th century were a significant part of Goldman's intellectual and political interests and, after critical analysis of the sources, we were able to identify how transnational productions were used by her in the construction of her argumentative lines under a series of themes, alongside the original character of her proposals. Moreover, some biographical aspects of the author were highlighted, because we chose to explore the relationship between context, life and work so present in Goldmanian production. The way the trajectory of other women appeared in Emma's writings was also investigated in this research. Finally, by thoroughly going through the texts of the anarchist, we were able to highlight their theoretical and practical contributions to the demanding struggles of women and the crowd, as well as identify the illocution act present in their writings.

Keywords: Emma Goldman; Intellectual History; Anarchism.

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS</b> .....	11
<b>CAPÍTULO 1. A FILOSOFIA GOLDMINIANA: ALGUNS ASPECTOS SOBRE ANARQUISMO, VIOLÊNCIA POLÍTICA, SINDICALISMO E PATRIOTISMO</b> .....	21
1.1.UM RESGATE BIOGRÁFICO .....	21
1.2 O ANARQUISMO .....	45
1.3 AS PRISÕES, OS EXÍLIOS POLÍTICOS E A PSICOLOGIA DA VIOLÊNCIA POLÍTICA .....	60
1.4 SINDICALISMO E ANARQUISMO .....	94
1.5 A CRÍTICA AO PATRIOTISMO .....	111
<b>CAPÍTULO 2. AS QUESTÕES FEMININAS</b> .....	132
2.1 A EMANCIPAÇÃO FEMININA.....	132
2.2 O CONTROLE DE NATALIDADE.....	142
2.3 O SUFRÁGIO FEMININO .....	151
2.4 A PROSTITUIÇÃO E O TRÁFICO DE MULHERES .....	162
2.5 AMOR E CIÚMES.....	169
<b>CAPÍTULO 3. ELAS POR ELA: A TRAJETÓRIA DE OUTRAS MULHERES NOS ESCRITOS DE EMMA GOLDMAN</b> .....	184
3.1 VOLTAIRINE DE CLEYRE: UM INTERLÚDIO ENTRE SAÚDE, BELEZA E LUTA .....	184
3.2 MARY WOLLSTONECRAFT: A MULHER À FRENTE DE SEU TEMPO....	202
3.3MARIA SPIRIDONOVA: A <i>MATUSHKA</i> DE INTEGRIDADE REVOLUCIONÁRIA .....	210
3.4 ALEXANDRA KOLLONTAI: UMA DAMA VERMELHA .....	221
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	232
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	235

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

*“É bem verdade que o escritor está sempre falando de si mesmo, porque é somente através de nós mesmos que podemos nos aproximar dos outros. Desnudando-nos, procuramos fazer com que os outros se incorporem ao nosso espaço de sedução. Estendemos as teias e desejamos que o outro faça parte delas, não para devorá-lo, mas para que sinta perplexidade e faça a pergunta, para que tome conhecimento da possível qualidade do nosso fio-sedução; caminhe conosco, um veículo que pode ser afetivo-odioso. Há pessoas que tratam a carne como outros tratam ouro, às escondidas. Escolhi para meus textos o tratamento oposto”*

(Hilda Hilst)

Em finais do século XIX, inúmeras pessoas partiram do leste europeu e da Rússia para os Estados Unidos da América, buscando, com isso, melhores condições de vida. Uma parte significativa dessas pessoas foi direcionada para empregos em indústrias, principalmente as têxteis. Outra parte compôs o exército de desempregados. Apesar da retórica democrática e da própria história de formação do Estado Nacional estadunidense ser perpassada pela ideia da imigração, dificilmente um estadunidense médio vê, no corpo imigrante, um corpo igual ao seu. O Estado, muito menos. Evidentemente, dentro desse aglomerado de imigrantes existiam potencialidades múltiplas. Potencialidades essas que tiveram que lidar com um meio hostil. Inúmeras, então, foram as trajetórias. A presente pesquisa foca em entender a trajetória intelectual de uma mulher que compôs essa massa de imigrantes: Emma Goldman.

Emma Goldman, uma imigrante que fala e que escreve. Uma imigrante russa que, em solo norte-americano, ainda no final do século XIX, gritou tão alto que sua voz chegou a ouvidos antes restritos. Emma fez de seus escritos uma arma, uma forma de ser no mundo. Pagou um preço alto por isso. Foi perseguida e presa inúmeras vezes. A trajetória de nossa pensadora mostra que a ampla liberdade de expressão, da qual os Estados Unidos se diz dono, não passava de um mito quando se tratava de trazer a público a perspectiva de mundo anarquista. Em 1889, ao estreitar laços com os círculos anarquistas, Emma iniciou sua trajetória como oradora. E, no decorrer dos anos, se consolidou como intérprete de seu tempo, sendo editora da revista *Mother Earth*<sup>1</sup> e oradora pública conhecida. Emma participou ativamente dos movimentos contestatórios e das redes intelectuais de seu tempo e, se ela foi capaz de se fazer

---

<sup>1</sup>Tradução: “Mãe Terra”. (tradução nossa).

ouvir em um mundo que a hostilizava, parece que aqueles que querem mostrar suas contribuições intelectuais ainda estão dando seus primeiros passos nessa jornada.

Sabemos muito pouco sobre a complexidade do pensamento de Goldman, ainda mais quando pensamos nas pesquisas publicadas em língua portuguesa. Alguns, com uma visão estreita, poderiam me perguntar: Ora, porque estudar Emma Goldman? Curioso, entretanto, é que todos veriam o nível raso dessa pergunta se trocássemos a pensadora em questão: Ora, por que estudar Simone de Beauvoir? Por que estudar Voltaire? Por que estudar Karl Marx? Na verdade, a pergunta que deveria ser feita é a seguinte: por que não estudamos Emma Goldman? Na presente pesquisa, partimos do pressuposto de que as pessoas comuns são tão válidas enquanto objeto de estudo como são Voltaire<sup>2</sup>, Karl Marx<sup>3</sup> e Simone de Beauvoir<sup>4</sup>.

A ausência de consolidadas pesquisas sobre Emma Goldman no Brasil dificulta uma melhor compreensão sobre sua visão de mundo. E essa lacuna historiográfica pode ser explicada por uma série de diferentes fatores, entre os quais está, sem dúvida, a recorrente negligência que os estudos históricos perpetuaram em torno do anarquismo. Por muito tempo, as universidades estiveram submetidas ao predomínio das tendências marxistas. Era pelas lentes de análises propostas por Marx, ou, na melhor das hipóteses, pelas lentes produzidas por seus seguidores, genericamente chamados de marxistas, que se fazia “ciência”. Essas pessoas, de fato, acreditavam que o materialismo histórico dialético era a forma mais científica de se fazer pesquisas acadêmicas. Nesse universo, prevalecia a ideia de que os fatores econômicos eram os mais importantes, daí a necessidade de estudos sobre as estruturas. Nesse cenário, o cotidiano, as pessoas comuns e muitos outros segmentos sociais e políticos saíram de cena, pois, afinal, não eram entendidos como objetos de pesquisa prioritários dentro desse tipo de análise histórica. Tal situação talvez tenha dificultado ainda mais o surgimento de estudos sobre mulheres anarquistas como Emma Goldman.

Mas, entre as décadas de 1970 e 1980 e, principalmente durante os anos 90, houve mudanças significativas no campo das ciências humanas no geral, bem como na historiografia, isto é, na forma de se compreender e escrever a História. Mas, apesar dessa mudança de paradigma, apesar do predomínio marxista cair em declínio, o anarquismo, enquanto tema de pesquisa, continuou sendo negligenciado pelas universidades, principalmente as brasileiras. Houve uma forte empreitada, que contou com a contribuição de pessoas de diferentes correntes

---

<sup>2</sup>Voltaire (1694-1778) foi um escritor, ensaísta e filósofo iluminista francês.

<sup>3</sup>Karl Marx (1818-1883) foi um filósofo, sociólogo, economista, jornalista e revolucionário socialista.

<sup>4</sup>Simone de Beauvoir (1908-1986) foi uma escritora, intelectual, filósofa existencialista, ativista política, feminista e teórica social francesa.

ideológicas e que se estendeu por séculos, que resultou em uma compreensão rasa do significado do anarquismo.

O anarquismo foi usado, historicamente, como sinônimo de desordem violenta. A “memória coletiva”, o senso comum identificava no anarquista uma “besta violenta”: afinal, era isso que se lia nos discursos médicos e nos periódicos desde o século XIX. Os marxistas, por outro lado, viam o anarquismo como uma fase intermediária, uma ideologia de países pouco industrializados, uma fase juvenil e inconsequente do proletariado que, em sua maturidade, seria, sem dúvida, marxista. São raros os momentos em que senso comum e discurso científico se cruzam, mas, quando se refere a ter visão rasa em torno do anarquismo, por muito tempo essa convergência de fato existiu. O senso comum assim com os discursos ditos científicos reproduziam estereótipos em torno do anarquismo.

O *status* do anarquismo dentro da academia era tão negativo que, mesmo com a avalanche de pesquisas sobre gênero, raça, classe, sobre as camadas menos abastadas e as pessoas comuns, ainda assim, o anarquismo foi negligenciado. Talvez seja por isso que, até hoje, vemos pesquisadores de carreira consolidada usar anarquismo/anarquia como sinônimo de desordem em seus escritos e palestras. E, não raro, inúmeros discentes concluem seus cursos na área de humanas sem, ao menos, saber o mínimo sobre a trajetória dessa filosofia que tem mais de 150 anos. Esse *status* do anarquismo explica por que, mesmo com o desenvolvimento de inúmeras pesquisas sobre gênero, quase nenhuma delas diz respeito à contribuição de mulheres anarquistas para as reivindicações femininas que ganharam o espaço público em finais do XIX e início do XX. Como aponta o professor Wallace de Moraes (2020, informação verbal), as academias praticaram, constantemente, no que se refere a estudos sobre negros, indígenas e anarquistas, um verdadeiro epistemicídio.<sup>5</sup>

A negação das trajetórias libertárias enquanto objeto de estudo é tamanha que, mesmo nos estudos de gênero, as mulheres anarquistas não possuem o protagonismo necessário. Vejamos: ainda no início do século XX, Emma produziu uma escrita que problematizava a ideologia da feminilidade existente desde o século XIX, isto é, que criticava a ideologia sexista da feminilidade. Emma também se opôs ao culto à maternidade e foi uma defensora de um controle de natalidade voltado ao interesse dos trabalhadores. Ainda assim, suas contribuições

---

<sup>5</sup>Ver vídeo disponível no canal do CPDEL, grupo ligado a UFRJ. Fonte: <<https://youtu.be/0ANMeMC9C9U>>. Acesso 12/09/2021. Além disso, essas reflexões também aparecem nos escritos do professor. Ademais, se faz necessário frisar que não estamos afirmando que todo professor universitário pratique, cotidianamente, esse epistemicídio, mas sim que, apesar de alguns professores se mostrarem abertos a esses temas, esse é um problema estrutural que acompanhou as universidades.

para a luta das mulheres e da multidão permanecem negligenciadas. Emma, uma das primeiras vozes femininas a falar abertamente sobre aborto e prostituição, é desconhecida, em solo brasileiro, até mesmo entre muitas das pesquisadoras feministas. Ora, diversos fatores influenciaram para tal situação, mas, sem dúvida, o fato de as universidades nacionais ainda possuírem currículos tão estreitos e o próprio *status* negativo do anarquismo ali dentro são variáveis determinantes.

No que se refere à historiografia internacional sobre Emma, se faz necessário destacar alguns aspectos sobre a produção estadunidense. Na década de 1980, teve-se o início do *Emma Goldman Papery Project (EGPP)*, projeto ligado à Universidade da Califórnia, em Berkeley. No decorrer de mais de 30 anos de trabalho, o projeto reuniu, organizou e deixou público mais de 22 mil fontes ligadas a Emma Goldman, entre as quais estão correspondências, palestras e documentos de vigilância governamental. As facilidades de acesso à fonte que o *Emma Goldman Papery Project* proporcionava aos pesquisadores estadunidenses, muito provavelmente, contribuiu para o surgimento dessas pesquisas sobre Emma Goldman nesse território.

Após um balanço bibliográfico, fica evidente que a maior parte das pesquisas estadunidenses que tiveram como objeto de análise nossa pensadora foram obras de cunho biográfico que, algumas vezes, negligenciaram a perspectiva intelectual de Goldman. Robert Drinnon, um dos mais conhecidos biógrafos de Emma, em 1961, publicou *Rebel in Paradise: A Biography of Emma Goldman*<sup>6</sup> (DRINNON, 1961) e, apesar do pioneirismo da obra, Drinnon evidenciou, ali, sua negligência em relação à perspectiva intelectual de Goldman ao presumir que “she was not at all a relevant political and social thinker”<sup>7</sup> (DRINNON, 1961, p.314).

Já na década de 70, Alix Kates Shulman publicou a biografia *To the barricades: the anarchist life of Emma Goldman*<sup>8</sup> (SHULMAN, 1971) e, em 1989, Alice Wexler lançou a também biografia *Emma Goldman in Exile: From the Russian Revolution to the Spanish Civil War*<sup>9</sup> (WELEX, 1989). Obras que acabaram por realizar um resgate biográfico capaz de evidenciar aspectos pouco considerados por biógrafos como Drinnon. Em 1984, Candace Falck publicou *Love, Anarchy, and Emma Goldman*<sup>10</sup> (FALCK, 1984), obra na qual, partindo de cartas íntimas escritas por Goldman, a pesquisadora explorou o conflito entre vida pública e esfera

<sup>6</sup>Tradução: “Rebelde no paraíso: uma biografia de Emma Goldman”. (tradução nossa).

<sup>7</sup>Tradução: “ela não era de forma alguma uma pensadora política e social relevante”. (tradução nossa).

<sup>8</sup>Tradução: “Para as barricadas: a vida anarquista de Emma Goldman”. (tradução nossa).

<sup>9</sup>Tradução: “Emma Goldman no Exílio: da Revolução Russa à Guerra Civil Espanhola”. (tradução nossa).

<sup>10</sup>Tradução: “Amor, anarquia e Emma Goldman”. (tradução nossa).

privada em Emma, tendo como foco o relacionamento da anarquista com Ben Reitman<sup>11</sup>. No mesmo ano, Alix Wexler lançou *Emma Goldman: An Intimate Life*<sup>12</sup> (WEXLER, 1984). Além dessas obras, novas biografias continuaram a surgir, com destaque para a produção de Paul e Karen Avrich (AVRICH.K; AVRICH.P, 2012) e de Theresa e Albert Moritz (MORITZ.A; e MORITZ.T, 2001). Dito isso, fica evidente que prevaleceu, nas pesquisas estadunidenses, no que diz respeito aos estudos sobre Goldman, um tom biográfico. Obviamente, isso por si só não seria um problema. Entretanto, interesses tão voltados para a trajetória biográfica fizeram com que a historiografia norte-americana, apesar das abundantes contribuições, apresente algumas lacunas, principalmente no que se refere a estudos que tenham como objetivo compreender a perspectiva intelectual de Goldman.

E no Brasil? Pois bem, o cenário aqui é um tanto diferente. As traduções dos textos de Emma para o português, ao contrário do que aconteceu em outros países, iniciaram-se muito tardiamente em solo nacional. Em 2007, tivemos a publicação de *O Indivíduo, a Sociedade e o Estado, e outros Ensaios*, livro da editora Hedra, que compilou seis artigos de Goldman. Em 2015, a editora L-Dopa publicou a primeira versão em português da autobiografia de Goldman, intitulada *Vivendo Minha Vida*. E, foi somente entre 2017 e 2018, em virtude das comemorações em torno do centenário da revolução russa, que ocorreu, por parte da editora Terra Livre, a publicação da obra *Minha Desilusão na Rússia*, escrita, originalmente, em 1923. E, em 2019, a mesma editora publicou os dois primeiros livros do projeto *Emma Goldman* que, por sua vez, objetiva disponibilizar para o público brasileiro coletâneas que reúnam textos de Emma. Traduções tão tardias podem ser explicadas por uma série de fatores que, em grande medida, envolvem a própria lógica do mercado editorial e de como são feitas e consumidas as traduções no Cone Sul, como também com questões de cunho mais estreitamente epistemológico-político.

Talvez por conta das tardias traduções das obras de Emma Goldman no Brasil, e devido ao próprio *status* negativo do anarquismo dentro das universidades, percebemos que, no que se refere à historiografia nacional, temáticas relacionadas à nossa pensadora é algo ainda emergente. Em 1983, Elisabeth Souza Lobo publicou o livro *Emma Goldman: a vida como revolução* (LOBO, 1983), sendo essa a primeira obra escrita em português que tem como objeto de pesquisa Emma Goldman. E, mais de dez anos depois, em 1998, temos a dissertação de Liane Peters Richter (RICHTER, 1998) que buscou fazer uma análise comparada entre Emma

---

<sup>11</sup>Ben Reitman (1879-1942) foi um médico estadunidense.

<sup>12</sup>Tradução: “Emma Goldman: uma vida íntima”. (tradução nossa).

Goldman e a anarquista brasileira Maria Lacerda de Moura. Além dessas produções, contamos com alguns poucos e recentes artigos publicados em periódicos que tratam sobre Goldman (RAGO, 2011), (BLANCHETE, 2011), (MARTINS, 2018a, 2018b, 2019, 2020a, 2020b, 2021), (BAGATIN, 2018, 2019), (CONCEIÇÃO, 2020a, 2020b), (TOKUNAGA, 2020, 2021). Realizamos, aqui, esse breve resgate bibliográfico para evidenciar que investigar o pensamento de Emma ainda se configura como um campo emergente, principalmente, no Brasil. E que, de fato, as contribuições que Emma Goldman trouxe para a luta reivindicatória das mulheres permanecem silenciadas, sendo um dos objetivos dessa dissertação investigar exatamente essas contribuições.

O principal objetivo da presente pesquisa é investigar como Emma construía suas linhas argumentativas, focando em entender quais autores ela mobilizava, seja citando ou ressignificando. A perspectiva intelectual de Emma Goldman sob uma série de temáticas é, então, nossa fonte principal. Até a delimitação do referido tema de pesquisa para o mestrado, construímos uma jornada que se iniciou no ano de 2017, momento no qual nos aproximamos dos escritos de Goldman para o desenvolvimento de uma pesquisa que, posteriormente, deu origem ao trabalho de conclusão de curso intitulado *A revolução russa por Emma Goldman* (MARTINS, 2018c). A partir de então, percebemos que Goldman escrevia sobre diferentes questões que enquadravam a condição das mulheres, como também a comunicabilidade entre ativistas e classe operária. E que, além disso, ela também discutia sobre o legítimo estatuto da violência para o movimento operário e que ela antecipou uma crítica contundente às precoces tendências burocratizantes da direção leninista que ela viu nascer. Tais foram as conclusões parciais de nossa pesquisa.

Em 2018, nosso objetivo era investigar ao menos uma parte da interpretação de Goldman no que se refere ao processo revolucionário russo e às medidas políticas engendradas pelos bolcheviques, principalmente no período entre 1919 e 1921. Seleccionamos, para cumprir tal objetivo, uma série de dez artigos escritos por Goldman e publicados no jornal *The World*<sup>13</sup>. Naquele momento, com a leitura das fontes, percebemos que a categoria analítica “mulher” era recorrente na interpretação de Goldman sobre o mundo. Foi por isso que decidimos pesquisar ainda mais sobre a perspectiva intelectual de Emma. Com base nesse questionamento, elaboramos um projeto de mestrado que, ancorado em uma metodologia híbrida, destina-se a investigar diferentes artigos escritos por Goldman.

---

<sup>13</sup>Tradução: “O Mundo”. (tradução nossa).



O que Emma entendia como Anarquismo? Como a noção de individualidade era interpretada por Goldman? Qual era sua perspectiva sobre as prisões e a violência política? Como Emma compreendeu o sindicalismo revolucionário? Qual era sua visão crítica em torno do patriotismo e da Grande Guerra? Como Emma, considerada por algumas feministas como uma “mulher com cabeça de homem” (LOBO, 1983, p.36), compreendeu a emancipação e o sufrágio feminino? Como Emma interpretava as questões femininas e sociais de seu tempo? Matrimônio, amor e ciúmes: qual a relação entre eles dentro da perspectiva goldminiana? Prostituição e tráfico de mulheres: como temas tão tabus apareceram na escrita de Emma? Como Emma transformou a pauta do planejamento familiar em um controle de natalidade voltado aos interesses específicos da classe trabalhadora? E, o principal: como Emma, ao criar uma linha argumentativa para essas questões, mobiliza e ressignifica autores de uma rede de sociabilidade intelectual transnacional? Como a trajetória de outras mulheres é construída na escrita goldminiana? Pois bem, essas são algumas questões que orientam a presente pesquisa.

Se já podemos levantar uma resposta provisória para o cerne das questões acima descritas, gostaríamos de afirmar que Emma Goldman tinha um horizonte de expectativa muito mais amplo e dinâmico do que seus contemporâneos. Temas considerados tabus, dentro da narrativa construída por algumas feministas do início do século XX, já se faziam presentes na escrita de Goldman. A produção de Emma evidencia que, apesar de estar inserida na mesma temporalidade onde até as personalidades feministas rejeitavam as demandas de raça e classe, ela conseguiu, assim como, depois, o fizeram os jovens de 1968: desejar o impossível. Nossa pensadora era uma intérprete de seu tempo, seus objetos de análises são aspectos extraídos de sua realidade: guerra, revolução, liberdade de expressão, individualidade e questões femininas. Entretanto, suas conclusões eram bem menos dogmáticas do que a de seus colegas de temporalidade. Prevalencia, na visão de Emma, a concepção de que é a ação das pessoas que faz a História, sendo, dessa forma, completamente possível, dentro do horizonte de possibilidades pensado por Emma, a criação de um novo mundo, isto é, de novos valores e novas organizações econômicas, sociais e mentais. Segundo Margareth Rago (2011), Emma Goldman “em diferentes frentes de ataque à exploração capitalista, ao imperialismo e à opressão de gênero, ousa discutir assuntos até então pouco enunciados por mulheres, mesmo entre as feministas”.

O pensamento de Emma Goldman é um acontecimento<sup>14</sup>, isto é, a produção do novo. Um novo produzido a partir de sua vivência no mundo e, simultaneamente, inserido em uma rede intelectual transnacional. Se não foi um acontecimento por si só, o pensamento de Emma

---

<sup>14</sup>No sentido proposto por Michel Foucault.

ao menos abriu o futuro novamente, isto é, contribuiu para essa jornada que é sempre necessária para que o novo se faça surgir. Emma propôs, ainda no início do século XX, uma nova forma de ser no mundo, uma nova performance existencial. Emma desejava, de fato, que todos e todas tivessem acesso às coisas bonitas e radiantes. Gostaria de lembrar, ainda, que não há exagero nenhum nas afirmações acima, mas, talvez, um pouco de modéstia. Se você ainda duvida de minhas palavras, fique por aqui e leia as próximas páginas. Nelas você terá acesso a fontes importantes, escritas pela própria Emma Goldman. Isso se faz necessário por conta de meu ofício enquanto historiadora, como também porque, como apontou Deleuze, Foucault já mostrou “a indignidade de falar pelos outros” e, por isso mesmo, em alguns momentos, Emma falará diretamente com você, amigo leitor. Tente, pois, ouvi-la com atenção.

\*\*\*

Se faz necessário, antes de entrarmos propriamente nos capítulos que compõem a presente dissertação, dizer duas ou três coisas sobre nossa metodologia. Realizaremos algumas considerações importantes sobre a metodologia híbrida que alicerça, ainda que invisivelmente, a presente pesquisa. Pois bem, Emma Goldman era uma mulher de muitas facetas reflexivas. Diferentes temáticas, diferentes referências e “inusitadas” ressignificações teóricas perpassam o que aqui chamamos de perspectiva goldminiana. O pensar é uma atividade criativa. Envolve acesso a determinadas visões, observação e compreensão delas e, muitas vezes, análise crítica e comparada das diferentes visões que inicialmente chegam em nossas redes neurais. Na História, existe, sim, espaço para criação do novo, e Emma Goldman fez contribuições importantes nesse sentido. Mas, qual rota leva o trem do pensamento para o novo? O que aqui nomeamos como novo é criado por variáveis tão infinitamente múltiplas que poderia muito bem ser comparável aos fatores que fazem a vida ser a vida. Os fatores que podem levar um indivíduo, consciente ou inconscientemente, a assumir e/ou criar determinada visão de mundo são tão múltiplos que parece quase impossível reconhecer qual era a intenção daquela pessoa.

Tarefa impossível? Acreditamos que a resposta a essa pergunta só pode ser desenvolvida quando temos previamente definido o que estamos chamando de intenção do autor. Sim, entendemos que a real intenção do autor – essa intenção mística e virginal que ele, consciente ou inconscientemente, estaria sob efeito ao produzir um escrito/discurso, se é que ela realmente existe – é tão volátil que rapidamente muda de estado sem deixar rastros visíveis em nossas ainda rudimentares córneas. Mas, ainda que algumas variáveis determinantes possam estar sob uma forte névoa, outros fatores também determinantes para a criação do ato de pensar

podem estar mais evidentes. Via de regra, segundo Lavoisier<sup>15</sup>, “na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma” e, essa dinâmica criativa, também acontece com o pensamento. Quando falamos que queremos compreender a intenção de Emma Goldman, dizemos com isso que objetivamos entender como ela construiu sua linha argumentativa, queremos dizer que vamos identificar e investigar quais perguntas e respostas Emma desenvolveu em seus escritos. Entre as alternativas que sua temporalidade permitia, qual é a posição intelectual de Emma? Quais autores ela mobiliza (cita e ressignifica) para criar sua linha argumentativa? Por fim, desejamos compreender o significado que determinados conceitos tinham dentro da perspectiva elaborada por Goldman. No decorrer da pesquisa, investigaremos fontes que deem conta de evidenciar o ato ilocutório<sup>16</sup> presente dentro das afirmações goldminianas, afirmações essas que versam sob uma série de inquietações, que dizem sobre a “questão social” e as “questões femininas”, temas tão caros para a modernidade na qual Emma estava inserida. Por fim, teremos, sim, acesso às intenções de Emma, mas somente àquelas intenções que o próprio texto, enquanto fonte, através do dito e do não dito, nos permite acessar.

Diante de tamanha empreitada, recorreremos a um híbrido corpo metodológico. Contribuições metodológicas vindas da “história das mulheres”, da “história intelectual do político” e, também, dos estudos biográficos tornaram-se fundamentais para o desenvolvimento da presente dissertação<sup>17</sup>. Iremos historicizar Emma Goldman. Portanto, suas redes intelectuais, a efervescência social, política e cultural que perpassa a temporalidade na qual ela estava inserida tornam-se uma parte importante de nossas observações. Em Goldman, vida (isto é, existência), redes intelectuais mais amplas e os próprios desafios impostos pelo contexto se cruzaram tão intrinsicamente que, por fim, possibilitaram o desenvolvimento do que chamamos, nesta dissertação, de perspectiva goldminiana.

No presente trabalho, não iremos cair no que Quentin Skinner chamou de mitologia da coerência e, evidentemente, sabemos que não abarcamos todos os fatores que foram determinantes para que cada escrito de Emma ganhasse vida, mas, como trabalho científico que é a presente dissertação, conseguimos trazer ao leitor alguns aspectos que perpassam a vida, o contexto histórico mais amplo, como também as redes intelectuais de Goldman e que, por sua

---

<sup>15</sup>Antoine Lavoisier (1743-1794) foi um nobre e químico francês fundamental para a revolução química no século XVIII, além de ter grande influência na história da química e na história da biologia. Ele é considerado, na literatura popular, como o "pai da química moderna".

<sup>16</sup>No sentido inaugurado por John Austin e, posteriormente, reapropriado por Quentin Skinner.

<sup>17</sup>As contribuições metodológicas oriundas da produção de Margareth Rago (UNICAMP), Alexandre de Sá Avelar (UFU) e, principalmente, de Quentin Skinner (“Escola de Cambridge”) foram fundamentais para a construção da presente dissertação.

vez, foram fundamentais para criação do que, aos poucos e com mudanças constantes, foi dando vida ao pensamento da anarquista.

Emma estava, assim como todo *homo sapiens sapiens*, presa dentro de uma jaula de aço. Sua jaula era diferente da nossa, mas, independentemente da forma, tem-se, ali, o que temos aqui, isto é, uma detestável jaula. Emma reconhecia que sair da jaula de aço era uma tarefa ampla e estrutural, mas sabia, também, que, para a criação do novo mundo, era necessário, ainda no velho mundo, expandir o horizonte de expectativa e de ação. Emma acreditava que era possível a criação de novos valores e novas formas organizacionais. Novos valores, novas mentes e novas organizações sociais baseadas em princípios fraternais. Por fim, um novo mundo no qual as instituições sejam controladas pela multidão, e não o contrário. Acreditar que, com determinados valores e estratégias, era possível criar um mundo no qual as coisas bonitas e radiantes estivessem ao acesso de todos, talvez tenha sido esse o crime mais ousado de Emma Goldman.

Nas próximas páginas, percorrendo minuciosamente uma série de escritos de Goldman, evidenciaremos quais eram os autores mais citados e como os interesses temáticos da autora se relacionavam com essa rede intelectual transnacional mais ampla, como também com as inquietações típicas daquela sociedade (temas socialmente vivos) e, evidentemente, com a própria vida pessoal de Emma. No capítulo 1 da presente dissertação, trataremos de apresentar ao leitor alguns aspectos biográficos. Você terá, então, acesso a recortes biográficos que ajudam na compreensão do pensamento intelectual de Goldman. Ainda nesse capítulo, investigaremos alguns escritos de Goldman com o objetivo de compreender sua linha argumentativa em torno de temáticas como: o anarquismo, o sindicalismo, o patriotismo, as prisões, os exilados políticos e a psicologia da violência política<sup>18</sup>.

Já no capítulo 2, investigaremos propriamente os artigos<sup>19</sup> que versam diretamente sobre as “questões femininas”, buscando, com isso, entender o que era emancipação feminina para Goldman, qual era sua perspectiva em torno do sufrágio feminino, como também suas contribuições para a luta pelo controle de natalidade. Além disso, pesquisaremos sua visão no que se refere à prostituição e ao tráfico de mulheres. Também nesse capítulo, trataremos de investigar como Goldman interligava o casamento, o amor e os ciúmes, questões que, em sua visão, estavam diretamente relacionadas com a situação social da mulher e com recortes de classe.

---

<sup>18</sup>As referências completas das versões utilizadas na presente dissertação foram descritas no decorrer da análise das fontes.

<sup>19</sup>Idem.

No capítulo 3, investigaremos como a trajetória de outras mulheres aparecia nos escritos goldminianos. Quais aspectos da vida dessas outras mulheres Emma destacou? Como a produção teórica dessas outras mulheres apareceu nas análises de Goldman? Emma construiu qual narrativa em torno dessas mulheres? Essas são algumas perguntas que orientam o capítulo 3 da presente dissertação. Dito isso, nesse capítulo, analisaremos escritos<sup>20</sup> nos quais nossa pensadora se destinou a falar sobre a trajetória e produção de outras mulheres, objetivando, com isso, entender como essas mulheres foram retratadas dentro da perspectiva goldminiana.

Pois bem, então vamos lá!

## **CAPÍTULO 1. A FILOSOFIA GOLDMINIANA: ALGUNS ASPECTOS SOBRE ANARQUISMO, VIOLÊNCIA POLÍTICA, SINDICALISMO E PATRIOTISMO**

### **1.1. UM RESGATE BIOGRÁFICO**

Antes de compreender propriamente qual era a perspectiva intelectual de Emma Goldman, se faz necessário apresentar ao leitor parte de sua trajetória biográfica. Para cumprir tal tarefa, utilizamos, como fonte, a autobiografia de Goldman, assim como biografias escritas por especialistas, sendo importante destacar que a perspectiva biográfica construída na presente dissertação está, boa parte, em consonância com a obra *Emma Goldman: a vida como revolução*, de autoria de Elisabeth Souza Lobo. As pesquisas desenvolvidas pela biógrafa Alix Kates Shulman (SHULMAN, 1971) também foram fundamentais. Com isso, ao traçar a trajetória biográfica de Emma, reproduzimos partes de sua autobiografia, mas, vale frisar que, o que narramos aqui está em convergência com as análises realizadas por especialistas do universo dos estudos biográficos. Em suma, tudo que é narrado neste subcapítulo é dito como certo “lugar-comum” entre os profissionais que analisaram a trajetória de vida de nossa pensadora. Obviamente, não investigaremos todos os fatos que compõem a vida de Emma, mas sim aqueles que consideramos ter uma influência mais direta em sua perspectiva teórica.

Emma Goldman nasceu em 1869, em Kovno, na Lituânia que, naquele momento, era parte do império russo. Em sua autobiografia, *Vivendo minha vida*, Goldman retrata uma infância repleta de dificuldades financeiras e marcada pela rigidez de seus pais. Sua mãe, Taube Biendvitch, não se mostrava muito aberta para discussões sobre sexualidade e outras tantas questões que inquietavam sua filha. Abraham Goldman, pai de nossa pensadora, acreditava que

---

<sup>20</sup>Idem.

tudo que uma mulher judia precisava saber fazer era um *geffulte fish*<sup>21</sup> e dar ao homem muitos filhos, o que também proporcionou uma série de conflitos entre ele e Emma. Em suma, uma infância marcada por dificuldades econômicas e imposições morais. Helena, irmã de Emma, aparece na narrativa da anarquista como uma alma boa e companheira, responsável por lhe prestar sempre redes de ajuda e amor.<sup>22</sup>



**Figura 1.** “A família Goldman, São Petersburgo, 1882. Da esquerda para a direita: Emma, de pé; Helena, sentada, com Morris no colo; Taube; Herman; Abraham”. Fonte: *Emma Goldman Papers, Manuscripts and Archives Section, Biblioteca Pública de Nova York*. Disponível em: [https://www.lib.berkeley.edu/goldman/images/emma%20goldmans%20family%20eg2\\_large.jpg](https://www.lib.berkeley.edu/goldman/images/emma%20goldmans%20family%20eg2_large.jpg) . Acesso 05/08/2021.

Em sua autobiografia, Emma narra que seu interesse pelos livros, presente, segundo ela, já na sua infância, proporcionou uma série de conflitos entre ela e seu pai que, naquele momento, via nesses supostos interesses da filha um caminho desviante do esperado para uma mulher judia. Ainda assim, Emma insistia em seus interesses e, segundo Elisabeth Lobo (1983, p.12), “aos oitos anos, Emma foi morar com a avó e tias em Königsberg, para estudar em uma escola alemã”. Entretanto, “a avó adoeceu e, na sua ausência, tios e tias fizeram da sobrinha uma espécie de escrava doméstica”, com isso, Emma “passou frio, fome, foi espancada, até que

<sup>21</sup>*Geffulte fish* é um prato típico de culinária judaica da Europa Oriental. É um bolinho feito de carne de carpa moída com tempero e cozida no caldo de peixe. É servido frio, na geleia do peixe. *Geffulte fish* é considerado um prato de feriados, consumido no sábado, no Sêder de Pessach e no Rosh Hashaná.

<sup>22</sup>Essas questões familiares foram descritas por Emma Goldman em sua autobiografia, como também foram reafirmadas pelos biógrafos de nossa pensadora. Ver: (LOBO, 1983) e (SHULMAN, 1971).

vizinhas penalizadas avisaram os pais do que estava acontecendo” (LOBO, 1983, p.12). Emma, então, “voltou para casa e conseguiu, afinal, ir para a escola” (LOBO, 1983, p.12). Na escola, Goldman descobriu que as agressões físicas e imposições morais não eram exclusividades do ambiente familiar. Como salientou Lobo:

O professor de religião batia com a régua nas mãos dos alunos, Emma em represália enchia-lhe os bolsos de caracóis. O professor de geografia costumava forçar duas ou três alunas a ficarem na sala depois da aula, sentava-as nos joelhos, bolinava-as e prometia boas notas em troca do silêncio. Quando chegou a vez de Emma, ela agarrou-se à barba do professor galante e conseguiu escapar. A vingança não tardou – o professor em aula cravou-lhes as unhas no braço de Emma, aos gritos, conseguiu chamar a atenção da escola. Semanas depois, o braço de Emma ainda tinha as marcas do episódio, mas o professor desapareceu. Apesar de tudo, Emma gostava de estudar. A professora de alemão, gentil e romântica, iniciava-a na cultura germânica, música e literatura [...] Juntas mestra e aluna choravam as infelizes heroínas das novelas. Estimulada, conseguiu ser aprovada no *Gymnasium*. Necessitava apenas de um certificado de boa conduta do orientador religioso. Não conseguiu. O santo homem declarou tratar-se de uma menina de péssimo caráter, certamente fadada a tornar-se uma mulher ainda mais imoral, pois não respeitava os mais velhos nem as autoridades, e terminaria, com certeza, os seus dias na forca, por ameaça à sociedade. (LOBO, 1983, p.12-13).

Emma não entrou para o *Gymnasium* e, em 1881, mudou-se com sua família para São Petersburgo. Tal mudança ocorreu devido ao aumento do antissemitismo gerado após a morte de Alexandre II<sup>23</sup>. Na efervescente capital, Emma se viu obrigada a trabalhar em uma fábrica de espartilhos na Arcada do Eremitério. Foi ali, também, que ela, através de livros emprestados, se aproximou do pensamento niilista russo, como aponta em sua autobiografia. Ao se aproximar da literatura que corria pela capital, Emma fez das personagens de Turgueniev<sup>24</sup> e de Tchernichevski<sup>25</sup> uma inspiração de vida. Vera e sua cooperativa de costura, personagem principal de *Que fazer?*<sup>26</sup>, influenciou tão significativamente o imaginário de Emma que nossa pensadora chegou a fazer uma cooperativa de costura em sua homenagem. E, assim como a personagem, Goldman tentou viver sua própria vida de forma autônoma. Na capital, ela conheceu as histórias de diferentes mulheres revolucionárias que viviam para si e não para os

---

<sup>23</sup>Alexandre II, apelidado de "o Libertador" pela Reforma Emancipadora de 1861, foi o Imperador da Rússia de 1855 até seu assassinato. Era o filho mais velho do imperador Nicolau I e sua esposa a princesa Carlota da Prússia.

<sup>24</sup>Ivan Sergeiévitch Turguêniev (1818-1883) foi um romancista, poeta, escritor de contos e novelas, tradutor, dramaturgo e divulgador da literatura russa no Ocidente.

<sup>25</sup>Nikolai Gavrilovitch Tchernichevski (1828-1889) foi um escritor revolucionário russo, filósofo materialista, crítico e socialista.

<sup>26</sup>Livro escrito por Nikolai Gavrilovitch Tchernichevski.

homens, se aproximando, então, das perspectivas feministas. Dessa forma, a estadia na capital teve um papel relevante dentro da trajetória intelectual de Goldman.<sup>27</sup>

Alguns anos depois, em 1885, Emma, junto com sua irmã Helena, emigrou para os Estados Unidos da América. A mudança foi o meio encontrado para evitar um casamento que Abraham Goldman tentava a impor a Emma<sup>28</sup>. A escolha por essa nação também se deve ao fato de Lena, outra irmã de Emma, já viver em solo estadunidense. Entretanto, o entusiasmo inicial foi, gradativamente, sendo absorvido por uma vida difícil. Emma chegou em Rochester e, quase de imediato, voltou a ser operária. Nossa pensadora, nesse momento, se deparou com um modelo de fábrica diferente do que até então conhecia com base em sua experiência em São Petersburgo. Os ambientes escuros e sob constante vigilância que configuravam a típica fábrica estadunidense de finais do XIX geraram um estranhamento em Emma, como ela aponta em sua autobiografia. Em pouco tempo, o restante da família Goldman juntou-se às três filhas e o espaço domiciliar tornou-se pequeno demais, assim como o salário que Emma recebia. Foi durante esse período que Goldman conheceu Jacob Kershner, homem com o qual se casou. A união não se manteve por muito tempo, já que, logo depois, Emma “abandonou Rochester e o marido, para trabalhar em New Haven, onde encontrou um ativo ambiente de anarquistas e socialistas” (LOBO, 1983, p.18).

Inspirada pela força do ideal daqueles que morreram na Revolta de Haymarket<sup>29</sup> e insatisfeita com a vida que levava, Emma, em 1889, mudou-se para Nova Iorque. Ali, se aproximou mais intimamente dos círculos anarquistas. Frequentava o café Sach’s, “onde se reuniam os radicais, socialistas e anarquistas, escritores e judeus poetas, falando ídiche e russo” (GOLDMAN apud LOBO, 1983, p.20). Era o início de uma rede de sociabilidade que, no decorrer dos anos, se desenvolveu e ganhou contornos mais amplos e significativos. No café,

---

<sup>27</sup>Esse impacto da estadia de Emma na capital é reafirmado tanto por Lobo (1983), como também por Shulman (1971).

<sup>28</sup>A insistência de Abraham em “arranjar” um casamento para Emma é descrita por ela em sua autobiografia e reafirmada por seus biógrafos.

<sup>29</sup>Considerada como uma das origens do dia do trabalhador, a Revolta de Haymarket, que ocorreu em Chicago (1886), se refere a manifestações populares que reivindicavam melhores condições para os trabalhadores. Entre as pautas, estava a jornada de oito horas de trabalho. A referida revolta foi severamente reprimida pelo Estado, deixando vários mortos e feridos. Entre as pessoas presas, estavam oito anarquistas, acusados de terem lançado, durante a manifestação, um artefato explosivo. Entretanto, não existiam provas que legitimassem a referida acusação, por isso, iniciou-se uma campanha pela libertação desses anarquistas, que ficaram conhecidos como “Os mártires de Chicago”. Alguns desses socialistas libertários foram condenados à força e, outros, à prisão. A revolta, assim como a forma como a opinião pública acusava esses “mártires” fizeram com que Emma optasse por dar continuidade à luta desses militantes, isto é, tal evento contribuiu significativamente para que Goldman se aproximasse do movimento anarquista da época, como é possível verificar em sua autobiografia e nas biografias que versam sobre Goldman. Sobre a referida revolta ver mais em: (AVRICH,1986).



Emma conheceu Alexander Berkman<sup>30</sup> que, então, a apresentou a Johann Most<sup>31</sup>, editor-chefe do conhecido jornal *Die Freiheit*<sup>32</sup>. A partir daí, Emma se aproximou desse periódico que, naquele momento, defendia a “propaganda pelo ato”<sup>33</sup> e via a reivindicação pela jornada de trabalho de oito horas como “superficial”, isso quando comparada à luta pela revolução social.

Most foi um personagem importante nesse primeiro momento de atuação pública de Emma, sendo tão forte sua influência que a própria anarquista começou a questionar suas falas, que apenas repetiam as visões de Most. Sobre isso, Emma disse, em sua autobiografia, que “repetiendo los puntos de vista de Most estaba cometiendo un delito contra mí misma y contra los trabajadores”<sup>34</sup> (GOLDMAN, 1996a, p. 80). E, devido às discussões coletivas que surgiam após suas palestras, ela acabou conseguindo perder aquela “fe infantil en la infalibilidad de mi maestro y me convenció de la necesidad de pensar de forma independiente”<sup>35</sup> (GOLDMAN, 1996a, p. 80). E, por conta disso tudo, Goldman se afastou do *Die Freiheit*<sup>36</sup> e estreitou laços com o periódico *Autonomie*<sup>37</sup>, pois “el Autonomie hacía más hincapié sobre la libertad individual y la independencia de los grupos”<sup>38</sup> (GOLDMAN, 1996a, p. 102) e, por isso, o tom geral do periódico atraía Emma com mais força.

Além de sua contribuição ao *Die Freiheit*<sup>39</sup> e ao *Autonomie*<sup>40</sup>, em 1890, Goldman participou da criação da Sociedade dos Amigos da Liberdade Russa e do periódico *Free Russia*<sup>41</sup>. Esse projeto foi criado após o jornalista americano George Kennan narrar as precárias

---

<sup>30</sup>Alexander Berkman (1870-1936) foi um anarquista de origem russa que emigrou para os Estados Unidos no final do século XIX e, em solo norte-americano, se envolveu mais diretamente com o movimento anarquista. Foi amante, bem como companheiro de luta de Emma Goldman. Durante sua trajetória nos EUA, foi preso, sob a acusação de atentado contra a vida do industrial Henry Clay Frick. Ainda nos Estados Unidos, participou do periódico *Mother Earth* e fundou o *The Blast*. Em 1925, Berkman publicou a obra *O Mito Bolchevique* e foi autor do livro *O ABC do anarcocomunismo*. Em 1936, Berkman cometeu suicídio.

<sup>31</sup>Johann Joseph Most (1846-1906) foi um anarquista propagandista germano-estadunidense, editor de jornal e orador.

<sup>32</sup>Tradução: “A Liberdade”. (tradução nossa).

<sup>33</sup>Propaganda pelo ato, também conhecida como propaganda pela ação ou ainda propaganda pelo feito foi uma concepção estratégica anarquista muito popular entre os ilegalistas do final do século XIX e início do século XX.

<sup>34</sup>Tradução: “repetindo o ponto de vista de Most estava cometendo um delito contra mim mesma e contra os trabalhadores”. (tradução nossa).

<sup>35</sup>Tradução: “fé infantil na infabilidade de meu professor e me convenceu da necessidade de pensar de forma independente”. (tradução nossa).

<sup>36</sup>Tradução: “A Liberdade”. (tradução nossa).

<sup>37</sup>Tradução: “Autonomia”. (tradução nossa).

<sup>38</sup>Tradução: “o *Autonomie* colocava mais ênfase na liberdade individual e na independência dos grupos”. (tradução nossa).

<sup>39</sup>Tradução: “A Liberdade”. (tradução nossa).

<sup>40</sup>Tradução: “Autonomia”. (tradução nossa).

<sup>41</sup>Tradução: “Rússia Livre”. (tradução nossa).

condições às quais estavam submetidos os presos políticos e exilados que se encontravam na Sibéria, com os quais ele teve contato durante sua estadia na Rússia. A luta de Emma sempre foi internacionalista, visto que nossa pensadora se preocupava com as condições de todos os oprimidos, não somente com o operariado norte-americano. Em sua autobiografia, ela relatou que, por volta da última década do século XIX, ainda nutria a vontade de retornar a seu país de origem. Entretanto, sua condição financeira e, principalmente, os acontecimentos de 1892 não permitiram tal retorno.

Em 1892, metalúrgicos norte-americanos se colocaram contra as medidas arbitrárias da companhia Carnegie Steel<sup>42</sup> que, naquele momento, estava sob a responsabilidade de Henry Clay Frick<sup>43</sup>, “un hombre conocido por su enemistad hacia los trabajadores”<sup>44</sup> (GOLDMAN, 1996a, p. 111) e como proprietário de “grandes depósitos de coque, donde los sindicatos estaban prohibidos y los trabajadores dirigidos con mano de hierro”<sup>45</sup> (GOLDMAN, 1996a, p. 111). Frick lidou com as reivindicações dos metalúrgicos de forma autoritária, contratou uma equipe para organizar e gerir a repressão que, a partir de então, foi direcionada a esses trabalhadores. O resultado foi a morte de funcionários e de membros de suas famílias. Acreditando que as palavras não eram mais o suficiente para lidar com um homem como Frick, Berkman e Emma resolveram organizar um atentado contra o industrial.

Decididos a realizar a ação, Emma e Berkman, como é descrito pela própria anarquista em sua autobiografia, começaram a organizar os meios necessários para colocá-la em prática. Com as dificuldades financeiras, Emma viu na prostituição uma forma de arrecadar fundos para comprar uma arma. Se arrumou e foi para rua. Entretanto, seu cliente, percebendo a inexperiência da jovem, resolveu pagar sem ter feito propriamente o uso do serviço oferecido<sup>46</sup>. Mesmo com materiais precários, Berkman conseguiu realizar a ação. Ele planejava se suicidar após realizar o atentado, mas não teve sucesso. Berkman foi preso e, surpreendentemente, Frick conseguiu sair vivo. Imprevisíveis foram as consequências desse ato.

---

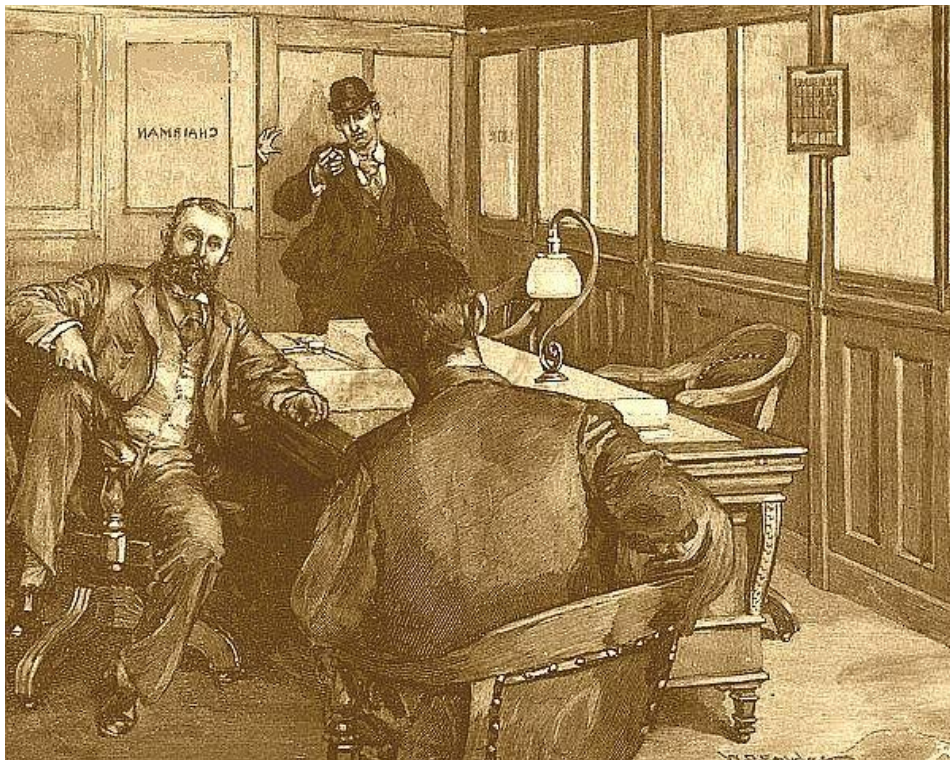
<sup>42</sup>Movimentação dos trabalhadores de Homestead (1892) contra as medidas arbitrárias – intensificadas pelo diretor Henry Clay Frick – e as péssimas condições às quais estavam submetidos, ao prestarem serviços para companhia Carnegie Steel. Durante essa movimentação, trabalhadores foram assassinados pela Agência Nacional de Detetives Pinkerton, contratada por Frick para reprimir o movimento de reivindicação. Sobre esse movimento ver mais em: (KRAUSE, 1992).

<sup>43</sup>Henry Clay Frick (1849-1919) foi um industrial estadunidense.

<sup>44</sup>Tradução: “um homem conhecido por sua inimizade com os trabalhadores”. (tradução nossa).

<sup>45</sup>Tradução: “grandes depósitos de cocaína, onde os sindicatos estavam proibidos e os trabalhadores dirigidos com mão de ferro”. (tradução nossa).

<sup>46</sup>Essa tentativa de se prostituir é descrita por Emma em sua autobiografia e reafirmada por seus biógrafos.



**Figura 2.** “Representação artística do atentado de Berkman contra Frick”. Fonte: Ilustração de W. P. Snyder para o periódico *Harper's Weekl*. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Alexander\\_Berkman#/media/Ficheiro:Berkman\\_with\\_Frick\\_\(1892\).jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Alexander_Berkman#/media/Ficheiro:Berkman_with_Frick_(1892).jpg). Acesso: 30/07/2021.

O atentado foi intensamente retratado pela esfera pública. Periódicos liberais e conservadores fizeram o possível para consagrar a imagem de que o atentado foi uma violência desmedida, criando a narrativa de que Berkman era “a besta negra da sociedade americana”, como apontou Elisabeth em seu livro (LOBO, 1893, p. 31). Nesse sentido, 1892 pode ser considerado o ano no qual Goldman passou a ser retratada, muitas vezes, de maneira negativa e estereotipada pelos periódicos da época<sup>47</sup>. Tal situação, evidentemente, dificultava ainda mais

<sup>47</sup>Só em nível de exemplificação, trouxemos uma pequena amostra que indica que Goldman, em diferentes momentos, a partir de 1892, apareceu nas páginas de conhecidos periódicos da época, sendo representada, muitas vezes, de maneira estereotipada e negativa. Goldman foi assunto de periódicos da época, tornando-se, a partir de 1892, uma figura pública. Nas páginas do *New York Word*, em 1892, foram publicados artigos como o *Anarchy's Den*. Já em 1893, o mesmo periódico exibiu *The Law's Limit* e *Nelly Bly, Again*. Não sendo o objetivo principal dessa dissertação estudar essas representações, isto é, investigar a forma como Goldman era retratada por periódicos da época, bastando, por isso mesmo, dizer somente que é possível encontrar, nas páginas de diferentes periódicos, exemplos de representações que “demonizavam” ou apresentavam Goldman de uma maneira “dramática”, entre os quais está o *New York World*, o *Chicago Daily Tribune*, o *New York Times* e muitos outros. Nesse último, em 1917, momento em que Goldman se colocou, publicamente, contra o alistamento militar obrigatório, é possível encontrar artigos como: *Anarchists Demand Strike To End War*; *Anarchists Awed By Police Clubs*; *Meeting of Reds Traps Slackers*; *Anarchists Assail Mayer* e *Emma Goldman and A. Berkman Behind the Bars*. Os interessados nessa questão podem buscar se familiarizar com os materiais disponíveis na coletânea *Emma Goldman: A Documentary History of the American Years*.

a existência de Emma, visto que, a partir de então, ela teve que lidar com os preconceitos e cerceamentos impostos por aquela sociedade. Passou, então, a ter ainda mais dificuldades na hora de conseguir emprego e moradia.

Emma fez o possível para evidenciar para o público, através de suas palestras e escritos, os reais motivos que levavam pessoas a realizarem ações políticas como a de Berkman. Entretanto, a narrativa criada pelos periódicos liberais e conservadores era de mais fácil acesso e assimilação pelo tecido social, isso quando comparada à narrativa de Goldman. E não só isso: até mesmo trabalhadores se colocaram contra a ação de Berkman. O tiro saiu pela culatra. Se, antes, parte da esfera pública e da sociedade se colocava contra Frick, agora se solidarizavam com ele. Visto que o industrial saiu com vida, começou a ser recorrente a ideia de que Berkman poderia ser um contratado de Frick. Nessa narrativa, o atentado seria um teatro organizado por Frick para fazer com que sua imagem voltasse a contar com o apoio popular. Tal visão foi mantida pelo próprio Most, antes parceiro de Berkman e Emma e defensor da propaganda pelo ato. Segundo Elisabeth, “muitos companheiros de Causa, instigados pelo jornal de Most, acreditaram que Berkman era um agente provocador” (LOBO, 1893, p.31).

As inesperadas consequências da ação de Berkman e a tortuosa experiência que ele viveu na prisão fizeram com que Emma repensasse sua visão sobre o uso da violência política no formato de atentado. Apesar de lutar pela não criminalização dessa forma de fazer política, apesar de reivindicar a liberdade para as pessoas presas por motivos políticos, Emma, no decorrer de sua vida, não praticou mais ações nesse formato. Ela se preocupava mais em manter uma luta pública, ativa, propagandista, voltada para a mudança de mentes e corações e para a conquista de melhores condições de vida. Sua voz e seus escritos, a forma como levava sua própria vida: isso se tornou o *molotov* de Emma.

Em 1893, nossa pensadora participou das manifestações que agitaram a Union Square. Os trabalhadores faziam greve e ocupavam as ruas reivindicando melhores condições de vida. Emma foi presa, acusada de incitar a desordem durante esses atos. Foi condenada a um ano de prisão, a ser cumprido na sombria Blackwell’s Island. Ali, conheceu a realidade carcerária, viu, mais uma vez, a violência de perto. A família, a escola e, agora, a prisão, todas instituições perpassadas pela violência e autoritarismo moral. O prédio da prisão era frio e antigo, o que acarretou problemas na saúde de nossa pensadora. Quando ficou doente, contou com os cuidados do Dr. White, que, com sua melhora, a convidou para ajudar na área de enfermagem da prisão. Em Blackwell’s Island, Emma tornou-se enfermeira. Nesse período, também fez o possível para manter a mente ativa, lendo “Walt Whitman, Emerson, Thoreau, Hawthorne,

Spencer, John Stuart Mill y otros muchos autores americanos e ingleses”<sup>48</sup> (GOLDMAN, 1996a, p. 175).

Após cumprir sua pena, Emma, com a ajuda financeira de alguns companheiros, viajou para Viena. O objetivo da viagem era se profissionalizar, estudar no Allgemeines Krankenhaus e conseguir o diploma de parteira e enfermeira. Era a Viena do final do século XIX, a efervescente. Ali, nossa pensadora se aproximou ainda mais da literatura moderna. Entrou em contato direto com os ousados escritos de Friedrich Nietzsche<sup>49</sup> e com as palestras de Sigmund Freud<sup>50</sup>. Nesse período, Emma continuou realizando conferências e conheceu anarquistas como Errico Malatesta<sup>51</sup> e Louise Michel<sup>52</sup>. Com a viagem, Emma se aproximou de obras que, como veremos no decorrer desta pesquisa, foram fundamentais na elaboração de sua perspectiva intelectual. Nas palavras da própria Goldman:

En Viena se podía asistir a conferencias muy interesantes sobre prosa y poesía alemanas modernas. Se podía leer las obras de los jóvenes iconoclastas de las artes y de las letras, el más atrevido de los cuales era Nietzsche. La magia de su lenguaje, la belleza de su visión, me transportaron a alturas insospechadas. Deseaba devorar cada línea de sus escritos, pero era demasiado pobre para comprarlos. Afortunadamente, Grossmann estaba surtido de Nietzsche y otros modernos [...] Mi amigo me sugirió que me apuntara al curso del profesor Bmhl, que trataba también problemas sexuales. Como una de sus alumnas, tendría más posibilidades de ser admitida a las conferencias de Freud [...] Comprendí mucho mejor todos estos temas cuando oí a Sigmund Freud. Su sencillez y seriedad y su mente brillante se combinaban para darle a uno la sensación de ser guiado desde un sótano oscuro a la luz del día. Por primera vez, capté la gran importancia de la represión sexual y sus efectos sobre el pensamiento y las acciones humanas. Me ayudó a comprenderme a mí misma, mis necesidades; y me di cuenta también de que sólo las mentes depravadas podían poner en duda los motivos de Freud o encontrar “impura” una personalidad tan magnífica<sup>53</sup>. (GOLDMAN, 1996a, p. 202-203).

<sup>48</sup>Tradução: “Walt Whitman, Emerson, Thoreau, Hawthorne, Spencer, John Stuart Mill e muitos outros autores americanos e ingleses”. (tradução nossa).

<sup>49</sup>Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900) foi um filósofo, filólogo, crítico cultural, poeta e compositor prussiano do século XIX, nascido na atual Alemanha. Escreveu vários textos criticando a religião, a moral, a cultura contemporânea, filosofia e ciência, exibindo uma predileção por metáfora, ironia e aforismo.

<sup>50</sup>Sigmund Freud (1856-1939) foi um médico neurologista e psiquiatra criador da psicanálise.

<sup>51</sup>Errico Malatesta (1853-1932) foi um teórico e ativista anarquista de origem italiana.

<sup>52</sup>Louise Michel (1859-1909) foi professora, poeta, enfermeira, escritora. Reconheceu-se anarquista durante a Comuna de Paris.

<sup>53</sup>Tradução: “em Viena podia-se ouvir palestras interessantes sobre prosa e sobre poesia alemãs modernas. Podia-se ler os trabalhos dos jovens iconoclastas na arte e na literatura, o mais ousado deles, sem dúvida, era Nietzsche. A mágica de sua linguagem e a beleza de sua visão levavam-me a alturas sonhadas. Eu ansiava em devorar cada linha de seus escritos, mas era pobre demais para comprá-los. Felizmente, Grossmann tinha um suprimento de Nietzsche e outros modernos [...] Meu amigo me sugeriu que eu fosse às aulas do professor Bruhl, que também discutia problemas sexuais [...] A clareza quanto a esses assuntos foi muito maior quando ouvi Sigmund Freud. Sua simplicidade e sua franqueza, além do brilhantismo de sua mente combinavam-se para dar a sensação de ser levado de um porão escuro

Após concluir sua profissionalização, Emma retornou para os Estados Unidos. Além de atuar como enfermeira e parteira, continuou com suas palestras. Em 1900, teve a oportunidade de voltar à Europa, para participar do Congresso Anarquista de Paris. Em 1901, já em solo estadunidense, a esfera pública novamente vai direcionar seus holofotes para nossa pensadora<sup>54</sup>, isso porque, com o assassinato do presidente McKinley<sup>55</sup>, Emma foi detida<sup>56</sup>. A narrativa era de que Emma seria a mentora do atentado, já que o Leon Czolgosz<sup>57</sup>, responsável pela ação, teria ouvido suas palestras e, depois disso, praticado a ação. Nossa pensadora foi detida, mas, pela ausência de provas que a ligassem diretamente ao caso, foi solta logo depois. Mas, àquela altura, o estrago estava feito. Emma foi intensamente representada de forma negativa pelos periódicos<sup>58</sup>, era vista como uma “bruxa” por essas lentes. Já se sabia que Czolgosz era o único responsável pelo assassinato, mesmo assim, repercutia, na polícia e nas páginas de diferentes jornais, a ideia de que Emma estaria diretamente envolvida na ação.

As narrativas “demonizando” Emma ganharam mais força nesse período. Como mencionado, essa visão de que Emma seria a responsável pelo assassinato do presidente não conseguiu garantir a prisão de nossa pensadora, mas, com muito êxito, dificultou ainda mais sua vida privada. Poucos queriam ter Emma por perto. As dificuldades para arrumar emprego

---

até a luz do dia. Pela primeira vez percebi o significado pleno da repressão sexual e de seus efeitos no pensamento e na ação humana. Ajudou-me a compreender, a compreender minhas necessidades; também percebi que apenas as pessoas de mentes depravadas poderiam impugnar os motivos ou crê-los “impuros” numa personalidade tão grande quanto Freud”. (tradução nossa).

<sup>54</sup>São várias as fontes que comprovam tal situação. Os interessados nessa questão podem buscar se familiarizar com os materiais disponíveis na coletânea *Emma Goldman: A Documentary History of the American Years*.

<sup>55</sup>William McKinley (1843-1901) foi o 25º presidente dos Estados Unidos, de 4 de março de 1897 até seu assassinato, em setembro de 1901.

<sup>56</sup>Existem documentos governamentais que comprovam tal fato.

<sup>57</sup>Leon Czolgosz (1873-1901) foi um jovem americano de origem polonesa que, em 1901, assassinou o presidente dos Estados Unidos William McKinley. Sua execução foi uma das poucas da época a ser registrada em vídeo pelo inventor Thomas Edison.

<sup>58</sup>Só em nível de exemplificação, trouxemos uma pequena amostra que indica que Goldman, em diferentes momentos, a partir de 1892, apareceu nas páginas de conhecidos periódicos da época, sendo representada, muitas vezes, de maneira estereotipada e negativa. Goldman foi assunto de periódicos da época, tornando-se, a partir de 1892, uma figura pública. Nas páginas do *New York World*, em 1892, foram publicados artigos como o *Anarchy's Den*. Já em 1893, o mesmo periódico exibiu *The Law's Limit* e *Nelly Bly, Again*. Não sendo o objetivo principal dessa dissertação estudar essas representações, isto é, investigar a forma como Goldman era retratada por periódicos da época, bastando, por isso mesmo, dizer somente que é possível encontrar, nas páginas de diferentes periódicos, exemplos de representações que “demonizavam” ou apresentavam Goldman de uma maneira “dramática”, entre os quais está o *New York World*, o *Chicago Daily Tribune*, o *New York Times* e muitos outros. Nesse último, em 1917, momento em que Goldman se colocou publicamente contra o alistamento militar obrigatório, é possível encontrar artigos como: *Anarchists Demand Strike To End War*; *Anarchists Awed By Police Clubs*; *Meeting of Reds Traps Slackers*; *Anarchists Assail Mayer* e *Emma Goldman and A. Berkman Behind the Bars*. Os interessados nessa questão podem buscar se familiarizar com os materiais disponíveis na coletânea *Emma Goldman: A Documentary History of the American Years*.



e alugar imóveis tornou-se ainda maior. Ainda assim, Emma se colocou contra a prisão e a pena de morte que foi determinada para Czolgosz. A perseguição foi tamanha que nossa pensadora teve que usar o pseudônimo de Srta. EG Smith, buscando, assim, conseguir se manter socialmente ativa. Apesar dessas dificuldades e de perceber o peso negativo que a sua vida pública causava em sua vida privada, Emma, que nesse período pensou em se afastar das atividades públicas, retomou suas conferências em 1902.



**Figura 3.** “Emma Goldman, Alta Sacerdotisa da Anarquia cujos discursos inspiraram Czolgosz a seu crime”. Fonte: *Chicago Daily Tribune*, September 8, 1901. Disponível em:

<https://www.lib.berkeley.edu/goldman/images/eg7%20Goldman%20demonized%20in%20response%20to%20McKinley--%20large.jpg> . Acesso: 02/08/2021.

Outro importante marco dentro da trajetória biográfica de Emma é o ano de 1906. Nesse contexto, Alexander Berkman foi posto em liberdade. Depois de mais de 13 anos preso, Berkman ressurgiu na esfera pública. Com a ajuda dele, Emma iniciou o projeto *Mother Earth*<sup>59</sup>. A revista foi fundamental para a publicização da perspectiva intelectual de Goldman. O periódico tratava de diversas temáticas, do mundo do trabalho à crítica literária. Um pouco de tudo. Debates nacionais e internacionais estavam presentes na *Mother Earth*<sup>60</sup>. Com o tempo, foi se criando uma rede intelectual significativa em torno da revista e, em suas páginas, encontravam-se diferentes autores e múltiplas temáticas. O projeto abarcava a publicação da revista, a edição de alguns livros e tinha sua própria biblioteca. A *Mother Earth*<sup>61</sup> organizava também muitos eventos públicos. Os temas socialmente vivos que afligiam aquela sociedade, como, por exemplo, a luta pela liberdade de expressão, apareciam na revista. O grupo buscava interpretar aquele mundo e publicizar essa interpretação através da *Mother Earth*<sup>62</sup>. Chama a atenção, na revista, não só os escritos, mas as imagens utilizadas. Um estudo sobre essas ilustrações e seu papel dentro da revista ainda permanece lacunar, sendo necessárias pesquisas que deem conta de explorar essa faceta. A *Mother Earth*<sup>63</sup>, revista mensal dedicada às ciências sociais e literatura, permaneceu ativa até 1917, momento no qual Emma e Berkman foram presos.

---

<sup>59</sup>Tradução: “Mãe Terra”. (tradução nossa).

<sup>60</sup>Idem.

<sup>61</sup>Idem.

<sup>62</sup>Idem.

<sup>63</sup>Idem.





**Figura 4.** Colagem com capas da *Mother Earth*. Fonte elaborada pelo autor (2021).

Em 1907, Emma participou do Congresso Anarquista de Amsterdã. Ali, ela entendeu melhor a campanha pelo Birth Control<sup>64</sup>. Tornou-se, então, uma defensora do controle de natalidade<sup>65</sup>. Tal temática apareceu com frequência em suas discussões sobre as “questões femininas”, como veremos adiante. O direito de mulheres e homens a uma educação sexual aprendida nas escolas e no cotidiano era parte importante dentro do projeto de emancipação acreditado por Goldman. Buscando a criação de uma maternidade livre, Emma se aproximou do *Birth Control*<sup>66</sup>. Entre palestras, escritos e distribuição ilegal de métodos contraceptivos<sup>67</sup>, Emma foi presa em 1916, em virtude da Lei Comstock<sup>68</sup>, passando duas semanas em uma prisão de trabalhos forçados.

<sup>64</sup>Tradução: “Controle de natalidade”. (tradução nossa).

<sup>65</sup>Aprofundaremos nossas reflexões no que se refere a essa questão no capítulo 2.2 da presente dissertação.

<sup>66</sup>Tradução: “Controle de natalidade”. (tradução nossa).

<sup>67</sup>Apesar de intensa pesquisa, não podemos afirmar exatamente quais eram esses métodos que Emma estava distribuindo. Entretanto, é válido lembrar que, a partir de 1910, os métodos mais comuns eram as “esponjas contraceptivas”, como também a camisinha de tripa animal. Em 1912, já havia a circulação de preservativos de látex.

<sup>68</sup>A Lei de Comstock foi uma lei federal estadunidense que tornava ilegal vender quaisquer materiais "obscenos, indecente e/ou lascivos" através do correio, incluindo contraceptivos e informação.

No final de 1916, o espectro da guerra chegava cada vez mais perto dos Estados Unidos. A reação era necessária. Emma, que já se opunha à Grande Guerra desde o início, em 1916, participou da criação da liga contra o alistamento militar obrigatório. As edições da *Mother Earth*<sup>69</sup>, nesse contexto, traziam uma profunda crítica ao patriotismo e ao alistamento obrigatório. Emma, que queria uma verdadeira liberdade de expressão, passou a expressar também sua oposição à guerra. Mas isso não era mais permitido na terra da liberdade. E, em virtude de suas conferências e escritos antiguerra, Emma e Berkman foram presos e a revista fechada.



**Figura 5.** “Emma Goldman sentada em um bonde no qual há uma propaganda militar pró-alistamento com a imagem do Tio Sam”. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Emma\\_Goldman#/media/Ficheiro:Goldman.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Emma_Goldman#/media/Ficheiro:Goldman.jpg). Acesso 05/08/2021.

<sup>69</sup>Tradução: “Mãe Terra”. (tradução nossa).

Foram quase dois anos de prisão. Ainda assim, isso não foi o suficiente para atender aos anseios do Estado e a da esfera pública estadunidense. Emma e Alexander foram, então, deportados. Em 21 de dezembro de 1919, o casal e mais 200 outros radicais imigrantes entraram no navio Buford. Acompanhados de mais de 100 guardas, foram, então, deportados para a Rússia<sup>70</sup>. Os dois anarquistas, depois de uma turbulenta viagem, chegaram à Rússia vermelha. Foi um novo e intenso capítulo da vida de nossa pensadora.

RECEIVED  
NOV 23 1919

DEPARTMENT OF LABOR  
UNITED STATES OF AMERICA

EXHIBIT B

United States of America  
U. S. DEPARTMENT OF LABOR  
WASHINGTON

No. 98713/52  
52410/43-B

To THE ACTING COMMISSIONER OF IMMIGRATION, Ellis Island, N.Y.H .

WHEREAS, from proofs submitted to me, after due hearing before Immigrant Inspector A. P. Schell, held at Ellis Island, N. Y. H.,

I have become satisfied that the alien

**Emma Goldman Keraner or Emma Goldman**

who landed at the port of **New York, N. Y.**

on the **15th** day of **June, 1885** has been found in the United States in violation of the immigration act of February 8, 1917 and the Act approved October 16, 1918, approved March 26, 1910, to wit:

That she is an alien anarchist; that she advocates the overthrow of the Government of the United States or of all forms of law; that she believes in the overthrow by force or violence of the Government of the United States; that she believes in the overthrow by force or violence of all forms of law; that she advocates the overthrow by force or violence of the Government of the United States; that she advocates the overthrow by force or violence of all forms of law; that she advocates the assassination of public officials; that she teaches the assassination of public officials; that she disbelieves in all organized government; and that she is an opponent of all organized government, and may be deported in accordance therewith.

I, **JOHN W. AMERCRUMBIE, Acting** Secretary of Labor, by virtue of the power and authority vested in me by the laws of the United States, do hereby command you to return the said alien to **Russia** the country whence she came, at the expense of the appropriation "Expenses of Regulating Immigration, 1920." You are directed to purchase transportation for the alien from **New York, N. Y.** to **Russia** at the lowest available rate, payable from the above-named appropriation.

For so doing, this shall be your sufficient warrant.

Witness my hand and seal this **1st** day of **December, 1919.**

**JOHN W. AMERCRUMBIE**

AJB Secretary of Labor.

<sup>70</sup>O número de guardas, assim como o de tripulantes, foi fornecido pelo *The Emma Goldman Papers*.

**Figura 6.** “Uma cópia do mandado ordenando a deportação de Emma Goldman por defender o anarquismo”. Fonte: *Warrant-Deportation of Alien, John W. Abercrombie, Acting Secretary of Labor, December 1, 1919, Washington, D.C.* Disponível em: <https://www.lib.berkeley.edu/goldman/images/eg7%20Goldman%20demonized%20in%20response%20to%20McKinley--%20large.jpg> . Acesso 03/08/2021.



**Figura 7.** “Foto de deportação de Emma Goldman em 1919”. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Emma\\_Goldman#/media/Ficheiro:Emma\\_Goldman's\\_deportation\\_photo,\\_1919.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Emma_Goldman#/media/Ficheiro:Emma_Goldman's_deportation_photo,_1919.jpg). Acesso 05/08/2021.

Emma, a partir de então, deixa de ser uma anarquista inserida dentro da democracia liberal americana e passa a ser uma anarquista dentro da Rússia bolchevique. Se Emma tinha, inicialmente, uma visão positiva em relação às condições sociais adquiridas na revolução, com os dois anos passados na Rússia bolchevique ela se viu dentro de uma grande desilusão. Em sua concepção, a revolução russa e o Estado bolchevique eram coisas distintas, e esse último estava burocratizando e impossibilitando o livre desenvolvimento dos ciclos revolucionários. A Revolta de Kronstadt<sup>71</sup> era o exemplo máximo dessa situação. Perseguição política;

<sup>71</sup>A Revolta de Kronstadt (1921) foi uma insurreição dos marinheiros soviéticos da cidade portuária de Kronstadt contra o governo bolchevique. Foi a última grande revolta contra o regime bolchevique no território russo durante as guerras civis.



burocratização do cotidiano; repressão da liberdade de expressão; desigualdade entre as camadas que compunham aquela sociedade; banalização da violência, tudo isso se fazia presente no cotidiano observado e descrito por Emma. Esses dois anos passados na Rússia, as viagens pelo cotidiano russo e as conversas com os membros do partido dirigente geraram uma das maiores desilusões da vida de Goldman e, de fato, levaram a uma mudança em sua concepção teórica sobre os processos revolucionários e o papel dos comunistas neles. Em 1923, Emma publicou *Minha desilusão na Rússia*, livro no qual descreveu sua experiência e sua interpretação sobre a Rússia bolchevique.

*Emma*  
QUESTIONS 1

1. What is the present official attitude of the Soviet Government to the Anarchists?

*2/16/23*

- a) Persecution of Anarchists, as such, especially in the Provinces.
- b) Denial of free speech and free press.
- c) Literature legalized in Moscow confiscated in the Provinces.
- d) Arrests and imprisonment of Anarchists without specific accusation --- indeterminate stay in the prisons, exposed to disease and death -- liberated without explanation or redress -- deprived of their positions, contrary to Soviet law, as for instance in the City of Soosdal, Vladimirskaia Gubernia, etc.

2. Will the 2 Resolutions presented by the Federation of Anarchists-Communists to the Central Committee, per Krestinsky (on March 3, 1920) be acted upon, and how?

- a) Release of the Anarchists now confined in prisons and concentration camps.
- b) Legalization of Anarchists and Anarchist Groups that accept the platform of the Federation of Anarchists-Communists to the effect that only work of a cultural character be carried on by Anarchists within Soviet Russia.

3. What is to be the definite attitude of the Soviet Government toward the Anarchists?

- a) Guarantees for the safety of the person.
- b) No arrests or "oblava" without specific accusation.
- c) No search of person or premises without warrant clearly defining the forbidden objects sought.
- d) Full freedom of speech and press throughout Soviet territory.
- e) Courts of Appeal.

4. In re Emma Goldman and Alexander Berkman:

- a) General Pass for Travel, to enable them to study the conditions and become acquainted with the life of the country.
- b) The establishment of an American Political Deportees Immigration Bureau, to receive, aid, distribute, etc., the coming groups of exiles from America.
- c) The founding of the Russian Friends of American Freedom, to aid the cause of Liberty in America.

**Figura 8.** “Em 1989, Glasnost abriu trocas de arquivos de material que ilustrava debates internos dentro da União Soviética. Este comunicado dos antigos Arquivos do Partido Central mostra as questões apresentadas a Lenin em 1920 por Goldman e Berkman sobre a supressão da dissidência e a perseguição aos anarquistas. Ele registrou seus nomes (que aparecem manuscritos nas margens), enquanto ouvia suas preocupações”. Fonte: *Emma Goldman and A. Berkman to Lenin, circa March 1920, Russian Center for the Preservation and Study of Documents of Recent History*. Disponível em: <https://www.lib.berkeley.edu/goldman/images/eg30%20Goldman%20and%20Berkman%20Pose%20Questions%20to%20Lenin-large.jpg>. Acesso: 05/08/2021.

Em 1921, ainda na Rússia, Emma participou da organização do enterro de seu amigo Kropotkin<sup>72</sup>, o geógrafo russo que, devido a determinações governamentais, morreu em uma casinha afastada e em péssimas condições. Kropotkin era uma inspiração teórica para Goldman. O dia de seu enterro ficou conhecido na historiografia como a última expressão do anarquismo dentro da Rússia bolchevique. Durante a cerimônia, as bandeiras negras foram hasteadas e, devido à pressão exercida, anarquistas e revolucionários presos foram autorizados a participar do velório. As ruas estavam lotadas. Era o enterro não só de Kropotkin, mas de qualquer possibilidade real de oposição ao Estado bolchevique. Naquele momento, os marinheiros de Kronstadt já haviam sido mortos e as resoluções do X Congresso do Partido Comunista da União Soviética demonstrava que nem mesmo a pluralidade de visões dentro do partido seria permitida. Era oficial: os opositores, ainda que de esquerda, não eram bem-vindos.

---

<sup>72</sup>Piotr Kropotkin (1842-1921) foi um geógrafo, economista, cientista político, sociólogo, zoólogo, historiador, filósofo e ativista político russo, um dos principais pensadores do anarquismo no fim do século XIX, considerado também o fundador da vertente anarco-comunista.



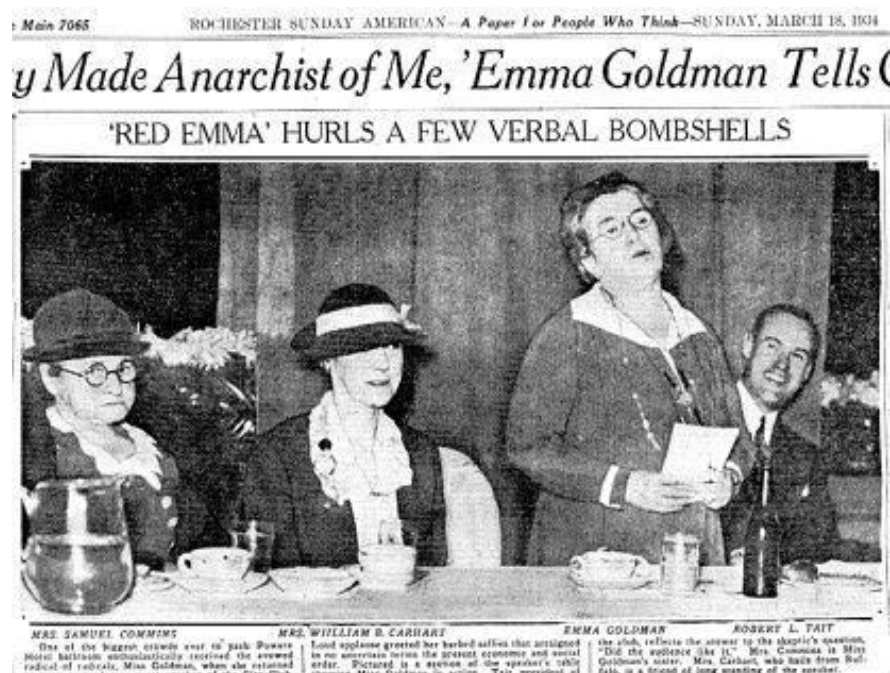
**Figura 9.** “Oradores no funeral de Kropotkin: Goldman, Baron, Maximoff e Berkman”. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Piotr\\_Kropotkin#/media/Ficheiro:Speakers\\_al\\_the\\_funeral,\\_Goldman,\\_berkman,\\_maximov,\\_baron.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Piotr_Kropotkin#/media/Ficheiro:Speakers_al_the_funeral,_Goldman,_berkman,_maximov,_baron.jpg) . Acesso: 05/08/2021.



**Figura 10.** “Multidão acompanhando ao cortejo fúnebre de Kropotkin com bandeiras negras”. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Piotr\\_Kropotkin#/media/Ficheiro:Kropotkin\\_Funeral.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Piotr_Kropotkin#/media/Ficheiro:Kropotkin_Funeral.jpg). Acesso 05/08/2021.

Em 1885, a jovem Emma se despediu da Rússia e mudou-se para os Estados Unidos da América. Em 1921, a já conhecida internacionalmente Emma Goldman se viu obrigada a buscar exílio para se afastar das possíveis repressórias geridas pelo Estado bolchevique. Emma, então, foi para a Inglaterra, ficando lá até 1924. Depois disso, passou por diferentes países europeus. Mas, buscando garantir uma cidadania, se casou com o inglês James Colton, um mineiro. Emma passava por dificuldades financeiras, mas contava com a solidariedade de amigos. Como se não bastasse, ela também teve que lidar com as restrições que o fato de ser exilada impunha em suas atividades públicas. Nossa pensadora, então, escreve: era o que podia fazer. Escreve, escreve e escreve. Acordava cedo, cuidava da casa, localizada em Saint Tropez (França), e então escrevia por horas e horas. Publicou, em 1931, o resultado desse trabalho: sua autobiografia, *Vivendo minha vida*, um texto de quase mil páginas.

Goldman, ainda na Europa, recorreu da decisão judicial do Estado estadunidense que determinara sua deportação. Gostaria de voltar aos Estados Unidos da América, local onde se encontravam seus familiares e a maior parte de suas redes de sociabilidade. Não conseguiu tornar-se novamente uma cidadã estadunidense, mas, em 1934, adquiriu uma licença para visitar a terra prometida por 90 dias. Essa licença era acompanhada de uma restrição: suas palestras só poderiam dizer sobre literatura e teatro. Entretanto, a oradora Emma Goldman era audaciosa: falou também sobre fascismo, stalinismo e hitlerismo. Sua volta, ainda que passageira, foi noticiada em muitos jornais.



**Figura 11.** 'Red Emma' lança algumas bombas verbais. Fonte: *Rochester Sunday American, Sunday, March 18, 1934*. Disponível em:



<https://www.lib.berkeley.edu/goldman/images/eg32%20Goldman%20Returns%20to%20the%20US%20for%2090%20Days-large.jpg>. Acesso 05/08/2021.

Em 1936, explodiu a guerra civil espanhola. Um mês antes, Emma havia recebido a notícia do suicídio de Alexander Berkman. Agora, recebia a informação de que havia uma guerra civil, uma luta na qual ela poderia ser crucial: afinal, por dominar a escrita em inglês, ela poderia narrar a círculos mais amplos o que acontecia na Espanha, contribuindo, assim, para a publicização desses acontecimentos. A revolução espanhola era uma reação ao fascismo, a esse fascismo que deixava todo o mundo rodeado por um espectro sombrio. Entre 1936 e 1937, Emma visitou cidades e fazendas espanholas, identificou uma força verdadeiramente revolucionária brotando do solo espanhol. Desde 1936, Emma dirigiu a campanha de propaganda inglesa da CNT-FAI e estreitou laços com o grupo *Mujeres Libres*<sup>73</sup>. Emma escreveu incessantemente, pois precisava mostrar a realidade espanhola para o mundo, para aqueles que falavam e liam inglês. De qualquer forma, apesar dos esforços de todos os revolucionários antifascistas, Franco<sup>74</sup> triunfou em 1939.



**Figura 12.** “Emma discursa aos companheiros da CNT”. Disponível em: [https://cdn.jwa.org/sites/default/files/styles/scale\\_width\\_300px/public/mediaobjects/eghyde.jpg?itok=M716Jy1b](https://cdn.jwa.org/sites/default/files/styles/scale_width_300px/public/mediaobjects/eghyde.jpg?itok=M716Jy1b). Acesso: 05/08/2021.

<sup>73</sup>Tradução: “Mulheres Livres”. (tradução nossa).

<sup>74</sup>Francisco Franco Bahamonde (1892-1975) foi um militar, chefe de Estado e ditador espanhol. Conhecido como "Generalíssimo" ou simplesmente Franco. Em julho de 1936, integrou o golpe de Estado em Espanha contra o governo da Segunda República, o que deu início à Guerra Civil Espanhola.



**Figura 13.** “Saornil (esquerda) e Goldman (centro) na Espanha durante a década de 1930”. Disponível em: <https://noticiasanarquistas.noblogs.org/files/2019/10/0demma.jpg> . Acesso: 05/08/2021.



**Figura 14.** Fotos que retratam Emma Goldman visitando as coletividades espanholas durante a revolução social. Disponível em: <https://www.facebook.com/iwa.ait>. Acesso 26/03/2022.



**Figura 15.** Fotos que retratam Emma Goldman visitando as coletividades espanholas durante a revolução social. Disponível em: <https://www.facebook.com/iwa.ait>. Acesso 26/03/2022.

Com a vitória de Franco, Goldman se dirigiu para o Canadá. Continuou ativa. Falava sobre a necessidade de ajudar os refugiados da guerra espanhola e sobre a liberdade de expressão no Canadá. Em fevereiro de 1940, Emma teve um derrame e perdeu a capacidade de falar. Três meses depois, em 14 de maio de 1940, ela morreu em Toronto. Seu corpo, agora com a autorização do Estado estadunidense, entrou em solo estadunidense para ser enterrado no cemitério German Waldheim de Chicago, perto dos revolucionários de Haymarket. Se a vida corpórea de Emma Goldman chegou ao final em 1940, suas contribuições intelectuais estão entre nós até hoje, como veremos no decorrer desta pesquisa.





**Figura 16.** "Túmulo de Emma Goldman no cemitério de German Waldheim. As datas gravadas estão incorretas". Disponível em: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/1/1e/Emma-Goldman-Grave-Forest-Home-Cemetery-II.jpg/250px-Emma-Goldman-Grave-Forest-Home-Cemetery-II.jpg>. Acesso 26/02/2022.

Realizamos este resgate biográfico para apresentar Emma Goldman ao leitor que, nos próximos capítulos, terá a oportunidade de conhecer o pensamento intelectual da ativa Emma Goldman. Vida e obra se entrelaçam, se influenciam, como veremos. Obviamente, nosso resgate não abarca toda a dinâmica e as redes que compuseram a vida de Emma. Optamos por dar ênfase aos momentos da vida de Goldman que acreditamos serem primordiais para uma compreensão de seu pensamento intelectual.

Pois bem, começaremos, agora, por analisar qual era a visão de Goldman em torno do anarquismo.

## 1.2 O ANARQUISMO

*“Eu quero a liberdade, o direito de autoexpressão,  
o direito de todos às coisas bonitas e radiantes”*

(Emma Goldman)

Onde, quando e como surge uma ideia? Perguntas fundamentais, com toda certeza, mas, ainda sim, iniciais. O papel do historiador não é somente responder a essas questões de forma pragmática, não é só determinar uma data e um local para o surgimento de uma ideia, mas compreender quais fatores fizeram com que determinada ideia surgisse em situações específicas e como foi seu desenvolvimento a partir de então. É a dinâmica o mais importante. As apropriações, as ressignificações, as críticas, a entrada dessas mesmas ideias no tecido social e nas páginas de novos escritos talvez seja esse o ponto que merece mais atenção, ainda mais quando queremos entender o movimento das ideias e das práticas anarquistas.

Vejam a história do desenvolvimento humano. Não é tão difícil perceber que todo esse processo foi envolvido por relações, muitas vezes, não harmoniosas entre os seres que compunham aquela sociedade. Existiam conflitos de interesses, seja por conta da biologia das coisas, ou por questões proporcionadas pelo meio social, cultural e político da época em questão. Onde se acha dominação encontram-se, também, formas criativas de resistência. E, vale lembrar, existem muitas formas de resistir. Existem diferentes performances, sejam elas de resistência, de negociações ou de cooperação. Uma mesma sociedade, uma mesma temporalidade traz consigo uma carga de ambiguidade significativa no que se refere à ação das pessoas. Existem, via de regra, inúmeras situações caleidoscópicas coletivas e individuais que são perpassadas por paradoxos. Somos influenciados pelo meio social/político/cultural e pela biologia, mas não somos determinados nem por um, nem por outro. Isso porque temos a capacidade de dar novos significados e tomar novas ações conscientes que superam essas influências iniciais.

Dessa forma, antes mesmo do surgimento do capitalismo, as multidões e os indivíduos resistiam. Mas também cooperavam, participavam e criavam relações de poder hierárquicas. Às vezes faziam tudo isso ao mesmo tempo. Uma mesma pessoa pode ser oprimida e opressora, dependendo do foco de análise. Com isso, práticas de rebeldia, escritos antidogmáticos, práticas libertárias estão espalhados por toda a história da humanidade. Mas, vale frisar que nem todas essas performances contestatórias podem ser identificadas como práticas de resistência conscientemente anarquista, por mais que vejamos convergência entre elas e o que hoje chamamos de anarquismo.

O anarquismo não deve ser visto como *a*-histórico. Isso porque o anarquismo não existe desde sempre. O que existe desde sempre é a dominação e a resistência, mas não propriamente o anarquismo enquanto filosofia política. O anarquismo, obviamente, é influenciado por essas lutas anteriores e pela literatura antidogmática de outros tempos, mas ele se consolida e se desenvolve enquanto filosofia política em um momento específico da história da humanidade. E qual seria então esse contexto de surgimento? O anarquismo, como conhecemos, o anarquismo que se reconhece enquanto tal, surge como uma crítica, uma resposta ao capitalismo.

Um marco importante, sem dúvida, é a publicação de *Qu'est-ce que la propriété?*<sup>75</sup>, livro escrito por Proudhon<sup>76</sup> em 1840. Ali, o francês se reafirma enquanto anarquista e faz uma crítica severa à forma como o capitalismo inaugura e usa a propriedade privada. Para Proudhon, a propriedade privada era um roubo, fruto da exploração do homem pelo homem, do nascimento do sistema capitalista que, de lá para cá, ganhou novos e mais poderosos contornos, como bem sabemos. Outro nome relevante é Michael Bakunin<sup>77</sup>, russo que, inicialmente ligado a círculos hegelianos, se tornaria um grande defensor das ideias anarquistas, mostrando, em sua prática e seus escritos, os princípios que compõem a referida filosofia. Bakunin, diferente de Proudhon, se mostrava mais aberto no que se refere ao papel social das mulheres, pressupondo que a verdadeira emancipação deveria ser fruto de homens e mulheres, de todos e todas que compõem a multidão de oprimidos. Mas, vejamos então, foi Proudhon, ou russos como Bakunin e Kropotkin<sup>78</sup> que criaram o anarquismo? Ou seriam, ainda, as contribuições oriundas das reflexões de Max Stirner<sup>79</sup> as fundamentais para a criação dessa filosofia política? Afinal, o anarquismo tem dono? Acreditamos que não, já que ele é uma criação coletiva, uma criação social.

Então, o que Proudhon, Bakunin e Kropotkin têm em comum? Pois bem, todos são intérpretes de seu tempo. É partindo da análise da ação dos trabalhadores e demais oprimidos, da observação do novo cotidiano que o capitalismo cria, das formas de resistência, dominação

---

<sup>75</sup>Tradução: “O que é a propriedade privada?”. (tradução nossa).

<sup>76</sup>Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865) foi um filósofo político e econômico francês, foi membro do Parlamento Francês e primeiro grande ideólogo anarquista da história para o anarquismo do século XIX.

<sup>77</sup>Mikhail Bakunin (1814-1876) foi um teórico e revolucionário anarquista. Considerado por muitos como um dos fundadores da perspectiva propriamente anarquista.

<sup>78</sup>Piotr Kropotkin (1842-1921) foi um geógrafo, economista, cientista político, sociólogo, zoólogo, historiador, filósofo e ativista político russo, um dos principais pensadores do anarquismo no fim do século XIX, considerado também o fundador da vertente anarco-comunista.

<sup>79</sup>Max Stirner (1806-1856) foi um filósofo alemão muitas vezes visto como um dos precursores do niilismo, do existencialismo, da teoria psicanalítica, do pós-modernismo e do anarquismo, especialmente do anarquismo individualista.

e negociação que esse sistema suscita, que os referidos pensadores fundamentam suas perspectivas. O anarquismo não nasce nas bibliotecas, ele nasce no tecido social e, a partir de então, aparece no papel. Daí em diante, temos uma dinâmica ambígua, complexa e intrínseca entre a prática e a palavra anarquista. Dois lados da mesma moeda que estão em constante relação de influência.

Outro marco importante da consolidação do anarquismo enquanto filosofia política independente seria o desenvolvimento da veia anarquista dentro da Ação Internacional dos Trabalhadores. Ali, através de Bakunin e outros nomes, o anarquismo se colocou como um projeto autônomo do marxismo. E, a partir de então, essa diferença foi se mostrando cada vez mais intensa. O anarquismo torna-se, então, diferente tanto do liberalismo, como do marxismo. De qualquer forma, o anarquismo não influenciou somente a AIT; pelo contrário, ele ganhou novos contornos, se expandiu e sua teoria e prática organizacional chegaram a todos os continentes e a diferentes temporalidades. Desde o século XIX até dias atuais, vemos o anarquismo ativo e sua presença no século XXI salta aos olhos, como demonstrou o antropólogo David Graeber<sup>80</sup>. Aqui, temos que tocar em um ponto específico, que diz respeito às diferentes formas, performances, estratégias que o anarquismo acabou por adquirir em seu desenvolvimento. Vejamos o que Woodcock (1981) e G. Ernestan (1963) apontam sobre essa questão:

Nesta altura, talvez seja necessário um parêntese para determinar a diferença vital entre anarquistas e marxistas - pelo menos no que se refere à atuação marxista na história. A partir da teoria de Marx sobre o predomínio do fator econômico na exploração do homem, seus seguidores tendem a ignorar as características letais de outras formas de poder. Como resultado disso, eles não só elaboram uma teoria de ditadura do proletariado, mas provam que sua invalidade permitindo que nos países comunistas a ditadura se tornasse uma mesquinha regra partidária. Ao ignorarem os processos de poder, os revolucionários que se diziam seguidores de Marx destruíram a liberdade tão completamente quanto qualquer junta de generais sul-americanos [...] Ao mesmo tempo, desde o início da década de 1870, Bakunin e seus seguidores previram acertadamente que a incapacidade marxista para entender que o poder tem bases psicológicas, além de econômicas, levaria à criação de uma nova forma de Estado. Reconheciam que as desigualdades econômicas e políticas eram independentes e desde o início atacavam o que Godwin denominava de 'propriedade acumulada', da mesma forma que criticavam o governo centralizado. (WOODCOCK, 1981).

Não é raro encontrar-se, entre os observadores do problema social, quem não compreenda por que o movimento socialista [...] não reúne num único e poderoso bloco todos os elementos que no mundo lutam contra a sociedade

---

<sup>80</sup>David Graeber (1961-2020) foi um ativista anarquista, antropólogo e professor associado de antropologia social, no Colégio Goldsmith da Universidade de Londres. Autor de "O Anarquismo no Século XXI e outros Ensaiois".

capitalista [...] Parece, a quem assim ajuíza, que os embates entre marxistas e anarquistas - às vezes calorosos e violentos - não passam de querelas pessoais [...] Não é de hoje que se verifica essa confusão - e isso porque nem sempre se aprofunda o exame dessas divergências, considerando-se como sua causa simples questões transitórias e não antagonismos de princípios e métodos de ação - como realmente é. A divergência circunstancial era a expressão de um fundamental contraste entre duas concepções filosóficas e sociais. O anarquismo e o marxismo divergem fundamentalmente, irremediavelmente, de maneira absoluta, no critério de considerar o homem [...] esse contraste profundo coloca em campos contrários os militantes sociais que, doutrinariamente, não falam a mesma linguagem. (ERNESTAN, 1963).

Vejam, no anarquismo não existe um roteiro pronto. “A vida não cabe dentro de um programa”, dizia Maria Lacerda de Moura<sup>81</sup>. O anarquismo é uma filosofia política criativa, seus adeptos são donos de uma autonomia performática significativa. Essa autonomia, apesar das diferentes estratégias que ela possibilita, é sempre acompanhada de uma série de princípios básicos que compõem o tronco duro do anarquismo. O anarquista necessariamente se opõe ao capitalismo e ao Estado, isto é, o anarquista é sempre crítico aos poderes hierárquicos. Crítico não só do poder estatal e econômico, mas de todas as relações de poder que estão espalhadas no tecido social de uma sociedade autoritária e capitalista, daí a famosa frase de Proudhon<sup>82</sup>: "Aquele que puser as mãos sobre mim, para me governar, é um usurpador, um tirano. Eu o declaro meu inimigo!". Segundo Rudolf Rocker:

O anarquismo não é um sistema social fixo e fechado, mas uma tendência definida no desenvolvimento histórico humano, que, em contraste com a tutela intelectual de todas as instituições governamentais e clericais, luta para o livre desenvolvimento, sem qualquer bloqueio, de todas as forças individuais e sociais da vida. Mesmo a liberdade é apenas um conceito relativo, não absoluto, visto que ela tende, constantemente, a tornar-se mais ampla e afetar círculos mais extensos, das mais variadas maneiras. Para o anarquista, a liberdade não é um conceito abstrato e filosófico, mas a possibilidade concreta essencial de todo ser humano desenvolver completamente todas as faculdades, as capacidades e as habilidades com as quais a natureza o dotou, e convertê-las em valor social. Quanto menos esse desenvolvimento natural do homem for influenciado pela proteção política ou eclesiástica, mais eficiente e harmoniosa se tornará a personalidade humana, mais ela se tornará a medida da cultura intelectual da sociedade em que foi desenvolvida. (ROCKER apud CHOMSKY, 2011).

E as diferentes performances, para serem consideradas anarquistas, devem seguir três princípios morais básicos: Liberdade, Igualdade e Solidariedade. De tal tríade, resultam estratégias que se baseiam na autogestão, na autonomia, na horizontalidade, na crítica à propriedade privada, ao Estado e ao Capital. Os anarquistas valorizam o indivíduo, sua

<sup>81</sup>Maria Lacerda de Moura (1887-1945) foi uma professora, escritora, anarquista e feminista brasileira.

<sup>82</sup>Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865) foi um filósofo político e econômico francês, foi membro do Parlamento Francês e primeiro grande ideólogo anarquista da história para o anarquismo do século XIX.



consciência refletida<sup>83</sup> e, por isso, acreditam que o caminho para a emancipação deve ser fruto da ação dos próprios oprimidos. A revolução social, para o anarquista, não está na mão de alguém e nem no futuro, a revolução não é o fim da História. Para o anarquista, o presente é fundamental, já que a luta deve ser contínua ainda no velho mundo, pois é isso que vai familiarizar os diferentes indivíduos com os valores e as organizações do novo mundo. É o germe do novo ainda dentro do velho. Sobre essa questão, Tomás Ibáñez (2016) ressalta que:

No entanto, é preciso evitar, também neste caso, um possível mal-entendido. O “presentismo”, que caracteriza uma boa parte do anarquismo contemporâneo não deve ser interpretado no sentido de que o objetivo das lutas consista em criar espaços onde se possa viver de forma relativamente satisfatória e em consonância com os valores anarquistas, enquanto o resto da humanidade vive em condições insuportáveis. Pouco se diferenciam, então, o ideal anarquista e os princípios que animam o sistema capitalista. Da mesma maneira que ninguém é realmente livre enquanto houver alguém que não o seja, tampouco se pode viver de forma coerente com os princípios libertários, enquanto outros seres permaneçam explorados e oprimidos. Não se enfatiza o presente para conseguir um determinado modo de estar, mais satisfatório – embora o fato de viver de acordo com os princípios, de acordo com nós mesmos e procurar resolver as contradições que nos impõe o mundo que nos rodeia, também nos faz sentir melhor -, mas sim para articular um modo de luta. Essa ênfase significa, simplesmente, que se recusa a armadilha que consiste em adiar a transformação factual da realidade, a fim de dedicar todas as energias ao puro enfrentamento. Essa armadilha oculta que a transformação do presente é, em primeiro lugar e acima de tudo, uma arma e, talvez, uma das mais perigosas para o sistema, porque mina desde dentro e permite fustigá-lo sem tréguas. (IBÁÑEZ, 2016).

Dada essa autonomia performática do anarquismo, desde muito cedo existiram diferentes formas de ser anarquista. Todas elas estavam, claro, em convergência com os princípios básicos do anarquismo, mas, ainda assim, as estratégias anarquistas são plurais, podendo mudar de acordo com a conjuntura. Temos, por exemplo, anarquistas como Francisco Ferrer<sup>84</sup>, Sébastien Faure<sup>85</sup> e Louise Michel<sup>86</sup> que se dedicaram a reflexões sobre a educação. Outros como Monatte<sup>87</sup>, que atuaram firmemente na consolidação do sindicalismo revolucionário. Vemos também os que, como Malatesta<sup>88</sup>, estavam mais preocupados em criar

---

<sup>83</sup>No sentido proposto por Bakunin.

<sup>84</sup>Francisco Ferrer Guardia (1859-1909) foi um pensador anarquista catalão, pedagogo, criador da Escola Moderna, um projeto prático de pedagogia libertária.

<sup>85</sup>Sébastien Faure (1858-1942) foi notável ativista libertário e anticlericalista francês, pedagogo e pedagogo, jornalista, poeta e compositor.

<sup>86</sup>Louise Michel (1859-1909) foi professora, poeta, enfermeira, escritora. Reconheceu-se anarquista durante a Comuna de Paris.

<sup>87</sup>Pierre Monatte (1881-1960) foi um sindicalista revolucionário de origem francesa, conhecido como um dos fundadores da Confederação Geral do Trabalho.

<sup>88</sup>Errico Malatesta (1853-1932) foi um teórico e ativista anarquista de origem italiana.

organizações propriamente anarquistas que praticassem o dualismo organizacional e que fossem eficientes na hora de fazer a propaganda revolucionária. Existiram aqueles que, como Makhno<sup>89</sup>, foram levados a criar um exército armado. E existiram mulheres, como Emma Goldman e Maria Lacerda de Moura<sup>90</sup>, que buscaram, entre outras coisas, compreender a condição da mulher na sociedade. Essa lista é enorme, mas paramos por aqui, visto que, a essa altura, já exemplificamos que o anarquismo se preocupa com diferentes esferas da sociedade e que, por isso mesmo, os anarquistas refletiram e criaram inúmeras e diferentes estratégias para impossibilitar a permanência das relações de poder que estão espalhadas no cotidiano. É, de fato, uma filosofia criativa.

O anarquismo é, necessariamente, anticapitalista e anti-estadolátrico, como também crítico de instituições autoritárias e das relações de poder que estão espalhadas no cotidiano. Agora, que já sabemos que, dentro do anarquismo, existe uma consolidada série de princípios básicos (uma espinha dorsal, um tronco duro) e, simultaneamente, diferentes estratégias anarquistas, podemos, então, compreender melhor o que era o anarquismo para Goldman. Como já mencionado, Emma Goldman se aproximou dos círculos anarquistas ainda muito jovem, logo após chegar aos Estados Unidos da América. Em 1910, nossa pensadora publicou seu primeiro livro, que reuniu uma série de artigos escritos e publicados anteriormente por ela. Um dos textos que compõem essa obra é o artigo *Anarchism: what it really stands*<sup>91</sup>, o qual analisaremos agora.

Emma iniciou sua narrativa mostrando que “a história do crescimento e desenvolvimento humano é, ao mesmo tempo, a luta terrível de novas ideias anunciando a chegada de um novo e brilhante amanhecer” (GOLDMAN, 2009, p.1) e que, muitas vezes, esse novo tem que lidar com a “obstinada persistência na tradição, o velho, com seus meios mais cruéis e repugnantes” (GOLDMAN, 2009, p.1). Visto que as práticas do velho mundo tentam impedir a chegada do novo, o “anarquismo, necessariamente, deve se deparar com a ignorância e a envenenada repulsa do mundo que pretende construir” (GOLDMAN, 2009, p.1), concluiu Emma.

Devido à existência de visões estereotipadas, consciente ou inconscientemente reproduzidas por muitos sobre o que é o anarquismo, Goldman resolveu, então, mostrar o que é verdadeiramente o anarquismo. Segundo a autora, “a oposição que o não educado faz ao

---

<sup>89</sup>Nestor Makhno (1888-1934) foi um ucraniano que se negou a se submeter ao governo bolchevique após a Revolução de Outubro, sendo um dos principais figurantes da Revolução Ucraniana.

<sup>90</sup>Maria Lacerda de Moura (1887-1945) foi uma professora, escritora, anarquista e feminista brasileira.

<sup>91</sup>Tradução: “Anarquismo: o que realmente significa”. (tradução nossa).

Anarquismo merece a mesma consideração que a do homem inteligente” (GOLDMAN, 2009, p.1) e, muitas vezes, essa oposição é baseada em algumas considerações problemáticas, sendo a mais comum a objeção de que o anarquismo não seria praticável e que seria violento. Resumir o anarquismo como algo impraticável e violento evidenciava, para Goldman, que “tanto o homem inteligente como a massa ignorante julgam, não a partir de um conhecimento profundo, mas de rumores e falsas interpretações” (GOLDMAN, 2009, p.1).

Para Emma, o anarquismo não era impraticável; pelo contrário, considerando um esquema prático como um esquema que “tem a vitalidade suficiente para abandonar, deixar para trás, as águas estancadas do velho e edificar, na medida em que sustenta uma nova vida” (GOLDMAN, 2009, p.1), o anarquismo torna-se, então, definitivamente prático. E sobre o senso comum que diz que o anarquismo seria sinônimo de destruição e violência generalizada, Emma ressalta que:

Destruição e violência! Como poderá saber o homem ordinário que o elemento mais violento da sociedade é a ignorância; que seu poder de destruição é justamente o que o Anarquismo está combatendo? Ele não está ciente de que as raízes do anarquismo são partes das forças naturais e destroem não as células saudáveis, mas o crescimento parasitário, que se nutre da mesma essência da vida social. Está meramente livrando o solo de erva-daninhas e arbustos para eventualmente produzir frutas saudáveis. (GOLDMAN, 2009, p.2).

Essa visão rasa, mas amplamente difundida, de anarquismo como sinônimo de destruição e violência, indicava, para Goldman, que, em vez de ir ao significado de qualquer ideia dada, “para examinar sua origem e razão de ser, a maioria das pessoas a condenarão inteiramente, ou dependerão de definições de aspectos não essenciais e superficiais ou cheias de prejuízos” (GOLDMAN, 2009, p.2). E qual seria, então, o verdadeiro significado do anarquismo? O anarquismo seria, para Goldman, a filosofia de uma nova ordem social baseada “na liberdade sem restrição, feita da lei do homem; a teoria de que todos os governos descansam sobre a violência e, portanto, são equivocados e perigosos à medida que também são desnecessários” (GOLDMAN, 2009, p.2). Para Goldman, o anarquismo é a única filosofia que “devolve ao homem a consciência de si mesmo, a qual mantém que Deus, o Estado e a sociedade não existem, que suas promessas são vazias e inválidas, já que podem ser efetivadas somente através da subordinação do homem” (GOLDMAN, 2009, p.3). Em resumo:

O Anarquismo, portanto, é o maestro da unidade da vida, não meramente na natureza, mas também no homem. Não há conflito entre os instintos sociais e individuais, não mais do que existem entre o coração e os pulmões: o primeiro é o receptáculo da essência pura e preciosa da vida, o outro é o armazém do elemento que mantém a essência pura da vida social. O individual é o coração da sociedade, conservando a essência da vida social; a sociedade é o pulmão

que está distribuindo o elemento para manter a essência da vida – ou seja, o indivíduo – puro e forte. (GOLDMAN, 2009, p.3).

Nesse sentido, para nossa pensadora, são o indivíduo, a consciência e as reflexões individuais as coisas de valor do mundo, assim como propõe Emerson<sup>92</sup>. Para Goldman, “é a alma verdadeira que visualiza e cria a vida de verdade, da qual sairá uma verdade maior, a alma social renascida”. No anarquismo de Goldman, é o indivíduo que tem a condição, através de seus pensamentos e ações, de criar uma nova organização social. Dessa forma, para Emma, “o Anarquismo é o grande libertador do homem frente aos fantasmas que o deteve preso; é o árbitro e o pacificador das duas forças para a *harmonia individual e social* [grifo nosso]”. (GOLDMAN, 2009, p. 3).

E, para garantir a unidade entre individual e social, “o Anarquismo declarou guerra às influências perniciosas, as quais, até agora, impediram a *harmoniosa unidade dos instintos individuais e sociais, do indivíduo e da sociedade* [grifo nosso]”. (GOLDMAN, 2009, p. 3). Essas influências perniciosas ao livre desenvolvimento das potencialidades humanas são: “Religião, a dominação da mente humana; Propriedade, a dominação das necessidades humanas; Governo, a dominação da conduta humana, representa o baluarte da escravidão do homem e dos horrores que lhe exige” (GOLDMAN, 2009, p. 3). Para Goldman, a religião domina a alma do homem e passa a ideia de que “o homem não é nada” (GOLDMAN, 2009, p. 3). Já o anarquismo impele o homem a se rebelar contra Deus, visto que o indivíduo não será livre até que “pense e julgue por si mesmo” (GOLDMAN, 2009, p. 3), quando ele, então, “deixará o domínio da obscuridade, o maior obstáculo para todo o progresso” (GOLDMAN, 2009, p. 3). A propriedade privada é a “negação do direito de satisfazer suas necessidades” (GOLDMAN, 2009, p. 3) e, se Emma concorda com Proudhon<sup>93</sup> de que a propriedade privada é um roubo, ela acrescenta, ainda, que é um roubo “mas sem risco e perigo para o ladrão” (GOLDMAN, 2009, p. 4). A propriedade privada, nesse sentido, impede o acesso aos meios para satisfazer as necessidades de muitos indivíduos. Com isso, para Goldman:

A única demanda que a propriedade reconhece é seu próprio apetite guloso para maior riqueza, porque riqueza significa poder, o poder de submeter, oprimir, explorar, o poder de escravizar, de ultrajar e degradar. A América se mostra orgulhosa de seu grande poder, sua enorme riqueza nacional. Pobre América, de que vale toda riqueza se os indivíduos que a compõem são miseravelmente pobres? Vivendo na podridão, na sujeira e no crime; perdida a esperança e alegria, perambula um exército exilado de presas humanas sem casa. (GOLDMAN, 2009, p. 4).

<sup>92</sup>Ralph Waldo Emerson (1803- 1882) foi um famoso escritor, filósofo e poeta estadunidense.

<sup>93</sup>Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865) foi um filósofo político e econômico francês, foi membro do Parlamento Francês e primeiro grande ideólogo anarquista da história para o anarquismo do século XIX.

Segundo Goldman, o princípio da propriedade privada, o sistema capitalista, não estariam roubando apenas o produto do trabalho dos indivíduos, “como também o poder de livre iniciativa, de originalidade e o interesse ou desejo pelas coisas que estão fazendo” (GOLDMAN, 2009, p. 4). Mas a propriedade privada não significa o desenvolvimento de riquezas, ainda que centralizadas? O sistema fabril centralizado não seria o mais eficaz? Para Emma, a riqueza tinha um significado bem distinto do que simplesmente poucas pessoas terem acesso a poder e dinheiro. Segundo a autora:

A verdadeira riqueza consiste em objetos de utilidade e beleza, em coisas que ajudem a criar corpos fortes e preciosos, e meios estimulantes de vida. Mas se o homem está condenado a enrolar algodão ao redor do parafuso ou cavar carvão durante trinta anos da sua vida, não há de se falar em riqueza. O que dá ao mundo são coisas horríveis e sujas, reflexo de sua chata e tediosa existência – muito débil para viver e muito covarde para morrer. É estranho dizer, há muitas pessoas que exaltam o método mortal da produção centralizada como a realização de maior orgulho da nossa era. Eles falham absolutamente ao imaginar que se continuarmos na docilidade mecânica, nossa escravidão será mais completa do que foi nossa servidão ao Rei. Eles não querem saber, a centralização não é apenas a morte da liberdade, mas também da saúde e da beleza, da arte e da ciência, todas estas sendo impossíveis em uma atmosfera mecânica parecida a um relógio. (GOLDMAN, 2009, p. 4).

E se Oscar Wilde<sup>94</sup> define uma personalidade perfeita como sendo “uma que se desenvolve em condições perfeitas; aquela que não está ferida, mutilada, preocupada ou em perigo” (WILDE apud GOLDMAN, 2009, p. 4), Emma acrescenta que “uma personalidade perfeita só é possível, então, em um estado de sociedade onde o homem seja livre para escolher o modo de trabalho, as condições de trabalho e tenha a liberdade para trabalhar” (GOLDMAN, 2009, p. 4). Nesse sentido, a organização social e do trabalho orquestrada pelo capitalismo seria um impedimento para o acesso à riqueza e ao livre desenvolvimentos dos espíritos humanos. No capitalismo, o trabalho não funcionaria como uma força criativa, e tal “exibição livre da energia humana é possível somente sob a liberdade completa, individual e social” (GOLDMAN, 2009, p. 4). Segundo Goldman:

Para quem a fabricação de uma mesa, a construção de uma casa ou a preparação da terra é como a pintura para um artista e a descoberta para um cientista – o resultado de inspiração, de intenso desejo e um interesse profundo no trabalho como uma *força criativa* [grifo nosso]. Sendo esse o ideal do Anarquismo, a organização econômica deve consistir na produção voluntária e associações distributivas, gradualmente desenvolvendo-se em comunismo livre, como o melhor meio de produção, com o mínimo gasto de energia humana. O Anarquismo, todavia, também reconhece o direito do indivíduo,

---

<sup>94</sup>Oscar Wilde (1854-1900) foi um influente escritor, poeta e dramaturgo irlandês.

ou números de indivíduos, para arrumar todo o tempo para outras formas de trabalho, em harmonia com seus gostos e desejos. (GOLDMAN, 2009, p. 4-5).

A outra influência perniciosa que cria essa dicotomia entre interesses individuais e sociais e dificulta o livre desenvolvimento humano seria o Estado, isto é, “a autoridade organizada ou lei estatutária – a dominação da conduta humana” (GOLDMAN, 2009, p. 5). Para Goldman, o Estado, “igual à religião que acorrentou a mente humana e a propriedade, o monopólio das coisas, que reprimiu e sufocou as necessidades humanas, o Estado escravizou seu espírito, ditando cada fase da conduta” (GOLDMAN, 2009, p. 5). E, resgatando Emerson<sup>95</sup>, Thoreau<sup>96</sup> e Ouida<sup>97</sup>, Emma considerou que “não importa se é um governo por direito divino ou regra da maioria. Em toda instância sua meta é a subordinação absoluta do indivíduo” (GOLDMAN, 2009, p. 5). Nesse cenário, a autoridade organizada ou o Estado “são unicamente necessários para manter ou proteger a propriedade e o monopólio. Só se mostram eficientes para esta função”. (GOLDMAN, 2009, p. 5). Emma lembra, ainda, que:

Bakunin repudia o Estado, o vê como sinônimo de entrega da liberdade individual ou das pequenas minorias – destruição da relação social, restrição ou até completa negação da própria vida, para seu engrandecimento. *O Estado é o altar da liberdade política e, como o altar religioso, é mantido para o propósito do sacrifício humano* [grifo nosso]. (GOLDMAN, 2009, p. 6).

Para Emma, tanto o Estado como o sistema capitalista deveriam ser abolidos e, por isso, nossa pensadora se opõe àqueles que acreditavam que o governo descansava sobre leis naturais e que “estas mantêm a ordem social e a harmonia, que diminuem o crime e que previne que o homem indistinto engane seu semelhante”. (GOLDMAN, 2009, p. 6). Segundo Goldman:

Uma lei natural é aquela pela qual o homem afirma a si mesmo livremente e espontaneamente, sem nenhuma força externa, em harmonia com os requisitos da natureza. Por exemplo, a demanda por nutrição, satisfação sexual, luz, ar e exercício é uma lei natural. Mas a sua expressão não necessita da maquinaria do governo, nem do cassetete, da pistola, das algemas ou da prisão. Obedecer a tais leis, se é que podemos chamar de obediência, requer somente espontaneidade e livre oportunidade. Que os governos não se mantêm através de tais fatores harmoniosos é provado com as terríveis demonstrações de violência, força e coerção que usam todos os governos para poder viver. Portanto, Blackstone está correto quando diz “as leis humanas são inválidas, porque estas são contrárias a lei da natureza. (GOLDMAN, 2009, p. 6).

---

<sup>95</sup>Ralph Waldo Emerson (1803- 1882) foi um famoso escritor, filósofo e poeta estadunidense.

<sup>96</sup>Henry David Thoreau (1817-1862) foi um autor estadunidense, poeta, naturalista, pesquisador, historiador, filósofo e transcendentalista.

<sup>97</sup>Maria Louise Ramé (1839-1908) conhecida pelo pseudônimo de Ouida foi uma escritora britânica. Escreveu dezenas de livros na carreira, bem como contos, livros infantis e ensaios.

Para Emma, “é difícil atribuir aos governos a capacidade para a ordem ou harmonia social” (GOLDMAN, 2009, p. 6), já que “a ordem derivada da submissão e mantida com terror não garante muita segurança, ainda que essa seja a única ‘ordem’ que os governos manteriam” (GOLDMAN, 2009, p. 6). Em resumo, essa “ordem” derivada da submissão seria problemática e dificultaria o desenvolvimento da verdadeira harmonia social que, por sua vez, “cresce naturalmente da solidariedade de interesses” (GOLDMAN, 2009, p.6). Para Goldman, afirmar que, dentro do sistema capitalista, a harmonia social poderia ser proporcionada pelo Estado seria um mito, visto que:

Em uma sociedade onde os que sempre trabalham nunca tiveram nada, enquanto os que não trabalham desfrutam de tudo, a solidariedade de interesses não existe, portanto, a harmonia social é mais um mito. A única maneira de a autoridade organizada enfrentar esta situação grave é estendendo os privilégios dos que já monopolizaram a terra, escravizando ainda mais as massas deserdadas. Assim, todo o arsenal do governo – leis, polícia, soldados, as cortes, legislaturas, prisões – é energicamente engajado na “harmonização” dos elementos mais antagônicos da sociedade. (GOLDMAN, 2009, p. 6).

A insuficiência do Estado era tão evidente para Emma que afirmar que sua autoridade e suas leis diminuiriam os crimes seria algo absurdo. Isso porque o “Estado é, em si mesmo, o maior criminoso, rompendo toda lei escrita e natural, roubando na forma de impostos, assassinando na forma de guerra e pena capital” (GOLDMAN, 2009, p. 6), além disso, o Estado “chegou a se ver completamente superado em sua luta contra o crime”. (GOLDMAN, 2009, p. 6). E sobre o crime e sua relação com o meio, Goldman destaca que:

O crime não é nada mais que energia mal dirigida. Enquanto toda instituição de hoje, econômica, política, social e moral, conspira para dirigir erradamente a energia humana por canais equivocados; enquanto a maioria das pessoas está fora de lugar, fazendo as coisas que odeiam fazer, vivendo uma vida que detestam viver, o crime será inevitável e todas as leis nos estatutos somente podem aumentar, mas nunca terminar com o crime [...] A influência dissuasiva da lei sobre o homem ocioso é demasiadamente absurda para merecer alguma consideração. Somente em liberar a sociedade do gasto e dos desperdícios que causa manter uma classe ociosa e do igualmente gasto grande da parafernália de proteção que esta classe de ociosos requer, na sociedade existiria abundância para todos, inclusive até para o indivíduo ocioso ocasional. *Além disso, é bom considerar que a vagabundagem é resultado dos privilégios especiais ou das anormalidades físicas e mentais* [grifo nosso]. Nosso demente e insano sistema de produção patrocina a ambos e o fenômeno mais surpreendente é que as pessoas desejem trabalhar, ainda agora. *O Anarquismo visa despir o trabalho de seu aspecto estéril e tedioso, de sua tristeza e compulsão. Tenta fazer do trabalho um instrumento de alegria, de força, de cor, de harmonia real, para que ainda o mais pobre dos homens possa encontrar no trabalho recreação e esperança* [grifo nosso]. (GOLDMAN, 2009, p. 6-7).

Para que uma nova forma moral de organização da sociedade e do mundo do trabalho seja possível, “o governo, com suas medidas injustas, arbitrárias e repressivas, deve ser eliminado” (GOLDMAN, 2009, p. 7), já que “o melhor que faz é impor um só modo de vida em tudo, sem respeitar as variações individuais e sociais, além de suas necessidades” (GOLDMAN, 2009, p. 7). Ao destruir o governo, o anarquismo “propõe resgatar o respeito próprio e a independência do indivíduo de toda a proibição e invasão pela autoridade” (GOLDMAN, 2009, p. 7), visto que “só em liberdade o homem pode cultivar sua completa importância” (GOLDMAN, 2009, p. 7). Para Goldman, o indivíduo “somente em liberdade aprenderá a pensar, a se mover e a dar o melhor de si. Só em liberdade realizará a verdadeira força dos laços sociais que atam os homens entre si e que são a verdadeira base de uma vida social normal” (GOLDMAN, 2009, p. 7). Nossa pensadora crítica, então, aqueles que, em nome da natureza humana, afirmam que o anarquismo é impossível. Emma lembra que, na história da humanidade, crimes horríveis foram cometidos em nome da natureza humana. Já que:

Todo tonto, desde o rei até a polícia, desde a pessoa mais cabeça fechada até o ignorante sem visão da ciência, presume falar com autoridade da natureza humana. Quanto maior for o charlatão mental, mais definitiva será sua insistência na perversidade e debilidade da natureza humana. Mas, como pode qualquer um falar disso hoje, com tantas almas na prisão, com cada coração acorrentado, ofendido e mutilado? (GOLDMAN, 2009, p. 7).

Para fundamentar ainda mais sua visão, Emma resgata a produção de John Burroughs<sup>98</sup>, evidenciando que ele “declarou que o estudo experimental de animais em cativeiro é absolutamente inútil. Seu caráter, seus hábitos e seus apetites são submetidos a uma transformação completa quando são arrancados de seu solo no campo e no bosque” (GOLDMAN, 2009, p. 7). Seguindo essa lógica, ao analisar os seres humanos do mundo atual, seus problemas, não podemos considerar que eles são reflexões da natureza humana, mas sim de seu meio, já que “com a natureza humana enjaulada em um estreito espaço, chicoteada diariamente até a submissão, como podemos falar de suas potencialidades?” (GOLDMAN, 2009, p. 8). Para Emma, “a liberdade, a expansão, a oportunidade e, sobretudo, a paz e o repouso podem ensinar-nos os fatores dominantes e reais da natureza humana e todas suas magníficas possibilidades” (GOLDMAN, 2009, p. 8). Visto isso tudo, Emma conclui que:

O anarquismo, então, realmente favorece a liberação da mente humana da dominação da religião, a liberação do corpo humano da dominação da propriedade, a liberação das cadeias e proibições do governo. O Anarquismo significa uma ordem social baseada no agrupamento livre dos indivíduos, com o propósito de produzir a verdadeira riqueza social, uma ordem que garantirá, a todo ser humano, acesso livre à terra e ao gozo completo das necessidades

---

<sup>98</sup>John Burroughs (1837-1921) foi um naturalista, ensaísta estadunidense e defensor da conservação da natureza.



da vida, de acordo com aos desejos individuais, gostos e inclinações. (GOLDMAN, 2009, p. 8).

Emma, após definir, então, o anarquismo, diz sobre seus métodos. Segundo a autora, o anarquismo “não é, como muitos podem supor, uma teoria do futuro a ser alcançado através da inspiração divina. É uma força viva nos assuntos de nossa vida, constantemente criando novas condições” (GOLDMAN, 2009, p. 8). E, por isso mesmo, “os métodos do anarquismo, portanto, não compreendem um programa vestido de ferro para se levar a cabo sob qualquer circunstância” (GOLDMAN, 2009, p. 8), afinal, “*os métodos devem sair das necessidades econômicas de cada lugar, clima, requisitos intelectuais e temperamentais do indivíduo* [grifo nosso]” (GOLDMAN, 2009, p. 8). Tal situação explicaria as diferentes práticas, formas, estratégias, performances anarquistas, ainda segundo Goldman:

O caráter calmo e sereno de Tolstói desejará diferentes métodos para a reconstrução social da intensa e transbordante personalidade de Mikhail Bakunin ou Piotr Kropotkin. Da mesma forma, deve ser óbvio que as necessidades econômicas e políticas da Rússia prescreveram medidas mais drásticas que as da Inglaterra ou América. O Anarquismo não significa exercícios militares e uniformidade; entretanto significa espírito revolucionário, em qualquer forma, contra tudo o que impeça o crescimento humano. Todos os Anarquistas concordam com isso, da mesma forma que estão de acordo em sua oposição à maquinaria política como um meio de causar a grande transformação social. (GOLDMAN, 2009, p. 8).

Emma acreditava na ação direta como método, e não no parlamentarismo. Para ela, essa última estratégia era insuficiente e isso já estaria provado pela situação das coisas, já que o processo da política parlamentar está repleto de “armadilhas: maquinações secretas, intrigas, adulações, mentiras e trapaças; de fato, mentiras de todas as descrições, pelas quais o aspirante político pode conseguir o êxito” (GOLDMAN, 2009, p. 9). Na perspectiva da autora:

Pode-se dizer que os homens íntegros não se converteriam em corruptos, em moinho opressivo político. Talvez não, mas como homens seriam absolutamente impotentes para exercer a mais ínfima influência em nome do trabalho, como de fato foi demonstrado em numerosos exemplos. O estado é o mestre econômico de seus servidores. Os bons homens, se tais existirem, ou permaneceriam fiéis à sua fé política e perderiam seu suporte econômico, ou se agarrariam a seus mestres econômicos e seriam completamente incapazes de fazer o menor bem. A arena política não deixa uma alternativa: deve ser um burro ou trapaceiro. (GOLDMAN, 2009, p.9).

No lugar do parlamentarismo, Emma propõe a prática da ação direta que, para ela, seria algo muito mais eficaz. Segundo Goldman, “o anarquismo, portanto, defende a ação direta, o desafio aberto e a resistência frente a todas as leis e restrições econômicas, sociais e morais” (GOLDMAN, 2009, p. 9). Entretanto, “o desafio e a resistência são ilegais. Nisto descansa a salvação do homem. Tudo ilegal necessita de integridade, segurança própria e coragem”

(GOLDMAN, 2009, p. 9). Para evidenciar o sucesso da ação direta enquanto estratégia, Emma ressalta que:

O sufrágio universal deve a sua existência à ação direta. Se fosse não pelo espírito de rebelião, de desafio por parte dos pais revolucionários americanos, seus descendentes ainda estariam sob o abrigo do Rei. Se não fosse pela ação direta de um Juan Brown<sup>99</sup> e seus camaradas, a América estaria comercializando a carne do homem negro. Certo, o comércio da pele branca ainda é atual, mas esse, também, terá que ser abolido pela ação direta. O sindicalismo, a arena econômica do moderno gladiador, deve sua existência à ação direta. Mas, até recentemente, essa lei e governo trataram de oprimir o movimento sindical e condenaram à prisão, como conspiradores, os expoentes do direito do homem a organizar-se. Se eles tivessem procurado lograr suas causas rogando, suplicando e pactuando, os sindicatos hoje seriam quantitativamente insignificantes. Na França, Espanha, Itália, Rússia, até a Inglaterra (testemunha da crescente rebelião das uniões laborais), a ação direta, revolucionária, econômica torna-se uma força tão poderosa na luta pela liberdade industrial que conseguiu fazer com que o mundo se desse conta da tremenda importância do poder do trabalho. A greve geral, a expressão suprema da consciência econômica dos trabalhadores foi ridicularizada na América, faz pouco tempo. Hoje, toda grande greve, a fim de ganhar, deve dar-se conta da importância do protesto solidário geral. (GOLDMAN, 2009, p. 9).

Dito isso, a ação direta teria provado “sua efetividade junto às linhas econômicas” (GOLDMAN, 2009, p. 10) e, ainda segundo Goldman, ela seria “igualmente poderosa no ambiente individual” (GOLDMAN, 2009, p. 10). Para a anarquista, “a ação direta contra a autoridade no local de trabalho, ação direta contra a autoridade da lei, ação direta contra a autoridade impertinente e invasiva do nosso código moral é o método lógico e consciente do anarquismo” (GOLDMAN, 2009, p. 10). Por fim, o anarquismo seria:

A grande fermentação do pensamento está, hoje, imbricada em cada uma das fases do esforço humano. A ciência, a arte, a literatura, o drama, o esforço para a melhoria econômica, de fato, toda oposição individual e social existindo em desordem com as coisas, é iluminada pela luz espiritual do Anarquismo. *É a filosofia da soberania do indivíduo. É a teoria da harmonia social. É o grande renascimento da viva verdade que está reconstruindo o mundo e nos anunciará ao amanhecer* [grifo nosso]. (GOLDMAN, 2009, p. 10).

Como vimos, o anarquismo, para Goldman, está diretamente ligado à ideia de indivíduo. A noção de individualidade, nos moldes definidos por Goldman, atravessa toda sua perspectiva emancipatória. Emma reconhecia que os seres humanos são influenciados pelo seu meio, e que o meio que o capitalismo inaugurou foi violento e extremamente desigual. Entretanto, reconhecia, também, que esse meio foi uma criação humana, logo, os humanos também poderiam destruí-lo e, se quisessem, criar um novo meio social, político e cultural

---

<sup>99</sup>John Brown (1800-1859) foi um abolicionista norte-americano.

baseado na igualdade, na solidariedade e na liberdade. Mas, para esse novo mundo surgir, ainda no velho mundo, nossas mentes e nossas ações deveriam estar alinhadas a esse ideal, e não aos valores inspirados e violentamente impostos pelo capitalismo e pelo Estado. Emma colocava sobre os indivíduos o papel de emancipar sua mente e seus corpos. Conseguir reconhecer sua própria individualidade e lutar para vivê-la, essa era uma parte importante do processo revolucionário imaginado por Goldman. Criar essa mente, essa alma, esse corpo, essa forma anárquica de ser no mundo seria uma difícil tarefa, mas, ainda sim, uma tarefa possível. Como nos lembra Dostoiévski (2003), em *O sonho de um homem ridículo*, “basta que todos queiram, e tudo se acerta agora mesmo”.

### 1.3 AS PRISÕES, OS EXÍLIOS POLÍTICOS E A PSICOLOGIA DA VIOLÊNCIA POLÍTICA<sup>100</sup>

*“As paredes das prisões raramente permitem que os gritos aterrorizantes das vítimas escapem — as paredes das prisões são espessas, elas abafam o som”*

(Emma Goldman)

*“Nessa humanidade central e centralizada, efeito e instrumento de complexas relações de poder, corpos e forças submetidos por múltiplos dispositivos de ‘encarceramento’, objetos para discursos são eles mesmos elementos dessa estratégia, temos que ouvir o ronco surdo da batalha”*

(Michel Foucault)

*“A prisão, aparelho administrativo, será ao mesmo tempo uma máquina para modificar espíritos”*

(Michel Foucault)

Quando pensamos nas formas de punição características do Antigo Regime, nos vem à mente a imagem do suplício<sup>101</sup>, que é um tipo de espetáculo do poder que se dirige diretamente ao corpo do condenado. O suplício tem uma função jurídico-política, ele é ancorado em uma política do medo e, em grande medida, ele reafirma o superpoder do rei. Para Foucault<sup>102</sup>, “o suplício se inseriu tão fortemente na prática judicial, porque é revelador da verdade e *agente do poder*” [grifo nosso]. (FOUCAULT, 2014, p. 56). Apesar de reafirmar esse poder do rei, muitos suplícios eram perpassados pela agitação popular, pois, naquele momento, o povo “se sentia mais ameaçado [...] por uma violência legal sem proporções”. (FOUCAULT, 2014, p. 63). E, por isso mesmo, “a solidariedade de toda uma camada da população com os que chamaríamos pequenos delinquentes [...] se manifestou com muita continuidade”. (FOUCAULT, 2014, p. 63-64). Ainda segundo Foucault, “muito mais do que o poder soberano podia essa solidariedade sair reforçada da cerimônia dos suplícios, dessa festa incerta onde a violência era instantaneamente reversível”. (FOUCAULT, 2014, p. 64). Tal situação, em conjunto com

---

<sup>100</sup>Amigo leitor: nas primeiras páginas deste capítulo, iremos contextualizá-lo, evidenciando como foi o surgimento da prisão moderna. Em seguida, trataremos de investigar a perspectiva de Goldman sobre as prisões. Essa descrição mais profunda de como se deu a transformação da prisão em uma forma de punir típica da modernidade, apesar de um pouco densa, se faz necessária para familiarizar o leitor com esse tema tão complexo. Conto, então, com sua paciência.

<sup>101</sup>Não queremos dizer com isso que o suplício era única forma de punição do Antigo Regime.

<sup>102</sup>Michel Foucault (1926-1984) foi um filósofo, historiador das ideias, teórico social, filólogo, crítico literário e professor da cátedra História dos Sistemas do Pensamento, no Collège de France, de 1970 até 1984.

outros fatores, fez com que o poder real desenvolvesse certo “medo político diante do efeito desses rituais ambíguos”. (FOUCAULT, 2014, p. 65).

Em *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*, Michel Foucault (2014) mostra como, em virtude dessa ambiguidade dos suplícios, foi redistribuída a “economia do castigo” (FOUCAULT, 2014, p. 13) no fim do século XVIII e início do XIX. Com essa redistribuição, houve o “desaparecimento dos suplícios [...] em algumas dezenas de anos, desapareceu o corpo suplicado, esquartejado, amputado, marcado simbolicamente no rosto ou no ombro [...] dado como espetáculo” (FOUCAULT, 2014, p. 13). Nesse sentido, “desapareceu o corpo como alvo principal da repressão penal” (FOUCAULT, 2014, p. 13). E, com essa mudança, “o cerimonial da pena vai sendo obliterado e passa a ser apenas um novo ato de procedimento ou de administração” (FOUCAULT, 2014, p. 13). Segundo o teórico francês:

A punição vai-se tornando, pois, parte mais velada do processo penal, provocando várias consequências: deixa o campo da percepção quase diária e entra no da consciência abstrata; sua eficácia é atribuída à sua fatalidade, não à sua intensidade visível; a certeza de ser punido é que deve desviar o homem do crime e não mais o abominável teatro; a mecânica exemplar da punição muda as engrenagens. (FOUCAULT, 2014, p. 14).

Com essa redistribuição, “a justiça não mais assume publicamente a parte de violência que está ligada a seu exercício” (FOUCAULT, 2014, p. 14), já que “o fato de ela matar ou ferir já não é mais a glorificação de sua força, mas um elemento intrínseco a ela que ela é obrigada a tolerar e muito lhe custa ter que impor” (FOUCAULT, 2014, p. 14). A justiça tenta se colocar como algo distinto da pena, “a execução da pena vai-se tornando um setor autônomo” (FOUCAULT, 2014, p. 14), a justiça, então, nega que pune, pois quer acreditar que corrige, reeduca, cura. Nesse novo cenário, o juiz não se vê como um castigador. Um tanto diferente do que se tinha na época dos suplícios, percebe-se. E, sobre essa modificação da economia do punir, que tem relação com as mudanças econômicas da segunda metade do século XVIII<sup>103</sup>, sobre essa nova estratégia do poder de castigar, Foucault diz que:

---

<sup>103</sup>Segundo Foucault, “Com as novas formas de acumulação de capital, de relações de produção e de estatuto jurídico da propriedade, todas as práticas populares que se classificavam, seja numa forma silenciosa, cotidiana, tolerada, seja numa forma violenta, na ilegalidade dos direitos, são desviadas à força para a ilegalidade dos bens [...] a economia das ilegalidades se reestruturou com o desenvolvimento da sociedade capitalista. A ilegalidade dos bens foi separada da ilegalidade dos direitos. Divisão que corresponde a uma oposição de classes, pois, de um lado, a ilegalidade mais acessível às classes populares será a dos bens – transferência violenta das propriedades; de outro a burguesia, então, se reservará a ilegalidade dos direitos: a possibilidade de desviar seus próprios regulamentos e suas próprias leis; de fazer funcionar todo um imenso setor da circulação econômica por um jogo que se desenrola nas margens da legislação – margens previstas por seus silêncios, ou liberadas por uma tolerância de fato. E essa grande redistribuição das ilegalidades se traduzirá até por uma especialização dos circuitos judiciários; para a ilegalidade dos bens – para o roubo –, os tribunais ordinários e os castigos; para as

Significa um esforço para ajustar os mecanismos de poder que enquadram a existência dos indivíduos: significa uma adaptação e harmonia dos instrumentos que se encarregam de vigiar o comportamento cotidiano das pessoas, sua identidade, atividade, gestos aparentemente sem importância; significa uma outra política a respeito da multiplicidade de corpos e forças que uma população representa. *O que se vai definindo não é tanto um respeito novo pela humanidade dos condenados – os suplícios ainda são frequentes, mesmo para crimes leves – quanto uma tendência para uma justiça mais desembaraçada e mais inteligente para uma vigilância penal mais atenta ao corpo social* [grifo nosso]. (FOUCAULT, 2014, p. 78).

Dados os problemas gerados pelos suplícios, na reforma penal pensada no século XVIII, “o direito de punir se deslocou da vingança do soberano à defesa da sociedade” (FOUCAULT, 2014, p. 89). E, o princípio da moderação das penas, “mesmo quando se trata de castigar o inimigo do corpo social” (FOUCAULT, 2014, p. 90), se articula “em primeiro lugar com um discurso do coração [...] a formulação do princípio de que a penalidade deve permanecer ‘humana’ é feita, entre os reformadores, na primeira pessoa” (FOUCAULT, 2014, p. 90). Tal recurso funcionaria como uma forma de mostrar a “sensibilidade do homem razoável que faz a lei” (FOUCAULT, 2014, p. 90). Mas, vale ressaltar que, nessa proposta de reforma, “o corpo, a imaginação, o sofrimento, o coração a respeitar não são, na verdade, os do criminoso que deve ser punido” (FOUCAULT, 2014, p. 90), visto que “o sofrimento que deve ser excluído pela suavização das penas é o dos juízes ou dos espectadores” (FOUCAULT, 2014, p. 90). Nesse sentido, “o que precisa moderar e calcular são os efeitos de retorno do castigo sobre a instância que pune e o poder que ela pretende exercer” (FOUCAULT, 2014, p. 90) e, “para ser útil, o castigo deve ter como objetivo as consequências do crime, entendidas como a série de desordens que este é capaz de abrir” (FOUCAULT, 2014, p. 91). Sobre essa tecnopolítica da punição, Foucault declara que:

---

ilegalidades de direitos – fraudes, evasões fiscais, operações comerciais irregulares –, jurisdições especiais com transações, acomodações, multas atenuadas etc. *A burguesia se reservou o campo fecundo da ilegalidade dos direitos. E, ao mesmo tempo em que essa separação se realiza, afirma-se a necessidade de uma vigilância constante que se faça essencialmente sobre essa ilegalidade dos bens. Afirma-se a necessidade de se desfazer da antiga economia do poder de punir que tinha como princípios a multiplicidade confusa e lacunosa das instâncias, uma repartição e uma concentração de poder correlatas com uma inércia de fato e uma inevitável tolerância, castigos ostensivos em suas manifestações e incertos em sua aplicação. Afirma-se a necessidade de definir uma estratégia e técnicas de punição em que uma economia da continuidade e da permanência substituirá a da despesa e do excesso. Em suma, a reforma penal nasceu da junção entre a luta contra o superpoder do soberano e a luta contra o infrapoder das ilegalidades conquistadas e toleradas [...] a luta pela delimitação do poder de punir se articula diretamente com a exigência de submeter a ilegalidade popular a um controle mais estrito e mais constante. Compreende-se que a crítica dos suplícios tenha tido tanta importância na reforma penal: pois era uma figura onde se uniam, de modo visível, o poder ilimitado do soberano e a ilegalidade sempre desperta do povo [...] Em resumo, constituir uma nova economia e uma nova tecnologia com poder de punir: tais são, sem dúvida, as razões de ser essenciais da reforma penal no século XVIII* [grifo nosso]”. (FOUCAULT, 2014, p. 86-88).

Se a lei, agora, deve tratar “humanamente” aquele que está “fora da natureza” (enquanto a justiça de antigamente tratava de maneira desumana o “fora da lei”), a razão não se encontra numa humanidade profunda que o criminoso esconda em si, mas no controle necessário dos efeitos de poder. Essa racionalidade “econômica” é que deve medir a pena e prescrever as técnicas ajustadas. *“Humanidade” é o nome respeitoso dado a essa economia e a seus cálculos minuciosos* [grifo nosso]. (FOUCAULT, 2014, p. 91-92).

Na reforma, se vê a necessidade de elaborar toda uma tecnologia da representação, isto é, “encontrar para um crime o castigo que convém” (FOUCAULT, 2014, p. 102). A criação de sinais-obstáculos para afastar as pessoas dos crimes, sinais que mostrassem a correspondência entre crime e castigo; a crença em uma modulação temporal, pois “as penas só podem funcionar se terminam” (FOUCAULT, 2014, p. 106), isso tudo aparece nos discursos dos reformadores. Dessa forma, no “antigo sistema, o corpo dos condenados se tornava coisa do rei, sobre a qual o soberano imprimia sua marca e deixava cair os efeitos de seu poder. Agora, ele será antes um *bem social* [grifo nosso], objeto de uma apropriação coletiva e útil” (FOUCAULT, 2014, p. 107). Nesse sentido, a punição “teria um elemento de instrução, um papel cívico para afastar as pessoas dos crimes. Daí o fato de que os reformadores tenham quase sempre proposto as obras públicas como uma das melhores penas possíveis” (FOUCAULT, 2014, p. 107). A isso Foucault acrescenta que:

Obra pública quer dizer duas coisas: interesse coletivo na pena do condenado e caráter visível, controlável do castigo. O culpado, assim, paga duas vezes: pelo trabalho que ele fornece e pelos sinais que produz. No centro da sociedade, nas praças públicas ou nas grandes estradas, o condenado irradia lucros e significações. Ele serve visivelmente a cada um; mas, ao mesmo tempo, introduz no espírito de todos o sinal crime-castigo: utilidade secundária, puramente moral esta, mas tanto real. (FOUCAULT, 2014, p. 108).

E, devido esse foco dado pelos reformadores em uma punição que sirva como instrução, “a utilização da prisão como forma geral de castigo nunca é apresentada nesses projetos de penas específicas, visíveis e eloquentes” (FOUCAULT, 2014, p. 112). Com isso, “a prisão em seu todo é incompatível com toda essa técnica da pena-efeito, da pena-representação, da pena-função geral e discurso” (FOUCAULT, 2014, p. 113). Para Foucault (2014, p. 113): “que a reclusão pudesse, como hoje, entre a morte e as penas leves, cobrir todo o espaço médio da punição é uma ideia que os reformadores não poderiam ter imediatamente”. Entretanto, apesar de não ser a principal proposta desses reformadores, “depois de bem pouco tempo, a detenção se tornou a forma essencial de castigo” (FOUCAULT, 2014, p. 113) e, já no início do século XIX, “entre a morte e as multas, ela ocupa, sob um certo número de formas, quase todo

o campo das punições possíveis” (FOUCAULT, 2014, p. 113). Nesse contexto, onde a prisão ganha protagonismo como forma de punição:

O cadafalso, onde o corpo do suplicado era exposto à força ritualmente manifesta do soberano, o teatro punitivo, onde a representação do castigo teria sido permanentemente dada ao corpo social, são substituídos por uma grande arquitetura fechada, complexa e hierarquizada que se integra no próprio corpo do aparelho do Estado. Uma materialidade totalmente diferente, uma física do poder totalmente diferente, uma maneira de investir no corpo do homem totalmente diferente [...] o muro alto, não mais aquele que cerca e protege, não mais aquele que manifesta, por seu prestígio, o poder e a riqueza, mas o muro cuidadosamente trancado, intransponível num sentido e no outro, e fechado sobre o trabalho agora misterioso da punição, será bem perto e às vezes mesmo no meio das cidades do século XIX, a figura monótona, ao mesmo tempo material e simbólica, do poder de punir [...]. Uma economia menos suntuária, mas mais obstinada, acabou construindo-os, pouco a pouco, no século XIX [grifo nosso]. (FOUCAULT, 2014, p. 114).

Além disso, no decorrer do século XIX, a cela torna-se, na sociedade protestante, “o instrumento através do qual se podem reconstituir, ao mesmo tempo, o *homoeconomicus* e a consciência religiosa” (FOUCAULT, 2014, p. 121). Tem-se, aí, “o encarceramento, com finalidade de transformação da alma e do comportamento” (FOUCAULT, 2014, p. 122). E, diferente do que reformadores do século XVIII propunham, no início do XIX, o castigo e a correção “são processos que se desenrolam entre o prisioneiro e aqueles que o vigiam” (FOUCAULT, 2014, p. 124). Processos esses que “impõem uma transformação do indivíduo inteiro – de seu corpo e de seus hábitos pelo trabalho cotidiano a que é obrigado, de seu espírito e de sua vontade pelos cuidados espirituais de que é objeto” (FOUCAULT, 2014, p. 124).

A prisão torna-se, no XIX, um “observatório permanente” (FOUCAULT, 2014, p. 124), um “aparelho de saber” (FOUCAULT, 2014, p. 124), onde o indivíduo tem seu comportamento analisado e registrado cotidianamente. Se, para os reformadores, a punição estava relacionada a publicidade, a sistemas de sinais e de representações, na prisão, no formato do século XIX, “o ponto de aplicação da pena não é a representação, é o corpo, é o tempo, são os gestos e as atividades de todos os dias; *a alma, também, mas na medida em que é sede de hábitos* [grifo nosso]” (FOUCAULT, 2014, p. 127). Nesse momento, segundo Foucault, o corpo e a alma, “como princípios dos comportamentos, formam o elemento que agora é proposto à intervenção punitiva. Mais que sobre uma arte de representações, *ela deve repousar sobre uma manipulação refletida do indivíduo* [grifo nosso]” (FOUCAULT, 2014, p. 127). Sobre essas distinções entre os reformadores do XVIII e esses novos modelos, o francês acrescenta ainda que:



Quanto aos instrumentos utilizados, não são mais jogos de representação que são reforçados e que se faz circular; mas formas de coerção, *esquemas de limitação aplicados e repetidos*. Exercícios, e não sinais: horários, distribuição do tempo, movimentos obrigatórios, atividades regulares, meditação solitária, trabalho em comum, silêncio, aplicação, respeito, bons hábitos. *E, finalmente, o que se procura reconstruir nessa técnica de correção não é tanto o sujeito de direito, que se encontra preso nos interesses fundamentais do pacto social: é o sujeito obediente, o indivíduo sujeito a hábitos, regras, ordens, uma autoridade que se exerce continuamente nele*. Duas maneiras, portanto, bem distintas de reagir à infração: reconstituir o sujeito jurídico do pacto social – ou formar um sujeito de obediência dobrado à forma ao mesmo tempo geral e meticulosa de um poder qualquer. (FOUCAULT, 2014, p. 128).

Percebemos, então, que a relação castigo-corpo muda com essa redistribuição da economia do castigo. Agora, o corpo está em uma posição “de instrumento ou de intermediário; qualquer intervenção sobre ele pelo enclausuramento, pelo trabalho obrigatório *visa privar o indivíduo da liberdade*” [grifo nosso] (FOUCAULT, 2014, p. 16) e, por isso, “o castigo passou de uma arte das sensações insuportáveis a uma economia dos direitos suspensos” (FOUCAULT, 2014, p. 16). Nesse novo cenário, “se a justiça ainda tiver que manipular e tocar o corpo dos justicáveis, tal se fará à distância, propriamente, segundo regras rígidas e visando a um objetivo mais ‘elevado’” (FOUCAULT, 2014, p.16). E, dada essa nova retenção:

Um exército inteiro de técnicos veio substituir o carrasco, anatomista imediato do sofrimento: os guardas, os médicos, os capelães, os psiquiatras, os psicólogos, os educadores; por sua simples presença ao lado do condenado, eles cantam à justiça o louvor de que ela precisa: eles lhe garantem que o corpo e a dor não são objetos últimos de sua ação punitiva. É preciso refletir no seguinte: um médico, hoje, deve cuidar dos condenados à morte até ao último instante – justapondo-se destarte como chefe de bem-estar, como agente de não sofrimento, aos funcionários que, por sua vez, estão encarregados de eliminar a vida. Ao se aproximar o momento da execução, aplicam-se aos pacientes injeções tranquilizantes. *Utopia do pudor judiciário: tirar a vida evitando deixar que o condenado sinta mal, privar de todos os direitos sem fazer sofrer, impor penas isentas de dor. O emprego da psicofarmacologia e de diversos “desligadores” fisiológicos, ainda que provisório, corresponde perfeitamente ao sentido dessa penalidade “incorpórea”* [grifo nosso]. (FOUCAULT, 2014, p. 16-17).

Há, então, uma redução do suplício e sua punição direta ao corpo à “estrita execução capital” (FOUCAULT, 2014, p. 17); funda-se, aí, uma “moral bem nova, própria do ato de punir” (FOUCAULT, 2014, p. 17). Desaparece o grande espetáculo da punição física e começa uma época de “sobriedade punitiva” (FOUCAULT, 2014, p. 19). Apesar dessa mudança significativa, o “poder sobre o corpo tampouco deixou de existir totalmente até meados do século XIX” (FOUCAULT, 2014, p. 20), pois “castigos como trabalhos forçados ou prisão – privação pura e simples da liberdade – nunca funcionaram sem certos complementos punitivos

referentes ao corpo: redução alimentar, privação sexual, expiação física, masmorra” (FOUCAULT, 2014, p. 20). A prisão, então, sempre aplicou certas doses de sofrimento físico.

Permanece, nos modernos mecanismos da justiça criminal, uma relação com o corpo; entretanto, isso é envolvido “cada vez mais amplamente, por uma *penalidade do incorporal*” [grifo nosso] (FOUCAULT, 2014, p. 21). Não seria mais o corpo o objeto a ser punido, mas “a *alma* [grifo nosso]” (FOUCAULT, 2014, p. 21), o *indivíduo* caracterizado por aquele sistema judiciário. Busca-se, então, um castigo que atue “sobre o coração, o intelecto, a vontade, as disposições” (FOUCAULT, 2014, p. 21). Esse é o cenário de realidade incorpórea, de penalidade incorporal. Agora, não é só o corpo que é julgado, mas “as paixões, os instintos, as anomalias, as enfermidades, as inaptações, os efeitos de meio ambiente ou de hereditariedade” (FOUCAULT, 2014, p. 22). Punem-se, pois, “as agressões, mas, por meio delas, as agressividades, as violações e, ao mesmo tempo, as perversões, os assassinatos que são, também, impulsos e desejos” (FOUCAULT, 2014, p. 22). Resumidamente, segundo Foucault:

Desde que funciona o novo sistema penal – o definido pelos grandes códigos dos séculos XVIII e XIX –, um processo global levou os juízes a julgar coisa bem diversa do que crimes: foram levados, em suas sentenças, a fazer coisa diferente de julgar; e o poder de julgar foi, em parte, transferido a instâncias que não são as dos juízes da infração. A operação penal inteira se carregou de elementos e personagens extrajurídicos. Pode-se dizer que não há nisso nada de extraordinário, que é do destino do direito absorver, pouco a pouco, elementos que lhe são estranhos. *Mas uma coisa é singular na justiça criminal moderna: se ela se carrega de tantos elementos extrajurídicos, não é para poder qualificá-los juridicamente e integrá-los pouco a pouco no estrito poder de punir; é, ao contrário, para poder fazê-lo funcionar no interior da operação penal como elementos não jurídicos; é para evitar que essa operação seja pura e simplesmente uma punição legal; é para escusar o juiz de ser pura e simplesmente aquele que castiga* [grifo nosso]. (FOUCAULT, 2014, p. 26).

Foucault alerta o leitor, já no início de seu livro, que deseja fazer uma história dos castigos com base em uma história dos corpos, de uma certa “economia política” do corpo. Segundo o autor, o corpo “está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhes sinais” (FOUCAULT, 2014, p. 29) e, para a sociedade moderna, “o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso” (FOUCAULT, 2014, p. 29). Essa sujeição do corpo, esse saber e controle sob o corpo constituem, para Foucault, o que poderia chamar de “tecnologia política do corpo” (FOUCAULT, 2014, p. 30), trata-se, em grande medida, “de uma microfísica do poder” (FOUCAULT, 2014, p. 30). O “corpo político” seria como o conjunto dos elementos

materiais e das técnicas “que servem de armas, de reforço, de vias de comunicação e de pontos de apoio para as relações de poder e de saber que investem sobre os corpos humanos e os submetem fazendo deles objetos de saber” (FOUCAULT, 2014, p. 31). Para o autor, devemos recolocar as técnicas punitivas “na história desse corpo político. Considerar as práticas penais mais como um capítulo da anatomia política do que uma consequência das teorias jurídicas” (FOUCAULT, 2014, p. 31-32).

Percebemos, na estruturação dessa nova economia da punição, uma preocupação na criação de corpos dóceis, sendo “dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (FOUCAULT, 2014, p. 134). Nos esquemas de docilidade, desde o século XVIII, tem-se a presença da ideia de controle, pois eles identificam a necessidade de trabalhar o corpo detalhadamente, “de exercer sobre ele uma coerção sem folga, de mantê-lo ao mesmo nível da mecânica – movimentos, gestos, atitudes, rapidez: *poder infinitesimal sobre o corpo ativo* [grifo nosso]” (FOUCAULT, 2014, p. 134-135). E, sobre o objeto do controle, sobre a disciplina, Foucault alerta que:

O objeto, em seguida, do controle: não, ou não mais, os elementos significativos do comportamento ou a linguagem do corpo, mas a economia, a eficácia dos movimentos, sua organização interna; a coação se faz mais sobre as forças que sobre os sinais; a única cerimônia que realmente importa é a do exercício. A modalidade enfim: implica uma coerção ininterrupta, constante, que vela sobre os processos da atividade mais que sobre seu resultado e se exerce de acordo com uma codificação que esquadrinha ao máximo o tempo, o espaço, os movimentos. *Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as “disciplinas [...] O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que, no mesmo mecanismo, o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. Se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada* [grifo nosso]. (FOUCAULT, 2014, p. 135-136).

Sendo assim, no decorrer dos séculos XVII e XVIII, a disciplina ganhou a função de “aumentar a utilidade possível dos indivíduos” (FOUCAULT, 2014, p. 203), ou seja, “as disciplinas funcionam cada vez mais como técnicas que fabricam indivíduos úteis”. (FOUCAULT, 2014, p. 204). Segundo Foucault, no decorrer do século XVIII já vemos “multiplicar o número das instituições de disciplina” (FOUCAULT, 2014, p. 204) e a tendência de “disciplinar os aparelhos existentes” (FOUCAULT, 2014, p. 204). Vale lembrar, sempre, que a disciplina “não pode se identificar com uma instituição nem com um aparelho; ela é um tipo de poder, uma modalidade para exercê-lo, que comporta todo um conjunto de instrumentos, de técnicas, de procedimentos, de níveis de aplicação, de alvos; ela é uma ‘física’ ou uma ‘anatomia’ do poder, uma tecnologia” (FOUCAULT, 2014, p. 208). Nossa sociedade então:

Não é de espetáculos, mas de vigilância; sob a superfície das imagens, investem-se os corpos em profundidade; atrás da grande abstração da troca, se processa o treinamento minucioso e concreto das forças úteis; os circuitos da comunicação são os suportes de uma acumulação e centralização do saber; o jogo dos sinais define os pontos de apoio do poder; a totalidade do indivíduo não é amputada, reprimida, alterada por nossa ordem social, mas o indivíduo é cuidadosamente fabricado, segundo uma tática das forças e dos corpos. Somos bem menos gregos que pensamos. Não estamos nem nas arquibancadas nem no palco, mas na máquina panóptica, investidos por seus efeitos de poder que nós mesmos renovamos, pois somos suas engrenagens. (FOUCAULT, 2014, p. 210).

E toda essa aparelhagem para “tornar os indivíduos dóceis e úteis, por meio de um trabalho preciso sobre seu corpo, criou a instituição-prisão, antes que a lei a definisse como a pena por excelência”. (FOUCAULT, 2014, p. 223). De toda forma, no fim do século XVIII e início do XIX, temos a transição a uma penalidade de detenção. A prisão está inserida, então, na história do desenvolvimento de mecanismos disciplinares que, por sua vez, já estavam presentes naquele mundo. A prisão, ambiente disciplinar por excelência, “suruiu tão ligada, e em profundidade, com o próprio funcionamento da sociedade, que relegou ao esquecimento todas as outras punições que os reformadores do século XVIII haviam imaginado” (FOUCAULT, 2014, p. 224). Até quando a prisão era criticada, permanecia a ideia de que “ela é detestável solução, de que não se pode abrir mão”. (FOUCAULT, 2014, p. 224). A adoção da prisão seria óbvia, seria “natural”, assim como é “natural” na nossa sociedade o uso do tempo para medir trocas. Para Foucault:

Mas a obviedade da prisão se fundamenta também em seu papel, suposto ou exigido, de aparelho para transformar os indivíduos. Como não seria a prisão imediatamente aceita, pois se só o que ela faz, ao encarcerar, ao retrainar, ao tornar dócil, é reproduzir, podendo sempre acentuá-los um pouco, todos os mecanismos que encontramos no corpo social? A prisão: um quartel um pouco estrito, uma escola sem indulgência, uma oficina sombria, mas, levando ao fundo, nada de qualitativamente diferente. Esse duplo fundamento — jurídico-

econômico por um lado, técnico-disciplinar por outro — fez a prisão aparecer como a forma mais imediata e mais civilizada de todas as penas. E foi esse duplo funcionamento que lhe deu imediata solidez. Uma coisa, com efeito, é clara: *a prisão não foi primeiro uma privação de liberdade a que se teria dado em seguida uma função técnica de correção; ela foi desde o início uma “detenção legal” encarregada de um suplemento corretivo, ou ainda uma empresa de modificação dos indivíduos que a privação de liberdade permite fazer funcionar no sistema legal* [grifo nosso]. Em suma, o encarceramento penal, desde o início do século XIX, recobriu ao mesmo tempo a privação de liberdade e a transformação técnica dos indivíduos. (FOUCAULT, 2014, p. 225).

Na prisão, “a ação sobre o indivíduo deve ser ininterrupta: disciplina incessante” (FOUCAULT, 2014, p. 228), ela cuida de todas as esferas que compõem aquele indivíduo: questões físicas, seu comportamento diário, sua atitude moral, enfim, sua alma. Tem-se ali uma disciplina despótica, isso porque ela leva à mais forte intensidade todos os processos que encontramos nos outros dispositivos de disciplina: “ela tem que ser a maquinaria mais potente para impor uma nova forma ao indivíduo pervertido; seu modo de ação é a coação de uma educação total”. (FOUCAULT, 2014, p. 228). Percebe-se, então, que a prisão não tem como função somente privar o indivíduo de exercer sua liberdade: ela tem como objetivo principal moldar aquele indivíduo.

E, diferente do que se tinha nas ideias dos reformadores do século XVIII, no decorrer do século XIX, o crime deixa, majoritariamente, de ser visto como uma virtualidade que o “interesse ou as paixões introduziram no coração de todos os homens”. (FOUCAULT, 2014, p. 270). O crime passou a ser entendido como uma “coisa quase exclusiva de uma certa classe social; que os criminosos, que antigamente eram encontrados em todas as classes sociais, saem agora ‘quase que todos da última fileira social’”. (FOUCAULT, 2014, p. 270). Segundo Foucault, nessas condições:

Seria hipocrisia ou ingenuidade acreditar que a lei é feita para todo mundo em nome de todo mundo; que é mais prudente reconhecer que ela é feita para alguns e se aplica a outros; que em princípio ela obriga a todos os cidadãos, mas se dirige principalmente às classes mais numerosas e menos esclarecidas; que, ao contrário do que acontece com as leis políticas ou civis, sua aplicação não se refere a todos da mesma forma; que nos tribunais não é a sociedade inteira que julga um de seus membros, mas uma categoria social encarregada da ordem sanciona outra fadada à desordem. (FOUCAULT, 2014, p. 270).

Desde muito cedo, muitas críticas foram feitas à prisão: sua incapacidade de diminuir a taxa de criminalidade, a reincidência, entre outros males. Entretanto, para Foucault, apesar desse aparente “fracasso”, a prisão continua a existir, pois não erra em seu objetivo principal: criar uma “forma particular de ilegalidade, que ela permite separar, pôr em plena luz e organizar

como um meio relativamente fechado, mas penetrável”. (FOUCAULT, 2014, p. 271). A prisão, segundo Foucault:

Contribui para estabelecer uma ilegalidade, visível, marcada, irreduzível a um certo nível e secretamente útil — rebelde e dócil ao mesmo tempo; ela desenha, isola e sublinha uma forma de ilegalidade que parece resumir simbolicamente todas as outras, mas que permite deixar na sombra as que se quer ou se deve tolerar. (FOUCAULT, 2014, p. 271).

Com isso, a prisão cria uma delinquência, isto é, uma “ilegalidade que o ‘sistema carcerário’, com todas as suas ramificações, investiu, recortou, penetrou, organizou, fechou num meio definido e ao qual deu um papel instrumental, em relação às outras ilegalidades” (FOUCAULT, 2014, p. 271). Para Foucault:

O atestado de que a prisão fracassa em reduzir os crimes deve talvez ser substituído pela hipótese de que a prisão conseguiu muito bem produzir a delinquência, tipo especificado, forma política ou economicamente menos perigosa — talvez até utilizável — de ilegalidade; produzir os delinquentes, meio aparentemente marginalizado, mas centralmente controlado; produzir o delinquente como sujeito patologizado. O sucesso da prisão: nas lutas em torno da lei e das ilegalidades, especificar uma “delinquência”. Vimos como o sistema carcerário substituiu o infrator pelo “delinquente”. E afixou também sobre a prática jurídica todo um horizonte de conhecimento possível. Ora, esse processo de constituição da delinquência-objeto se une à operação política que dissocia as ilegalidades e delas isola a delinquência. A prisão é o elo desses dois mecanismos; permite-lhes se reforçarem perpetuamente um ao outro, objetivar a delinquência por trás da infração, consolidar a delinquência no movimento das ilegalidades. O sucesso é tal que, depois de um século e meio de “fracasso”, a prisão continua a existir, produzindo os mesmos efeitos e que se têm os maiores escrúpulos em derrubá-la. (FOUCAULT, 2014, p. 271-272).

A delinquência, como ilegalidade fechada, separada e útil, teria certo número de vantagens. O que antes era difuso torna-se “um grupo relativamente restrito e fechado sobre os quais se pode efetuar vigilância constante. É possível, além disso, orientar essa delinquência para as formas de ilegalidade que são menos perigosas”. (FOUCAULT, 2014, p. 272-273). E, de certo modo, “a delinquência, ilegalidade dominada, é um agente para a ilegalidade dos grupos dominantes. A implantação das redes de prostituição no século XIX é característica a respeito”. (FOUCAULT, 2014, p. 274). Com a vigilância constante sobre a prostituição, seu enquadramento como delinquentes-indicadores, tudo isso permitiria canalizar e recuperar “através de uma série de intermediários, os enormes lucros sobre um prazer sexual que uma moralização cotidiana cada vez mais insistente votava a uma semiclandestinidad e tornava naturalmente dispendioso”. (FOUCAULT, 2014, p. 274). Com isso, cria-se uma delinquência útil, segundo Foucault:

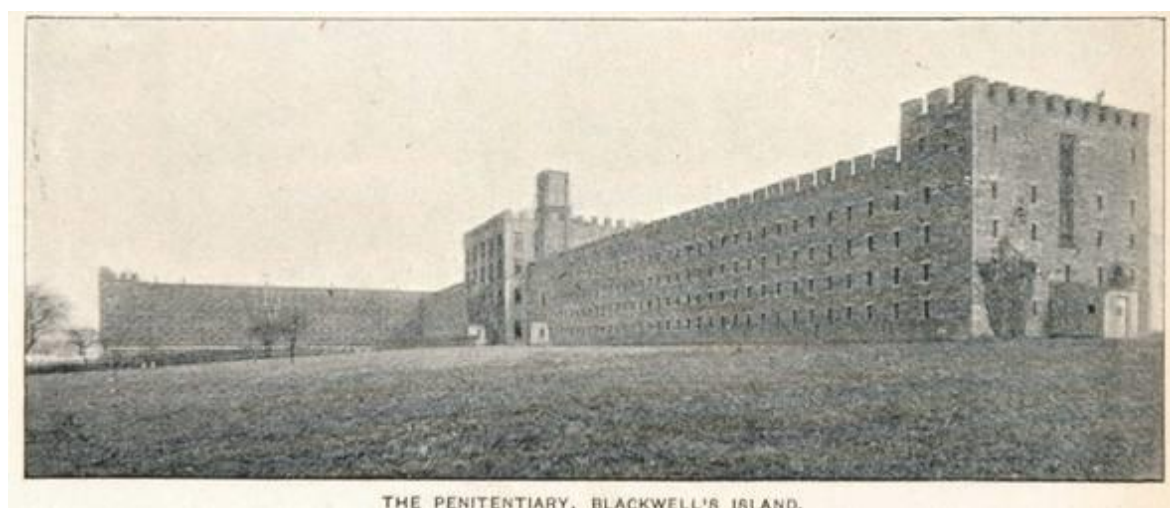
*Na constituição de lucro da sexualidade reprimida e na recuperação desse lucro, o meio delinquente era cúmplice de um puritanismo interessado: um agente fiscal ilícito sobre práticas ilegais. Os tráficos de armas, os de álcool nos países de lei seca, ou, mais recentemente, os de droga, mostrariam da mesma maneira esse funcionamento da “delinquência útil”; a existência de uma proibição legal cria em torno dela um campo de práticas ilegais, sobre o qual se chega a exercer controle e a tirar um lucro ilícito por meio de elementos ilegais, mas tornados manejáveis por sua organização em delinquência. Esta é um instrumento para gerir e explorar as ilegalidades [grifo nosso]. (FOUCAULT, 2014, p.274).*

Além disso, “todo um funcionamento extralegal do poder foi em parte realizado pela massa de manobra constituída pelos delinquentes: polícia clandestina e exército de reserva do poder” (FOUCAULT, 2014, p. 275). Nesse sentido, “pode-se dizer que a delinquência, solidificada por um sistema penal centrado sobre a prisão, representa um desvio de ilegalidade para os circuitos de lucro e de poder ilícitos da classe dominante” (FOUCAULT, 2014, p. 275). A delinquência, necessariamente vigiada, com a quadriculagem geral que autoriza, constitui o “meio de vigilância perpétua da população: um aparelho que permite controlar, por meio dos próprios delinquentes, todo campo social. A delinquência funciona como um observatório político”. (FOUCAULT, 2014, p. 276). A delinquência, então, tem um estatuto ambíguo, pois é “objeto e instrumento para um aparelho de polícia que trabalha contra ela e com ela”. (FOUCAULT, 2014, p. 278). Polícia, prisão, delinquência, três fatores que se “apoiam uns sobre os outros e formam um circuito que nunca é interrompido”. (FOUCAULT, 2014, p. 276).

Em resumo, a prisão é panóptica, mas só é porque a sociedade como um todo também é panóptica. Por todos os lados do tecido social se encontram mecanismos, técnicas de disciplina interligados entre si. É um *continuum* carcerário, e essa é a economia do poder normalizador desenvolvida no XIX. Foucault queria entender a alma do indivíduo punido, essa alma que nasce “de procedimentos de punição, de vigilância, de castigo e de coação” (FOUCAULT, 2014, p. 32), essa alma real e incorpórea “*onde se articulam os efeitos de um certo tipo de poder e a referência de um saber*, a engrenagem pela qual as relações de poder dão lugar a um saber possível, e o saber reconduz e reforça os efeitos de poder”. (FOUCAULT, 2014, p.32-33). Para Foucault, a modernidade não criou um “homem real, objeto de saber, de reflexão filosófica ou de intervenção técnica” (FOUCAULT, 2014, p. 33), isso porque “o homem de que nos falamos e que nos convidam a liberar já é em si mesmo o efeito de uma sujeição bem mais profunda que ele” (FOUCAULT, 2014, p. 33), “uma ‘alma’ o habita e o leva à existência, que é ela mesma uma peça no domínio exercido pelo poder sobre o corpo. *A alma, efeito e instrumento de uma anatomia política; a alma, prisão do corpo [grifo nosso]*”.

(FOUCAULT, 2014, p. 33). Essa alma que funciona como prisão do corpo acreditamos que seja com ela que Emma Goldman está preocupada.

Emma Goldman foi alvo de investigações por parte das autoridades em inúmeros momentos de sua vida, sendo considerável a quantidade de documentos governamentais que comprovam tal situação<sup>104</sup>. Seja por conta de sua atuação enquanto oradora ou devido a seus escritos, a esfera pública e o governo estiveram, a partir de 1892, sempre atentos para a atuação de nossa pensadora. Apesar das inúmeras acusações e detenções, salta aos olhos o ano de 1893, momento no qual Goldman foi presa sob a acusação de incitar a desordem durante as manifestações que ocorreram na Union Square. Tal acusação resultou em uma pena de um ano que Goldman cumpriu na Blackwell's Island<sup>105</sup>. Essa ilha, além da prisão, também contava com um complexo de asilos e hospitais, entre os quais estava um hospital destinado aos “incuráveis” (àqueles com doenças crônicas e graves), como também para pacientes diagnosticados com varíola. Essa ilha, fria e cinzenta, foi palco de muitos horrores, como demonstrou Nellie Bly<sup>106</sup>.



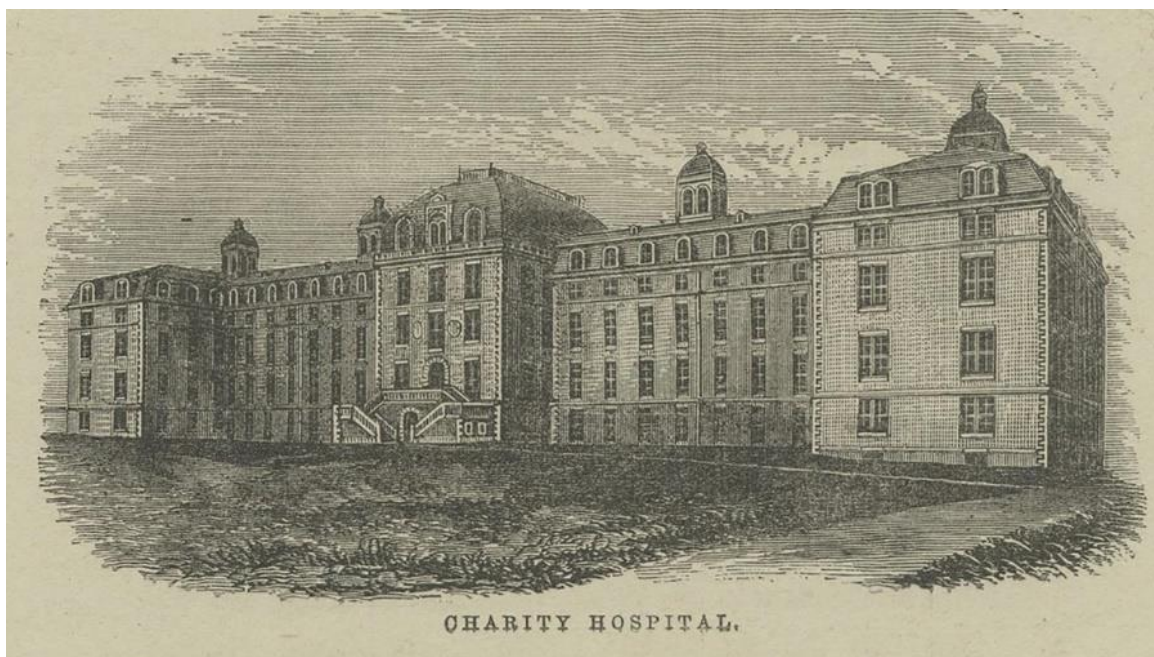
**Figura 14.** "Print Penitentiary Blackwell's Island New York, 1893. NYC ORIGINAL HISTORIC NY2". Disponível em: <https://www.periodpaper.com/products/1893-print-penitentiary-blackwells-island-new-york-nyc-original-historic-image-009742-ny2-267> . Acesso: 21/01/21.

<sup>104</sup>Ver: <https://archive.org/details/emmagoldmanpapers>. Acesso 21/01/2021.

<sup>105</sup>Atualmente chamada de Roosevelt Island.

<sup>106</sup>Jornalista estadunidense (1864-1922) que, após ficar disfarçada como uma paciente mentalmente doente na Ilha Blackwell, relatou os absurdos e condições sub-humanas ali presentes no livro *Ten Days in a Madhouse* (1897).





**Figura 15.** “*The Hospital at Roosevelt Island*”. Disponível em: *New York Public Library* <http://catalog.nypl.org/record=b13476046>. Acesso: 21/01/21.

Goldman já havia ouvido falar da penitenciária, pois alguns de seus conhecidos já haviam sido encarcerados lá e, por isso, ela já sabia que a Blackwell's Island deixava “sempre sua marca” (GOLDMAN, 1996a, p. 125). Como já mencionado<sup>107</sup>, por conta das condições insalubres do edifício, Goldman ficou doente, sendo transferida, então, para a enfermaria da prisão, localizada “en la habitación más grande y luminosa de todo el edificio”<sup>108</sup> (GOLDMAN, 1996a, p. 166-167). Ali, se recuperou dentro de um mês, devido à atenção do “humano y amable”<sup>109</sup> Dr. White (GOLDMAN, 1996a, p. 166-167). E, nas palavras da própria Emma, sua recuperação se deu também em virtude das “atenciones de mis compañeras de prisión me aliviaron de mis dolores y me permitieron volver a la vida normal otra vez”<sup>110</sup> (GOLDMAN, 1996a, p. 166-167). Após a melhora, Goldman recebeu, por parte do Dr. White, a proposta de “quedarme en el hospital a cuidar de los enfermos”<sup>111</sup> (GOLDMAN, 1996a, p. 167). Ao descrever seu cotidiano ali, Goldman ressaltou que:

Había dieciséis camas, la mayoría de ellas estaban siempre ocupadas. Todas las enfermedades se trataban en la misma habitación, desde operaciones graves a tuberculosis, neumonía y paitos. Mi horario era largo y fatigoso, los lamentos de los enfermos me crispaban los nervios, pero me gustaba mi

<sup>107</sup>Ver tópico 1.1. da presente dissertação.

<sup>108</sup>Tradução: “na maior e mais iluminada sala de todo o edifício”. (tradução nossa).

<sup>109</sup>Tradução: “humano e gentil”. (tradução nossa).

<sup>110</sup>Tradução: “atenções das minhas companheiras de prisão aliviaram-me da minha dor e permitiram-me voltar à vida normal novamente”. (tradução nossa).

<sup>111</sup>Tradução: “ficar no hospital para cuidar dos enfermos”. (tradução nossa).

trabajo. Me dio la oportunidad de estar cerca de las enfermas y de llevar un poco de ánimo a sus vidas<sup>112</sup>. (GOLDMAN, 1996a, p. 167).

Visto que a dieta oferecida na prisão não era das melhores e que Goldman recebia de seus companheiros “semanalmente fruta y otros manjares”<sup>113</sup> (GOLDMAN, 1996a, p. 167), nossa pensadora não só cuidava da saúde das prisioneiras, como também tinha a “alegría poder compartir con mis hermanas, que no tenían amigos ni recibían atenciones”<sup>114</sup> (GOLDMAN, 1996a, p. 167). Segundo Goldman, “había unas pocas excepciones, por supuesto; pero la mayoría no tenía nada” (GOLDMAN, 1996a, p. 167), afinal, “*nunca tuvieron nada antes, y no tendrían nada después de su puesta en libertad. Eran desechos en el estercolero social [grifo nosso]*”<sup>115</sup> (GOLDMAN, 1996a, p. 167). Ainda sobre a alimentação das prisioneiras, Goldman relata que:

Poco a poco me fueron dejando a cargo de todo lo referente a la enfermería, siendo parte de mis deberes dividir las raciones especiales destinadas a las enfermas. Éstas consistían en un cuarto de litro de leche, una taza de caldo de carne, dos huevos, dos galletas y dos terrones de azúcar por paciente. En varias ocasiones faltó leche y huevos, de lo que informé a la matrona de día. Más tarde me informó de que la matrona jefe había dicho que no importaba, que algunas pacientes estaban lo suficientemente fuertes como para prescindir de las raciones especiales. Tuve muchas oportunidades para observar a la matrona jefe, la cual sentía aversión por todos los que no fueran anglosajones. El blanco de su odio eran, en particular, los irlandeses y los judíos, a los que discriminaba habitualmente. Por lo tanto, no me sorprendió recibir tal mensaje de su parte<sup>116</sup>. (GOLDMAN, 1996a, p. 167-168).

---

<sup>112</sup>Tradução: “havia dezesseis leitos, a maioria deles sempre ocupados. Todas as doenças eram tratadas na mesma sala, desde operações graves a tuberculose, pneumonia e paítos. Minhas horas eram longas e cansativas, os gemidos dos doentes me deixavam nervosa, mas gostava do meu trabalho. Me deu a oportunidade de estar perto dos enfermos e trazer um pouco de encorajamento para suas vidas”. (tradução nossa).

<sup>113</sup>Tradução: “frutas semanais e outras iguarias”. (tradução nossa).

<sup>114</sup>Tradução: “alegría de poder compartilhar com minhas irmãs, que não tinham amigos nem recebiam atenção”. (tradução nossa).

<sup>115</sup>Tradução: “havia algumas exceções, é claro; mas a maioria não tinha nada. Eles nunca tiveram nada antes, e não teriam nada depois de sua libertação. Foram desperdiçados no monte de esterco social”. (tradução nossa).

<sup>116</sup>Tradução: “aos poucos me deixaram encarregada de tudo relacionado à enfermaria, cabendo a mim repartir as rações especiais destinadas aos enfermos. Consistiam em um quarto de litro de leite, uma xícara de caldo de carne, dois ovos, dois biscoitos e dois cubos de açúcar por paciente. Em várias ocasiões faltou leite e ovos, o que informei à enfermeira do dia. Mais tarde, ela me informou que a enfermeira-chefe dissera que não importava, que alguns pacientes eram fortes o suficiente para dispensar as rações especiais. Tive muitas oportunidades de observar a enfermeira-chefe, que não gostava de todos os que não eram anglo-saxões. Os alvos de seu ódio eram, em particular, os irlandeses e judeus, a quem ela rotineiramente discriminava. Portanto, não fiquei surpreso ao receber tal mensagem dela”. (tradução nossa).

Goldman considerava que a Blackwell's havia sido “una escuela más dolorosa, pero más vital”<sup>117</sup> (GOLDMAN, 1996a, p. 178), pois ali ela entrou “en contacto con las profundidades y complejidades del alma humana [...] había encontrado la fealdad y la belleza, el egoísmo y la generosidade”<sup>118</sup> (GOLDMAN, 1996a, p. 178), ali “también, había aprendido a ver la vida a través de mis propios ojos y no a través de los de Sasha, Most o Ed”<sup>119</sup>. (GOLDMAN, 1996a, p. 178). Por fim, para Goldman:

La prisión había sido el crisol que había puesto a prueba mi fe. Me había ayudado a descubrir mi propia fuerza, *la fuerza para permanecer sola*, la fuerza para vivir mi vida y luchar por mis ideales, contra el mundo entero si fuera necesario. ¡El Estado de Nueva York no podría haberme hecho un favor más grande que el de mandarme al penal de Blackwell's Island!<sup>120</sup>. [grifo nosso]. (GOLDMAN, 1996a, p. 178).

Emma não só vivenciou a prisão, mas também escreveu sobre ela. Como observamos acima, em sua autobiografia, Emma ressaltou os aspectos insalubres da prisão, como também, em outros textos, reconheceu a dificuldade de “ficar sozinha” nesses ambientes disciplinares. Como demonstrou Foucault, esse isolamento é parte constitutiva da instituição prisão e, de fato, tem uma função significativa no processo de moldar indivíduos, objetivo principal da prisão. Com o intuito de compreender melhor a visão de Emma em torno da prisão, investigaremos o artigo *Prisons: A Social Crime and Failure*<sup>121</sup>, publicado por Goldman em 1911.

Emma iniciou seu artigo citando a obra *O padre e o demônio*, de Fiódor Dostoiévski<sup>122</sup>, demonstrando que as fábricas, as fazendas e as prisões foram caracterizadas corretamente por Dostoiévski como um inferno na Terra. Goldman ressaltou que, apesar das “nossas grandes mudanças sociais e nossas descobertas de longo alcance, os seres humanos continuam a ser enviados para o pior dos infernos, aonde são ultrajados, degradados e torturados” (GOLDMAN, 2005, p. 59), isso tudo “para que a sociedade seja ‘protegida’ desses fantasmas de sua própria criação” (GOLDMAN, 2005, p. 59). Em sua concepção, considerar a prisão como uma forma

<sup>117</sup>Tradução: “uma escola mais dolorosa, mas mais vital”. (tradução nossa).

<sup>118</sup>Tradução: “em contato com as profundezas e complexidades da alma humana [...] havia encontrado a feiura e a beleza, o egoísmo e a generosidade”. (tradução nossa).

<sup>119</sup>Todos companheiros de luta de Emma Goldman. Tradução: “além disso, aprendi a ver a vida com meus próprios olhos e não com os de Sasha, Most ou Ed”. (tradução nossa).

<sup>120</sup>Tradução: “a prisão foi o caldeirão que testou minha fé. Isso me ajudou a descobrir minha própria força, *a força para ficar sozinha*, a força para viver minha vida e lutar por meus ideais, contra o mundo inteiro, se necessário. O estado de Nova York não poderia ter me feito um favor maior do que me mandar para a Prisão da Ilha de Blackwell's!” [grifo nosso]. (tradução nossa).

<sup>121</sup>Tradução: “Prisões: falência e crime social”. (tradução nossa).

<sup>122</sup>Fiódor Dostoiévski (1821-1881) foi um escritor, filósofo e jornalista do Império Russo. É considerado um dos maiores romancistas e pensadores da história.

de proteção social seria como "dizer que a saúde pode ser promovida pela disseminação de uma epidemia" (GOLDMAN, 2005, p. 59).

Citando Oscar Wilde<sup>123</sup>, Goldman ressaltou também que a sociedade continuava perpetuando o ar envenenado da prisão, “não percebendo que disso só podem sair os mais venenosos resultados” (GOLDMAN, 2005, p. 60). Outro fator mobilizado por Goldman para evidenciar os problemas do sistema prisional diz respeito ao montante de dinheiro gasto para manter esse sistema funcionando. Segundo Goldman, os Estados Unidos estavam "gastando, no presente, \$ 3,500,000 por dia, \$ 1,000,095,000 ao ano, para manter as instituições prisionais, e isso em um país democrático” (GOLDMAN, 2005, p. 60), e isso era “um total quase tão grande quanto a soma da produção de trigo, que vale \$ 750,000,000, e a produção de carvão, avaliada em \$ 350,000,000" (GOLDMAN, 2005, p. 60). Ainda segundo nossa pensadora:

O professor Bushnell, de Washington D.C, estima o custo das prisões em \$ 6,000,000,000 anuais, e o Dr. G. Frank Lydson, um eminente escritor norte-americano sobre crime, estima, como um valor razoável, \$ 5,000,000,000 anuais. É uma despesa incalculável para manter um vasto exército de seres humanos enjaulados como animais selvagens! (GOLDMAN, 2005, p. 60).

Segundo Goldman, apesar dos valores exorbitantes, “os crimes aumentam” (GOLDMAN, 2005, p. 60) e, assim, “sabemos que, na América, há 4,5 vezes mais crimes para cada milhão de habitantes hoje do que há 20 anos” (GOLDMAN, 2005, p. 60). Apesar da existência das prisões, Chicago contava com “118 assassinatos anuais” (GOLDMAN, 2005, p. 60) e, para Goldman, “diante de uma situação tão terrível, parece ridícula tagarelice dizer que a proteção da sociedade deriva das prisões” (GOLDMAN, 2005, p. 60). Para nossa pensadora, a sociedade contemporânea começou a perceber as insuficiências desse sistema prisional, pois as “amplas investigações sobre prisões, agitação e educação nos últimos anos são provas conclusivas que os homens estão aprendendo a ir fundo nos alicerces da sociedade, às causas da *terrível discrepância entre a vida individual e social* [grifo nosso]”. (GOLDMAN, 2005, p. 61).

No referido artigo, a preocupação principal de Goldman foi compreender os motivos que levavam as prisões a serem um fracasso e um crime social. E, para cumprir tal tarefa, Goldman vai dissertar sobre três aspectos: a natureza e causa dos crimes, os métodos adotados para combatê-los e a suposta eficácia desses métodos. Para entender a natureza do crime, Goldman recorreu à produção de Havelock Ellis<sup>124</sup>, autor que, compartilhando dos discursos da

<sup>123</sup>Oscar Wilde, *The ballad of reading goal*. Oscar Wilde (1854-1900) foi um influente escritor, poeta e dramaturgo irlandês.

<sup>124</sup>Henry Havelock Ellis (1859-1939) foi um médico, psicólogo britânico e reformador social que se destacou por seus estudos sobre a sexualidade humana.

época, também "divide o crime em quatro tipos: o político, o passional, o insano e o ocasional" (GOLDMAN, 2005, p. 61). Emma ressalta, ainda, que, para o médico, "o criminoso político é a vítima de uma tentativa de um governo mais ou menos despótico por preservar sua própria estabilidade" (GOLDMAN, 2005, p. 61), dessa forma, o criminoso "não é necessariamente culpado de uma atitude antissocial; simplesmente tenta reverter uma certa ordem política que pode ser ela mesma antissocial" (GOLDMAN, 2005, p. 61).

Na sequência, Goldman diz que, para Ellis, "o criminoso político de nosso tempo ou lugar pode ser o herói, o mártir, o santo de outra época" (GOLDMAN, 2005, p. 62) e que, além disso, Lombroso<sup>125</sup> "denomina o criminoso político como o verdadeiro precursor do movimento progressivo da humanidade" (GOLDMAN, 2005, p. 62). As afirmações de Goldman sobre a perspectiva de Ellis estão corretas; ele realmente acreditava nas ideias acima descritas por nossa pensadora, como podemos verificar em sua obra *The Criminal*<sup>126</sup>. Entretanto, durante o desenvolvimento da presente pesquisa, não conseguimos acessar fontes que comprovem que Lombroso acreditava que o criminoso político era o "verdadeiro precursor do movimento progressivo da humanidade". E, convenhamos, parece pouco provável que essa afirmação tenha realmente saído da narrativa criada por Lombroso, isto é, em última instância, parece pouco provável que Lombroso narrasse o criminoso político dentro da chave do positivo. Então, porque Emma diz que Lombroso afirmou tal coisa? Pois bem, Emma, ao afirmar que o médico italiano valorizava o criminoso político, está reproduzindo as palavras de Ellis, que, de fato, afirmou isso no capítulo 1 de sua obra *The Criminal*. Dito isso, *no que se refere ao artigo Prisons: A Social Crime and Failure*, parece que a produção de Lombroso chega a Goldman através das lentes de Ellis que, em sua obra *The Criminal*, cita incessantemente o médico italiano.

Já sabemos, com base na atuação de Goldman enquanto oradora e escritora, que ela não compactuava com a visão que compreendia os atos políticos que se utilizam da violência explícita, como é o caso das práticas de "propaganda pelo feito", como atos de violência antissocial gratuita. Sobre essa questão, flertando com a visão de Ellis, Goldman diz que:

O que acontece quando um homem, refletindo intensamente sob o fermento de novos ideais, vê no horizonte a esperança, compreende que seu sofrimento e o de seus irmãos não são obra da crueldade do destino, mas da injustiça de outros seres humanos, o que acontece quando vê os que lhe são mais caros morrerem de fome, quando ele próprio morre de fome? Alguns seres humanos, não menos sociáveis nem os menos sensíveis, tornam-se violentos. *É uma*

<sup>125</sup>Cesare Lombroso (1835-1909) foi um psiquiatra, cirurgião, higienista, criminologista italiano.

<sup>126</sup>Tradução: "O criminoso". (tradução nossa). Tais ideias estão descritas no capítulo 1 da obra. Ver: <https://www.gutenberg.org/files/44500/44500-h/44500-h.htm>. Acesso 20/09/2021.



*violência social, e não antissocial*<sup>127</sup> [grifo nosso], que golpeia com e quem pode, não age individualmente, mas em nome da condição humana, ultrajada, pisoteada. Comparada à violência do capital, a violência política é apenas uma gota no oceano. Inevitável ante a tirania <sup>128</sup>. Tão inevitável quanto respirar. (GOLDMAN apud LOBO, 1983, p. 32).

Como já mencionado, a própria Goldman participou de um ato político que poderia ser caracterizado como uma prática de “propaganda pelo fato”, isso em 1892, no atentado contra Henry Frick<sup>129</sup>. E, muito em virtude das consequências negativas desse ato, Goldman passou a perceber a insuficiência dessa estratégia. Apesar disso, durante toda sua vida, nossa pensadora defendeu a liberdade para aqueles que, assim como Leon Czolgosz<sup>130</sup>, assassinaram seus presidentes por motivos sociais.

O fato curioso, por outro lado, é Goldman, tendo essa perspectiva descrita acima, desenvolver uma forma de se utilizar da produção de Lombroso para legitimar ainda mais sua visão. Ao dizer que Lombroso “denomina o criminoso político como o verdadeiro precursor do movimento progressivo da humanidade” (GOLDMAN, 2005, p.62), Goldman está, ainda que de forma tangencial, usando da produção do médico para reforçar a sua ideia de que o criminoso político pode ser visto como alguém que detém uma excelente justificativa moral e, mais do que isso, um impulso social (a insatisfação com o mundo desigual e violento) para sua ação política violenta.

O fato de Emma Goldman fazer uso de parte da produção de Lombroso é, aparentemente, inusitada, já que vemos na antropologia criminal do italiano ideias que, de fato, estão em contradições evidentes com a própria visão que Emma tinha sobre as causas dos crimes. Isso porque, apesar de Emma não negar que fatores biológicos e psicológicos influenciam no surgimento de crimes, ela, simultaneamente, atenta para a influência determinante que o meio social/político/cultural/econômico possui para o surgimento dos crimes. Dado o enfoque que Emma direciona ao meio social/político/cultural/econômico, sua perspectiva sobre o crime já se afasta, quase que de imediato, da de Lombroso. Mas, como já mencionamos, Emma cita o médico italiano da forma como ele é descrito por Ellis. Nesse sentido, percebemos que, apesar de Emma citar Lombroso, o cita pelas lentes de Ellis e, *nesse*

---

<sup>127</sup>Nomenclatura presente na visão de Havelock Ellis (*The Criminal*).

<sup>128</sup>Segundo Elisabeth, posteriormente, Goldman começa a repensar os resultados positivos oriundos desse tipo de ação.

<sup>129</sup>Henry Clay Frick (1849-1919) foi um industrial estadunidense.

<sup>130</sup>Leon Czolgosz (1873-1901) foi um jovem americano de origem polonesa que, em 1901, assassinou o presidente dos Estados Unidos William McKinley. Sua execução foi uma das poucas da época a ser registrada em vídeo pelo inventor Thomas Edison.

*caso em específico*, podemos dizer que o médico italiano não é um protagonista dentro das redes intelectuais de Emma Goldman.

Para falar sobre o crime passional, Goldman cita novamente a obra *The criminal* de Ellis, isso para mostrar que, na perspectiva do médico, o "criminoso passional é comumente um criminoso bem-nascido e de vida honesta, que sob um grande *stress*, um incidente, tomou a justiça nas suas mãos" (GOLDMAN, 2005, p. 62). Além disso, Goldman recorreu ao artigo de Hugh C. Weir<sup>131</sup>, denominado *The menace of the police*<sup>132</sup>, como também à novela de Brand Whitlock<sup>133</sup> chamada *The turn of the balance*<sup>134</sup>, para ilustrar o fato de que ambos os casos demonstram "como os aspectos legais do crime, e os métodos para tratá-los, ajudam a criar a doença que está minando a nossa vida social" (GOLDMAN, 2005, p. 62). Provavelmente, Goldman utiliza-se aqui dessas referências para reafirmar sua visão de que a prisão não pode ser vista como uma forma de garantir a proteção social; pelo contrário, deve ser vista como um problema em si, uma violência em si. Vale lembrar que Hugh C. Weir e Brand Whitlock não são citados na obra de Ellis, mas são utilizados por Goldman para fortalecer sua argumentação. Emma, de fato, bebia em muitas fontes.

Goldman ressaltou, também, que Ellis considerava que o "criminoso insano, na verdade, não pode ser considerado criminoso mais que uma criança pois está sob condição mental semelhante à de uma criança ou de um animal". Apesar de existir uma legislação específica para esses casos, Goldman lembra que "apenas em casos raros de natureza muito flagrante, *ou quando riqueza do acusado permite o luxo da insanidade criminal* [grifo nosso]" (GOLDMAN, 2005, p. 62), a pena é definida em cima dessa legislação específica. Segundo ela, "ficou na moda ser vítima de paranoia, mas, em geral, a 'soberania da justiça' continua a punir os crimes de insanidade com toda a severidade" (GOLDMAN, 2005, p. 62). Severidade essa provada pelas estatísticas citadas por Ellis que demonstrava que "na Alemanha, 106 loucos, de 144 criminosos insanos, foram condenados a punições severas" (GOLDMAN, 2005, p. 62-63). Com isso, vemos que, na concepção de Goldman, a própria sentença de um crime era, muitas vezes, marcada por contornos classistas.

Ainda identificando a natureza dos crimes, Goldman ressalta que o criminoso ocasional aparece em Ellis como aquele que "representa, de longe, a maior parte de nossa

<sup>131</sup>Disponível em: <https://www.newspapers.com/clip/7740673/1910-03-21theindianapolisnewsthemen/>. Acesso 19/01/2021. Hugh C. Weir (1884-1934) foi um jornalista estadunidense.

<sup>132</sup>Tradução: "A ameaça da polícia". (tradução nossa).

<sup>133</sup>Brand Whitlock foi (1869-1934) um jornalista americano, advogado, político, e autor de numerosos artigos e livros, romances e não-ficção.

<sup>134</sup>Tradução: "A virada da balança". (tradução nossa).

população carcerária, portanto, a maior ameaça ao bem-estar social” (GOLDMAN, 2005, p. 63). A partir daí, Goldman se preocupou em entender os motivos que levavam um vasto contingente de pessoas a escolher o crime. Segundo Goldman, "esta causa, certamente, deve ser inexorável, pois deixa suas vítimas sem saída, *pois até o mais depravado ser humano ama a liberdade* [grifo nosso]" (GOLDMAN, 2005, p. 63). Para a anarquista, essa força inexorável “*está condicionada por nossa cruel disposição social e econômica* [grifo nosso]" (GOLDMAN, 2005, p. 63). Ainda segundo Goldman, mesmo que não se deva “negar os fatores biológicos, fisiológicos ou psicológicos na realização do crime” (GOLDMAN, 2005, p. 63), “dificilmente se encontra um eminente criminólogo que não concordará que as *influências sociais e econômicas são as mais implacáveis* [grifo nosso], as sementes mais venenosas do crime” (GOLDMAN, 2005, p. 63).

Nesse sentido, “mesmo admitindo que existam tendências criminais inatas, não é menos verdade que estas tendências encontram campo fértil em nosso ambiente social” (GOLDMAN, 2005, p. 63). Ainda para reforçar o peso que o meio social/político/cultural/econômico tem no desenvolvimento do criminoso, Goldman lembra ao leitor que, em *The criminal*, Ellis cita Adolphe Quételet<sup>135</sup> e Alexandre Lacassagne<sup>136</sup> para mostrar que o primeiro via “a sociedade como fomentadora dos crimes e os criminosos como instrumentos de sua execução” (GOLDMAN, 2005, p. 63), já “o último acha que ‘o ambiente social é o meio de cultivo da criminalidade; que o criminoso é o micróbio, um elemento que apenas se torna importante quando encontra o meio, que provoca sua fermentação; toda *sociedade tem os criminosos que merece*’” (GOLDMAN, 2005, p. 63).

Ainda ressaltando a ligação entre meio, crime e classe, Goldman relembra que “milhares de pessoas são constantemente adicionadas à multidão dos desempregados. De leste a oeste, do sul ao norte, este vasto exército caminha em busca de trabalho ou comida, e tudo que encontra *são reformatórios ou favelas* [grifo nosso]" (GOLDMAN, 2005, p. 64). E, “aqueles que ainda têm uma centelha de *auto-respeito* [grifo nosso], preferem o desafio aberto, preferem o crime à posição esquelética e degradada da pobreza” (GOLDMAN, 2005, p. 64). Aqui, vemos que, dentro da perspectiva goldimianiana, o próprio sistema capitalista cria um meio propício para o desenvolvimento de crimes, isso porque, ao destinar os reformatórios e favelas para os oprimidos, o sistema também encontra aqueles dispostos a resistir usando da

---

<sup>135</sup>Adolphe Quételet (1796-1874) foi um astrônomo, matemático, demógrafo, estatístico e sociólogo belga do século XIX.

<sup>136</sup>Alexandre Lacassagne (1843-1924) médico e criminologista francês, foi o fundador da escola de criminologia Lacassagne, com sede em Lyon e influente de 1885 a 1914, e o principal rival da escola italiana de Lombroso.



violência e/ou de táticas consideradas ilegais pelo Estado e pelo Capital. Para legitimar ainda mais sua posição, Goldman afirma que:

Edward Carpenter estima que cinco sextos dos crimes sujeitos à sanção penal consistem em alguma violação ao direito de propriedade; mas este é um número muito baixo. Uma investigação completa provaria que nove em dez crimes poderiam ser ligados, direta ou indiretamente, às nossas injustiças sociais e econômicas, ao nosso sistema de exploração e usurpação sem compaixão. Não há criminoso tão estúpido, que não reconheça este terrível fato, apesar de ele não ser capaz de dar-se conta disto. (GOLDMAN, 2005, p. 64).

Após identificar que fatores econômicos, políticos, morais e físicos são “os micróbios do crime” (GOLDMAN, 2005, p. 65), Goldman levanta a seguinte questão: “como pode a sociedade enfrentar esta situação?” (GOLDMAN, 2005, p. 65). Certamente, considerava Goldman, “a sociedade tem mantido o objetivo primitivo ao lidar com o criminoso, que é a *vingança* [grifo nosso]” (GOLDMAN, 2005, p. 65) e, dessa forma, “nós não estamos hoje mais perto de uma solução do que na idade das trevas” (GOLDMAN, 2005, p. 65). Essa prática de vingança moderna, representada nas leis, mostra, para Goldman, que o “homem civilizado despido de coragem e audácia, tem delegado a um *organizado maquinário* a responsabilidade de vingar-se por ele de suas ofensas, baseado na tola crença que o Estado se justifica ao fazer aquilo para o qual ele não tem mais a virilidade ou consistência” (GOLDMAN, 2005, p. 65). Emma acerta ao identificar a existência desse “organizado maquinário” que, posteriormente, Foucault estudou e demonstrou seus níveis de complexidade.

E, se a punição legalizada, repleta de “confusão teológica” (GOLDMAN, 2005, p. 65), em teoria tinha o intuito de adotar a punição como uma forma de purificação (uma forma de reparação do pecado), na prática, ela exercita a punição como “aplicação da dor sobre o criminoso” (GOLDMAN, 2005, p. 66) e essa dor também serve “para provocar um efeito aterrorizante sobre outros” (GOLDMAN, 2005, p. 66). Como Foucault demonstrou, não é em nome da “humanidade”<sup>137</sup> que ocorreu a redistribuição do poder de castigar nos séculos XVIII e XIX, mas pela busca por métodos mais eficazes de punir e de modificar a alma do preso. E, no trecho acima, percebemos que Goldman também reconheceu que o caráter violento, pouco “humanitário”, continuou após essa redistribuição do punir que originou a prisão do XIX/XX. Emma sabia, por experiência própria, que a prisão sempre aplicou certas doses de punições físicas.

---

<sup>137</sup>Ver (FOUCAULT, 2014, p. 90).

Além de criticar o “império do terror”, isto é, as instituições responsáveis pela repressão dos crimes, Goldman ressaltou que, aqueles que são absolvidos da pena de morte<sup>138</sup>, na prisão, serão submetidos a um processo no qual são roubados seus direitos enquanto humano. Nesse cenário carcerário, ainda que permaneçam vivos, algo morre dentro deles. Na prisão, esse indivíduo é transformado em um ser degradado, em “um mero autômato sem desejo ou sensações, totalmente dependente da misericórdia de seus guardiães, passa diariamente por um *processo de desumanização* que, a ele comparada, a vingança selvagem é brincadeira de criança” [grifo nosso] (GOLDMAN, 2005, p. 66-67).

Nesse sentido, para Goldman, não havia “uma única instituição penal ou reformatório nos Estados Unidos em que os homens não sejam torturados para ‘tornarem-se bons’” (GOLDMAN, 2005, p. 67) e essa busca pelo homem bom, se dá, lembra Goldman, “por intermédio do cassetete, da clava, da camisa de força, da água para o afogamento, do *humming bird* (uma corrente elétrica que percorre o corpo humano), da solitária e da dieta de fome” (GOLDMAN, 2005, p. 67). Nossa pensadora também criticou a forma como a sociedade lidava com aquelas pessoas que, após cumprir suas penas, ganhavam a liberdade. Pois, geralmente, essas pessoas eram jogadas para fora da prisão “sem nada, mas com a fome e a desumanidade para recebê-las” (GOLDMAN, 2005, p. 67) e, com isso, “estas vítimas logo mergulham novamente no crime como a única possibilidade de existência” (GOLDMAN, 2005, p. 67). O ciclo volta a seu início.

Dito tudo isso, parecia óbvio, para Goldman que “a sociedade deveria, com grande imunidade, *abolir as prisões de uma vez, do que esperar por proteção dessas câmaras de horrores do século vinte* [grifo nosso]” (GOLDMAN, 2005, p. 67). “Abolir as prisões de uma vez”, impossível não lembrar de Michel Foucault. Sobre os projetos de aperfeiçoamento do modelo prisional, Goldman afirma que “apesar de louvável” (GOLDMAN, 2005, p. 68), ela temia “ser impossível esperar por bons resultados, despejando um bom vinho numa garrafa mofada” (GOLDMAN, 2005, p. 68). Pois bem, o que fazer então? Segundo Goldman, nada menos que “uma reconstrução completa da sociedade livrará a humanidade do câncer do crime [...] o primeiro passo a ser dado é a *renovação da consciência social* [grifo nosso], que está em uma condição particularmente dilapidada” (GOLDMAN, 2005, p. 68). A sociedade precisaria ser despertada para o fato que “o crime é uma questão de grau, que todos nós temos o embrião do crime dentro de nós, mais ou menos, de acordo com nosso ambiente mental, físico e social;

---

<sup>138</sup>Goldman também se colocava contra as sentenças definitivas, pois “a esperança de liberdade e de oportunidade é o único incentivo para a vida, especialmente para a vida de um presidiário” (GOLDMAN, 2005, p. 72).

e que o indivíduo criminoso é somente um reflexo das tendências da massa” (GOLDMAN, 2005, p. 68).

Novamente, vemos que o caminho proposto por Goldman necessariamente perpassa por uma mudança estrutural, uma mudança cultural, uma mudança de valores, uma renovação da consciência individual e social. Despertar a mente das pessoas para a falência da prisão, se utilizar da imprensa pública para contribuir nessa mudança de valores, criando, assim, um discurso “contra-hegemônico”, essas seriam formas de contribuir para o fim do sistema punitivo da época. Nas palavras da própria Emma Goldman:

Com a consciência social despertada, o indivíduo comum pode aprender a recusar a “honra” de ser o cão de caça da lei. Ele pode parar de perseguir, desprezar, desconfiar do criminoso social e lhe dar uma chance de viver e respirar entre seus companheiros. As instituições são, obviamente, mais difíceis de serem atingidas. Elas são frias, impenetráveis e cruéis; no entanto, com a consciência social despertada pode ser possível libertar as vítimas das prisões, da brutalidade dos oficiais, guardas e carcereiros. A opinião pública é uma arma poderosa; até os guardiões da presa humana a temem. Eles podem ser educados com um pouco de humanidade, especialmente se perceberem que seus trabalhos dependem disso. (GOLDMAN, 2005, p.68-69).

Outro fator relevante para a mudança na condição atual dos presos, segundo Goldman, é “dar ao prisioneiro o direito de trabalhar durante o aprisionamento” (GOLDMAN, 2005, p. 69), pois “com alguma recompensa monetária que pode permitir que ele poupe algo para o dia de sua libertação, o começo de uma nova vida” (GOLDMAN, 2005, p. 69). Goldman ressaltou, ainda, que “os prisioneiros sempre trabalharam” (GOLDMAN, 2005, p. 69), pois, afinal, “os Estados ou têm usado os condenados para trabalhar para o governo, ou têm subcontratado o trabalho do condenado para particulares” (GOLDMAN, 2005, p. 69). Já que eles sempre trabalham, o justo seria ficarem com o dinheiro referente a tal trabalho, entretanto, Goldman usa os dados das publicações do *National Committee on Prison Labor*<sup>139</sup> para mostrar que:

A ilha Rhode, Estado dominado por Aldrich, talvez expresse o pior exemplo. Em um contrato de 5 anos, elaborado em 7 de julho de 1906, e renovável por mais cinco anos, por opção dos próprios contratantes, o trabalho dos internos da Penitenciária da Ilha Rhode e da cadeia do condado de Providence são vendidos para a Reliance-Sterling Mfg. Co., por uma taxa um pouco menor que 25 centavos por dia e por homem. Esta Companhia é um verdadeiro monopólio gigante do trabalho na prisão, e para isso eles também alugam o trabalho de condenados das penitenciárias de Connecticut, Michigan, Indiana, Nebraska e Dakota do Sul, e do reformatório de Nova Jersey, Indiana, Illinois, e Wisconsin, totalizando 11 estabelecimentos. A enormidade do suborno no contrato de Rhode Island pode ser estimada pelo fato desta mesma Companhia pagar 62 dólares e meio por dia em Nebraska pelo trabalho dos condenados, e que Tennessee, por exemplo, ganha \$ 1.10 por dia pelo trabalho de um condenado da Gray-Dudley Hardware Co.; Missouri ganha 70 centavos por

<sup>139</sup>Tradução: “Comitê Nacional de Trabalho Prisional”. (tradução nossa).

dia da Star Overall Mfg. Co; West Virginia 65 centavos por dia da Kraft Mfg. Co, e Maryland 55 centavos por dia da Oppenheim, a fábrica de camisas Oberndorf & Co. A grande diferença nos preços aponta para um enorme suborno. Por exemplo, Reliance-Sterling Mfg. Co. manufatura camisas sendo que o custo do trabalho livre não é menor que \$ 1.20 por dúzia, enquanto ela paga à Ilha Rhode trinta centavos a dúzia. Além disto, o Estado não cobra deste monopólio aluguel pelo uso das suas enormes fábricas. Não cobra nada pela eletricidade, calor, luz, e até mesmo drenagem e não exige taxas. Que suborno! (GOLDMAN, 2005, p. 69-70).

Segundo Goldman, “estima-se que o equivalente a mais de 12 milhões de dólares de camisas e macacões de trabalhadores são produzidos, anualmente, neste país, por prisioneiros” (GOLDMAN, 2005, p. 70) e, nesse cenário, incongruente, aliás, é o fato de que essa indústria é uma “indústria feminina, e a primeira reflexão que isto levanta é que uma imensa quantidade de trabalho feminino livre está desocupada” (GOLDMAN, 2005, p. 70). Outra incongruência é que “prisioneiros masculinos, que deveriam estar aprendendo um ofício, o que daria a eles alguma chance de se sustentarem após sua libertação, são mantidos neste trabalho com o qual possivelmente não ganharam um dólar” (GOLDMAN, 2005, p. 70-71). Além disso, outro problema é “que o enorme lucro conseguido por meio dos trabalhadores apenados é um constante incentivo para os contratantes exigirem de suas vítimas infelizes muito além de suas forças, e para os punir cruelmente quando seu trabalho não acompanha o aumento excessivo da demanda”. (GOLDMAN, 2005, p. 71).

Visto o fato de que a mão de obra prisioneira sofre com uma superexploração, sendo, muitas vezes, sua força de trabalho mais mal remunerada que o normal, garantir uma vida digna após a saída da prisão torna-se ainda mais difícil. E, por isso mesmo, Goldman considera que “está mais do que na hora de o trabalho organizado [...] começar a requisitar uma remuneração decente para o condenado, tal como reivindicam para si mesmos [...] Desta maneira, os trabalhadores erradicariam o germe que faz o prisioneiro um inimigo dos interesses do trabalho organizado”. (GOLDMAN, 2005, p. 72). Ainda sobre essa questão, Goldman considera que:

Portanto, o trabalho organizado, pela sua tola oposição ao trabalho na prisão destrói a si mesmo. Ajuda a criar a fumaça venenosa que asfixia qualquer tentativa de melhora econômica. Se o trabalhador deseja evitar esses efeitos, ele deveria insistir no direito do condenado ao trabalho, devia vê-lo como um irmão, trazê-lo para a sua organização, e, com sua ajuda, enfrentar o sistema que os agrilha. (GOLDMAN, 2005, p. 72).

Em resumo, apesar de Emma Goldman recorrer à produção de Havelock Ellis<sup>140</sup> e de Lombroso<sup>141</sup> para mostrar ao leitor o que se dizia na época sobre a natureza do crime, apesar de a própria autora evidenciar que pode, sim, existir motivos morais, psicológicos e, portanto, físicos para a adoção do crime, prevalece, em sua perspectiva, a noção de que são fatores políticos, sociais, econômicos e culturais que contribuem para a existência da prática criminosa. A própria sociedade desigual cria as condições de existência desses crimes. Ao analisar as prisões, Emma reconheceu o recorte de classe presente ali, ao alertar que os mais abastados não necessariamente tinham que lidar com as leis e a prisão da mesma forma que as pessoas comuns eram, e são, até hoje, obrigadas. Em virtude de bens materiais e de redes de cooperação, muitos privilegiados não eram submetidos à prisão, mesmo após cometer crimes. Essa situação, aliás, era comum, fazia parte da própria estrutura penal, como nos alertou não só Emma, mas também Foucault.

O mundo do trabalho presente dentro da prisão também era um fator relevante para Goldman. Emma, no artigo, alertou sobre a importância de uma luta solidária entre trabalhadores presos e não presos, já que, em sua visão, essas rivalidades artificiais (criadas pelo próprio sistema) deveriam ser superadas. Ela pregava que os trabalhadores em liberdade deveriam apoiar e reivindicar melhoras para as fábricas prisionais. Nossa pensadora, ao identificar a prisão como um problema em si, propôs, ainda na primeira década do século XX, o fim do sistema prisional. Emma Goldman era o que hoje chamaríamos de uma “abolicionista penal”.

Emma também escreveu artigos que versam sobre a violência política e, neles, a questão dos crimes reaparece. Por exemplo, no texto *A psicologia da Violência Política*, Goldman ressaltou que, para entender um ato político que faz uso da violência direta (mais especificamente do que chamaríamos hoje de atos de contra-violência<sup>142</sup>), era necessário, antes, entender, sentir “a indignidade de nossos equívocos sociais” (GOLDMAN, 2021a, p. 1). Isso porque, para Goldman, quando nos tornamos parte da humanidade, passamos a compreender “a justa indignação que se acumula na alma humana” (GOLDMAN, 2021a, p. 1), indignação essa que cresce ao ver o “desespero que milhões de pessoas são obrigadas a suportar diariamente” (GOLDMAN, 2021a, p. 1). Mais uma vez, vemos a primazia do meio social/econômico/político/cultural na perspectiva goldmaniana, visto que é a injustiça social da

---

<sup>140</sup>Henry Havelock Ellis (1859-1939) foi um médico, psicólogo britânico e reformador social que se destacou por seus estudos sobre a sexualidade humana.

<sup>141</sup>Cesare Lombroso (1835-1909) foi um psiquiatra, cirurgião, higienista, criminologista italiano.

<sup>142</sup>No sentido empregado por Bakunin e Frantz Fanon.



sociedade capitalista que faz com que o ato de violência política direta (no formato de atentado, por exemplo) apareça na esfera pública.

Apesar de Goldman identificar certo virtuosismo na violência política (e, nesse artigo de Goldman, violência política faz referência a atos em formato de atentado), apesar de Emma identificar valores na violência reativa da multidão, ela também reconhecia que as “massas ignorantes olham para o homem que protesta violentamente contra nossas iniquidades sociais e econômicas como se ele fosse uma fera, um monstro sem coração, cuja alegria está em destruir a vida e se banhar em sangue” (GOLDMAN, 2021a, p. 1) ou como um “lunático irresponsável” (GOLDMAN, 2021a, p.1). Entretanto, Goldman lembra que aqueles que “estudam o caráter e a personalidade desses homens, ou que estiveram em contato próximo com eles, concordam que é sua *supersensibilidade aos problemas e à injustiça que os rodeia que os obriga a pagar o pedágio de nossos crimes sociais* [grifo nosso]” (GOLDMAN, 2021a, p. 1). Observamos que Goldman não identificava nessas pessoas que praticavam a violência política um ser desprezível, mas sim uma pessoa com uma supersensibilidade.

Emma cita, então, Bjørnstjerne Bjørnson<sup>143</sup>, François Copp<sup>144</sup> e Zola<sup>145</sup>, todos conhecidos escritores de literatura, como também cita M. Hamon<sup>146</sup>, para reafirmar a ideia de que os praticantes da violência política são “mártires modernos que pagam por sua fé com sangue e que acolhem a morte com um sorriso, porque acreditam [...] que seu martírio redimirá a humanidade” (GOLDMAN, 2021a, p. 2). Ou seja, muitas pessoas que praticam a violência política possuem uma profunda simpatia com o sofrimento humano. Emma cita Hamon para mostrar que:

O anarquista típico, então, pode ser definido da seguinte forma: um homem sensível ao espírito de revolta sob uma ou mais de suas formas (oposição, investigação, crítica, inovação), dotado de um forte amor pela liberdade, egoísta ou individualista, e possuidor de grande curiosidade, de um verdadeiro desejo de aprender. Esses traços são complementados por um amor ardente pelos outros, uma sensibilidade moral altamente desenvolvida, um profundo sentimento de justiça e imbuído de zelo missionário. (HAMON apud GOLDMAN, 2021a, p. 2-3).

Ainda para mostrar os valores dos anarquistas, como também dos anarquistas que praticaram a violência política, Emma cita Alvin F. Sanborn<sup>147</sup> para mostrar que, além das

---

<sup>143</sup>Bjørnstjerne Bjørnson (1832-1910) foi um escritor norueguês que recebeu o Nobel de Literatura de 1903.

<sup>144</sup>François Copp (1842-1908) foi um romancista francês.

<sup>145</sup>Émile Zola (1840-1902) escritor francês, considerado criador e representante mais expressivo da escola literária naturalista.

<sup>146</sup>Augustin Hamon (1862-1945) foi um escritor e editor anarquista francês.

<sup>147</sup>Alvin F. Sanborn (1866-1966) foi um jornalista e escritor americano.

qualidades citadas por Hamon, os anarquistas possuem “amor raro pelos animais, doçura que atravessa todas as relações ordinárias da vida, sobriedade excepcional de comportamento, frugalidade e regularidade, austeridade, até, de viver, e coragem incomparável” (SANBORN apud GOLDMAN, 2021a, p. 3). Mais uma vez, vemos uma valorização da moral dos anarquistas dentro da perspectiva goldminiana. Sobre aqueles que praticam a violência política, Emma lembra que Sanborn acrescenta que esses atos “*são o recuo violento da violência, seja agressiva ou repressiva; elas são a última tentativa desesperada da natureza humana indignada e exasperada por vida e espaço para respirar [grifo nosso]*” (SANBORN apud GOLDMAN, 2021a, p. 3). A causa da violência política, para esse autor, “não está em nenhuma convicção especial, mas nas profundezas da própria natureza humana” (SANBORN apud GOLDMAN, 2021a, p. 3), isso porque esses atos, muitas vezes, “foram impelidos por circunstâncias desesperadoras” (SANBORN apud GOLDMAN, 2021a, p. 3). Vemos aqui, mais uma vez, a primazia do meio, das condições sociais sobre esses atos. Para Emma, assim como para os autores acima mobilizados por ela, é a própria condição desigual da sociedade que faz com que essas pessoas pratiquem tais atos.

Para Goldman, a ação de violência política não é uma tática adotada especificamente por anarquistas, mas sim por aqueles que possuem uma supersensibilidade para os problemas sociais. Citando as páginas do *Freedom Group of Londres*<sup>148</sup>, Emma ressalta, mais uma vez, que os que vivem e percebem a desigualdade ao realizarem o ato de violência política de “nenhuma forma são menos sociais ou menos sensíveis” (FREEDOM GROUP OF LONDON apud GOLDMAN, 2021a, p. 4), já que “sua violência é social e não antissocial” (GOLDMAN, 2021a, p. 4). Não é uma violência antissocial: talvez seja esse o ponto principal da argumentação de Emma sobre essa questão. Na visão de nossa pensadora, se alguém tem culpa por essas ações violentas é o próprio sistema de violência organizado e gerido pela sociedade<sup>149</sup>. Além disso, para Emma, “a culpa desses homicídios recai sobre todo homem e mulher que, intencionalmente ou por indiferença, contribui para manter as condições sociais que levam o ser humano ao desespero” (GOLDMAN, 2021a, p. 5). Pois bem, vemos que, antes mesmo de Gramsci<sup>150</sup>, Emma Goldman já apontava os perigos da indiferença.

Emma evidenciou também que, diante de um ato de violência política, é comum a imprensa e conservadores acusarem que o tal ato foi realizado por um anarquista, mas, como a

<sup>148</sup>Tradução: “Grupo de Liberdade de Londres”. (tradução nossa).

<sup>149</sup>Sobre os tipos de violência presente na sociedade capitalista ver (ZIZEK, 2014).

<sup>150</sup>Antonio Gramsci (1981-1937) foi um filósofo marxista, jornalista, crítico literário, linguista, historiador e político italiano.

própria autora argumentou, tal ação não é exclusiva dos anarquistas. E, além disso, segundo Goldman, alguns atos de violência política foram executados pelos próprios “membros do departamento de polícia” que buscavam criminalizar movimentos sociais, como foi o caso da revolta de Haymarket<sup>151</sup> (GOLDMAN, 2021a, p. 5). Outro exemplo, segundo Goldman, de como esses atos, em alguns momentos, não estão ligados a teorias sociais, e sim ao desespero, é o caso de Leon Czolgosz<sup>152</sup> que, mesmo nunca tendo se autodeclarado anarquista, continuou a ser identificado como tal pela polícia e pela imprensa. Para Goldman, o crime de Czolgosz “foi ter uma consciência social muito sensível” (GOLDMAN, 2021a, p. 7).

Mais um exemplo de conspiração anarquista fabricada pela polícia seria o caso de Lazarus Averbuch<sup>153</sup> que, após ter ameaçado um chefe de polícia, foi morto pelo próprio. Após o conflito, “imediatamente, espalhou-se, pelos quatro cantos do mundo, que Averbuch era um anarquista e que todos os anarquistas eram responsáveis pelo ato” (GOLDMAN, 2021a, p. 7). Tal situação, então, foi utilizada como uma forma de controle social e censura, pois tal ato foi utilizado como justificativa para prender pessoas, fechar bibliotecas e impossibilitar reuniões anarquistas. E, assim como no caso de Czolgosz, a polícia e a imprensa começaram a criminalizar a própria Emma Goldman, como se ela, por ser uma anarquista, estivesse necessariamente ligada aos casos, segundo ela:

Nem é preciso dizer que, como em muitas ocasiões anteriores, eu fui responsabilizada pelo ato. Evidentemente, a polícia americana atribui a mim poderes ocultos. Eu não conhecia Averbuch; na verdade, nunca tinha ouvido seu nome antes e a única forma que eu teria para poder ter “conspirado” com ele era em projeção astral. Todavia, a polícia não se preocupa com lógica ou com a justiça. O que eles querem, afinal de contas, é um alvo para mascarar a *sua absoluta ignorância da causa e da psicologia de um ato político* [grifo nosso]. Averbuch era um anarquista? Não há nenhuma prova concreta disso. Ele estava há apenas três meses no país, não sabia o idioma e, pelo que pude

---

<sup>151</sup>Considerada como uma das origens do dia do trabalhador, a Revolta de Haymarket, que ocorreu em Chicago (1886), se refere a manifestações populares que reivindicavam melhores condições para os trabalhadores, entre as pautas, estava à jornada por oito horas de trabalho. A referida revolta foi severamente reprimida pelo Estado, deixando vários mortos e feridos. Entre as pessoas presas, estavam oito anarquistas, acusados de terem lançado, durante a manifestação, um artifício explosivo. Entretanto, não existiam provas que legitimassem a referida acusação, por isso, iniciou-se uma campanha pela libertação desses anarquistas, que ficaram conhecidos como “Os mártires de Chicago”. Alguns desses socialistas libertários foram condenados à forca e, outros, a prisão. A revolta, assim como a forma que a opinião pública acusava esses “mártires”, fez com que Emma optasse por dar continuidade à luta desses militantes, isto é, tal evento contribuiu significativamente para que Goldman se aproximasse do movimento anarquista da época, como é possível verificar em sua autobiografia e nas biografias que versam sobre Goldman. Sobre a referida revolta ver mais em: (AVRICH,1986).

<sup>152</sup>Leon Czolgosz (1873-1901) foi um jovem americano de origem polonesa que em 1901 assassinou o presidente dos Estados Unidos William McKinley. Sua execução foi uma das poucas da época a ser registrada em vídeo pelo inventor Thomas Edison.

<sup>153</sup>Lazarus Averbuch (1889-1908) foi um imigrante que foi baleado e morto pelo chefe de polícia de Chicago, George Shippy, em 2 de março de 1908.



averiguar, era totalmente desconhecido entre os anarquistas de Chicago. (GOLDMAN, 2021a, p. 7).

Para Goldman, os atos de Czolgosz e Averbuch mostravam que a perseguição a movimentos de rua, as dificuldades econômicas degradantes, enfim, o mito da liberdade americana, “fornecem a centelha que acende a força dinâmica nas almas extenuadas e indignadas” das pessoas (GOLDMAN, 2021a, p. 8) e, em relação a esses atos, Emma diz que “nenhuma perseguição, assédio ou repressão pode deter esse *fenômeno social* [grifo nosso]” (GOLDMAN, 2021a, p. 8). Mas, vale lembrar que, obviamente, Goldman reconhecia que anarquistas publicamente conhecidos também já cometeram atos de violência, mas, para ela, “eles foram impelidos, não pelos ensinamentos do Anarquismo, mas pela tremenda pressão das condições que tornam a vida insuportável para suas naturezas sensíveis” (GOLDMAN, 2021a, p. 8). Ao relembrar da ação de Alexander Berkman<sup>154</sup>, durante a greve de Homestead<sup>155</sup> (1892), Emma declara que, mesmo ele sendo um anarquista, “não exatamente o anarquismo, mas a matança brutal dos 11 metalúrgicos foi responsável pelo ato de Alexander Berkman, seu atentado contra a vida de Henry Clay Frick” (GOLDMAN, 2021a, p. 9). Trata-se, então, da “influência do meio ambiente sobre pessoas sensíveis” (GOLDMAN, 2021a, p. 9). E, tais atos, segundo Goldman, não eram especificidade da América; aconteciam por toda parte, como mostram os casos do francês Vaillant<sup>156</sup>, do italiano Angiolillo<sup>157</sup>, de Gaetano Bresci<sup>158</sup> e Madan Dal Dhingra<sup>159</sup>.

---

<sup>154</sup>Alexander Berkman (1870-1936) foi um anarquista de origem russa que emigrou para os Estados Unidos no final do século XIX e, em solo norte-americano, se envolveu mais diretamente com o movimento anarquista. Foi amante, bem como companheiro de luta de Emma Goldman. Durante sua trajetória nos EUA foi preso, sob a acusação de atentado contra a vida do industrial Henry Clay Frick. Ainda nos Estados Unidos participou do periódico *Mother Earth* e fundou o *The Blast*. Em 1925, Berkman publicou a obra "O Mito Bolchevique" e foi autor do livro "O ABC do anarcocomunismo". Em 1936, Berkman cometeu suicídio.

<sup>155</sup>Movimentação dos trabalhadores de Homestead (1892) contra as medidas arbitrárias – intensificadas pelo diretor Henry Clay Frick – e as péssimas condições as quais estavam submetidos, ao prestarem serviços para Companhia Carnegie Steel. Durante essa movimentação trabalhadores foram assassinados pelo Agência Nacional de Detetives Pinkerton, contratada por Frick para reprimir o movimento de reivindicação. Sobre esse movimento ver mais em: (KRAUSE, 1992).

<sup>156</sup>Auguste Valliant (1861-1894) foi francês que se tornou internacionalmente conhecido no fim do século XIX por ser o autor de um atentado a bomba à Câmara de Deputados Francesa em 9 de dezembro de 1893.

<sup>157</sup>Michele Angiolillo Lombardi (1871-1897) tipógrafo e jornalista que ao ver horrores dos Processos de Montjuïc contra libertários espanhóis e latino-americanos decidiu assassinar Antonio Cánovas del Castillo (1828-1897), até então presidente do governo da Espanha.

<sup>158</sup>Gaetano Carlo Salvatore Bresci (1869-1901) foi um italiano, tecelão de profissão, que chegou a imigrar para os Estados Unidos e contribuiu no jornal *La Questione Sociale*. Retornando à Itália depois da execução de sua irmã, assassinou o monarca Humberto I da Itália.

<sup>159</sup>Madan Lal Dhingra (1833-1909) foi um revolucionário indiano, ativista pró-independência que enquanto estudava na Inglaterra assassinou William Hutt Curzon Wylie, um oficial britânico.

Todos esses atos de violência política, os atentados que marcaram aquela época, eram frutos do impacto que uma sociedade desigual causava. É, então, o meio social/econômico/político/cultural variável explicativa fundamental dentro da perspectiva goldminiana. Segundo a autora, “mesmo os cientistas conservadores estão começando a perceber que a hereditariedade não é o único fator que molda o caráter humano” (GOLDMAN, 2021a, p. 17), isso porque “clima, ocupação; melhor ainda, cor, luz e som devem ser considerados no estudo da psicologia humana” (GOLDMAN, 2021a, p. 17). A psicologia da violência política, para Goldman, está nas condições desiguais, na violência sistêmica perpetuada pela sociedade. Nesse sentido, o meio é o fator que, muitas vezes, determina a ação, que determina a psicologia da violência política que está por detrás do atentado. A essa altura, percebemos que Emma identificava a existência do que Foucault, posteriormente, chamou de sociedade panóptica, de *continuum* carcerário. Emma reconhecia a força do poder que age sobre o corpo e molda a alma.

Emma Goldman não só refletiu sobre as prisões e a psicologia da violência política, mas também, em 1934, escreveu *A tragédia dos exilios políticos*, objetivando entender a violência à qual os exilados estavam submetidos. No referido artigo, nossa pensadora dissertou sobre como a guerra transformou “o mundo inteiro em uma penitenciária” (GOLDMAN, 2021b, p. 1), isso porque “a guerra pela democracia e o advento das ditaduras de esquerda e direita destruíram qualquer liberdade de movimento que os refugiados políticos desfrutavam anteriormente” (GOLDMAN, 2021b, p. 1). E, quando esses exilados têm a sorte de encontrar estadia, não conseguem empregos, já que:

Qualquer coisa que façam para fugir de uma existência miserável, como aulas, traduções, ou qualquer tipo de trabalho físico, precisa ser feito furtivamente. Se eles forem apanhados, isso significará mais uma exaustiva jornada de busca por outro país. Aqueles que são mais politizados estão constantemente à disposição das autoridades. É quase algo cotidiano para eles serem atacados repentinamente de madrugada, arrastados para fora da cama, levados para a delegacia de polícia e depois expulsos. Não é necessário ser culpado de nenhuma ofensa, como a participação nos assuntos políticos internos do país hospedeiro. (GOLDMAN, 2021b, p. 2).

Antes da guerra, segundo Goldman, os refugiados políticos “ainda tinham a sua fé e o seu trabalho para lhes dar uma saída” (GOLDMAN, 2021b, p. 3), “eles viviam, sonhavam e trabalhavam incessantemente pela libertação de suas terras natais” (GOLDMAN, 2021b, p. 3), além disso, “eles podiam despertar a opinião pública em seu lugar de refúgio contra a tirania e a opressão praticada em seu país de origem e, assim, ajudar seus camaradas na prisão” (GOLDMAN, 2021b, p. 3). Em resumo, havia inspiração, apoio e solidariedade até entre

diferentes escolas políticas. Mas, com a guerra, com a nova polarização política, “não sobrou nada disso” (GOLDMAN, 2021b, p. 3), segundo Goldman:

O mais imperdoável nesse aspecto é a chamada União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Esta não está apenas mantendo um processo de extermínio contra todos seus oponentes políticos dentro e fora de seu território, mas também está engajada no assassinato de caráter em massa. Homens e mulheres com um heroico histórico de atividade revolucionária, pessoas que se consagraram aos seus ideais, que passaram por sofrimentos indizíveis sob os Romanov, são caluniados, mal representados, apelidados com nomes vis e perseguidos sem misericórdia. Certamente não é coincidência que meu amigo tenha sido expulso por um boletim que visava arrecadar dinheiro para os políticos russos. Estamos certos que os Mussolinis e Hitleres são culpados do mesmo crime. Eles e suas máquinas de propaganda derrubam todos os oponentes políticos em seu caminho. Eles também incluíram o assassinato de caráter ao extermínio de suas vítimas. As sensibilidades humanas estão entorpecidas desde a guerra. Se o sofrimento dos refugiados alemães e austríacos tivesse falhado em reacender as fracas brasas da simpatia, nós teríamos perdido toda a fé na humanidade. A resposta generosa às necessidades deles é, de fato, o único raio de luz no nosso negro horizonte social. (GOLDMAN, 2021b, p. 3).

Outro exemplo de como as diferentes escolas políticas perderam a sensibilidade que as levavam à solidariedade foi o caso dos anarquistas e anarcossindicalistas que “foram, obviamente, esquecidos” (GOLDMAN, 2021b, p. 4). Segundo Goldman, anarquistas também estavam “nos terríveis campos de concentração de Göring, sujeitos às brutalidades das bárbaras tropas de choque [...] alguns deles foram submetidos a punições mais horrendas que a maioria das outras vítimas dos nazistas” (GOLDMAN, 2021b, p. 3), como foi o caso de Erich Mühsam<sup>160</sup>. Para Goldman, “a indiferença diante do martírio de Mühsam é um sinal do sectarismo e da intolerância nas fileiras liberais e radicais de hoje” (GOLDMAN, 2021b, p. 3). E, mais do que isso, para ela, era problemático o fato de a “barbárie do fascismo e do nazismo está sendo condenada e combatida por pessoas que permanecem perfeitamente indiferentes ao Gólgota dos políticos russos” (GOLDMAN, 2021b, p. 3). Não são só indiferentes, “na verdade, elas justificam as barbáries da ditadura russa como inevitáveis” (GOLDMAN, 2021b, p. 3), para Goldman,

Todas essas pessoas boas estão sob o feitiço do *mito soviético* [grifo nosso]. Eles não têm consciência da inconsistência e do absurdo de seus protestos contra as brutalidades nos países capitalistas quando estão tolerando as mesmas brutalidades na República Soviética. Um apelo recente da Associação Internacional dos Trabalhadores oferece um retrato de partir o coração acerca da condição dos anarquistas e anarcossindicalistas na fortaleza de Stalin. Prisões renovadas em Odessa, Tomsk, Archangel e outras partes da Rússia ocorreram. Nenhuma acusação oficial é feita contra as vítimas. Sem audiência ou julgamento, elas foram afastadas por um “processo administrativo”.

<sup>160</sup>Eric Mühsam (1878-1934) foi um ensaísta, poeta e dramaturgo anarquista judaico-alemão.

Aqueles cujas sentenças expiraram (algumas de até dez anos) foram novamente enviados para locais isolados; não há esperança de libertação durante o tão aclamado experimento comunista. (GOLDMAN, 2021b, p. 3).

Emma, então, resgata a trajetória de Nicholai Rogdayeve, Catherine Breshkovsky<sup>161</sup>, Maria Spiridonova<sup>162</sup> e Angélica Balabonov<sup>163</sup>, para evidenciar o caráter repressor do Estado soviético, e a de Malatesta<sup>164</sup>, para mostrar a força repressora de Mussolini<sup>165</sup>. Nesse texto, escrito em 1934, vemos uma preocupação por parte de Emma em demonstrar sua crítica à esquerda soviética e ao fascismo, pois ambos estariam prejudicando a situação dos exilados políticos. Nossa pensadora, vale lembrar, participou do processo revolucionário russo, atuando ativamente entre os anos de 1919 e 1921, e tal participação fez com que Emma reconhecesse o caráter autoritário das medidas bolcheviques, o que resultou no livro *My Disillusionment in Russia*<sup>166</sup>, onde encontramos uma crítica severa em relação a esse regime<sup>167</sup>.

Em suma, percebemos que Emma não identificava a prisão como uma forma de proteção social; pelo contrário, sua existência significa, dentro da perspectiva goldminiana, venenosos resultados. Identificando os clássicos problemas da prisão, como os gastos para sua manutenção e as relações de classe que permeiam as leis e suas aplicações, Goldman vai desenvolvendo sua linha argumentativa para evidenciar a necessidade de rompimento com essa instituição. Ao pensar sobre o que leva as pessoas a cometerem um crime, Emma mostra que os fatores sociais e econômicos são implacáveis, ainda que possam existir fatores biológicos, fisiológicos ou psicológicos. A prisão coloca em andamento, para Goldman, um processo de desumanização, transforma o indivíduo em um autômato sem desejo ou sensações. Por isso tudo, nossa pensadora advogava a abolição das prisões, o fim de todo esse sistema, e, para isso, advogava também uma renovação da consciência social que, por sua vez, possibilitaria essa abolição das prisões. Assim como os fatores sociais e econômicos eram determinantes para levar uma pessoa a praticar um crime, também eram esses fatores que levavam, na opinião de Emma, as pessoas a optarem pela violência política, isso porque, em busca de vida e espaço,

---

<sup>161</sup>Catherine Breshkovsky (1844-1934) foi uma socialista russa, também conhecida como Babushka, a avó da revolução russa.

<sup>162</sup>Maria Spiridonova (1884-1941) foi uma revolucionária russa, considera líder da esquerda do Partido Socialista Revolucionário.

<sup>163</sup>Angelica Balabanoff (1878-1965) foi uma ativista comunista.

<sup>164</sup>Errico Malatesta (1853-1932) foi um teórico e ativista anarquista de origem italiana.

<sup>165</sup>Benito Amilcare Andrea Mussolini (1883-1945) foi um político italiano que liderou o Partido Nacional Fascista e é creditado como sendo uma das figuras-chave na criação do fascismo.

<sup>166</sup>Tradução: “Minha desilusão na Rússia”. (tradução nossa).

<sup>167</sup>Essa questão, a crítica goldminiana ao Estado Bolchevique, é complexa e requer a análise de fontes que não serão mobilizadas no decorrer desta dissertação. Em trabalhos futuros, daremos conta dessa problemática.

indivíduos praticavam essa violência social. E, se a situação já era crítica, Emma mostra que a ascensão dos regimes autoritários e totalitários, que marcaram o século XX, proporcionaram a piora nesse *continuum* carcerário que caracteriza a sociedade moderna.

## 1.4 SINDICALISMO E ANARQUISMO

*“Várias formas de atividade sindical estão projetadas para preparar os trabalhadores, mesmo com as condições sociais e industriais atuais, para a vida de uma sociedade nova e melhor. Para este fim, as massas são treinadas no espírito do apoio mútuo e da fraternidade, sua iniciativa e autoconfiança se desenvolvem, e uma moral é mantida cuja própria alma é a solidariedade de propósito e a comunhão de interesses do proletariado internacional”.*

(Emma Goldman, 1913)

O papel social do sindicato foi um tema muito discutido dentro do universo intelectual anarquista. Errico Malatesta<sup>168</sup>, Émile Pouget<sup>169</sup>, Pierre Monatte<sup>170</sup>e, até mesmo Bakunin<sup>171</sup> (LEVAL, 2018) já demonstravam uma preocupação com essa temática<sup>172</sup>. Fato é que, nas primeiras décadas do século XX, o sindicalismo revolucionário e o anarcossindicalismo já eram praticados em diferentes continentes. Anarquismo e sindicalismo revolucionário, vale lembrar, não constituem mundos completamente antagônicos e muitos anarquistas acabaram vendo no sindicato uma forma de atrelar a luta mais imediata pela melhoria de vida dos trabalhadores a um projeto propriamente revolucionário, isto é, à busca por um novo mundo.

Obviamente, ainda que algumas ideias e estratégias do sindicalismo revolucionário sejam convergentes com o tronco duro do anarquismo, essa não é uma regra universal, visto que o sindicalismo revolucionário ganhou contornos e aproximações ideológicas distintas quando olhamos para diferentes países e temporalidades. Não podemos afirmar, como faz (Schmidt; Walt, 2009), que o sindicalismo revolucionário é e foi, sempre, uma estratégia anarquista. Como também seria imprudente falar que o sindicalismo revolucionário nunca possuiu nenhuma relação com o anarquismo. É necessário, portanto, análises históricas pormenorizadas que levem em conta o contexto e as especificidades do movimento operário de

---

<sup>168</sup>Errico Malatesta (1853-1932) foi um teórico e ativista anarquista de origem italiana.

<sup>169</sup>Émile Pouget (1860-1931), anarquista de origem francesa que foi vice-secretário da Confederação Geral do Trabalho de 1901 a 1908.

<sup>170</sup>Pierre Monatte (1881-1960) foi um sindicalista revolucionário de origem francesa, conhecido como um dos fundadores Confederação Geral do Trabalho.

<sup>171</sup>Mikhail Bakunin (1814-1876) foi um teórico e revolucionário anarquista. Considerado por muitos como um dos fundadores da perspectiva propriamente anarquista.

<sup>172</sup>Vale ressaltar também que, quando se discutia sobre o sindicalismo, havia diferentes visões dentro da perspectiva anarquista. Alguns ressaltavam as potencialidades dessa forma organizacional, outros se preocupavam em evidenciar suas limitações, por exemplo. Tal situação demonstra a pluralidade e o debate interno existente dentro da própria “tradição” anarquista.

cada região e temporalidade, antes de definir qual é a relação entre anarquismo e sindicalismo revolucionário ali.

Nos Estados Unidos, talvez seja a Industrial Workers of the World – IWW<sup>173</sup> a grande representante do sindicalismo de cunho mais revolucionário. Isso por conta de seus princípios organizacionais serem: a autogestão, a autonomia, como também a solidariedade, e por terem a ação direta como principal tática reivindicatória. A IWW nasceu em 1905, em uma união entre anarquistas, socialistas e sindicalistas revolucionários, insatisfeitos com as ações da American Federation of Labor – AFL<sup>174</sup> que, na perspectiva desse grupo, não conseguia organizar a classe trabalhadora do país, visto, entre outros fatores, sua baixa adesão.

Entre os fundadores da IWW, estava Lucy Parsons<sup>175</sup>, mulher que teve sua infância marcada pela escravidão, mas que, ainda jovem, se tornou uma das mais relevantes oradoras públicas de sua época. Com o decorrer dos anos, a IWW ganhou ainda mais protagonismo, organizando muitas ações reivindicatórias que abarcavam as necessidades da classe trabalhadora industrial e, além disso, a IWW, dada, entre outras coisas, a presença de pessoas como Parsons, se mostrava relativamente mais aberta aos problemas específicos da população negra, isso quando comparada a outras instituições. Mas, a partir da década de 1920, ficava cada vez mais evidente que a repressão e a perseguição dirigidas às ações e membros da IWW dificultavam, de fato, o livre desenvolvimento da organização<sup>176</sup>. Segundo Angela Davis:

A IWW, conhecida popularmente como “Wobblies”, foi fundada em junho de 1905. Definindo-se como um sindicato de trabalhadores da indústria, a IWW proclamava que jamais poderia existir relacionamento harmônico entre a classe capitalista e os trabalhadores por ela empregados [...] a IWW adotou como política complementar a luta direta contra o racismo [...] para a IWW, o principal objetivo era organizar a classe assalariada e desenvolver a consciência de classe revolucionária e socialista [...] a IWW dirigia sua atenção explicitamente aos problemas específicos da população negra [...] mas a IWW era uma organização sindical focada na mão de obra industrial, que – graças à discriminação racista – ainda era esmagadoramente branca. A minúscula minoria de pessoas negras na mão de obra industrial quase não incluía mulheres, que permaneciam absolutamente excluídas das atividades industriais. De fato, a maioria da mão de obra negra, tanto masculina quanto feminina, ainda trabalhava na agricultura ou nos serviços domésticos. Como consequência disso, apenas uma fração da população negra podia ser alcançada por um sindicato industrial – a menos que o sindicato lutasse de

<sup>173</sup>Tradução: “Trabalhadores Industriais do Mundo”. (tradução nossa).

<sup>174</sup>Tradução: “Federação Americana do Trabalho”. (tradução nossa).

<sup>175</sup>Lucy Parsons (1851-1942), anarquista estadunidense que durante a infância fora escrava, mas que se tornou uma das mais influentes oradoras e escritora de sua época.

<sup>176</sup>De qualquer forma, a IWW continuou atuando de forma intensa no pós-Segunda Guerra, como também se destacou na luta por uma outra forma de globalização que marcou o final dos anos 90 e início dos anos 2000. Sobre essas ações ver: GRAEBER, 2013.



modo vigoroso pela admissão de pessoas negras na indústria. (DAVIS, 2016, p. 156-168).



University of Washington Libraries, Special Collections Division

**Figura 16.** “Grande grupo de pessoas marchando pela estrada para um evento da IWW, aproximadamente 1910-1920”. University of Washington Libraries, Special Collections - SOC3893. Disponível em: <https://digitalcollections.lib.washington.edu/digital/collection/social/id/2935>. Acesso 28/03/2021.

Se, por um lado, sufragistas como Susan B. Anthony<sup>177</sup> acreditavam que “a grande vantagem que diferencia os operários desta república é que o filho do cidadão mais humilde, negro ou branco, tem oportunidades iguais às do filho do homem mais rico do país” (ANTONHY apud DAVIS, 2016, p. 146), Emma Goldman compreendia o mundo de forma completamente oposta. Ao verificar que as condições em solo norte-americano não eram igualitárias, sendo a condição da multidão muito inferior à das camadas mais abastadas, Goldman atuou ativamente em muitos movimentos reivindicatórios levantados pelos trabalhadores de sua época. Com isso, Emma estava muito próxima dos sindicatos, sendo esses espaços, algumas vezes, utilizados para suas palestras, por exemplo.

Em fevereiro de 1913<sup>178</sup>, Goldman publicou o artigo *Sindicalismo: sua teoria e prática*, texto que analisaremos para investigar sua perspectiva em relação ao sindicalismo de sua época. Nossa pensadora iniciou sua narrativa evidenciando que, em sua visão, a IWW carregava contradições internas relevantes como, por exemplo, a ligação partidária dos líderes do referido sindicato. Para ela, o Partido Socialista era “antagonista aos princípios assim como

<sup>177</sup>Susan Brownell Anthony (1820-1906) foi uma escritora, professora e ativista feminista norte-americana que atuou fortemente na luta das mulheres pelo direito ao voto.

<sup>178</sup>*Mother Earth*, vol. VIII, n.12.



às atividades da IWW” (GOLDMAN, 2010b, p. 1), sendo, dessa forma, incongruente a filiação partidária de líderes da IWW. Tal situação evidenciaria, para Goldman, que “à mente indefinida e incerta do radical americano, as ideias e métodos mais contraditórios são possíveis” (GOLDMAN, 2010b, p. 1).

Outro aspecto que foi criticado por Goldman diz respeito aos motivos que levavam algumas pessoas a aderirem ou escreverem sobre o sindicalismo em solo norte-americano. Segundo ela, “no presente, o sindicalismo é o passatempo de vários americanos, supostos intelectuais. Não que eles saibam algo a respeito dele, além de que algumas grandes autoridades – Sorel<sup>179</sup>, Bergson<sup>180</sup> e outros – o defendem” (GOLDMAN, 2010b, p. 1), isso tudo, “porque o americano precisa do selo da autoridade, ou ele não aceita uma ideia, não importa o quão verdadeira e valiosa ela pode ser” (GOLDMAN, 2010b, p. 1). Para Goldman, o sindicalismo era uma força que estava sendo praticada com sucesso pelos trabalhadores europeus, portanto, era, em sua visão, problemático que alguns estadunidenses abraçassem ou pensassem sobre o sindicalismo somente porque ele tinha certa “sanção autoritativa oficial” (GOLDMAN, 2010b, p. 1), isto é, contasse com o apoio de pessoas como Sorel, Bergson e outros.

Investigar e compactuar com o sindicalismo somente por conta de que grandes autoridades como Sorel, Bergson e outros também o apoiavam era, para Goldman, como se o sindicalismo tivesse sido “descoberto pela filosofia de Bergson ou pelas descobertas teóricas de Sorel e Berth<sup>181</sup>, e não tivesse existido e vivido entre os trabalhadores muito tempo antes destes homens escreverem sobre ele” (GOLDMAN, 2010b, p. 1). A oposição de Goldman a tal busca pelo “selo de autoridade” diz respeito à sua visão sobre o sindicalismo. Isso porque, para ela, “o traço que distingue o sindicalismo da maioria das filosofias é que ele representa a *filosofia revolucionária do trabalho concebida e nascida na luta real e na experiência dos trabalhadores* [grifo nosso]” (GOLDMAN, 2010b, p. 1-2). Portanto, para Goldman, o sindicalismo revolucionário não teria nascido em “universidades, faculdades, bibliotecas ou no cérebro de alguns cientistas” (GOLDMAN, 2010b, p. 2); ao contrário, o sindicalismo seria “a filosofia revolucionária do trabalho” (GOLDMAN, 2010b, p. 2), esse seria “o verdadeiro e vital significado do sindicalismo” (GOLDMAN, 2010b, p. 2).

Para Goldman, ainda em 1848, uma grande parte dos trabalhadores percebeu “a futilidade total da atividade política como uma forma de ajudá-los em sua luta econômica”

---

<sup>179</sup>Henri Bergson (1859-1941) foi um filósofo e diplomata francês vencedor do Nobel de Literatura de 1927.

<sup>180</sup>Georges Sorel (1847-1922) teórico francês conhecido pelas suas contribuições teóricas em relação ao sindicalismo revolucionário.

<sup>181</sup>Édouard Berth (1875-1939) teórico do sindicalismo francês.

(GOLDMAN, 2010b, p. 2) e, já naquela época, “a demanda foi direcionada a medidas econômicas diretas, assim como contra o inútil desperdício de energia em vias políticas” (GOLDMAN, 2010b, p. 2). E, “depois de anos de agitação e *experimentação* [grifo nosso], a ideia foi incorporada pela primeira convenção da Internacional em 1867” (GOLDMAN, 2010b, p. 2), na resolução “de que a emancipação econômica dos trabalhadores deve ser o principal objetivo de todos os revolucionários, ao qual todo resto está subordinado” (GOLDMAN, 2010b, p. 2). Visto isso, podemos perceber que Goldman fez um esforço para ressaltar a dimensão histórica e criativa do sindicalismo revolucionário, identificando-o como uma filosofia criada dentro da dinâmica do universo do trabalho. Goldman não procura em Sorel as “origens” do sindicalismo revolucionário, mas nas ações da AIT<sup>182</sup>, nas próprias ações dos trabalhadores.

Em 1900, Goldman, enquanto delegada do Congresso Anarquista de Paris, teve seu “primeiro contato com o sindicalismo em operação” (GOLDMAN, 2010b, p. 2) e, em seu retorno aos Estados Unidos, ela começou “a propagar ideias sindicalistas, especialmente a Ação Direta e a Greve Geral” (GOLDMAN, 2010b, p. 2). Apesar disso, era, segundo a autora, “como falar para montanhas rochosas – nenhuma compreensão, mesmo entre os elementos mais radicais, e completa indiferença nas fileiras operárias” (GOLDMAN, 2010b, p. 2). Mas, foi em 1907, que Goldman encontrou “os sindicalistas mais ativos na Confederation Generale du Travail<sup>183</sup>: Delesalle<sup>184</sup>, Monate<sup>185</sup> e muitos outros” (GOLDMAN, 2010b, p. 2) e, mais do que isso, foi ali que Goldman teve “a oportunidade de ver o sindicalismo em operação diária, em suas formas mais construtivas e inspiradoras” (GOLDMAN, 2010b, p. 2). Goldman ressalta essa passagem por Paris para mostrar que seu “conhecimento do sindicalismo não vem de Sorel, Bergson ou Berth, mas do *contato e da observação reais* [grifo nosso] do tremendo trabalho conduzido pelos trabalhadores de Paris dentro das fileiras da confederação” (GOLDMAN, 2010b, p. 3).

Segundo Goldman, o sindicalismo inaugurou uma nova faceta do movimento operário, isso porque “enquanto as antigas uniões operárias, sem opção, se movem dentro do sistema salarial e do capitalismo, reconhecendo o último como inevitável, o sindicalismo os repudia e condena os acordos industriais atuais como injustos e criminosos” (GOLDMAN, 2010b, p. 3)

---

<sup>182</sup>Aliás, essa ideia de que a AIT seria uma das “origens” do sindicalismo revolucionário é aceita pela historiografia mais recente. Ver mais em: SILVA, 2019.

<sup>183</sup>Tradução: “Confederação Geral do Trabalho”. (tradução nossa).

<sup>184</sup>Paul Delesalle (1870-1948) foi um anarquista e sindicalista francês que se destacou no movimento sindical de sua época.

<sup>185</sup>Pierre Monate (1881-1960) foi um sindicalista revolucionário de origem francesa, conhecido como um dos fundadores Confederação Geral do Trabalho.

e, por isso mesmo, “não transmite nenhuma esperança para o operário quanto aos resultados duradouros deste sistema” (GOLDMAN, 2010b, p. 3). Para Goldman, apesar de o sindicalismo lutar por ganhos imediatos, ele “não é estúpido o suficiente para fingir que o trabalho pode esperar condições humanas a partir de arranjos econômicos desumanos na sociedade” (GOLDMAN, 2010b, p. 3). Nesse sentido, “ele meramente retira do inimigo o que ele pode forçá-lo a entregar; no todo, entretanto, o sindicalismo objetiva e concentra suas energias na derrubada completa do sistema salarial” (GOLDMAN, 2010b, p. 3). O sindicalismo, por fim, “objetiva libertar o trabalho de cada instituição que não tenha por meta o livre desenvolvimento da produção para o benefício de toda a humanidade” (GOLDMAN, 2010b, p. 3). Em suma, para Goldman:

O propósito definitivo do sindicalismo é reconstruir a sociedade de seu presente estado centralizado, autoritário e brutal para um baseado no agrupamento livre e federativo dos trabalhadores nas linhas da liberdade econômica e social. Com este objetivo em vista, o sindicalismo trabalha em duas direções: primeiro, minando as instituições existentes; segundo, desenvolvendo e educando os trabalhadores e cultivando seu espírito de solidariedade para prepará-los para uma vida cheia e completa quando o capitalismo tiver sido abolido [...] o sindicalismo é, em essência, a expressão econômica do anarquismo [...] como o anarquismo, o sindicalismo prepara os trabalhadores ao longo de linhas econômicas diretas, bem como fatores conscientes nas grandes lutas de hoje, bem como fatores conscientes na tarefa de reconstruir a sociedade em linhas industriais autônomas, bem como contra o espírito paralisante da centralização, inerente a todos os partidos políticos. (GOLDMAN, 2010b, p. 3).

Goldman acreditava que os interesses antagônicos do capital e do trabalho não poderiam ser nunca reconciliados. Portanto, apoiava a ideia de que o sindicalismo deveria se afastar dos métodos antigos das uniões operárias e “declarar uma guerra aberta contra o regime capitalista, assim como contra toda instituição que hoje apoia e protege o capitalismo” (GOLDMAN, 2010b, p. 3). Goldman declara que, como sequência lógica de sua crítica ao sistema capitalista, o sindicalismo rejeita o sistema contratual, isso “porque ele não considera o trabalho e o capital como iguais, conseqüentemente não pode consentir com um acordo que um tem o poder de quebrar, enquanto o outro deve se submeter sem compensação” (GOLDMAN, 2010b, p. 3). O sindicalismo também rejeita, segundo a autora, “as negociações em disputas trabalhistas, porque tal procedimento só serve para dar ao inimigo tempo para preparar seu fim da luta” (GOLDMAN, 2010b, p. 3-4). Ao invés de negociações agendadas de acordo com critérios estabelecidos pelos próprios capitalistas, o sindicalismo “defende a espontaneidade, tanto como um mantenedor da força combativa operária como também porque ela pega o inimigo desprevenido, conseqüentemente o compele a um ajuste acelerado ou lhe

causa grande perda” (GOLDMAN, 2010b, p. 4). O antiparlamentarismo e a atitude antimilitar também seriam, para Goldman, características desse tipo de sindicalismo (GOLDMAN, 2010b, p. 4).

Outro fator criticado pelo sindicalismo revolucionário seria, segundo Goldman, “uma grande reserva de fundos sindicais” (GOLDMAN, 2010b, p. 4). Isso “porque o dinheiro é um elemento tão corruptor nas fileiras do trabalho quanto o é naquelas do capitalismo” (GOLDMAN, 2010b, p. 4). E, portanto, “a principal razão para a oposição do sindicalismo a grandes reservas consiste no fato de que elas criam distinções de classe e inveja dentro das fileiras operárias, tão prejudiciais ao espírito de solidariedade” (GOLDMAN, 2010b, p. 4). Nesse sentido, “o trabalhador cuja organização tem uma grande bolsa se considera superior a seu irmão pobre; assim, ele acredita ser melhor do que o homem que ganha cinquenta centavos a menos por dia” (GOLDMAN, 2010b, p. 4). Altas reservas de dinheiro poderiam funcionar como um elemento corruptor dentro das fileiras operárias, isto é, poderiam dificultar a criação de um ambiente onde prevaleça o princípio de solidariedade, parte da espinha dorsal do anarquismo<sup>186</sup>. Além disso, ao apontar essa questão, Goldman mostra que sua visão sobre o alcance do poder/das relações de poder não diz respeito somente à atuação direta (mais visível e previsível) do Estado e do capital, mas também sobre uma força quase invisível (mas de desdobramento real) presente em praticamente todos nós (ainda que inconscientemente) e que atua em diversos espaços da sociedade, até mesmo naqueles espaços de resistência ao capitalismo. Nesse sentido, Goldman reconhece que somos todos nós influenciados pelo meio.

Por muito tempo, alguns marxistas propunham que o ambiente de trabalho industrial, devido à sua própria forma de estruturação, funcionaria como um estimulador para a organização dos trabalhadores. Em suma, o próprio ambiente de trabalho forjaria sua oposição. Entretanto, não há muitas organizações trabalhistas que se fizeram existir somente por esse fator. A própria classe trabalhadora tem interesses imediatos antagônicos, a própria classe trabalhadora é refém de seu meio, de relações de poder mais amplas que caracterizam nossa sociedade e isso tudo é resultado da própria dinâmica do capitalismo. Os trabalhadores não são seres à frente de seu tempo; estão, como todos nós, presos dentro de nossa temporalidade<sup>187</sup>.

---

<sup>186</sup>Para saber mais sobre a solidariedade anarquista e demais princípios que compõem a espinha dorsal do anarquismo ver (CORRÊA, 2014). Além disso, através desse link, o leitor poderá assistir a um recurso audiovisual que também diz sobre essa questão: MARTINS, Nilciana Alves. O top 5 características do anarquismo. *Youtube*, 28 de abril de 2021. Disponível em < <https://youtu.be/U7HOBdQ4DaY> >. Acesso 07/10/2021.

<sup>187</sup>Apesar disso, Emma Goldman, assim como muitos outros anarquistas, acredita que é possível se livrar, conscientemente, mesmo que minimamente, de muitas amarras que o sistema capitalista implanta em nossas mentes, ao adquirir uma *consciência refletida* do mundo.

Ao afirmar que “o dinheiro é um elemento tão corruptor nas fileiras do trabalho quanto o é naquelas do capitalismo”, Goldman, assim como muitos outros anarquistas, tem uma visão realista da condição da classe trabalhadora, partindo do pressuposto de que, mesmo os trabalhadores sindicalizados poderiam — consciente ou inconscientemente — reproduzir premissas e sentimentos estimulados por um mundo tão desigual. É partindo dessa visão que reconhece a força que o capitalismo pode ter em nossas mentes e que a estratégia da solidariedade surge como uma forma de oposição. Se o dinheiro divide e dificulta a solidariedade, o sindicato deve ter moderação ao fazer o uso do primeiro e se aproximar dessa última.

E, diferente do que muitos opositores do anarquismo propunham na época, isto é, de que o anarquismo era inocente ao acreditar em uma solidariedade e espontaneidade que viriam “do nada”, como se esses princípios fossem parte da natureza humana, vemos que a solidariedade anarquista nada tem a ver com isso. Os anarquistas, assim como Emma Goldman, não acreditavam que os humanos nascidos dentro do sistema capitalistas serão sempre solidários e espontâneos. Pelo contrário, eles acreditavam que é necessário criar estratégias para que determinados meios estimulem esses sentimentos e não o da centralização e do individualismo que, por si só, já são estimulados pelo sistema capitalista. É por isso mesmo que os anarquistas defendem premissas como não ter grandes reservas de dinheiro dentro do sindicato, como também a rotatividade de funções dentro dessa instituição, pois essas seriam algumas formas de estimular a solidariedade e a espontaneidade, princípios contrários aos propostos pelo sistema capitalista. Dito isso, fica mais fácil compreender a afirmação de Goldman de que “o *valor ético* [grifo nosso] principal do sindicalismo consiste na ênfase que ele coloca na necessidade de o trabalho se livrar do elemento de discórdia, do parasitismo e da corrupção em suas fileiras” (GOLDMAN, 2010b, p. 4), visto que “ele procura cultivar a devoção, a solidariedade e o entusiasmo, que são mais essenciais e vitais na luta econômica do que o dinheiro” (GOLDMAN, 2010b, p. 4).

Goldman, nesse artigo, também destinou um espaço para analisar os métodos empregados pelo sindicalismo, sendo eles: a ação direta, a sabotagem e a greve geral. Para Goldman, “a Ação Direta é o esforço individual ou coletivo consciente para protestar contra, ou remediar condições sociais através da asserção sistemática do poder econômico dos trabalhadores” (GOLDMAN, 2010b, p. 5). Já a sabotagem, muitas vezes vista como criminosa, é, para Goldman, “ética no melhor sentido” (GOLDMAN, 2010b, p. 5), pois a sabotagem está “principalmente preocupada com a obstrução por qualquer método possível, do processo regular de produção, demonstrando, desse modo, a determinação dos trabalhadores em dar de

acordo com o que recebem, e nada mais”. (GOLDMAN, 2010b, p. 5). Em suma, “a sabotagem é meramente uma arma de defesa na guerra industrial, a qual é a mais efetiva porque atinge o capitalismo em seu ponto mais fundamental, o bolso”. (GOLDMAN, 2010b, p. 5). Já a greve geral é “a suspensão do trabalho, o cessamento das atividades” (GOLDMAN, 2010b, p. 5), ademais, “uma Greve Geral tem mais segurança de precipitar um acordo do que uma greve comum” (GOLDMAN, 2010b, p. 5), sendo, muitas vezes, uma tática de resultados positivos para a classe. Sobre a greve geral, Goldman salienta que:

Quando Sorel afirma que a Greve Geral é uma inspiração necessária para as pessoas darem significado às suas vidas, ele está expressando um pensamento que os anarquistas se cansaram de enfatizar. No entanto, eu não concordo com Sorel que a Greve Geral é um “mito social”, que ela nunca pode ser realizada. Eu acredito que a Greve Geral se tornará um fato no momento que o trabalho compreender seu valor total — seu valor destrutivo assim como construtivo, como de fato muitos trabalhadores ao redor do mundo estão começando a perceber. (GOLDMAN, 2010b, p. 5).

Entre as atividades estabelecidas por sindicalistas franceses estavam, segundo Goldman, as sociedades de apoio mútuo, que tinham como objetivo principal “assegurar o trabalho para membros desempregados, e para promover este espírito de assistência mútua que repousa sobre a consciência da identidade de interesses do trabalho ao redor do mundo” (GOLDMAN, 2010b, p. 6). Goldman cita a obra *O movimento Operário na França*, escrita por Louis Levine, para mostrar que “durante o ano de 1902, mais de 74.000 pessoas, de um total de 99.000 requerentes, conseguiram trabalho por estas sociedades” (GOLDMAN, 2010b, p. 5), evidenciando, assim, a forma como esse sindicalismo estava preocupado não só com os já sindicalizados, mas também com os trabalhadores que se encontravam desempregados.

Para Goldman, a existência dessas sociedades permitia que essas pessoas arrumassem algum trabalho “sem serem obrigadas a se submeter à extorsão dos tubarões das agências de emprego. Estes últimos que são uma fonte da mais baixa degradação, assim como da exploração mais descarada do trabalho” (GOLDMAN, 2010b, p. 5). Goldman salienta, ainda, a necessidade da existência dessas sociedades em solo norte-americano, visto que, nos Estados Unidos, essas agências também eram, em muitos casos, “agências de detetives mascarados, conduzindo pessoas em necessidade de emprego para regiões de greve, sob falsas promessas de emprego estável e bem remunerado” (GOLDMAN, 2010b, p. 5). Na visão de nossa pensadora, “a Confederação Francesa há muito tempo percebeu o papel depravado das agências de emprego como sanguessugas do trabalhador desempregado e berçários de fura-graves” (GOLDMAN, 2010b, p. 5). E, “pela ameaça de uma Greve Geral, os sindicalistas franceses forçaram o governo a abolir os tubarões das agências de emprego, e as próprias sociedades de apoio mútuo

quase que totalmente as substituíram, para a grande *vantagem econômica e moral do trabalho* [grifo nosso]” (GOLDMAN, 2010b, p. 5). É interessante pensar que Emma faz sua crítica aos “tubarões das agências de emprego” ainda no início do século XX e, apesar de se tratar de momentos históricos diferentes, ainda hoje, reclamações em torno das agências de emprego são constantes. Aliás, inúmeras são as manchetes que anunciam a preocupação constante do trabalhador com o “golpe do falso emprego”.

Segundo Goldman, outra atividade da Confederação Francesa que tendia a “fundir o trabalho em laços mais fortes de solidariedade e apoio mútuo” (GOLDMAN, 2010b, p. 7) era “os esforços para ajudar trabalhadores que viajavam de local para local” (GOLDMAN, 2010b, p. 7). Para Goldman, “o valor prático assim como ético [grifo nosso] desta assistência é inestimável” (GOLDMAN, 2010b, p. 7), pois ela “serve para instilar o espírito de companheirismo e dá uma consciência de segurança no espírito de unidade com a grande família do trabalho” (GOLDMAN, 2010b, p. 7). Emma ressalta, ainda, que esse tipo de atividade é “completamente estranha aos corpos operários deste país<sup>188</sup> e, como resultado, o trabalhador que viaja em busca de trabalho é vítima das leis de vadiagem e, por isso, lamentavelmente, é recrutado, através do *estresse da necessidade* [grifo nosso], ao exército dos furas-greves” (GOLDMAN, 2010b, p. 7). As consequências de atividades como essa, segundo Goldman, eram de grande valor prático e ético. Ainda sobre essa questão, Goldman descreve que ela mesma, quando estava na sede da Confederação, testemunhou repetidamente:

Os casos de trabalhadores que vinham com seus cartões do sindicato de várias partes da França, e mesmo de outros países da Europa, e eram providos com refeições e alojamento, e encorajados por cada prova de espírito fraterno, e levados a se sentir em casa por seus companheiros trabalhadores da confederação. É em grande parte devido a estas atividades dos sindicalistas que o governo francês é obrigado a empregar o exército para a quebra de uma greve, porque poucos trabalhadores estão dispostos a se prestarem a este serviço, graças aos esforços e às táticas do sindicalismo. (GOLDMAN, 2010b, p. 7).

Além das atividades de apoio mútuo, os sindicalistas estabeleciam atividades de cooperação entre a cidade e o campo, já que o camponês ou fazendeiro acabava por suprir “os trabalhadores com mantimentos durante greves ou cuidando das crianças dos grevistas” (GOLDMAN, 2010b, p. 7). Preocupada também com o acesso ao conhecimento, a Confederação organizava classe noturnas, onde se tratavam temas como “higiene sexual, o cuidado das mulheres durante a gravidez e o confinamento, o cuidado do lar e das crianças, saneamento e higiene geral” (GOLDMAN, 2010b, p. 7). Dessa forma, segundo Goldman:

---

<sup>188</sup>Nesse caso, Emma Goldman se refere aos Estados Unidos da América.



Cada ramo do conhecimento humano — ciência, história, arte — recebe atenção minuciosa, junto com a aplicação prática nas bibliotecas dos trabalhadores estabelecidas, dispensários, concertos e festivais, dos quais os maiores artistas e literatos de Paris consideram uma honra participar. (GOLDMAN, 2010b, p. 7).

Goldman ressalta, ainda, que “um dos esforços mais vitais do sindicalismo é preparar os trabalhadores agora para seu papel em uma sociedade livre” (GOLDMAN, 2010b, p. 7) e, por isso mesmo, “as organizações sindicalistas provêm seus membros com livros sobre cada ofício e indústria [...] para o propósito de familiarizá-lo com todos os ramos de sua indústria” (GOLDMAN, 2010b, p. 7), para que, “quando o trabalho finalmente tomar a produção as pessoas estiverem totalmente preparadas para administrar com sucesso seus próprios assuntos” (GOLDMAN, 2010b, p. 7-8). Nesse sentido, esse método de educação aplicada não somente treina o trabalhador em sua luta diária, mas também serve “para equipá-lo para a batalha real e para o futuro quando ele deverá assumir seu lugar na sociedade como um ser inteligente e consciente e um produtor útil, uma vez que o capitalismo for abolido” (GOLDMAN, 2010b, p. 8). Goldman, então, cita uma demonstração da efetividade da campanha educativa do sindicalismo revolucionário através da ação dos ferroviários italianos:

Ferrovários italianos, cujo domínio de todos os detalhes do transporte é tão grande que eles podiam se oferecer ao governo italiano para tomar as ferrovias e garantir sua operação com maior economia e menos acidentes do que é feito no presente pelo governo. Sua habilidade de conduzir a produção foi provada pelos sindicalistas de forma impressionante, em conexão com a greve dos assopradores de vidro na Itália. Lá, os grevistas, ao invés de permanecerem ociosos durante o progresso da greve, decidiram eles mesmos conduzirem a produção de vidro. O maravilhoso espírito de solidariedade resultante da propaganda sindicalista os permitiu construir uma fábrica de vidro dentro de um tempo incrivelmente curto. Uma velha construção alugada para o propósito, que teria requerido, normalmente, meses para ser colocada em condições adequadas, foi transformada em uma fábrica de vidro dentro de poucas semanas pelos esforços solidários dos grevistas ajudados por seus companheiros que trabalhavam depois do expediente. Então, os grevistas começaram a operar a fábrica de soprimento de vidro, e seu plano cooperativo de trabalho e distribuição durante a greve se mostrou tão satisfatório de todas as maneiras que a fábrica experimental foi transformada em permanente e uma parte da indústria de soprimento de vidro na Itália está agora nas mãos da organização cooperativa dos trabalhadores. (GOLDMAN, 2010b, p. 8).

Após suas observações cotidianas, Goldman concluí que “quase todos os principais sindicalistas concordam com os anarquistas que uma sociedade livre pode existir somente através da associação voluntária e que seu sucesso derradeiro irá depender” (GOLDMAN, 2010b, p. 8), então, “do desenvolvimento intelectual e moral dos trabalhadores que irão suplantar o sistema salarial com um novo arranjo social, baseado na solidariedade e no bem-



estar econômico para todos” (GOLDMAN, 2010b, p. 8). Isto seria, por fim, “o sindicalismo, na teoria e na prática” (GOLDMAN, 2010b, p. 8). Nossa pensadora, como já mencionado, utilizou-se, entre outras coisas, da experiência adquirida durante o ano de 1907, no Congresso Anarquista de Amsterdã, para chegar às conclusões aqui já evidenciadas. Dessa forma, acreditamos ser relevante apresentar a visão que o anarquista Errico Malatesta<sup>189</sup> e o sindicalista Pierre Monatte<sup>190</sup> divulgaram em torno do sindicalismo no referido Congresso para, assim, evidenciar a pluralidade dentro do pensamento anarquista, como também mostrar as especificidades da perspectiva de Goldman.

Monatte, no referido Congresso, proferiu a conferência “Em defesa do Sindicalismo”. Nela, ele ressaltou que, quando falamos de sindicalismo, deveríamos nos voltar para a ação, a prática e não somente para os livros (MONATTE, 1981, p. 197). Para ele, “seria preciso estar cego para não ver as semelhanças entre anarquismo e o sindicalismo. Ambos tentam eliminar o capitalismo e o sistema salarial através de uma revolução social” (MONATTE, 1981, p. 197). O sindicalismo teria feito “renascer, no anarquismo, uma consciência de suas origens entre os trabalhadores” (MONATTE, 1981, p. 197). Um exemplo desse sindicalismo defendido por Monatte seria a Confederação Geral do Trabalho francesa, “a única organização operária que, embora se declare totalmente revolucionária, não tem qualquer ligação com nenhum partido político, nem mesmo os mais avançados” (MONATTE, 1981, p. 197). Segundo Monatte, “a autonomia” (MONATTE, 1981, p. 197) tem sido a força da Confederação e, apesar de os furiosos adversários nomearem a CGT como “anarquista” por conta dessa autonomia, “a CGT, um enorme agrupamento de sindicatos e uniões trabalhistas, não tem uma doutrina oficial” (MONATTE, 1981, p. 198).

Já sobre a estrutura da CGT, Monatte declara que “diferente da estrutura de tantas outras organizações operárias, ela não é nem centralizada, nem autoritária” (MONATTE, 1981, p. 198), dessa forma, “o Comitê exerce função apenas diretiva e não monopoliza funções executivas e legislativas” (MONATTE, 1981, p. 198). Sobre os fundos da CGT, Monatte lembra que “o orçamento da CGT é extremamente modesto, não ultrapassando a soma de 30,000 francos por ano” (MONATTE, 1981, p. 198) e, apesar disso, a confederação tem sucesso em suas atividades, isso porque “mesmo pobre em dinheiro, o sindicalismo francês é rico em energia, dedicação, entusiasmo” (MONATTE, 1981, p. 198). Para o sindicalista francês, a CGT segue o mesmo lema proposto, inicialmente, pela Internacional, isto é, “a emancipação dos

---

<sup>189</sup>Errico Malatesta (1853-1932) foi um teórico e ativista anarquista de origem italiana.

<sup>190</sup>Pierre Monatte (1881-1960) foi um sindicalista revolucionário de origem francesa, conhecido como um dos fundadores Confederação Geral do Trabalho.

operários é tarefa dos próprios operários” (MONATTE, 1981, p. 199), o lema de “todos aqueles que acreditam na ação direta e são contra o parlamentarismo” (MONATTE, 1981, p. 199). O sindicalismo revolucionário seria, então, “a doutrina que vê no sindicato um órgão de transformação social e a greve geral como o meio de obtê-la” (MONATTE, 1981, p. 200).

Segundo o francês, ao adotar o princípio de “só um sindicato para cada profissão e cada cidade” (MONATTE, 1981, p. 200), a CGT conseguiu chegar na “neutralização política do sindicato” (MONATTE, 1981, p. 200), já que ele “não pode nem deve ser anarquista, Guesdista, Allemanista ou Blanquista mas simplesmente, operário” (MONATTE, 1981, p. 200). Ainda segundo Monatte, entre os meios de que o sindicalismo revolucionário dispunha para chegar à emancipação da classe operária estava a ação direta, que é, basicamente, “agir em seu próprio benefício, contar apenas com seu próprio esforço” (MONATTE, 1981, p. 201). Entre as formas que a ação direta poderia adquirir, estava a greve geral e a sabotagem, sendo a greve a forma na qual “o operariado começa a participar da luta de classes e entra em contato com as ideias que surgiram com ela” (MONATTE, 1981, p. 201). Portanto, “é através da greve que as massas recebem sua educação revolucionária e começam a entender a sua própria força e o poder do inimigo, adquirindo confiança em si próprios e no valor das ações audaciosas” (MONATTE, 1981, p. 201). Já a ideia básica por trás da sabotagem seria “quem ganha pouco, trabalha mal” (MONATTE, 1981, p. 201) e, segundo Monatte, “o método já obteve resultados significativos” (MONATTE, 1981, p. 201) e, em ocasiões em que a greve demonstrou não ter força suficiente, “a sabotagem conseguiu quebrar a resistência dos patrões” (MONATTE, 1981, p. 201). Para Monatte:

É importante que os proletários de todos os países aprendam com a experiência sindicalista do operariado francês. E a tarefa do anarquista é assegurar-se de que essa experiência se repita em qualquer lugar aonde existia uma classe operária lutando pela emancipação [...] assim como só há uma classe operária, também só deveria haver, em cada indústria e cada cidade, uma única organização de classe, um único sindicato. Só assim é que a luta de classes, livres dos obstáculos criados a cada momento pelas rusgas entre escolas e facções rivais, poderia expandir-se em todos os sentimentos e atingir seus objetivos prioritários [...] O sindicalismo não perde tempo prometendo um paraíso terrestre. Ele exige que os próprios operários lutem para conquistá-lo, assegurando-lhes que seus atos jamais serão em vão. É uma escola de força de vontade, entusiasmo e pensamentos criativos. Abre novas perspectivas e esperanças para um anarquismo que esteve durante muito tempo fechado em si mesmo. (MONATTE, 1981, p. 202).

A essa altura, fica evidente que há convergências fundamentais entre a visão de Goldman e a de Monatte sobre o papel do sindicato, mas também há algumas diferenças. Nossa pensadora, assim como o francês, reconhecia o valor ético e prático das atividades da CGT e,

por isso mesmo, concordava com Monatte sobre as frutíferas consequências da adoção da greve geral e da sabotagem. Além disso, ambos identificavam na CGT uma estrutura não centralizada/não autoritária de organização. O uso modesto que o sindicato deve fazer do dinheiro também é um tema que aparece no texto de ambos os revolucionários, ainda que de maneira um pouco diferente, dentro da linha argumentativa de cada um.

Mas há algumas diferenças. Monatte, por exemplo, resiste em afirmar que a CGT seria um sindicato anarquista. Para ele, seria um sindicato autônomo, um sindicato que se funda na lógica da neutralização política. Goldman (2010b, p. 3), por outro lado, afirma que esse “sindicalismo é, em essência, a expressão econômica do anarquismo”. Como demonstrou (SCHMIDT; WALT apud CORRÊA, 2011, p. 32), “a CGT francesa, depois de 1895, é um clássico exemplo de um sindicato revolucionário que minimizou suas ligações com o anarquismo”. Isso explicaria a posição de Monatte. Apesar de a CGT não ter doutrina oficial, Goldman reconhece que, na prática, a confederação atua e se estrutura de forma anarquista, já que seus princípios são compatíveis com o tronco duro do anarquismo. Então, em suma, esse “sindicalismo é, em essência, a expressão econômica do anarquismo” (GOLDMAN, 2010b, p. 3), ainda que não se intitule anarquista.

No mesmo Congresso, Malatesta proferiu a palestra “Sindicalismo: a crítica de um anarquista”, resposta direta a Monatte. O anarquista italiano iniciou sua narrativa já evidenciando que se opõe à ideia de que o “sindicalismo se basta a si mesmo” (MALATESTA, 1981, p. 203), de que ele seria o suficiente para obter a revolução social. Todavia, Malatesta afirma, também, que “hoje, como no passado, gostaria de ver os anarquistas ingressarem no movimento operário. Hoje, como ontem, sou um sindicalista no sentido que defendo os sindicatos” (MALATESTA, 1981, p. 203). Além disso, Malatesta mostrou que não estava “exigindo sindicatos anarquistas, o que resultaria, imediatamente, no aparecimento de sindicatos social-democratas, republicanos [...] e muitos outros, e acabaria por lançar, mais do que nunca, a classe operária contra si mesma” (MALATESTA, 1981, p. 203). Malatesta desejava, assim como muitos outros anarquistas, “que os sindicatos estivessem abertos a todos os trabalhadores e não se deixassem influenciar, mas permanecessem absolutamente livres” (MALATESTA, 1981, p. 203).

Malatesta se colocava tão aberto ao sindicato, pois era “a favor da participação mais ativa no movimento operário, sobretudo como forma de propaganda cujo alcance poderia se tornar muito mais amplo” (MALATESTA, 1981, p. 203), mas, somado a isso, ele faz um apelo aos anarquistas, ao ressaltar que “mesmo dentro dos sindicatos, é preciso que permaneçamos anarquistas, com toda força e amplitude implícitas nessa definição” (MALATESTA, 1981, p.

204). Na opinião do italiano, “o movimento operário não é mais do que um meio” (MALATESTA, 1981, p. 204) e, apesar de ser o “melhor meio” (MALATESTA, 1981, p. 204) que os anarquistas dispunham, o movimento operário ainda era um meio e, por isso mesmo, ele se recusava a “aceitar esse meio como um fim” (MALATESTA, 1981, p. 204).

Malatesta aponta como um erro, no ponto de vista dos sindicalistas, a sua “certa propensão para transformar meios em fins e para considerar as partes como sendo o todo” (MALATESTA, 1981, p. 204), chegando a afirmar que “o sindicalismo não é nem nunca será mais do que um movimento legítimo e até mesmo conservador, sem outro objetivo senão a melhoria das condições de trabalho operário” (MALATESTA, 1981, p. 204). O anarquista usa como exemplo os sindicatos americanos para justificar essa sua ideia, entretanto, vale ressaltar, aqui, que o sindicalismo que Monatte defende em sua fala não é o que segue modelos estadunidenses, mas sim os sindicatos que abraçam o sindicalismo revolucionário descrito na Carta de Amiens. A própria Emma destaca as limitações dos sindicatos estadunidenses e a necessidade de essas instituições se aproximarem do sindicalismo revolucionário. De qualquer forma, para Malatesta, o erro básico de Monatte e de todos os sindicalistas revolucionários:

Tem origem na concepção demasiado simplista de luta de classes, segundo a qual todos os interesses econômicos da classe operária são idênticos e que, no momento em que alguns operários assumem a defesa de seus próprios interesses, estarão defendendo todo o proletariado contra o capitalismo. Sugiro uma realidade bem diferente. Tal como acontece aos membros da burguesia e a todos os homens, os operários também estão sujeitos à lei universal da competição que é uma consequência da existência da propriedade privada e do governo e que só desaparecerá no dia em que ambos desaparecerem. (MALATESTA, 1981, p. 204-205).

Malatesta também cita o proletariado desempregado para fazer sua explanação sobre as limitações do sindicalismo, ao afirmar que não podemos esquecer esse proletariado “desempregado que não para de crescer e que não interessa ao sindicalismo, que chega a ver nele um inimigo, mas que é nosso dever defender, porque seus membros estão entre os que mais sofrem” (MALATESTA, 1981, p. 204). Aqui, percebemos que Malatesta fala com base no que conhece de práticas sindicais mais tradicionais, não compreendendo ainda as contribuições práticas e éticas que as atividades organizadas pelo sindicalismo revolucionário significavam. Goldman, nesse sentido, se mostrava mais aberta para o sindicalismo revolucionário do que Malatesta, visto que nossa pensadora destaca, em sua narrativa, as contribuições éticas e práticas que esse tipo de sindicalismo poderia oferecer, sugerindo até a necessidade da adoção desse sindicalismo por parte dos sindicatos estadunidenses.

Apesar de acreditar que o ambiente social faz com que a competição seja visível dentro dos círculos operários, Malatesta também considerava que “a solidariedade moral pode existir

entre os operários, mesmo quando não existe solidariedade econômica” (MALATESTA, 1981, p. 205). E essa solidariedade “só pode ser o resultado de uma comunhão que surge sob a égide de um ideal compartilhado” (MALATESTA, 1981, p. 205), sendo papel dos anarquistas “despertar os sindicatos para esse ideal, orientando-os gradualmente para a revolução social, mesmo que, ao fazê-lo, corram o risco de prejudicar as ‘vantagens imediatas’ que tanto parecem agradá-los” (MALATESTA, 1981, p. 205). Aqui, vemos que Malatesta sugere que é a ação dos anarquistas dentro dos sindicatos que poderia orientar todos ali para um ideal que produziria, então, a solidariedade. Por outro lado, Goldman evidenciou, em seu artigo, que são os próprios princípios organizacionais, o próprio tipo de estrutura das confederações sindicalistas revolucionárias, como também suas atividades ancoradas em princípios de autonomia, que permitiam o desenvolvimento do sentimento de solidariedade nesses ambientes. Mais uma vez, creio que poderíamos afirmar que Emma é uma anarquista mais aberta ao sindicalismo revolucionário do que Malatesta, *ao menos com base nos artigos aqui analisados*.

Malatesta ressaltou, ainda, alguns “perigos da ação sindicalista” (MALATESTA, 1981, p. 205) e, entre eles, estava “a possibilidade de que os militantes do movimento anarquista aceitem tornar-se funcionários do sindicato, especialmente se receberem pagamento em troca do seu trabalho” (MALATESTA, 1981, p. 205). Outro perigo seria “cair na desastrosa ilusão de que a greve geral elimina a necessidade de uma revolução armada” (MALATESTA, 1981, p. 206). Para a greve ter efetividade, “deveríamos pedir ao operário não seria tanto que parasse de trabalhar, mas que continuasse a trabalhar em seu próprio interesse” (MALATESTA, 1981, p. 207), pois “sem isso, a greve geral logo se transformará em fome geral” (MALATESTA, 1981, p. 207). Ora, o sindicalismo revolucionário se fundamenta exatamente em cima da ideia de permitir o operário de trabalhar em seu próprio interesse, mas Malatesta negligencia esse fator. Por fim, Malatesta considera que “a organização da classe operária, a greve, a ação direta, o boicote, a sabotagem e a própria insurreição armada são apenas *meios*; a *anarquia* é o *fim*” (MALATESTA, 1981, p. 207). Para o italiano, a revolução anarquista “excede os interesses de uma única classe — ela se propõe à libertação total da humanidade escravizada, tanto do ponto de vista econômico quanto político e moral” (MALATESTA, 1981, p. 207), por isso mesmo, “é preciso que permaneçamos atentos contra qualquer plano simplista e unilateral de ação” (MALATESTA, 1981, p. 207).

A essa altura, acreditamos ser possível afirmar que Goldman concordaria com Malatesta no que diz respeito à visão de que o anarquismo se “propõe à libertação total da humanidade escravizada, tanto do ponto de vista econômico quanto político e moral” (MALATESTA, 1981, p. 207) e de que o anarquista deve atuar na sociedade de forma múltipla.

De qualquer forma, percebemos, com base nos artigos aqui analisados, que Malatesta tem uma desconfiança maior no que diz respeito ao sindicalismo revolucionário. Já Emma, por outro lado, estrutura sua linha argumentativa de forma a mostrar aos leitores os benefícios práticos e éticos desse sindicalismo. Nossa pensadora, dessa forma, demonstra certo entusiasmo com o sindicalismo posto em prática pela CGT, sugerindo até mesmo a necessidade da entrada desses princípios organizacionais nos sindicatos norte-americanos. Emma, diferente de Malatesta, aproxima o sindicalismo do anarquismo; já o italiano decide por mostrar os perigos e as diferenças de ambos. Por fim, fica evidente que, dentro da tradição anarquista, há muita pluralidade teórica e prática.



## 1.5 A CRÍTICA AO PATRIOTISMO

*“Aqueles que renunciam à liberdade em troca de promessas de segurança acabarão sem uma nem outra”*

(George Orwell)

*“O militarismo é a muralha mais sólida do capitalismo. Assim que ele for estremecido, o capitalismo vacilará em suas bases”*

(Emma Goldman)

*“Nada de novo no front”*

(Erich Remarque)

No final de 1916, os Estados Unidos pareciam estar à beira da guerra. Nesse cenário, Emma Goldman, que já havia demonstrando sua oposição à Grande Guerra, intensificou sua luta. Nossa pensadora participou ativamente da No Conscription League<sup>191</sup>, uma ampla coalizão que se mobilizou contra o alistamento militar obrigatório, como também usou as páginas de sua revista e a sua voz para demonstrar sua oposição à guerra. Tal ação, em um cenário no qual o Estado alimentava discursos patrióticos e perseguia com mais vigor do que o normal as críticas radicais, resultou no fechamento da revista *Mother Earth*, na prisão e, após cumprimento de dois anos de pena, na deportação de Emma para a Rússia.




---

<sup>191</sup>A Liga Sem Conscrição era uma organização projetada para promover manifestos antirrecrutamento e ajudar aqueles que recusavam o serviço militar. A liga durou seis semanas e foi usada para acusar Emma Goldman e Alexander Berkman de conspiração.

**Figura 17.** "Emma Goldman e Alexander Berkman em Nova York, 1917, aguardando julgamento sob acusações de se opor ao projeto durante a Primeira Guerra Mundial". Fonte: (UPI, Bettmann Archive). Disponível em: <https://www.lib.berkeley.edu/goldman/MeetEmmaGoldman/warresistance-antimilitarism-deportation1917-1919> Acesso 19/06/2021.



**Figura 18.** “Uma tirinha antirradical popular que celebrava a deportação de Emma Goldman, Alexander Berkman e 247 outros radicais estrangeiros para a Rússia em 21 de dezembro de 1919, a bordo do Buford”. Fonte: (J. Edgar Hoover Memorabilia Collection, Federal Bureau of Investigation) Disponível em: <https://www.lib.berkeley.edu/goldman/MeetEmmaGoldman/warresistance-antimilitarism-deportation1917-1919>. Acesso 19/06/2021.

Em sua autobiografia, Emma lembra que não tinha ilusões quanto “el resultado de la votación del proyecto de ley sobre el rendimiento que estaba en el Congreso”<sup>192</sup> (GOLDMAN,1996b, p. 106), pois considerava o projeto “como la negación total de los derechos humanos, el toque a muerte de la libertad de conciencia”<sup>193</sup> (GOLDMAN,1996b, p. 106) e, por isso, Emma decidiu por “luchar contra ella incondicionalmente”<sup>194</sup> (GOLDMAN,1996b, p. 106). Em virtude da oposição a esse projeto de lei, nossa pensadora participou da organização da Liga de Não-Conscrição, segundo ela:

Decidimos convocar una reunión en la redacción de Mother Earh para comenzar la organización de una liga contra el reclutamiento y redactar un manifiesto para aclarar al pueblo americano la amenaza que constituía el mismo. Planeamos también un mitin multitudinario como protesta contra la decisión do obligar a los hombres americanos a linnar su propia sentencia de

<sup>192</sup>Tradução: “ao resultado da lei de conscrição pendente no Congresso”. (tradução nossa).

<sup>193</sup>Tradução: “completa negação de todo direito humano, uma ameaça de morte à liberdade de consciência”. (tradução nossa).

<sup>194</sup>Tradução: “lutar contra ela incondicionalmente”. (tradução nossa).



muerte en forma de alistamiento forzoso. Debido a un compromiso previo para dar unas conferencias en Springfield, Massachusetts, no pude estar presente en la reunión, fijada para el 9 de mayo. Pero asistirían Sasha, Fitz, Leonard D Abbott y otros lucidos amigos, no sentía ansiedad por el posible resultado. Se sugirió que en la reunión se tratara la cuestión de si la No-Conscription League debería instar a los hombres a no alistarse. *De camino a Springfield, escribí una corta declaración dando mi opinión sobre el asunto. Se la envié junto con una nota a Fitz, en la que le pedía que la leyera durante la sesión. Mi postura era que como mujer, y por lo tanto no sujeta al servicio militar, no podía aconsejar a nadie sobre el tema. Si uno debe o no prestarse a ser un instrumento en el negocio de matar, debía ser dejado a la conciencia de cada uno. Como anarquista no podía tomarme la libertad de decir sobre el destino de los demás. Pero sí podía decir a los que se negasen a ser forzados a entrar en el ejército que estaría de su lado y que defendería su causa contra todo y contra todos* [grifo nosso]. Para cuando regresé de Springfield ya estaba organizada la No Conscription League y se había alquilado el Harlem River Casino para el mitin multitudinario que tendría lugar el 18 de mayo. Los que participaron en la reunión estuvieron de acuerdo conmigo en lo referente al alistamiento.<sup>195</sup> (GOLDMAN, 1996b, p. 106).

Em 18 de maio, como planejado, ocorreu o encontro. Segundo Goldman, quase 10 mil pessoas “llenaban el lugar, entre ellos había muchos soldados recién ataviados y sus amiguitas, un grupo muy albo rotador desde luego. Varios cientos de policías y detectives estaban repartidos por el local”<sup>196</sup> (GOLDMAN, 1996b, p. 107). No encontro, homens e mulheres de variadas “opiniones políticas apoyaban nuestra postura en esta ocasión. Todos los oradores denunciaron con vigor el proyecto de ley sobre reclutamiento que estaba esperando la firma del presidente”<sup>197</sup> (GOLDMAN, 1996b, p. 107). Mas, apesar dos esforços, foi possível ler nas

---

<sup>195</sup>Tradução: “Decidimos organizar uma conferência no escritório do *Mother Earth* para preparar uma Liga de Não-Conscrição e um manifesto para esclarecer ao povo americano da ameaça iminente. Também planejamos uma grande demonstração em massa como protesto contra compelirem homens americanos a assinarem suas próprias sentenças de morte sob a forma do registro militar forçado. Devido a encontros previamente marcados em Springfield, Massachusetts, infelizmente não fui capaz de estar presente na conferência em 9 de maio. Mas Sasha, Fitz, Leonard D. Abbott e outros amigos lúcidos estariam presentes, então não me preocupei com o resultado. Foi sugerido que a conferência deveria lidar com a questão, na Liga de Não-Conscrição, sobre solicitar que os homens não se registrassem. *En route a Springfield, escrevi um breve parecer meu a respeito. Enviei-o como uma nota a Fitz, pedindo que ela o lesse na reunião. Tomei a posição de que, como mulher e, portanto, eu mesma não sendo sujeita ao serviço militar, não podia aconselhar pessoas nesse assunto. Se alguém quer ser instrumento no negócio da mortandade deve caber à consciência de cada um. Como anarquista, eu não podia decidir o destino de outros, escrevi. Mas eu podia dizer àqueles que se recusassem a serem coagidos ao serviço militar que eu iria defender a causa deles* [grifo nosso]. Quando retornei de Springfield a Liga de Não-Conscrição havia sido organizada e o Harlem River Casino alugado para um encontro de massa em 18 de maio. Os participantes da conferência haviam concordado com minha atitude perante o registro”. (tradução nossa).

<sup>196</sup>Tradução: “quase 10 mil pessoas lotavam o lugar, incluindo vários soldados recém-alistados e suas namoradas, um grupo de fato bastante barulhento. Centenas de policiais e detetives estavam espalhados”. (tradução nossa).

<sup>197</sup>Tradução: “homens e mulheres de várias visões políticas denunciaram a lei de conscrição que aguardava a assinatura presidencial”. (tradução nossa).

edições extras dos jornais que a lei de conscrição havia passado. Como forma de protesto, a edição de junho da *Mother Earth* “apareció adornado con negras vestiduras, en la cubierta una tumba con la inscripción: 'Memoriam — Democracia Americana'. El sombrío atavio de la revista era llamativo y efectista”<sup>198</sup> (GOLDMAN,1996b, p. 111). Sobre essa edição e sua inusitada reprodução pela esfera pública, Goldman lembra que:

Invertimos hasta el último céntimo de nuestro capital en publicar una edición más grande. Queríamos enviar copias a cada funcionario federal, a cada redactor del país y distribuir la revista entre los jóvenes trabajadores y los estudiantes universitarios. Las veinte mil copias apenas si fueron suficientes para abastecer nuestras necesidades, lo que nos hizo sentir nuestra pobreza más que nunca. Aforlu iradamente. un aliado inesperado vino en nuestra ayuda: ¡la prensa neoyorquina! Reimprimieron pasajes enteros de nuestro mamliestn contra el reclutamiento, algunos periódicos incluso reprodujeron mtegrarrriente el texto y lo expusieron así a la atención de millones de lectores. Citaron ampliamente el contenido del número de junio y se extendieron con todo detalle sobre su contenido en los editoriales. La prensa de todo el país estaba enfurecida por nuestro desalío a la ley y a las órdenes presidenciales. Agradecemos debidamente la ayuda que nos prestaron al hacer que nuestras voces resonaran por toda la nación, las voces que sólo ayer habían gritado en vano. De paso, los periódicos dieron amplia publicidad al mitin fechado para el 4 de junio.<sup>199</sup> (GOLDMAN,1996b, p. 111-112).

Muitas dessas reuniões públicas organizadas pela Liga tinham que lidar com os gritos patrióticos que se colocavam contra a proposta da organização. Goldman relata que, quando chegou sua vez de palestrar, os patriotas, que até aquele momento da reunião haviam sido “muy ruidosos”<sup>200</sup> (GOLDMAN,1996b, p. 107), resolveram transformar aquele ambiente em um pandemônio. Eles “se pusieron a abuchear, silbar, entonar *The Star-Spangled Banner*<sup>201</sup> y a agitar frenéticamente banderitas americanas”<sup>202</sup> (GOLDMAN,1996b, p. 107). Nesse cenário,

<sup>198</sup>Tradução: “apareceu toda de preto, com uma capa representando um túmulo e a inscrição: ‘In memoriam – A democracia Americana’. A disposição sombria da revista era forte e eficiente”. (tradução nossa).

<sup>199</sup>Tradução: “gastamos nosso capital até o último centavo para fazer uma grande edição extra. Queríamos enviar cópias para todo membro federal, a todo editor no país e para distribuir a revista entre trabalhadores e estudantes universitários. Nossas 20 mil cópias mal deram para tudo isso. Isso nos fez sentir nossa pobreza ainda mais do que previamente. Felizmente um aliado inesperado veio em nosso socorro: os jornais de Nova York! Eles haviam reimpresso passagens inteiras de nosso manifesto anticonscrição, alguns haviam reproduzido todo o texto e assim chamado a atenção de milhões de leitores. Agora eles citavam copiosamente nossa edição de junho e comentavam profusamente seus conteúdos. A imprensa pelo país rugia contra nosso desafio da lei e das ordens presidenciais. Apreciamos como pudemos sua ajuda em fazer nossa voz ressoar pela lei, essa voz que no dia anterior ressoara em vão. Incidentalmente os jornais também deram ampla publicidade ao nosso encontro de 4 de junho”. (tradução nossa).

<sup>200</sup>Tradução: “estavam barulhentos”. (tradução nossa).

<sup>201</sup>O hino *The Star-Spangled Banner* foi escrito em meados de setembro de 1814, para comemorar a derrota da Marinha Britânica na Batalha de Baltimore, durante a Guerra de 1812.

<sup>202</sup>Tradução: “eles vaiavam e gritavam, entoavam *The Star-Spangled Banner* e acenavam freneticamente com bandeirolas americanas”. (tradução nossa).

“se oyó la voz de un recluta; ¡Pido la palabra!”<sup>203</sup> (GOLDMAN,1996b, p. 107), com isso, a plateia chegou ao limite e agora homens se erguiam de toda parte da casa e pediam ao arruaceiro que se calasse ou fosse expulso (GOLDMAN,1996b, p. 108). Emma, por outro lado, “sabia a lo que conduciría algo así, con la policía esperando cualquier oportunidad de ayudar a los rufianes patrióticos”<sup>204</sup> (GOLDMAN,1996b, p. 108). E, mais do que isso, Emma “no quería negarle la libertad de expresión incluso a un soldado”<sup>205</sup> (GOLDMAN,1996b, p. 108) e, por isso mesmo, erguendo a voz pediu:

A la audiencia que permitiera hablar al hombre “hos que liemos venido aquí a protestar contra la coerción y a exigir el derecho a pensar y aduar de acuerdo con nuestra conciencia — alegue deberíamos reconocer el derecho de un oponente a expresarse y deberiamns escucharle con tranquilidad y otorgarle el respeto que exigimos para nosotros mismos”<sup>206</sup>. (GOLDMAN,1996b, p. 108).

Sobre a fala do soldado e o resultado de sua ação, Emma ressalta que:

Probablemente era la primera vez que el soldado se enfrentaba a una asamblea tan numerosa. Parecía asustado y empezó a hablar con una voz temblorosa que apenas si llegaba hasta la plataforma aunque estaba muy cerca de ella. Tartamudeó algo sobre 'dinero alemán' y 'traidores', se hizo un lio y quedó mudo de repente. Luego volviéndose hacia sus compañeros, grilló: '¡Diablos! ¡Salgamos de aqui!'.<sup>207</sup> (GOLDMAN,1996b, p. 108).

Como já mencionado, Emma não só levantou sua voz contra a guerra e o alistamento forçado, como também escreveu e publicou artigos sobre essa questão. No texto *A preparação Militar nos conduz direto ao massacre universal*<sup>208</sup> (GOLDMAN, 2007c), Goldman alerta que a “loucura do belicismo” (GOLDMAN, 2007c, p. 47), os “vapores deletérios de um clorofórmio impregnado de sangue” (GOLDMAN, 2007c, p. 47), obscureceram a visão e o coração de muitos. Já que, naquele momento, “toda a civilização, toda a nossa cultura está concentrada na

<sup>203</sup>Tradução: “a voz de um recruta gritava ‘quero a palavra’”. (tradução nossa).

<sup>204</sup>Tradução: “sabia no que isso daria já que a polícia aguardava uma chance para ajudar os patriotas rufiões”. (tradução nossa).

<sup>205</sup>Tradução: “não queria negar a livre expressão sequer para o soldado”. (tradução nossa).

<sup>206</sup>Tradução: “pediu à assembleia que deixasse o homem falar. ‘Nós que viemos até aqui para protestar contra a coerção e exigir o direito de pensar e agir conforme nossas consciências devemos reconhecer o direito de um oponente falar, ouvindo-o silenciosamente e lhe dando o respeito que pedimos para nós mesmos’”. (tradução nossa).

<sup>207</sup>Tradução: “o soldado provavelmente nunca havia encarado uma plateia tão grande. Parecia assustado e começou, numa voz trêmula que mal se ouvia no palanque embora estivesse sentado próximo dela. Ele gaguejou algo sobre ‘dinheiro alemão’ e ‘traidores’, confundiu-se e parou subitamente. Então, virando-se a seus camaradas, gritou: ‘Ora, inferno! Vamos cair fora daqui!’”. (tradução nossa).

<sup>208</sup>Publicado pela primeira vez na *Mother Earth*, vol. X, n. 10, dezembro de 1915, e, também, como um panfleto.

louca demanda de armas de destruição, se possível as mais aperfeiçoadas” (GOLDMAN, 2007c, p. 47).

O espírito humano, que, para Goldman, deveria se preocupar com outras questões, naquele contexto, “parecia interessar-se apenas por uma coisa: especular sobre assassinato” (GOLDMAN, 2007c, p. 47). Emma lembra, ainda, que “o gado, quando fica assustado pelo fogo, lança-se nas chamas” e os povos europeus “agem do mesmo modo: precipitam-se nas chamas devoradoras da guerra, entrematando-se” (GOLDMAN, 2007c, p. 47). Já a América estava “levada à beira do abismo por políticos inescrupulosos, demagogos ruidosos e ávidos tubarões militares; ela se prepara para um idêntico destino funesto” (GOLDMAN, 2007c, p. 47). De fato, Emma narra um espectro mundialmente caótico.

Diante desse cenário, para Goldman, cabia “aos homens e mulheres que ainda não estão inebriados pela loucura guerreira elevar a voz, protestar, atrair a atenção da população para os crimes e as atrocidades que serão perpetrados contra eles” (GOLDMAN, 2007c, p. 47-48). Nesse espectro de guerra, cresciam, nos Estados Unidos, os “*slogans* sentimentalistas de nacionalismo hipócrita” (GOLDMAN, 2007c, p. 48). Segundo esses *slogans*, “seria preciso que todo mundo seguisse imediatamente uma formação militar” (GOLDMAN, 2007c, p. 48) e, como resultado disso, lembra Goldman, 1 milhão de dólares “arrancados do suor e do sangue do povo serão gastos na compra de encouraçados e submarinos para o exército e a marinha, isso tudo para proteger essa preciosa América” (GOLDMAN, 2007c, p. 48). A ironia dessas palavras já demonstra a insatisfação de Emma com o direcionamento de recursos públicos para a guerra. Segundo nossa pensadora, esses discursos repletos de *pathos*:

Dissimulam o fato de que a América que será protegida por uma enorme força militar não será a América do povo, mas aquela dos privilegiados; *da classe que rouba e explora as massas e controla a sua vida, do berço ao túmulo. É patético que tão poucas pessoas deem-se conta de que a preparação militar nunca conduz à paz, mas leva direto ao massacre universal* [grifo nosso]. (GOLDMAN, 2007c, p. 48).

Nossa pensadora lembra que quando os estadunidenses gritavam *slogans* como “A América para os americanos” (GOLDMAN, 2007c, p. 48), “A América de início, antes de tudo e sempre” (GOLDMAN, 2007c, p. 48), eles se aproximavam dos alemães que, há 40 anos, entoaram os mesmos discursos: “A Alemanha acima de tudo” (GOLDMAN, 2007c, p. 48), “A Alemanha para os alemães” (GOLDMAN, 2007c, p. 48-49), “A Alemanha de início, antes de tudo e sempre” (GOLDMAN, 2007c, p. 49). Nesse sentido, para Goldman, a retórica de que era necessário se armar para se proteger, de que, em busca de paz, era necessário se preparar para a guerra, de que as armas era uma forma de proteger a integridade nacional, todo esse

discurso mobilizado não só pela Alemanha, mas pelos Estados Unidos e países europeus, fazia com que “a terrível guerra europeia atual” (GOLDMAN, 2007c, p. 49) seja “a consequência última das predicções desse Evangelho de cabeça de hidra: *a preparação militar* [grifo nosso]” (GOLDMAN, 2007c, p. 49).

Emma fez questão de evidenciar a hipocrisia dos Estados Unidos que, mesmo criticando ferozmente a violência da Alemanha, continuava perpetuando a violência dentro de seu território. E se conservadores e socialistas apoiaram os Aliados foi, segundo Emma, por uma única razão: “esmagar esse militarismo que impede, segundo eles, toda paz e todo o progresso na Europa” (GOLDMAN, 2007c, p. 49). Na visão de Emma, a contribuição dos Estados Unidos nessa luta foi se enriquecer “fabricando toneladas de munições e emprestando dinheiro aos Aliados para ajudá-los a esmagar os prussianos” (GOLDMAN, 2007c, p. 49). E, curiosamente, os mesmos discursos antes criticados agora são ouvidos nos Estados Unidos. Sobre esses discursos Emma esclarece que:

Se eles traduzem-se por uma mobilização nacional, eles criarão um militarismo americano bem mais terrível que o militarismo alemão ou prussiano. Por quê? Porque em nenhum lugar do mundo o capitalismo é tão desavergonhadamente ávido quanto nos Estados Unidos, e em nenhum lugar o Estado está tão disposto a ajoelhar-se aos pés do Capital. (GOLDMAN, 2007c, p. 49).

Acreditamos que Emma optou por comparar e aproximar os discursos dos alemães e dos norte-americanos que, naquele momento, eram lados opostos, para mostrar que ambos fazem uso da retórica da preparação militar, sendo esta, então, o maior problema que deveria ser enfrentado. Naquele cenário, para Goldman, era visível que “o germe mortal do militarismo” (GOLDMAN, 2007c, p. 49) contaminava “os espíritos mais lúcidos e os corações mais bravos” (GOLDMAN, 2007c, p. 49), o que, em sua perspectiva, era um grande problema. As inúmeras ligas de defesa da segurança nacional; as seções da Navy League<sup>209</sup>; os discursos femininos que se diziam dispostos a sacrificar sua prole ao “Moloch da Guerra” (GOLDMAN, 2007c, p. 50); o apoio à retórica de preparação militar por parte de Woodrow Wilson<sup>210</sup>; as sociedades pela

---

<sup>209</sup>Fundada em 1902, com o apoio de Theodore Roosevelt, a Navy League tinha o papel de cumprir sua função patriota ao “educar” seus concidadãos e “apoiar o pessoal da Marinha”.

<sup>210</sup>Thomas Woodrow Wilson (1856-1924) foi um advogado, professor de ciência política, governador de Nova Jersey em 1911, presidente democrata eleito em 1912 e reeleito em 1916. É um dos mentores da Sociedade das Nações. Emma ressalta que “a diferença entre Wilson e Roosevelt é a seguinte: Roosevelt, um bruto de nascença, utiliza o cassetete; Wilson, o historiador, professor, porta a máscara cuidadosamente polida dos universitários, mas sob essa máscara, assim como Roosevelt, só tem um objetivo: servir aos interesses do grande capital, para ajudar aqueles que estão se tornando fenomenalmente ricos, produzindo ainda mais acessórios militares”.

americanização<sup>211</sup> que, em dado momento, passaram a aceitar os discursos patrióticos; tudo isso, na visão de Goldman, sinalizava que o discurso da preparação militar ganhava danosa força dentro da sociedade estadunidense. Ao abraçar esses discursos, a sociedade se esquecia que “o militarismo mata a juventude, viola as mulheres, extermina o melhor da humanidade, aniquila a própria vida” (GOLDMAN, 2007c, p. 50).

Aos que entoavam o discurso de preparação militar em nome da defesa das instituições americanas, como fazia Woodrow Wilson, Goldman lembra que “defender as instituições de nosso país é defender as instituições que protegem e apoiam um punhado de indivíduos para que eles roubem e pilhem as massas” (GOLDMAN, 2007c, p. 51), instituições que sugam o “sangue dos autóctones tanto quanto dos estrangeiros, e transformam-no em riqueza e poder; instituições que despojam cada imigrado da cultura original que levou consigo e impõem-lhe, em troca, esse americanismo barato, cuja única glória é a mediocridade e a arrogância” (GOLDMAN, 2007c, p. 52). Aqui, vemos que Emma é sagaz em identificar as múltiplas formas de violência que perpassam o cotidiano das sociedades democráticas.

Goldman ressalta, ainda, que “não se pode conduzir uma guerra com homens iguais, não se pode impor o militarismo a homens livres. É preciso ter à sua disposição escravos, autômatos, máquinas, que agirão, matarão e dispararão sob as ordens de seus superiores” (GOLDMAN, 2007c, p. 53) e, nesse sentido, o militarismo impossibilita a livre individualidade e impõe um modelo de indivíduo disciplinado; trata-se disso. A criação de indivíduos máquinas, escravos, autômatos, “eis em que resultará a preparação militar” (GOLDMAN, 2007c, p. 53). Visto o papel primordial que a subjetividade, a mente, a alma têm dentro do processo emancipatório defendido por Emma, fica fácil compreender sua oposição à criação de indivíduos, personalidades disciplinadas.

E, para nossa pensadora, era importante que o movimento operário se colocasse contra a preparação militar, pois “todos os elementos do movimento operário que aprenderam a nada esperar de nossas instituições; os trabalhadores conscientes que compreenderam que a guerra de classes subentende todas as guerras entre as nações”, eles já devem saber que “se uma guerra é justificada, trata-se da guerra contra a dependência econômica e a escravidão política, os dois principais problemas concernidos pela luta de classes” (GOLDMAN, 2007c, p. 54). Em resumo:

A América sustenta preparar-se para a paz, mas, na realidade, a preparação militar provocará a guerra. Foi sempre assim no transcurso da história

---

<sup>211</sup>Associações beneficentes ligadas ao governo que ensinavam os “valores fundamentais” da América aos imigrantes desejosos de obter nacionalidade americana. Tal projeto, forte em seus anos de duração, não resistiu à ascensão da xenofobia dos anos de 1920.

sangrenta da humanidade, e isso continuará até que cada nação se recuse a combater contra uma outra nação, até que os povos do mundo cessem de preparar-se para o massacre. *A preparação militar é como o grão de uma planta venenosa: uma vez plantada na terra, ela dará frutos envenenados* [grifo nosso]. Os massacres na Europa são o fruto desse grão venenoso. É preciso absolutamente que os operários americanos se deem conta disso antes que eles sejam dominados pelos discursos chauvinistas na loucura guerreira, loucura sempre assombrada pelo espectro do perigo da invasão. Os operários americanos devem saber que se preparar para a paz significa incitar à guerra, deixar desencadear-se as fúrias da morte na terra e no mar. (GOLDMAN, 2007c, p. 55).

E por que as massas europeias combatem nos campos de batalha? Para Goldman, o que levou essas pessoas aos campos de batalha “foi a competição impiedosa entre ínfimas minorias de aproveitadores zelosos em desenvolver equipamentos militares, exércitos mais eficazes, navios de guerra maiores, canhões de longo alcance” (GOLDMAN, 2007c, p. 55). Emma ressalta, ainda, que, “quando um exército é equipado até os dentes com instrumentos mortíferos sofisticados, quando ele é sustentado pelos interesses de uma corja belicista, a dinâmica torna-se autônoma” (GOLDMAN, 2007c, p. 55). Em resumo, é o Capital que se beneficia com a carnificina da guerra. E sobre o papel do Estado em manter essa preparação militar, Goldman afirma que:

O Estado não despende quase nada para o ensino, a arte, a literatura e a ciência em comparação com as somas consideráveis que ele consagra ao armamento em tempo de paz. Em tempo de guerra, então, todo o resto não tem nenhuma importância; a vida estagna, todos os esforços são bloqueados; o suor e o sangue das massas servem para nutrir o monstro insaciável do militarismo. Ele se torna, portanto, cada vez mais arrogante, agressivo, imbuído de sua importância. *Para permanecer vivo, o militarismo necessita constantemente de energia suplementar; eis por que ele buscará sempre um inimigo ou, em sua ausência, criará um artificialmente. Em seus objetivos e seus métodos civilizados, é sustentado pelo Estado, protegido pelas leis, mantido pelos pais e professores, glorificado pela opinião pública. Em outros termos, a função do militarismo é matar. Ele só pode viver graças ao assassinato* [grifo nosso]. (GOLDMAN, 2007c, p. 56).

A preparação militar conduz à guerra, pois “ela encoraja a criação de grupos de interesses, que trabalham consciente e deliberadamente para aumentar a produção de armamentos e manter uma histeria belicista” (GOLDMAN, 2007c, p. 56). Segundo Goldman, “esse *lobby* inclui todos aqueles que estão engajados na fabricação e na venda de munições e equipamentos militares com vistas a acumular ganhos e benefícios pessoais” (GOLDMAN, 2007c, p. 56). Um exemplo disso, segundo Goldman, seria o caso da família Krupp<sup>212</sup> e sua “sinistra influência na Alemanha e em muitos outros países”, já que os Krupp teriam uma

---

<sup>212</sup>A família Krupp, uma proeminente dinastia alemã, ficou famosa por sua produção de aço, artilharia, munição e outros armamentos.



influência que “estende-se à imprensa, às escolas, às igrejas e aos homens de Estado encarregados das mais elevadas responsabilidades” (GOLDMAN, 2007c, p. 56). Segundo Goldman:

Pouco antes da guerra, Karl Liebknecht<sup>213</sup>, o único político corajoso na Alemanha de hoje chamou a atenção do Reichstag<sup>214</sup>: a família Krupp pagava os serviços de funcionários ocupando funções militares muito elevadas, não apenas na Alemanha, mas também na França e em outros países. Em toda parte, seus emissários agiam e ataçavam sistematicamente os ódios e os antagonismos nacionais. Liebknecht desmascarou um truste<sup>215</sup> internacional especializado na fabricação de armamentos. Esse truste zomba completamente do patriotismo e do amor ao povo, mas utiliza esses dois sentimentos para incitar à guerra e embolsar milhões de lucro no âmbito desse terrível mercado. (GOLDMAN, 2007c, p. 56-57).

Para Goldman, “é a preparação militar a causa da guerra” (GOLDMAN, 2007c, p. 57), por isso, “não basta dizer-se neutro; uma neutralidade que verte lágrima de crocodilo com um olho e conserva o outro atento às vantagens que extrairá dos aprovisionamentos militares e dos empréstimos de guerra” (GOLDMAN, 2007c, p. 57). Com isso, na visão de Emma, “não basta juntar-se aos pacifistas burgueses, que proclamam a paz entre as nações ao mesmo tempo que contribuem para perpetuar a guerra entre as classes, guerra que, na realidade, subentende todas as outras guerras” (GOLDMAN, 2007c, p. 57-58). Para nossa pensadora, a saída contra a preparação militar está ligada exatamente à guerra das classes, isso porque:

*É nessa guerra de classes que devemos concentra-nos. Devemos denunciar os falsos valores, as instituições malfazejas e todas as atrocidades cometidas pela sociedade burguesa. Aqueles que estão conscientes da necessidade vital de participar de grandes lutas devem opor-se à preparação militar imposta pelo Estado e pelo capitalismo para a destruição das massas. Eles devem incitar as massas a derrubar simultaneamente o capitalismo e o Estado. Uma preparação sindical e social, eis aquilo de que necessitam os trabalhadores. Só isso conduz à revolução de base contra a destruição de massa planejada pelas elites. Só isso reforça o autêntico internacionalismo do movimento operário contra os imperadores, os reis, os diplomatas, as corjas e burocracias militares. Só essa preparação dará ao povo o meio de tirar as crianças dos casebres, das oficinas insalubres e das tecelagens de algodão. Só essa preparação lhes permitirá inculcar na nova geração um ideal de fraternidade, ensinar-lhes a brincar, cantar e apreciar a beleza, educar meninos e meninas para que se tornem adultos livres, não autômatos. Só essa preparação permitirá que as mulheres sejam as verdadeiras mães da humanidade; que homens e mulheres se mostrem criativos para a raça humana, e não se tornem soldados que destroem. Só essa preparação conduzirá à liberdade econômica e social, e porá um termo a todas as guerras, a todos os crimes e a todas as injustiças [grifo nosso]. (GOLDMAN, 2007c, p. 58).*

<sup>213</sup>Karl Liebknecht (1871-1919) foi um político e dirigente socialista alemão.

<sup>214</sup>Reichstag é o prédio onde o parlamento federal da Alemanha exerce suas funções.

<sup>215</sup>Estrutura empresarial em que várias empresas, que já detêm a maior parte de um mercado, se ajustam ou se fundem para assegurar o controle, estabelecendo preços altos para obter maior margem de lucro.

A essa altura, fica evidente que Goldman direciona sua crítica não só à guerra em si, mas também à preparação militar anterior à guerra, que, por sua vez, possibilita a guerra. Nossa pensadora acreditava que todo esse espectro cultivado pela preparação militar levaria à guerra. A própria militarização das pessoas é criticada por Goldman, visto que ela defende o livre desenvolvimento do espírito humano e não a criação de um ser disciplinado. Emma também faz uso da ironia para mostrar a hipocrisia dos discursos norte-americanos, pois esse país, que se dizia democrático, defensor da liberdade, fazia uso do mesmo discurso patriótico que era entoado pela Alemanha, até então considera "inimiga" dos Estados Unidos. Goldman mostra ao leitor que toda essa histeria bélica estava sendo, sim, incorporada pelo tecido social norte-americano, visto que inúmeras pessoas e instituições (até mesmo as mais liberais) começavam a abandonar sua perspectiva antiguerra inicial e a abraçar esses discursos patrióticos.

Outro fator muito relevante destacado por Goldman diz respeito a como as questões de classe perpassam essa preparação militar. Isso porque fica evidente, para Goldman, que quem ganha dinheiro com essa preparação militar são as grandes empresas e os Estados nacionais. Já o povo não ganha nada, pelo contrário, seus corpos são jogados na linha de batalha para serem mortos. Qual é então a saída? Para Goldman, parece ser a guerra de classes. A preparação das classes populares, pois essa preparação continuada faria com que a população se opusesse à guerra, que rejeitasse, para isso, os falsos valores sociais; que derrubasse o capitalismo e o Estado; que realizasse uma preparação sindical e social e, evidentemente, que mudasse, nesse caminho todo, suas mentes e corações.

O artigo *A preparação militar nos conduz direto ao massacre universal* não foi o único texto no qual Goldman trata sobre questões ligadas ao patriotismo, à preparação militar e à guerra. Sendo necessário, então, que analisemos o texto *O patriotismo uma ameaça à liberdade*.

Nesse texto, Emma já inicia sua narrativa fazendo referência a Liev Tolstói<sup>216</sup>, para mostrar que o patriotismo é um princípio que justifica a “instrução de indivíduos que cometerão massacres em massa; um comércio que exige um equipamento bem melhor para matar outros homens do que para fabricar gêneros de primeira necessidade” (GOLDMAN, 2007d, p. 60) e, nesse sentido, o patriotismo é “uma atividade econômica que garante maiores lucros e uma glória bem mais cintilante do que aquela da qual jamais fruirá o operário médio” (GOLDMAN, 2007d, p. 60). Emma cita também Gustave Hervé<sup>217</sup>, para mostrar que “outro grande

---

<sup>216</sup>Liev Tolstói (1828-1910) foi um escritor russo, amplamente reconhecido como um dos maiores de todos os tempos.

<sup>217</sup>Gustave Hervé (1871-1944), no início de sua trajetória política, era um fervoroso socialista antimilitarista e pacifista, mas, após 26 meses de prisão (1922), por conta de atividades antimilitaristas, converteu-se em um ultranacionalista.

antipatriota” (GOLDMAN, 2007d, p. 60) considerava “o patriotismo como uma superstição bem mais perigosa, brutal e desumana que a religião” (GOLDMAN, 2007d, p. 60), isso porque o patriotismo é uma superstição “criada artificialmente e mantida por uma rede de mentiras e falsidades; uma superstição que retira do homem todo o respeito por si mesmo e toda a dignidade, e aumenta sua arrogância e seu desprezo” (GOLDMAN, 2007d, p. 60).

Para Goldman, realmente “desprezo, arrogância e egoísmo são os três elementos fundamentais do patriotismo” (GOLDMAN, 2007d, p. 60). Nossa pensadora ressalta, ainda, que o patriotismo presume que “aqueles que têm a oportunidade de ter nascido em um território particular consideram-se mais virtuosos, mais nobres, mais inteligentes do que os que povoam os outros países” (GOLDMAN, 2007d, p. 60-61) e, seguindo essa lógica, se torna um “dever de todo habitante desse território lutar, matar e morrer para tentar impor sua superioridade a todos os outros” (GOLDMAN, 2007d, p. 61). E, visto que os ocupantes dos outros territórios raciocinam da mesma forma, “desde seus primeiros anos, o espírito da criança é envenenado por autênticos relatos de terror concernentes aos alemães, franceses, italianos, russos, etc.” (GOLDMAN, 2007d, p. 61). Sobre a forma como esse discurso patriótico afeta a mente das crianças, sobre como o meio social interfere na alma dos indivíduos, Goldman ressalta que:

Quando a criança atinge a idade adulta, seu cérebro está completamente intoxicado: *ela crê ter sido escolhida pelo Senhor em pessoa para defender sua pátria contra o ataque ou a invasão de qualquer estrangeiro* [grifo nosso]. Por isso tantos cidadãos exigem ruidosamente que se reforcem as forças armadas, terrestres ou navais, que construam mais barcos de guerra e munições. Eis por que a América, em um curtíssimo período, despendeu 400 milhões de dólares. Refleti sobre esse número: retiraram 400 milhões de dólares das riquezas produzidas pelo povo. Pois não são, evidentemente, os ricos que contribuem financeiramente à causa patriótica. (GOLDMAN, 2007d, p. 61).

E, apesar de o patriotismo trabalhar dentro da lógica nós *versus* eles, os que lucram com esse discurso, os que faturam muito dinheiro “êm um espírito cosmopolita e estão à vontade em todos os países” (GOLDMAN, 2007d, p. 61). Por exemplo, “os ricos americanos são franceses na França, alemães na Alemanha e ingleses na Inglaterra” (GOLDMAN, 2007d, p. 61). Essas pessoas “desperdiçam, com uma graça totalmente cosmopolita, as fortunas acumuladas colocando crianças americanas para trabalhar em suas fábricas e escravos em seus campos de algodão” (GOLDMAN, 2007d, p. 61). O lucro está, então, acima da dicotomia patriótica entre nós e eles. Vista tal situação, para Goldman, “patriotismo não concerne àqueles que detêm a riqueza e o poder. É um sentimento válido unicamente para o povo” (GOLDMAN, 2007d, p. 61) e isso “lembra a frase histórica de Frederico, o Grande, o amigo íntimo de Voltaire: ‘A religião é uma fraude, mas é preciso mantê-la para as massas’” (GOLDMAN,

2007d, p. 61-62). Vemos, aqui, mais uma vez, como as relações de classe são um fator fundamental dentro da perspectiva goldminiana.

Segundo Goldman, outra questão importante a ser considerada quando se analisa o patriotismo diz respeito aos gastos públicos, já que “o patriotismo é uma instituição dispendiosa” (GOLDMAN, 2007d, p. 62). Emma faz uso de dados estatísticos para comprovar isso, para mostrar que “o custo econômico do militarismo pesa sobre a população” (GOLDMAN, 2007d, p. 64), isso em diversos países, como a Grã-Bretanha, França, Alemanha, Estados Unidos, Rússia, Itália e Japão. Emma concluiu, após apresentar esses dados, que o “aumento do orçamento militar ultrapassa o crescimento da população [...] em outros termos, as exigências crescentes do militarismo ameaçam esgotar os recursos humanos e materiais de cada uma dessas nações” (GOLDMAN, 2007d, p. 64). Sobre essa questão, Goldman acrescentou ainda que:

O horrível desperdício acarretado pelo patriotismo deveria ser o suficiente para curar os homens, mesmo medianamente inteligentes, dessa doença. Entretanto, as exigências do patriotismo não param aí. Pede-se ao povo para ser patriota e, para esse luxo, ele paga não sustentando seus “defensores”, mas sacrificando seus filhos. O patriotismo exige uma vassalagem total à bandeira, o que implica obedecer e estar pronto a matar o pai, sua mãe, seu irmão ou sua irmã. (GOLDMAN, 2007d, p. 64).

Emma criticou também aqueles governantes que dizem necessitar de um exército permanente para proteger o país contra uma invasão estrangeira, já que “todo homem e toda mulher inteligentes sabem, contudo, que se trata de um mito destinado a apavorar as pessoas crédulas e obrigá-las a obedecer” (GOLDMAN, 2007d, p. 64). Se trata de um mito, pois os governos deste planeta “conhecem perfeitamente seus interesses respectivos e não invadem uns aos outros. Eles aprenderam que podem ganhar mais recorrendo à arbitragem internacional para resolver conflitos do que fazendo guerra e tentando conquistar territórios” (GOLDMAN, 2007d, p. 64). Segundo Goldman, das inúmeras guerras existentes, seja a guerra hispano-americana, ou a guerra russo-japonesa, vemos que é a busca por vantagens econômicas que estimula o conflito. São os interesses do Capital que estão ali representados. Nesse sentido, para Goldman:

A constituição de um exército permanente é a melhor maneira de assegurar a paz? Este argumento é absolutamente ilógico: é como se se sustentasse que o cidadão mais pacífico é aquele que está mais bem armado. A experiência mostra que indivíduos armados desejam sempre testar sua força. O mesmo acontece com os governos. Os países verdadeiramente pacíficos não mobilizam seus recursos e sua energia em preparativos de guerra, evitando, assim, todo conflito com seus vizinhos. *Aqueles que reivindicam o aumento dos meios do exército e da marinha não pensam em nenhum perigo externo. Eles observam o crescimento do descontentamento das massas e do espírito*

*internacionalista entre os trabalhadores. Eis o que os inquieta de fato. É para afrontar seu inimigo interno que os governantes de diferentes países se preparam neste momento; um inimigo que, uma vez desperto, revelar-se-á mais perigoso do que qualquer invasor estrangeiro [grifo nosso]. (GOLDMAN, 2007d, p. 66).*

Emma, então, não só critica a criação de um exército permanente, como também observa que ele pode ser utilizado com meio de reprimir as contestações vindas da multidão. Além disso, para Goldman, o Estado investe em uma dada psicologia para tentar iludir as massas no que diz respeito aos reais motivos do patriotismo e é por isso que se gastam centenas de milhares de dólares para exhibir as tropas e armas militares, para se exhibir a estética militar a fim de apresentar esse universo como imprescindível. E foi por isso que, nos Estados Unidos:

*260 mil dólares foram gastos para financiar fogos de artifício, espetáculos e festividades, num momento em que milhares de homens, mulheres e crianças, em todo o país, morriam e fome nas ruas, num momento em que centenas de milhares de desempregados estavam prestes a vender seu trabalho a qualquer preço. Duzentos e sessenta mil dólares! Quantas coisas poderiam ser realizadas com uma soma tão impressionante! *Todavia, em vez de dar-lhes um teto e alimentá-los corretamente, preferiu-se levar as crianças dessas cidades para assistir às manobras da frota, pois esse espetáculo, como disse um jornalista, deixará “uma lembrança inefável em sua memória”. Que maravilhosa lembrança, não é? Todos os ingredientes necessários a um massacre civilizado [grifo nosso]. (GOLDMAN, 2007d, p. 67).**

Em sua narrativa, Emma também traz à tona o papel do soldado dentro do evangelho do patriotismo. Segundo a autora, “se o patriotismo é nocivo ao comum dos mortais, é pouco em comparação com os prejuízos e ferimentos que ele inflige ao próprio soldado, esse homem enganado, vítima da superstição e da ignorância” (GOLDMAN, 2007d, p. 68). Isso porque o patriotismo oferece ao soldado “uma vida de perigo, de riscos mortais e de morte durante a guerra” (GOLDMAN, 2007d, p. 68). Nesse sentido, o soldado também está inserido em uma relação de poder na qual ele é prejudicado. Emma ressalta, ainda, que, em uma de suas turnês de conferências, visitou o “um lugar maravilhoso que domina a baía e o parque de Golden Gate” (GOLDMAN, 2007d, p. 68): ali foi construído, ao invés de “campos de esporte para as crianças, jardins e orquestras para o lazer da população, uma caserna constituída de prédios horríveis, cinzentos e insignificantes, prédios nos quais os ricos não deixariam nem mesmo seus cães dormirem” (GOLDMAN, 2007d, p. 68). Emma, então, mostra um pouco da dinâmica disciplinar presente nesses espaços, ao dizer que:

*Nesse miserável abarracamento, amontoam soldados como gado; eles perdem seu tempo e sua juventude engraxando as botas e lustrando os botões de seus oficiais superiores. Lá também pude observar as diferenças de classe: os robustos filhos de uma República livre, dispostos em fila como *prisioneiros*, são obrigados a bater continência sempre que um oficial desprezível passa*

diante deles. *Ah! Como a igualdade americana degrada a humanidade e exalta o uniforme!* [grifo nosso]. (GOLDMAN, 2007d, p. 68).

Outro fator descrito por Emma diz respeito à “perversão sexual” (GOLDMAN, 2007d, p. 68) dentro dessas casernas. Citando diretamente Havelock Ellis<sup>218</sup>, Emma tenta mostrar que “a vida na caserna tende a desenvolver a perversão sexual” (GOLDMAN, 2007d, p. 68). Citando Ellis, Emma traz, em sua narrativa, a seguinte ideia:

Alguns abarracamentos são autênticos bordéis para os prostitutas [...] O número de soldados que querem se prostituir é bem maior do que estamos prontos a admitir. Em certos regimentos, a maioria dos conscritos está disposta a vender-se [...] No verão, vemos soldados da Guarda Real e outros regimentos exercer seu comércio ao anoitecer, em Hyde Park e nos arredores de Albert Gates; eles não se escondem, alguns caminham inclusive fardados [...] O ganho dessas atividades é uma soma confortável que vem reforçar seu magro soldo. (HAVERLOCK apud GOLDMAN, 2004d, p. 69).

Pois bem, para Havelock, essa perversão progrediu no exército criando casas especializadas nessa forma de prostituição, já que “os soldados são procurados tanto na França como na Inglaterra ou na Alemanha, e bordéis especializados na prostituição militar existem tanto em Paris como nas cidades de guarnição” (HAVELOCK apud GOLDMAN, 2004d, p. 69). Levando essa premissa de Ellis ao limite, Emma considerava que essa “prática não se limita à Inglaterra, ela é universal” (GOLDMAN, 2007d, p. 69), isso porque, para ela, “se o sr. Havelock Ellis tivesse pesquisado sobre a perversão sexual na América, teria descoberto que a mesma situação existe em nosso exército” (GOLDMAN, 2007d, p. 69). Ademais, para Goldman, “o crescimento de um exército permanente só pode aumentar a extensão da perversão sexual; as casernas são suas incubadoras” (GOLDMAN, 2007d, p. 69). As casernas, além de funcionar como incubadoras, dificultavam a posterior inserção dos soldados no mundo do trabalho, pois, segundo Goldman:

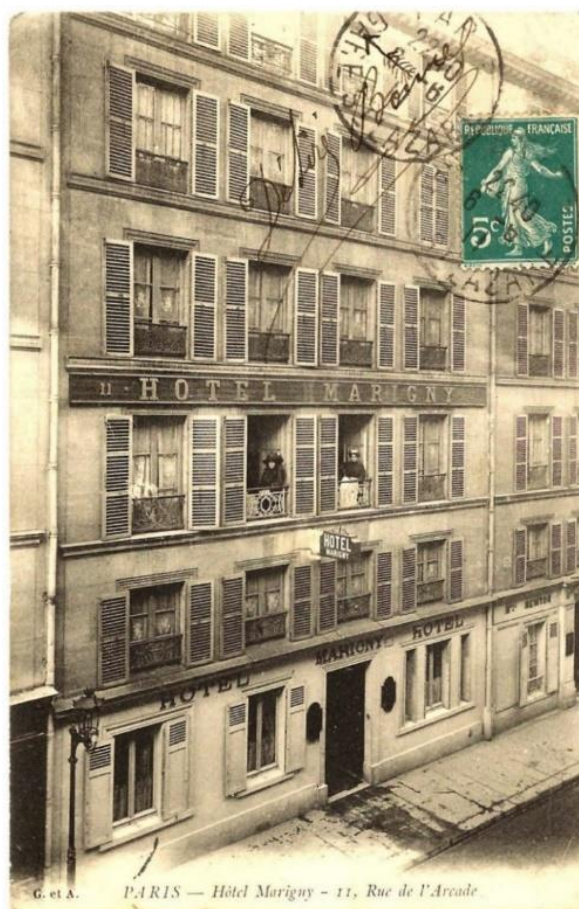
Fora das conseqüências sexuais deploráveis da vida comum nas casernas, o exército tende a tornar o soldado inapto para trabalhar quando deixa suas fileiras. É raro que homens qualificados se engajem, mas, quando acontece de o fazerem, ao final de alguns anos de experiência militar eles têm dificuldade para retomar suas ocupações anteriores. Tendo aprendido a gostar do ócio, de certas formas de excitação e aventura, nenhuma ocupação pacífica pode satisfazê-los mais. Livre de suas obrigações militares, tornam-se incapazes de efetuar o mínimo trabalho útil. Mas, habitualmente, o recrutamento dá-se sobretudo entre a canalha ou é proposto a prisioneiros libertos com esse objetivo. Estes aceitam para sobreviver ou porque são levados por suas tendências criminais. É sabido que nossas prisões pululam de ex-soldados, enquanto, por outro lado, o exército e a marinha acolhem muitos ex-condenados. Esses indivíduos, quando seu tempo na caserna expira, retornam

---

<sup>218</sup>Henry Havelock Ellis (1859-1939) foi um médico, psicólogo britânico e reformador social que se destacou por seus estudos sobre a sexualidade humana.

à sua vida criminal anterior, ainda mais violentos e depravados do que antes. (GOLDMAN, 2007d, p. 69-70).

Ao fazer uso da produção de Havelock Ellis, Emma acredita, como o autor, na existência de uma forma de prostituição voltada para militares e, além disso, Goldman faz uso do termo “perversão sexual”, presente, por sua vez, na produção de Ellis. Vejamos a primeira questão: é possível falar em uma “prostituição do masculino” no século XIX e início do XX? Uma pessoa desatenta poderia afirmar que não, já que a homossexualidade era considerada crime e contava com a oposição da retórica militar que, aliás, considerava as práticas de homossexualidade como imorais e criminosas. Entretanto, a realidade era bem diferente, pois, apesar de clandestina, a prostituição masculina era abundante. Na exposição *Hôtels Garnis, Garçons de Joie, Prostitution Masculine: Lieux et fantômes à Paris de 1860 a 1960*, a galerista Nicole Canet reuniu considerável acervo iconográfico, com mais de 300 fotos, para mostrar os famosos hotéis de Paris destinados aos prazeres entre homens. O Hôtel de Madrid; o Hôtel de l’Alma e o Hôtel Marigny estavam entre os mais famosos.



**Figura 19.** “Fotografia do Hôtel Marigny”. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cultura/a-prostituicao-no-masculino/> . Acesso 03/07/2021.



Na exposição e na produção de Nicole Canet, foi destinado um espaço especial para os prostitutas militares que exerciam seu trabalho em locais públicos ou nos hotéis. Com essa prática, “os soldados podiam ganhar em uma hora o que o Estado lhes pagava em um mês”, conta Nicole Canet (CANET apud LENEIDE DUARTE-PLON, 2012, s.p)<sup>219</sup>. Alguns soldados não só atuavam como prostitutas, como também frequentavam esses espaços como clientes. Além disso, os militares eram bem considerados nos bordéis, pois “o vigor deles era também muito apreciado. E os riscos sanitários, menores, pois passavam por controle médico bastante rígido. Cada regimento tinha sua enfermaria”, considera Canet (apud LENEIDE DUARTE-PLON, 2012, s.p). Edward Prime-Stevenson<sup>220</sup>, em *The Intersexes* (1909), lembra, ainda, que “o trabalho do prostituto civil tem de rivalizar com a concorrência dos marinheiros e soldados em todas as cidades. De fato, a maior parte dos clientes prefere os prostitutas militares” (STEVENSON apud LENEIDE DUARTE-PLON, 2012, s.p). Sendo assim, não podemos negar certa veracidade presente na narrativa de Havelock Ellis no que diz respeito à existência de uma prostituição propriamente militar e masculina.

Mas, no que se refere ao uso do termo “perversão sexual” para nomear a homossexualidade, o que podemos refletir?<sup>221</sup>. Pois bem, é importante lembrar que a perspectiva de Ellis está inserida na emergência do campo da sexologia, considerada, inicialmente, como uma subespécie da medicina. Havelock Ellis foi um médico que escreveu sobre sexualidade e outros tópicos ainda na Grã-Bretanha vitoriana. Em 1897, contando com a coautoria do ativista John Addington Symonds<sup>222</sup>, Ellis publicou *Sex Inversion*, sendo esse um dos primeiros textos em inglês que versavam sobre sexualidade. Essa produção tem um local especial dentro da história da sexualidade e da psiquiatria, ainda mais por ter sido escrito em um momento no qual a Inglaterra criminalizava a homossexualidade, como também outras inúmeras expressões sexuais.

Antes de Ellis, outros personagens do emergente campo da sexologia já haviam comentado sobre a questão da homossexualidade, mas, de forma geral, a homossexualidade não era a preocupação central dessas pessoas. Por exemplo, o foco principal da pesquisa poderia ser as doenças venéreas e, dentro dela, aparecer alguma reflexão sobre a homossexualidade. De

---

<sup>219</sup>C.f.: <https://www.cartacapital.com.br/cultura/a-prostituicao-no-masculino/>. Acesso 03/07/2021.

<sup>220</sup>Edward Prime-Stevenson (1858-1942) foi um autor americano. Ele usou o pseudônimo de Xavier Mayne.

<sup>221</sup>As questões que dizem respeito à produção de Ellis e que serão aqui apresentadas têm como base as reflexões colocadas pelo professor Ivan Crozier (The University of Sydney- Department of History - PhD).

<sup>222</sup>John Addington Symonds (1840-1893) foi um poeta e crítico literário inglês que advogou a validade do amor homossexual.

qualquer forma, quando a homossexualidade aparecia na sexologia, seja direta ou indiretamente, ela era, via de regra, considerada como negativa. Nesse sentido, no início do século XX, o desenvolvimento de certa “teoria da sexualidade” é perpassado por uma série de problemas, entre os quais estão visões estereotipadas e, em grande medida, nesse cenário intelectual, a homossexualidade aparecia, normalmente, como um problema psiquiátrico.

É nesse cenário intelectual que é publicado *Sex Inversion*. O livro está inserido no emergente campo da sexologia, mas, ao invés de considerar a homossexualidade um problema psiquiátrico, Ellis e Symonds a consideraram como algo natural, presente na natureza humana e nas outras espécies, existente em diferentes culturas e temporalidades. Para legitimar essa visão sobre a homossexualidade, Ellis adota uma narrativa mais enciclopédica, utiliza-se, também, de fontes multidisciplinares para evidenciar que era, no mínimo, plausível descriminalizar a homossexualidade, visto que ela era algo natural.

Não devemos, por outro lado, esquecer o paradoxo que cerca a perspectiva de Ellis. Isso porque, por mais que ele conceituasse a homossexualidade como algo natural, o que era “revolucionário” considerando outros autores do campo da sexologia, a perspectiva de Ellis, ainda sim, realiza uma patologização da sexualidade. O discurso médico de Ellis faz uma psicopatologização da homossexualidade e categoriza-a entre as chamadas perversões sexuais. Para Ellis, ser homossexual era normal, natural, já que o sexo e os impulsos sexuais são naturais e, em alguns escritos, Ellis passa a crer também que a homossexualidade era até mesmo congênita. Entretanto, existia, para Ellis, um espectro dentro da sexualidade e, dessa forma, algumas práticas eram normais (como a homossexualidade) e outras eram consideradas mais desviantes, como é o caso do sadomasoquismo mais *hardcore*.

Por considerar a homossexualidade como algo normal, Ellis inaugura uma nova linha de reflexão dentro da sexologia e, com isso, o médico contribuiu na crítica em relação à criminalização da homossexualidade por parte do Estado. Mas, de fato, não podemos negar que a perspectiva de Ellis carrega muito de seu tempo, sendo perceptível que sua visão ainda era repleta de problemas metodológicos. Apesar de estar desafiando a legislação da época ao evidenciar a naturalidade das práticas homossexuais, Ellis tem uma compreensão médico-legal; afinal, ele é um médico do século XIX e início do XX, carrega consigo um arcabouço teórico que valoriza e que se utiliza de uma visão patológica das relações.

Mesmo com sua visão médico-legal, Ellis queria evidenciar que a homossexualidade era natural e que, por isso mesmo, não deveria ser criminalizada. Nesse sentido, o livro não propõe uma cura para a homossexualidade. Mas, visto os resultados que os cruzamentos intelectuais são capazes de dar luz, a ideia de “perversões sexuais”, essa nomenclatura, pode,

sim, der dado margem para que psiquiatras em meados do século XX começassem a buscar uma cura para a homossexualidade. Não precisamos dizer, dada a notoriedade desse fato, que essa “cura” dita científica, na verdade, se traduzia em torturas praticadas em nome de uma ciência que, na realidade, era uma relação de poder que objetivava o controle social e o extermínio de determinados indivíduos. Aliás, a própria visão de Ellis é carregada de incongruências, de mudanças e, posteriormente, o autor até se aproximou mais dos discursos eugenistas.

Seria imprudente buscar uma teoria coerente dentro da perspectiva de Ellis, já que todo pensamento tem uma dinâmica própria. Em um momento, um autor pode defender dada perspectiva, em outro, ele pode ter sido convencido do contrário e, a partir daí, mudar sua visão inicial. Inicialmente, o discurso de Ellis pode ter contribuído para a descriminalização da homossexualidade na Inglaterra, em outro, pode ter servido aos interesses da teoria eugenista. E, dentro da perspectiva goldminiana, Ellis está sendo usado para evidenciar a existência de casernas especializadas na prostituição militar. Emma também cita Ellis quando vai falar sobre os tipos de crimes existentes na sociedade. Sim, Emma faz uso da produção de Ellis; entretanto, como vimos, ela também faz suas contribuições, anexando alguns fatores que não estavam tão destacados na produção do médico (as relações de classe, por exemplo), como pudemos observar no capítulo 1.3: *As prisões, os exílios políticos e a psicologia da violência política* da presente dissertação. Variadas podem ser as apropriações de um texto.

Pois bem, voltemos à nossa fonte. Emma, nas últimas páginas de seu artigo, refletindo sobre como o patriotismo mina o livre desenvolvimento da individualidade de cada um, relembra ao leitor o caso de William Buwalda<sup>223</sup>. Soldado que, após assistir a um comício que contava com mais de 1.500 pessoas, apertou a mão de Emma Goldman, conferencista do evento. Tal gesto lhe acarretou uma prisão de três anos, visto que sua ação foi considerada um crime, já que um soldado deve servir ao governo e, por isso mesmo, não deve ter visões sobre o Estado e a política, deve ter apenas uma fé cega em o servir. Para Emma, Buwalda foi preso, vejam só, “porque ele cometeu a loucura de crer que se pode ser um soldado e exercer seus direitos de ser humano” (GOLDMAN, 2007d, p. 70). Para Emma, o caso de Buwalda mostrava que o patriotismo deseja transformar “um ser pensante numa máquina leal” (GOLDMAN, 2007d, p. 70). Segundo Goldman:

Buwalda deu a seu país os melhores anos de sua vida adulta. Mas tudo isso não conta. Assim como todos os monstros insaciáveis, o patriotismo inflexível exige um devotamento absoluto. Não admite que um soldado também seja um humano, que ele tenha direito de ter suas opiniões e seus sentimentos pessoais,

---

<sup>223</sup>William Buwalda (1869-1946) foi um soldado dos Estados Unidos.

seus pendores e suas próprias ideias. Não, o patriotismo não admite. Buwalda teve de aprender essa lição pagando elevado preço, mas não inútil. Quando saiu da prisão, havia perdido sua posição no exército, mas havia reconquistado o respeito de si mesmo. Em todo caso, isso lhe valeu três anos de prisão. (GOLDMAN, 2007d, p. 71).

Emma se opôs àqueles que dizem que, por necessidade, pela conjuntura, era inevitável o alistamento militar obrigatório. Para Goldman, “os homens e mulheres que refletem neste mundo começaram a compreender que o patriotismo é uma concepção demasiado estreita e limitada para responder às necessidades de nossa época” (GOLDMAN, 2007d, p. 73). E se, de um lado o patriotismo surge, a reação a ele também e, com isso, as práticas de solidariedade aparecem entre os soldados. Aliás, para Goldman, foi essa solidariedade “que levou os soldados parisienses, durante a Comuna de 1971, a recusar-se a obedecer quando receberam a ordem para disparar contra seus irmãos” (GOLDMAN, 2007d, p. 73). Ademais, foi essa solidariedade que “deu coragem aos marinheiros que se amotinaram recentemente nos navios de guerra russos. E ela provocará um dia a sublevação de todos os oprimidos e a revolta contra seus exploradores internacionais” (GOLDMAN, 2007d, p. 73). Para Goldman, na luta contra o patriotismo era necessário:

Uma propaganda que faça a educação do soldado: uma literatura antipatriótica informe acerca dos verdadeiros horrores de seu ofício e o faça tomar consciência de sua relação com aqueles cujo trabalho lhe permite existir. É precisamente disso que as autoridades mais têm medo. Um soldado que assiste a uma reunião revolucionária já comete um crime de alta traição. É certo que eles condenarão igualmente à mesma pena o soldado que ler uma brochura revolucionária. A autoridade não denunciou como uma traição, desde tempos imemoriais, todo passo rumo ao progresso? Aqueles que lutam seriamente pela reconstrução social são perfeitamente capazes de bem conduzir essa tarefa, pois é provavelmente mais importante portar a mensagem da verdade nas casernas do que nas fábricas. Uma vez que tivermos desvelado a mentira patriótica, teremos aberto o caminho para o advento da grande estrutura em que todas as nacionalidades se unirão numa fraternidade universal: uma sociedade autenticamente livre. (GOLDMAN, 2007d, p. 74-75).

Em suma, após a análise das fontes, percebemos que, para Goldman, o patriotismo funciona também como uma atividade econômica, como um braço do sistema capitalista e do Estado, fazendo com que sejam possíveis os *lobbies* e demais práticas lucrativas. Além de favorecer o lucro para alguns, o patriotismo gerava gastos públicos significativos. A própria preparação militar é intensamente criticada por Goldman, que já vê ali o nascer da guerra e da criação de indivíduos e de uma narrativa repleta de disciplina. Emma percebeu que muitos abraçavam a narrativa de que o exército permanente era necessário, pois ele garantiria a paz contra os inimigos (muitos dos quais criados artificialmente), mas, na sua visão, pelo contrário, tal existência poderia facilitar a entrada em conflitos. Além disso, essa força militar poderia ser

usada como forma de repressão direcionada à multidão. Emma, sempre preocupada com as questões ligadas à sexualidade, ressaltou, ainda, aspectos da prostituição militar masculina, adentrando facetas pouco exploradas por aqueles que escreviam sobre patriotismo. Observando a crescente inserção da narrativa patriótica no tecido social norte-americano, Emma levantou sua voz contra tal situação, evidenciando, por fim, a necessidade de ampliar as redes de solidariedade e de uma educação propriamente antipatriótica dentro da sociedade. Tal oposição de Goldman à narrativa dominante gerou não só dois anos de prisão, mas o exílio. Entretanto, isso significou o fim da luta cotidiana de Emma? Como ela mesma colocou, quando questionada sobre essa questão, o exílio significava apenas um novo começo, como veremos.

## CAPÍTULO 2. AS QUESTÕES FEMININAS

### 2.1 A EMANCIPAÇÃO FEMININA

*"A liberdade do outro estende a minha ao infinito"*

(Michael Bakunin)

Emma Goldman foi uma pensadora versátil que escreveu sobre muitas temáticas. Contudo, é possível verificar que, na maior parte de seus escritos, havia uma constante preocupação em tratar as ditas “questões femininas”. E, neste capítulo, investigaremos artigos que dão conta de evidenciar a complexidade da perspectiva goldimianiana em relação à emancipação feminina, ao sufrágio feminino, ao controle de natalidade, ao tráfico de mulheres e à prostituição, como também em relação ao amor e os ciúmes. Segundo Elisabeth Lobo (1983, p. 36), “Emma foi, muitas vezes, criticada pelas feministas, acusada de ser mulher 'com cabeça de homem', inimiga da liberdade feminina”, porque Goldman traçou um caminho diferente para compreender o que seria a emancipação da mulher, como também desenvolveu uma crítica condutende à forma como o sufrágio feminino estava sendo tratado por parte significativa das militantes da época e, em grande medida, o presente capítulo pretende investigar o direcionamento argumentativo de Goldman sobre as referidas questões.

O artigo *A tragédia da emancipação feminina*, escrito por Goldman e publicado em março de 1906, na primeira edição da *Mother Earth*<sup>224</sup>, pode ser considerado um dos artigos mais conhecidos e significativos de Goldman sobre a emancipação feminina. A presença da palavra tragédia no título é sugestiva, pois poderia indicar que Goldman não compactuava com a forma como a emancipação feminina estava sendo tratada na época, e tal suposição se reforça quando lemos o escrito completo. Para Goldman, a emancipação feminina deveria “permitir que a mulher seja humana no seu sentido mais verdadeiro” (GOLDMAN, 2019e, p. 26) e, para alcançar a emancipação, “todo seu íntimo que clama por ser expressar e agir deve manifestar-se ao máximo; todas as *barreiras artificiais* [grifo nosso] devem ser quebradas e o caminho para expandir sua liberdade deve ser limpo de todo vestígio dos séculos de submissão e escravidão” (GOLDMAN, 2019e, p. 26). Nesse sentido, podemos afirmar que Emma compreendia a emancipação com um processo. Um processo criado pelas mulheres quando elas conseguiam se livrar das barreiras artificiais, isto é, das imposições sociais, da moral alheia.

---

<sup>224</sup>Tradução: “Mãe Terra”. (tradução nossa).

Criar novas subjetividades, reconhecer e exercer sua individualidade e, por consequência, não ser refém das normas sociais impostas: tais atitudes permitiriam a emancipação feminina, na visão goldminiana.<sup>225</sup>

Ao traçar o que seria a verdadeira emancipação feminina, Goldman se opôs ao que ela considerava uma emancipação superficial, isto é, se contrapôs à perspectiva que colocava como sinônimo da emancipação feminina o direito ao voto, à esfera pública e ao mundo do trabalho. Para nossa pensadora, o acesso a essas esferas da vida tinha, sim, o seu valor, mas não seria o suficiente para alcançar o que ela acreditava ser a verdadeira emancipação feminina. Segundo Goldman, a emancipação superficial “fez da mulher moderna um ser artificial; ela lembra um produto da arboricultura francesa, com suas árvores e arbustos arabescos, suas pirâmides, rodas e coroas; qualquer coisa, *menos as formas que alcançariam pela expressão de suas próprias qualidades* [grifo nosso]” (GOLDMAN, 2019e, p. 26).

Novamente, percebemos como a noção de individualidade é uma protagonista dentro da visão goldminiana, pois a autora sugere que, ao ser capaz de identificar e “expressar suas próprias qualidades” (GOLDMAN, 2019e, p. 26), isto é, suas características mais íntimas e sinceras, as mulheres estariam fazendo contribuições mais significativas para sua emancipação do que quando, por exemplo, aderem à prática do voto. A essa altura, é importante frisar que Goldman concebia de maneira distinta individualismo e individualidade, sempre criticando o primeiro e, simultaneamente, valorizando a importância dessa última. Reconhecendo que os humanos são seres influenciados pela biologia, pelos meios social, econômico e político, pela cultura e por inúmeras relações de poder que se expressam nos espaços micros da vida, Goldman entendia que conseguir identificar e expressar sua individualidade, isto é, criar formas de vida que contemplem sua individualidade seria, por fim, passo importante para as mulheres alcançarem a emancipação. Afinal, tal condição de se expressar a elas foi negada por séculos. Sobre a noção de individualidade, nossa pensadora afirmou, no artigo *O indivíduo, a sociedade e o Estado*, que:

Podemos dizer que a individualidade é a consciência do indivíduo de ser o que é, e de *viver essa diferença* [grifo nosso]. É um aspecto inerente a todo ser humano e um fator de desenvolvimento. O Estado e as instituições sociais fazem-se e desfazem-se, enquanto a individualidade permanece e persiste. A própria essência da individualidade é a expressão, o sentido da dignidade e da independência – eis seu terreno de predileção. *A individualidade não é esse conjunto de reflexos impessoais e maquinais que o Estado considera como ‘indivíduo’.* O indivíduo não é apenas o resultado da hereditariedade e do

---

<sup>225</sup>Recentemente, existem pesquisadores que estudam estratégias, como também formulam estratégias, para criar condições para uma vida menos subordinada às pressões sociais. Sobre essa questão ver: (ROLNIK, 2018).

*meio, da causa e do efeito. É isso e muito mais* [grifo nosso]. O homem vivo não pode ser definido: ele é fonte de toda vida e de todos os valores; ele não é uma parte disso ou daquilo: é um todo, um todo individual, um todo que evolui e se desenvolve, mas que permanece, contudo, um todo constante. A individualidade assim descrita nada tem em comum com as diversas concepções de individualismo e, sobretudo, com aquele que denominarei ‘individualismo de direita, à americana’, que é tão-somente uma tentativa disfarçada de coagir e vencer o indivíduo em sua singularidade. (GOLDMAN, 2007b, p. 33).

Segundo Goldman (2007b, p. 34), “é o indivíduo que vive, respira e sofre”, é ele que “desenvolve-se e progride lutando continuamente contra o fetichismo que ele nutre com respeito às suas próprias invenções” (GOLDMAN, 2007b, p. 34) e, nesse sentido, “mais que autoridade constituída, é a uniformidade social que prostra o indivíduo” (GOLDMAN, 2007b, p. 37). Ao mesmo tempo que Goldman reconhecia que o Estado, a Igreja e os condicionantes sociais, culturais, econômicos e políticos poderiam oprimir as pessoas, ela considerou a possibilidade de atuação dessas mesmas pessoas, pois “sozinho ou unido a outros, é sempre o indivíduo que sofre e combate as opressões de toda espécie, as potências que o subjagam e degradam” (GOLDMAN, 2007b, p. 35). Em suma, “o indivíduo é o gerador do pensamento libertador, assim como do ato libertador” (GOLDMAN, 2007b, p. 35). Considerando isso, concluímos que, para Goldman, a emancipação feminina perpassa a necessidade de as mulheres se firmarem enquanto indivíduos políticos, intelectuais e psiquicamente autônomos.

Ainda, em *A tragédia da emancipação feminina*, Goldman anunciou que suas esperanças, assim como as das demais militantes pelos direitos da mulher, também iam em direção à conquista da liberdade e da igualdade para a mulher, mas, vale ressaltar que Emma considerava que a emancipação da mulher “tal como foi interpretada e posta em prática atualmente, não alcançou esse ponto” (GOLDMAN, 2019e, p. 27). Goldman concluiu, então, que “*agora, a mulher enfrenta a necessidade de emancipar-se da emancipação, se ela realmente deseja ser livre. Isso pode parecer paradoxal, mas é, no entanto, verdadeiro* [grifo nosso]” (GOLDMAN, 2019e, p. 27). Mais uma vez, fica evidente que Emma não compactuava com alguns significados que eram dados para a emancipação feminina na época e, tal resistência é justificada no decorrer do artigo.

Nossa pensadora rebateu a perspectiva que traduzia emancipação feminina simplesmente com a conquista do voto, pois, tal conquista, para Goldman, deveria parar de ser superestimada. Aqui, Goldman deixou evidente sua contraposição à ocupação de cargos políticos o que, obviamente, tem relação direta com o fato de ela ser uma anarquista. Para ela, “nem mesmo a mulher, com seu direito ao voto [...] *purificará* [grifo nosso] a política”



(GOLDMAN, 2019e, p. 27). Outra questão relativizada por Emma foi a ideia de que a emancipação teria igualado economicamente a mulher ao homem, ou seja, que a emancipação teria permitido à mulher escolher sua própria profissão. Por mais que tal entrada no mercado de trabalho tenha um papel importante na vida de muitas mulheres, Goldman considerava que a luta entre mulheres e homens no mercado de trabalho continuava desigual, pois, como sua instrução física, no passado e no presente, não a dotou da “força necessária para competir com o homem, ela [a mulher] é, muitas vezes, obrigada a esgotar toda sua energia, consumir sua vitalidade e esticar seu último nervo para alcançar o valor de mercado”. Sobre essa questão, Emma acrescentou:

Muito poucas mulheres tiveram sucesso; é fato que professoras, médicas, advogadas, arquitetas e engenheiras não são tratadas com a mesma confiança que seus colegas do sexo masculino, ou recebem remuneração equivalente. E aquelas que alcançaram essa tentadora igualdade geralmente pagam com seu bem-estar físico e psíquico. (GOLDMAN, 2019e, p. 27).

Sua crítica à superestimação em relação ao sufrágio feminino e à entrada das mulheres no mercado de trabalho se faz ainda mais intensa quando ela se dedica a analisar “a grande massa de meninas e mulheres trabalhadoras” (GOLDMAN, 2019e, p. 27). Pois, para Goldman, seria incoerente falar que essas mulheres teriam obtido independência, visto que as “restrições e a falta de liberdade do lar são trocadas por restrições e falta de liberdade de fábrica, oficina de costura, loja de departamentos ou escritório” (GOLDMAN, 2019e, p. 27). E, somava-se a toda essa falta de liberdade, “o fardo que lhes é imposto de cuidar do ‘lar, doce lar’ – gélido, triste, desordenado e pouco convidativo – após um dia de árduo trabalho” (GOLDMAN, 2019e, p. 27).

E tal condição de classe fazia, segundo Goldman, com que centenas de garotas estivessem tão “propensas a aceitar a primeira oferta de casamento, exaustas de sua ‘independência’ atrás do balcão, em uma máquina de costura ou uma máquina de escrever” (GOLDMAN, 2019e, p. 28). Para Goldman, seria incoerente valorizar demasiadamente essa “independência”, pois “nossa independência tão elogiada é, antes de tudo, um processo lento de abafamento e sufocamento da natureza feminina, de seu instinto de amor e materno” (GOLDMAN, 2019e, p. 28). Fazendo uma crítica às condições das mulheres trabalhadoras que, quase sempre, eram reféns de uma dupla jornada de trabalho, como também identificando as limitações do sufrágio, Goldman desenvolveu sua crítica a qualquer euforia feminista em relação a essas duas questões.

Goldman também dissertou sobre “a tragédia da mulher independente ou economicamente livre” (GOLDMAN, 2019e, p. 28). Reconhecendo que a imprensa

sensacionalista retratava de forma muito estereotipada as mulheres militantes da época, Emma percebeu que “todas as envolvidas no movimento dos direitos da mulher foram retratadas como George Sand<sup>226</sup> no seu mais absoluto desrespeito pela moralidade” (GOLDMAN, 2019e, p. 29). Pelas lentes dessa imprensa e de muitos conservadores, as envolvidas na luta pelos direitos da mulher defendiam “apenas uma vida imprudente de luxúria e pecado; livre da sociedade, da religião e da moralidade” (GOLDMAN, 2019e, p. 29). E, por isso mesmo, “as expoentes dos direitos das mulheres ficaram profundamente indignadas com essa deturpação e, sem meios-termos, dedicaram todas as suas energias para provar o contrário” (GOLDMAN, 2019e, p. 30).

Pois bem, percebemos que Goldman se opôs à estratégia utilizada por parte dessas ativistas que, para não ser enquadradas no estereótipo descrito acima, perpetuava a ideia de que, agora, “livre e independente, provaria o quão boa podia ser e que sua atuação teria um efeito de purificação em todas as instituições da sociedade” (GOLDMAN, 2019e, p. 30). Para Goldman, essa narrativa provava, em suma, que “o movimento por direitos da mulher quebrou muitos grilhões antigos, mas também forjou novos” (GOLDMAN, 2019e, p. 30). Mais uma vez, identificamos uma crítica à ideia de que as mulheres poderiam purificar um ambiente que, na concepção da anarquista, se organizava estruturalmente de maneira corrupta e autoritária.

Goldman também teceu críticas às mulheres que, para se afirmarem enquanto “independentes” e “emancipadas”, perpetuavam uma “visão limitada e puritana” (GOLDMAN, 2019e, p. 30) que bania “o homem de sua vida sentimental, como sendo um elemento perturbador e duvidoso” (GOLDMAN, 2019e, p. 30). Nossa pensadora se opôs também ao medo presente no imaginário de muitas mulheres da época de que o amor poderia lhe roubar “a liberdade e independência” (GOLDMAN, 2019e, p. 28) e que a “maternidade a impedirá o pleno exercício de sua profissão” (GOLDMAN, 2019e, p. 28). Por mais que Goldman reconhecesse o peso que a dupla jornada tinha na vida das mulheres da multidão, como também percebesse as disparidades salariais existentes entre homens e mulheres, ela considerava que não era válido se fechar à “alegria da maternidade” (GOLDMAN, 2019e, p.28) e, principalmente, ao amor<sup>227</sup>, por conta dessas questões. Apesar de ser defensora do controle de natalidade e do direito das mulheres aos seus próprios corpos, nesse artigo, identificamos que Goldman concebe a maternidade como algo bom em “*essência*” e, por isso mesmo, ela comemorava o fato de que “as puritanas mais rigorosas nunca serão fortes o suficiente para matar o *desejo inato* [grifo nosso] de maternidade” (GOLDMAN, 2019e, p. 30).

---

<sup>226</sup>George Sand (1804-1876) foi uma aclamada romancista e memorialista francesa, considerada a maior escritora francesa.

<sup>227</sup>Em breve investigaremos como Emma Goldman concebia o amor.

Cabe aqui uma explicação sobre o que queremos dizer com uma valorização da maternidade em “*essência*”, valorização essa que acreditamos estar presente em *A tragédia da emancipação feminina*. Pois bem, antes de mais nada, é preciso lembrar que Emma Goldman, ao estudar na Allgemeines Krakenhause, em 1895, se formou como parteira e enfermeira e que, ao retornar para os Estados Unidos, atuou nessas profissões. Acreditamos que tal prática profissional tenha influenciado a visão de Goldman sobre a maternidade e o controle de natalidade.

Em sua autobiografia, escrita em 1931, Goldman declarou que sua “profesión de comadrona no era muy lucrativa, sólo los extranjeros más pobres recurrían a tales servicios [...] Diez dólares era la tarifa más alta; la mayor parte de las mujeres no podían pagar ni eso”<sup>228</sup> (GOLDMAN, 1996a, p. 216). Apesar das baixas rendas, a experiência como parteira a aproximou das “condiciones de vida de los trabajadores, sobre las que hasta entonces, había hablado y escrito sobre todo en teoría”<sup>229</sup> (GOLDMAN, 1996a, p. 216). Emma se viu impressionada com “los tremendos y ramos esfuerzos de las mujeres pobres contra los frecuentes embarazos”<sup>230</sup> (GOLDMAN, 1996a, p. 216) e, além disso, acrescenta, a maioria das mulheres vivia “con el temor constante a quedar embarazadas”<sup>231</sup> (GOLDMAN, 1996a, p. 216). Para Goldman, muitas mulheres se submetiam a tentativas de aborto devido à sua condição de classe, pois sabiam que não teriam condições de criar aquela prole. Sobre essa questão, Goldman afirmou que se impressionava com os:

Tremendos y ramos esfuerzos de las mujeres pobres contra los frecuentes embarazos. La mayoría vivía con el temor constante a quedar embarazadas; la gran parte de las mujeres casadas se sometían impotentes, y cuando descubrían el embarazo, la alarma y la preocupación daban como resultado su decisión de deshacerse del futuro hijo. Eran increíbles los métodos tan fantásticos que podía inventar la desesperación: saltar desde las mesas, rodar por el suelo, masajear el vientre, beber pócimas vomitivas y usar instrumentos romos. Intentaban éstos y otros métodos similares, generalmente con graves resultados. Era desgarrador, pero comprensible. Teniendo una numerosa prole, a menudo más de los que el salario del padre podía mantener, cada nuevo hijo era una maldición, 'una maldición divina', como me decían las mujeres judías ortodoxas y las católicas irlandesas. Los hombres, por lo general, se mostraban más resignados, pero las mujeres clamaban al cielo por infligirles tales castigos. Durante los dolores del parto algunas mujeres lanzaban anatemas contra Dios y contra el hombre, especialmente contra sus

<sup>228</sup>Tradução: "A profissão de parteira não era muito lucrativa, só os estrangeiros mais pobres recorriam a esses serviços [...] Dez dólares era o valor mais alto; a maioria das mulheres não podia pagar nem mesmo isso". (tradução nossa).

<sup>229</sup>Tradução: “condições de vida dos trabalhadores, sobre as quais até então, eu havia falado e escrito principalmente em teoria”. (tradução nossa).

<sup>230</sup>Tradução: "os esforços tremendos e de longa data de mulheres pobres contra gravidezes frequentes" (Idem).

<sup>231</sup>Tradução: "em constante medo de engravidar". (tradução nossa).

maridos. '¡Échale! —gritaba una de mis pacientes—, ¡no dejes que ese bruto se me acerque o le mataré!' Ésa criatura atormentada ya había tenido ocho hijos, cuatro de los cuales habían muerto en la infancia. Los demás estaban enfermizos y malnutridos, como la mayoría de los niños no deseados y mal cuidados que se arrastraban a mi alrededor mientras ayudaba a traer otra criatura al mundo.<sup>232</sup> (GOLDMAN, 1996a, p. 217).

Muitas mulheres pediam que Goldman induzisse um aborto nelas, alegando que poderiam pagar pequenas taxas mensais pelo procedimento (GOLDMAN, 1996a, p. 217), entretanto, Emma acreditava que “no podía avenirme a realizar la tan deseada operación. No tenía fe en mi capacidad y recordaba que nuestro profesor de Viena nos había demostrado con frecuencia los terribles resultados de un aborto”<sup>233</sup> (GOLDMAN, 1996a, p. 217). Segundo Emma, “*no se trataba de ninguna consideración moral sobre la santidad de la vida; una vida no deseada y forzada a la pobreza más abyecta no me parecía sagrada* [grifo nosso]”<sup>234</sup> (GOLDMAN, 1996a, p. 217), mas que seus “intereses abarcaban el problema social al completo, no un simple aspecto de él, no arriesgaría mi libertad por esa única parte de la lucha humana. Me negué a realizar abortos y no conocía métodos que evitaran la concepción”<sup>235</sup> (GOLDMAN, 1996a, p. 217).

Após presenciar o desespero de muitas mulheres na hora do parto, Goldman voltava para casa “enferma y afligida, odiando a los hombres responsables de las espantosas condiciones en que vivían sus mujeres y sus hijos, y odiándome sobre todo a mí misma porque

---

<sup>232</sup>Tradução: “esforços tremendos e ferozes de mulheres pobres contra gravidezes frequentes. A maioria vivia com medo constante de engravidar; a grande maioria das mulheres casadas submeteu-se impotente e, quando descobriram a gravidez, o alarme e a preocupação resultaram na decisão de se livrar do futuro filho. Os métodos fantásticos que o desespero podia inventar eram incríveis: pular de mesas, rolar no chão, massagear a barriga, beber poções de vômito e usar instrumentos rudes. Elas tentaram esses e outros métodos semelhantes, geralmente com resultados terríveis. Foi comovente, mas compreensível. Tendo uma grande descendência, muitas vezes mais do que o salário do pai poderia sustentar, cada novo filho era uma maldição, “uma maldição divina”, como as mulheres judias ortodoxas e católicas irlandesas chamavam. Os homens eram geralmente mais resignados, mas as mulheres clamavam ao céu por afligir-lhes tais punições. Durante as dores do parto, algumas mulheres lançaram anátemas contra Deus e contra o homem, especialmente contra seus maridos. 'Jogue-o fora!' Gritou um dos meus pacientes, 'não deixe aquele bruto chegar perto de mim ou eu o mato!'. Aquela criatura atormentada já tinha oito filhos, quatro dos quais morreram na infância. Os outros estavam doentes e desnutridos, como a maioria das crianças indesejadas e mal cuidadas que rastejavam ao meu redor enquanto eu ajudava a trazer outra criatura ao mundo”. (tradução nossa).

<sup>233</sup>Tradução: “não podia realizar a tal desejada operação. Não tinha fé em minha capacidade e lembrava-se de que nosso professor em Viena muitas vezes nos mostrava os terríveis resultados de um aborto”. (tradução nossa).

<sup>234</sup>Tradução: “não se tratava de qualquer consideração moral sobre a santidade da vida; uma vida indesejada e forçada à mais abjeta pobreza não parecia sagrada para mim”. (tradução nossa).

<sup>235</sup>Tradução: “interesses abrangiam todo o problema social, não apenas um aspecto dele, eu não arriscaria minha liberdade por aquela parte da luta humana. Recusei-me a fazer abortos e não tinha conhecimento de métodos que impediriam a concepção”. (tradução nossa).

no sabía cómo ayudarles”<sup>236</sup> (GOLDMAN, 1996a, p. 217). Com a prática de parteira, Goldman “había aprendido que las mujeres y los niños llevaban la carga más pesada de nuestro despiadado sistema económico, comprendía que era una burla querer que esperaran a que llegara la revolución social para enderezar las injusticias”<sup>237</sup> (GOLDMAN, 1996a, p. 218). E, apesar dos problemas de saúde relacionados à sua inversão uterina, Goldman não consentia com uma operação que poderia dar fim a essa condição e possibilitar uma gravidez, pois “cada vez estaba más convencida de que mi vida no conocería por mucho tiempo la armonía en el amor, que los conflictos, y no la paz, serían mi destino. En esta vida no había lugar para un hijo”<sup>238</sup> (GOLDMAN, 1996a, p. 218).

Dito isso, fica evidente que Goldman, em virtude, entre outras coisas, de sua prática enquanto parteira, estava ciente dos problemas que eram impostos às mulheres por elas não terem acesso a métodos contraceptivos. Emma é, sem dúvida, uma das primeiras vozes feministas a discutir o aborto em solo estadunidense de forma tão aberta. A maternidade nem sempre era algo positivo na vida de muitas mulheres da multidão e Goldman estava ciente disso. Tão ciente que nossa pensadora aproveitou uma de suas viagens internacionais para contrabandear dispositivos anticoncepcionais para os Estados Unidos em seu retorno. Goldman não só integrou a campanha pelo Birth Control<sup>239</sup>, como também foi presa ao menos duas vezes por discursar publicamente pelo controle de natalidade. Falamos isso tudo para mostrar que, apesar de Emma Goldman valorizar a maternidade em “essência”, ela não tinha uma visão “romântica” da maternidade, no sentido de que ela reconhecia os desdobramentos traumáticos que uma maternidade não desejada poderia causar na vida das mulheres, principalmente das mulheres pobres.

Por conta disso, acreditamos que Goldman identificou a maternidade como algo essencialmente positivo no artigo que aqui analisamos, mas, ao mesmo tempo, isso não significa que ela não reconhecia os problemas oriundos de uma maternidade não desejada e, vale lembrar, Emma defendia o direito das mulheres aos seus próprios corpos, como demonstramos acima. Ainda sim, Goldman reconhecia a maternidade como algo natural, colocando que as mulheres

---

<sup>236</sup>Tradução: “enferma e aflita, odiando os homens responsáveis pelas péssimas condições em que viviam suas esposas e filhos, e odiando-me acima de tudo por não saber como ajudá-los”. (tradução nossa).

<sup>237</sup>Tradução: “havia aprendido que as mulheres e as crianças carregavam o fardo mais pesado de nosso sistema econômico implacável, entendi que era uma zombaria querer que esperassem a revolução social para corrigir as injustiças”. (tradução nossa).

<sup>238</sup>Tradução: “estava cada vez mais convencida de que minha vida não conheceria por muito tempo a harmonia no amor, que os conflitos, e não a paz, seriam meu destino. Nesta vida não havia lugar para um filho” (Idem).

<sup>239</sup>Tradução: “Controle de natalidade”. (tradução nossa).

poderiam até mesmo ter o desejo inato pela maternidade e, simultaneamente, ela também acreditava nos direitos das mulheres aos seus próprios corpos e era uma defensora do controle de natalidade. Dito isso, acreditamos ser possível afirmar que Emma identifica, em “*essência*”, a maternidade como algo positivo e inato.

Nas últimas páginas de *A tragédia da emancipação feminina*, Goldman citou perspectivas que, assim como a dela, criticavam a forma como muitas pessoas estavam lidando com a emancipação feminina. A primeira obra listada por nossa pensadora foi *Woman, a Character Study*<sup>240</sup>, escrita pela norueguesa Laura Marholm<sup>241</sup>. Segundo Goldman, “ela foi uma das primeiras a destacar o vazio e a limitação da concepção acerca da emancipação feminina e seu trágico efeito sobre a *vida pessoal* [grifo nosso] da mulher” (GOLDMAN, 2019e, p. 30). Para Goldman, quando Laura Marholm descreveu as trajetórias de mulheres como Eleonora Duse<sup>242</sup>, Sonya Kovalevskaya<sup>243</sup> e Marie Bashkirtseff<sup>244</sup>, ficou evidente que, mesmo todas elas sendo consideradas mulheres emancipadas, existia “um rastro do desejo não satisfeito por uma vida plena, autêntica, completa e bela, assim como a inquietação e a solidão resultantes da falta disso” (GOLDMAN, 2019e, p. 30). Segundo Emma, os esboços psicológicos presentes na obra de Marholm demonstravam que, quanto maior o “desenvolvimento mental da mulher, menor sua chance de encontrar um companheiro compatível que verá nela não só o sexo, mas também uma humana [...] com sua intensa individualidade” (GOLDMAN, 2019e, p. 30).

Se muitos homens não conseguiram lidar com o desenvolvimento intelectual da mulher, aquele que também “vê nela nada além de sua mentalidade e seu talento” (GOLDMAN, 2019e, p. 30) e que, por isso mesmo, “falha em despertar nela sua *natureza feminina* [grifo nosso]”, é inviável para essa mulher (GOLDMAN, 2019e, p. 30). Acreditamos que, aqui, Goldman estava tentando argumentar sobre a solidão que muitas mulheres poderiam enfrentar ao abraçar uma proposta de performance feminista completamente independente de relações amorosas. Na sequência, Goldman evidenciou a armadilha na qual as mulheres poderiam cair, pois, apesar de “um intelecto abundante e uma alma encantadora geralmente serem considerados atributos necessários em uma personalidade nobre e bonita” (GOLDMAN, 2019e,

---

<sup>240</sup>Tradução: “Mulher, um estudo de caráter”. (tradução nossa).

<sup>241</sup>Laura Marholm (1854-1928), escritora de crítica literária, biografias sobre mulheres e romance. Autora de obras como: *Modern Women; We Women and Our Authors* e *Studies in the psychology of Woman*.

<sup>242</sup>Eleonora Duse (1858-1924), atriz italiana. Participou da peça de Émile Zola em 1878.

<sup>243</sup>Sonya Kovalevskaya (1850-1891), matemática russa.

<sup>244</sup>Maria Bashkirtseff (1858-1884), escritora, pintora e escultorista russa.

p. 30), “no caso da mulher moderna, esses atributos servem como obstáculo à afirmação completa de seu ser” (GOLDMAN, 2019e, p. 31-32).

Podemos deduzir que Goldman acreditava que a emancipação tinha a ver com a livre expressão da individualidade de cada mulher e que, por isso mesmo, era essa expressão que poderia emancipar a mulher. Em sua concepção, para se emancipar, não necessariamente a mulher teria que abdicar de suas relações amorosas com o sexo oposto ou ter que performar diariamente de modo a se enquadrar em um certo estereótipo de “mulher emancipada”. Goldman, por fim, concluiu que muitas das mulheres evoluídas “nunca realmente entenderam o significado da emancipação” (GOLDMAN, 2019e, p. 32), pois “elas pensavam que tudo que precisavam era a independência de tiranias externas; as tiranias internas – *convenções éticas e sociais* [grifo nosso] -, muito mais prejudiciais para a vida e o desenvolvimento, foram deixadas para se resolverem por si próprias” (GOLDMAN, 2019e, p. 32). Nesse sentido, para Goldman:

Até que a mulher aprenda a desafiar a todos, a se sustentar com firmeza em seu lugar e a persistir por sua liberdade irrestrita, a ouvir a voz de sua natureza, seja quando clama o maior tesouro da vida – *amar a um homem* [grifo nosso] – ou seu privilégio mais glorioso – *o direito de dar à luz uma criança* [grifo nosso] –, ela não pode se dizer emancipada. Quantas emancipadas são corajosas o suficiente para admitir quando a voz do amor chama, furiosamente contra seu peito, exigindo ser ouvida, ser satisfeita. (GOLDMAN, 2019e, p. 32).

Segundo Goldman, “a maior deficiência da emancipação contemporânea reside na sua *rigidez artificial* [grifo nosso] e sua limitada noção de *decência* [grifo nosso], produzindo um vazio na alma da mulher que não a deixará beber da nascente da vida” (GOLDMAN, 2019e, p. 34). No final do artigo, nossa pensadora ressaltou também a necessidade de as pessoas crescerem “sem os obstáculos das antigas tradições e hábitos” (GOLDMAN, 2019e, p. 34) e reconheceu que “o movimento da emancipação feminina deu seu primeiro passo nessa direção” (GOLDMAN, 2019e, p. 34). De qualquer forma, Goldman considerava que “o direito ao voto, ou igualdade dos direitos civis, podem ser boas demandas, mas a verdadeira emancipação não começa nas eleições ou nos tribunais. Começa na *alma* da mulher [grifo nosso]” (GOLDMAN, 2019e, p. 34). Sendo necessário que a mulher perceba “que sua liberdade alcançará tão alto quanto for seu vigor para conquistar sua liberdade” (GOLDMAN, 2019e, p. 35), portanto, “muito mais importante que ela comece por sua *regeneração interna* [grifo nosso], que se liberte do peso dos preconceitos, tradições e costumes” (GOLDMAN, 2019e, p. 35).

Por fim, Goldman afirmou que, se “a emancipação parcial visa conquistar a emancipação completa e verdadeira da mulher, terá que acabar com a noção ridícula de que ser amada, amante e mãe é sinônimo de ser escrava ou subordinada” (GOLDMAN, 2019e, p. 35).

A mulher “terá que eliminar a noção absurda de dualismo dos sexos, ou que homens e mulheres representam dois mundos antagônicos” (GOLDMAN, 2019e, p. 35). Portanto, além de uma severa crítica ao ideal de mulher que, às vezes, era reproduzido dentro dos próprios círculos militantes, Goldman desenvolveu sua própria perspectiva em relação a esse assunto, se mostrando uma grande defensora do combate às tiranias internas e da livre expressão dos seres.

## 2.2 O CONTROLE DE NATALIDADE

*“De qualquer ângulo que a questão do Controle de Natalidade possa ser considerada, é o assunto mais relevante dos tempos modernos e como tal não pode ser abafada pela perseguição, encarceramento ou censura”.*

(Emma Goldman, 1916)

Em 1873, nos Estados Unidos da América, em um cenário marcado por discursos de "pureza social", foi aprovada a Lei Comstock, que proibiu o envio de "qualquer artigo ou coisa projetada ou destinada a prevenir a concepção ou obter um aborto, bem como qualquer forma de informação contraceptiva" (ENGELMAN, 2011, p. 15). Ainda no XIX, surgiram movimentos contra a lei. Aliás, foi também nesse contexto que os discursos feministas começaram a proclamar a necessidade da “maternidade voluntária”: era o início do que ficaria conhecido como campanha pelo controle de natalidade. Apesar de a campanha reivindicar que as mulheres deveriam ter direitos a métodos contraceptivos, esse movimento foi muito dinâmico e, em certa medida, carregou em seu âmago contradições classistas marcantes. Como salientou Angela Davis, o movimento pelo controle de natalidade “raramente foi bem-sucedido em reunir mulheres de todas as classes sociais, e as líderes do movimento quase nunca divulgaram amplamente as verdadeiras preocupações das mulheres da classe trabalhadora” (DAVIS, 2016, p. 205).

Além disso, “algumas vezes, os argumentos desenvolvidos pelas defensoras do controle de natalidade se basearam em premissas flagrantemente racistas” (DAVIS, 2016, p. 205). Nesse sentido, “o histórico desse movimento deixa muito a desejar no âmbito da contestação do racismo e da exploração de classe” (DAVIS, 2016, p. 205). Apesar disso tudo, ao proclamar o direito da mulher – mesmo que sem se atentar adequadamente para as necessidades específicas das mulheres das minorias étnicas e oriundas da classe trabalhadora – , esse movimento tinha, em seu início, “um potencial progressista” (DAVIS, 2016, p. 205) quase que indiscutível. Sobre isso Davis considera que:



O slogan da ‘maternidade voluntária’ continha uma visão nova e autenticamente progressista da condição da mulher. Ao mesmo tempo, entretanto, essa visão estava rigidamente associada ao estilo de vida de que gozavam as classes médias e a burguesia. As aspirações por trás da reivindicação da ‘maternidade voluntária’ não refletiam as condições das mulheres da classe trabalhadora, engajadas em uma luta muito mais fundamental pela sobrevivência econômica. Uma vez que essa primeira reivindicação pelo controle de natalidade foi associada a objetivos que só poderiam ser atingidos por mulheres com riqueza material, um grande número de mulheres pobres e da classe trabalhadora teve certa dificuldade em se identificar com o embrionário movimento pelo controle de natalidade. (DAVIS, 2016, p. 210).

Entre as mulheres que defendiam o controle de natalidade havia diferentes justificativas para as suas respectivas adesões à causa. Como salientou Linda Gordon<sup>245</sup>, algumas feministas “enfaticavam cada vez mais o controle de natalidade como um caminho para carreiras profissionais e para a educação superior – objetivos inalcançáveis para a população pobre, com ou sem controle de natalidade” (GORDON apud DAVIS, 2016, p. 212). Outras feministas, que também defendiam o controle de natalidade, começaram a difundir a ideia de que “a população pobre tinha a obrigação moral de reduzir o tamanho da sua família, porque famílias grandes drenavam os impostos e gastos com caridade dos ricos e porque as crianças pobres eram menos propensas a se tornar ‘superiores’” (DAVIS, 2016, p. 212). Como aponta Davis:

Se as sufragistas aquiesceram aos argumentos que invocam a extensão do voto às mulheres como salvação da supremacia branca, então as defensoras do controle de natalidade ou aquiesceram ou apoiaram os novos argumentos invocando o controle de natalidade como um meio de prevenir a proliferação das ‘classes baixas’ e como um antídoto ao suicídio de raça. Este poderia ser prevenido pela introdução de métodos contraceptivos entre a população negra, imigrante e pobre em geral. Assim, as brancas prósperas de sólida linhagem ianque poderiam continuar sendo superiores em número na população. *Dessa forma, o viés de classe e racismo se infiltraram no movimento pelo controle de natalidade ainda em sua infância* [grifo nosso]. Cada vez mais, aceitava-se nos círculos do movimento que as mulheres pobres, tanto negras quanto imigrantes, tinham um ‘dever moral de restringir o tamanho de sua família’. O que era reivindicado como um ‘direito’ para as mulheres privilegiadas veio a ser interpretado como um ‘dever’ para as mulheres pobres. (DAVIS, 2019, p. 212).

A trajetória da própria Margaret Sanger<sup>246</sup>, considerada uma das mais relevantes defensoras do controle de natalidade, mostra “a influência fatal do movimento eugenista” (DAVIS, 2016, p. 215) que logo “destruía o papel progressista da campanha pelo controle de

<sup>245</sup>Linda Gordon (1940) é uma feminista e historiadora americana.

<sup>246</sup>Margaret Sanger (1879-1966) foi uma enfermeira, sexóloga, escritora e ativista do controle de natalidade norte-americana.

natalidade” (DAVIS, 2016, p. 215). Principalmente a partir de 1919, “a influência do eugenismo no movimento pelo controle de natalidade era inequívoca” (DAVIS, 2016, p. 215). Em um programa de rádio, Sanger chegou a afirmar que “pessoas com atraso e deficiência mental, epiléticas, analfabetas, miseráveis, que não têm condições de obter um emprego, criminosas, prostitutas e viciadas deveriam ser cirurgicamente esterilizadas” (DAVIS, 2016, p. 216).

Em suma, com a influência das ideias eugenistas na campanha pelo controle de natalidade, “o potencial progressista do movimento foi roubado quando passou a defender não o direito individual das pessoas de minorias étnicas ao *controle de natalidade*, e sim a estratégia racista de *controle populacional*” (DAVIS, 2016, p. 217). Visto que os argumentos que faziam os indivíduos abraçarem a campanha pelo controle de natalidade eram variados e, não raro, antagônicos, pretendemos compreender como Emma Goldman entendia o controle de natalidade. Iremos investigar quais argumentos foram mobilizados por ela para legitimar sua posição em defesa do amplo acesso à métodos contraceptivos e como, diferente de outras pessoas da época também ligadas à campanha, Goldman ressaltava a necessidade de aproximar o controle de natalidade das necessidades das pessoas comuns, visto que ela acreditava que, com as estratégias e princípios certos, a campanha poderia contribuir para o avanço da multidão como um todo.

Como já mencionamos, a prática de parteira aproximou nossa pensadora das condições desesperadoras em que muitas mulheres se encontravam por não terem acesso a métodos contraceptivos. E sua passagem pela Europa, na primeira década do século XX, a aproximou do Birth Control<sup>247</sup>. Entretanto, foi por volta de 1914 que o movimento pelo controle de natalidade ganhou mais força e novos contornos nos Estados Unidos e, por isso mesmo, a partir de então, era bem comum ver Goldman discursando sobre “o direito da criança de não nascer”, sobre “como se proteger de crianças demais”, como também sobre a necessidade de o corpo da mulher ser liberto da coerção do Estado e da moral social.

---

<sup>247</sup>Tradução: “Controle de natalidade”. (tradução nossa).



**Figura 20.** “Emma Goldman falando de um carro aberto para uma multidão de trabalhadores do setor de confecções sobre controle de natalidade na Union Square, Nova York, em 20 de maio de 1916”. (UPI, Bettmann Archive). Disponível em: <https://cdni.rbth.com/rbthmedia/images/2020.06/original/5ee2336d85600a49264c1524.jpg>. Acesso: 24/08/2021.

Em 12 de fevereiro de 1916, nas páginas do *New-York Tribune*, constava que Emma Goldman tinha sido “presa noite passada na frente do Vorwaerts Hall, na rua East Broadway, 175, onde iria apresentar uma palestra pelo controle de natalidade” (NEW-YORK TRIBUNE, 12 Feb. 1916)<sup>248</sup>. Segundo a notícia, havia 2 mil pessoas à espera da palestra de Goldman sobre o controle de natalidade, o que, diga-se de passagem, sinaliza a presença de um público significativo. Já no jornal *The Sun*, era possível ler a manchete “Emma Goldman, pronta para discursar, é presa” (THE SUN, 12 Feb.1916)<sup>249</sup> e, segundo a notícia, nossa pensadora havia sido presa, pois a polícia alegava que a palestra feria “a secção 1142 do código penal” (THE SUN, 12 Feb.1916).

Diante de tamanha repercussão, Goldman resolveu escrever uma *Carta à imprensa*, na qual criticou a brutalidade da polícia e afirmou que realmente proferia “palestras sobre controle de natalidade há anos; muitas vezes em Nova York e em outras cidades, diante de um público

<sup>248</sup>“Emma Goldman é presa: Mandado Baseado em Palestras sobre o Controle de Natalidade Impede repetição na Noite Passada”. *New-York Tribune*, 12 Feb, 1916. Reportagem presente na obra: GOLDMAN, Emma. *Questão Feminina/ Emma Goldman*. São Paulo: Biblioteca Terra Livre; Projeto Emma Goldman, 2019. 144p.; 21x14 cms.

<sup>249</sup>“Emma Goldman, pronta para discursar, é presa: Polícia determina que sua fala sobre o Controle de Natalidade é uma violação do código penal”. *The Sun*, 12 Feb, 1916. Reportagem presente na obra: GOLDMAN, Emma. *Questão Feminina/ Emma Goldman*. São Paulo: Biblioteca Terra Livre; Projeto Emma Goldman, 2019. 144p.; 21x14 cms.

significativo” (GOLDMAN, 2019f, p. 93). E que, além disso, em “quase todas havia detetives infiltrados tomando notas” (GOLDMAN, 2019f, p. 93-94) e, por isso mesmo, não era segredo que ela apoiava “essa questão e a necessidade de transmitir seus conhecimentos” (GOLDMAN, 2019f, p. 94). Ao descrever sua atuação pública mais recente, Goldman esclareceu que, na sexta-feira, dia 4 de fevereiro, tinha apresentado “mais uma palestra em Foward Hall, Nova York, onde 3 mil pessoas tentaram entrar” (GOLDMAN, 2019f, p. 94) e, “em reposta a tamanho clamor popular para saber mais sobre o controle de natalidade, outro encontro foi marcado para terça-feira, 8 de fevereiro, no New Star Casino” (GOLDMAN, 2019f, p. 94). Entretanto, foi em 11 de fevereiro, enquanto adentrava o Foward Hall para apresentar uma palestra sobre Ateísmo<sup>250</sup>, que Goldman foi detida. Foi essa prisão a retratada no periódico *The Sun* e no *New-York Tribune*, como demostramos acima.

Em sua carta, Goldman considerou a repressão destinada àqueles que defendiam o controle de natalidade uma amostra do fato de que a polícia e os sucessores de Anthony Comstock<sup>251</sup> “não compreenderam que a questão do controle de natalidade atingiu tamanha dimensão que não é por meio de perseguições e sofismas banais que irão interromper sua vitória” (GOLDMAN, 2019f, p. 95). E, visto que aqueles que disseminavam o conhecimento sobre o controle de natalidade eram acusados de fazerem tal coisa por quererem perpetuar a obscenidade, Goldman esclareceu os motivos que fizeram muitos abraçarem essa luta:

O fazemos porque sabemos das terríveis condições da massa trabalhadora e até mesmo dos profissionais quando não conseguem atender às demandas de tantas crianças. É sobre este fundamento que pretendo argumentar no tribunal. A menos que eu esteja muita errada, sustento meu argumento no princípio fundamental da América, a saber, que quando uma lei é superada pela sua época e necessidade, deve ser eliminada e o único meio de se livrar dela é levando a público que ela ultrapassou seus propósitos e é exatamente isso que tenho feito e pretendo continuar fazendo. Planejo uma campanha publicitária para o encontro em Carnegie Hall e por meio de qualquer outro canal que poderá alcançar o público americano inteligente ao fato de que, apesar de não estar particularmente ansiosa para ir à prisão, devo ficar grata se, ao fazê-lo, puder dar maior intensidade à importância do controle de natalidade e apagar as legislações antiquadas sobre esta questão. (GOLDMAN, 2019f, p. 95).

Com isso, fica evidente a intensa participação de Goldman na luta pelo controle de natalidade que invadiu os Estados Unidos no início do século XX. Não só através de sua

---

<sup>250</sup>Lembrando que, na reportagem do *New-York Tribune*, constava que Emma havia sido presa no local onde iria “apresentar uma palestra acerca do controle de natalidade”, além disso, a reportagem também descreveu a detenção como “pacífica”. Ambas afirmações foram negadas por Goldman em sua *Carta à Imprensa*.

<sup>251</sup>Anthony Comstock (1844-1915) foi um inspetor e político norte-americano dedicado a ideias de moralidade vitoriana.

oratória, mas também de seus escritos, Goldman defendeu essa questão. Em abril de 1916, Emma publicou na *Mother Earth*<sup>252</sup> o artigo *Os aspectos sociais do Controle de Natalidade*, o qual investigaremos agora para termos uma melhor compreensão da perspectiva goldminiana sobre essa questão.

No referido artigo, Goldman inicia sua argumentação tecendo elogios às ideias de Robert Thomas Malthus<sup>253</sup>, considerado, por ela, como o pai do controle de natalidade. Segundo Goldman, Malthus partiu da ideia de que “a terra não é fértil ou rica o suficiente para suprir as necessidades de uma raça excessiva” (GOLDMAN, 2019b, p. 77), mas, para a anarquista, se Malthus “estivesse vivo atualmente, concordaria [...] que, se uma grande massa de pessoas continua na miséria e os ricos ficam mais ricos não é porque falta à Terra fertilidade ou riqueza de suprimentos” (GOLDMAN, 2019b, p. 77), mas sim “porque o planeta é monopolizado nas mãos de poucos excluindo outros muitos” (GOLDMAN, 2019b, p. 77). É intrigante o fato de Goldman iniciar sua narrativa citando Malthus. Talvez isso tenha relação com o fato de que, no mesmo contexto em que Emma integrou a campanha pelo Birth Control<sup>254</sup>, ela, simultaneamente, tomou um conhecimento mais significativo em relação às ideias dos neomalthusianos. De qualquer forma, é relativamente complicada a afirmação de Goldman de que Malthus concordaria que o grande problema da modernidade seria o monopólio do planeta nas mãos de poucos, visto que muitos teóricos identificam na perspectiva de Malthus ideias racistas e, em tempos mais recentes, parte da teoria de Malthus tem sido utilizada até mesmo para legitimar o que alguns chamam de Ecofascismo.<sup>255</sup>

Na sequência, Goldman se esforçou para evidenciar como está intrínseca, na lógica do sistema capitalista, a necessidade de uma população vasta, não sendo, por fim, interesse do sistema apoiar o controle de natalidade. Para Goldman, “o capitalismo não sobrevive sem o militarismo” (GOLDMAN, 2019b, p. 78) e, nesse sentido, “são as massas que fornecem o material a ser destruído nas trincheiras e nos campos de batalha” (GOLDMAN, 2019b, p. 78). Morrer nas trincheiras ou fazer parte do exército industrial de reserva<sup>256</sup>, esse era o destino de

<sup>252</sup>*Mother Earth*, v.11, n.2 – Abril de 1916.

<sup>253</sup>Robert Thomas Malthus (1766-1834) foi um economista britânico. É considerado o pai da demografia por sua teoria para o controle do aumento populacional, conhecida como malthusianismo. Filho de um rico proprietário de terras, terminou os estudos no Jesus College a partir de 1784, onde obteria um posto de professor em 1793.

<sup>254</sup>Tradução: “Controle de natalidade”. (tradução nossa).

<sup>255</sup>Ecofascismo, segundo Carlos Taibo, “é baseado na intuição de que, para resolver eficientemente o problema geral da escassez, não há outra solução do que propiciar um rápido e forte declínio no número de seres humanos que povoam o planeta”. (TAIBO, 2019, p. 149).

<sup>256</sup>Sobre esse excedente populacional, Marx registrou que “se uma população trabalhadora excedente é um produto necessário da acumulação ou do desenvolvimento da riqueza com base capitalista, essa

muitas das pessoas comuns e, por isso mesmo, para Goldman, muitos “economistas políticos, junto de todos os patrocinadores do regime capitalista, são favoráveis a uma grande e excessiva massa e, portanto, contrários ao Controle de Natalidade” (GOLDMAN, 2019b, p. 78). Nesse momento, fica evidente que, para Goldman, a oposição ao controle de natalidade tinha relação direta com questões classistas.

Goldman também evidenciou aspectos que, de alguma forma, estavam contribuindo positivamente para a legitimação do movimento pelo controle de natalidade. Um desses aspectos diz respeito a pesquisas da época que demonstravam que “uma vitalidade sobrecarregada e mal alimentada não pode produzir progenitores saudáveis” (GOLDMAN, 2019b, p. 78) e, nesse sentido, se consolidava como fato a ideia de que “a reprodução indiscriminada e incessante por parte dessas massas sobrecarregadas e subalimentadas resulta em um crescimento de crianças deficientes, aleijadas e desafortunadas” (GOLDMAN, 2019b, p. 78-79). Segundo Goldman, tais premissas faziam com que reformadores sociais, ainda que liberais, se aproximassem e apoiassem o movimento pelo controle de natalidade.

Nossa pensadora destacou também outra questão que estava desempenhando um papel significativo em favor do controle de natalidade, isto é, o “despertar intelectual da mulher” (GOLDMAN, 2019b, p. 79). Para Goldman, por muito tempo a mulher “está ajoelhada diante do altar do dever imposto por deus, pelo capitalismo, pelo Estado e pela moralidade” (GOLDMAN, 2019b, p.79), mas “hoje ela acorda de um longo sono” (GOLDMAN, 2019b, p. 79). E, diante disso, a mulher passa a proclamar que não será “mais parte do crime de trazer infelizes crianças ao mundo unicamente para serem moídas aos pedaços pelas engrenagens do capitalismo e para serem estraçalhadas nas trincheiras e campos de batalhas” (GOLDMAN, 2019b, p. 79). Goldman considera esse “acordar” das mulheres algo extremamente positivo, pois é a mulher que “deveria estar na posição de decidir quantas crianças deve trazer ao mundo, se devem ser trazidos ao mundo pelo homem amado e porque quer uma criança, ou se devem nascer em meio ao ódio e à repugnância” (GOLDMAN, 2019b, p. 79).

Ademais, Goldman fez questão de demonstrar que constantes gestações poderiam gerar desdobramentos negativos na saúde física e mental de muitas mulheres. Daí a importância de

---

superpopulação se converte, em contrapartida, em alavanca da acumulação capitalista, e até mesmo numa condição de existência do modo de produção capitalista. Ela constitui um exército industrial de reserva disponível, que pertence ao capital de maneira tão absoluta como se ele o tivesse criado por sua própria conta. Ela fornece a suas necessidades variáveis de valorização o material humano sempre pronto para ser explorado, independentemente dos limites do verdadeiro aumento populacional”. (MARX, 2013, p.860).

as mulheres terem “conhecimento que as permita se recuperar em um período entre 3 a 5 anos entre cada gravidez, o que por si só lhes daria o bem-estar físico e mental e a oportunidade de cuidar melhor da criança já existente” (GOLDMAN, 2019b, p. 80). Por fim, Goldman demonstra não só a necessidade de as mulheres terem o direito sobre seus próprios corpos, mas também reivindica o direito das crianças a terem acesso a uma vida digna e repleta de amor. Mais uma vez, observamos uma defesa do que alguns chamariam hoje de corpo anárquico, isto é, de um corpo livre da moralidade imposta pela sociedade.

Ao falar sobre o papel dos homens na defesa do controle de natalidade, Goldman novamente evidenciou como essa questão estava intrinsecamente ligada a uma dimensão de classe, pois, afinal, homens também, especialmente, os operários, passaram a ver grandes famílias “como um fardo deliberadamente imposto a eles pelas forças conservadoras da sociedade, pois uma família grande paralisa a mente e amortece os músculos das massas trabalhadoras” (GOLDMAN, 2019b, p. 80). Na perspectiva de Goldman, “nada acorrenta tanto os trabalhadores como uma ninhada de filhos e isso é exatamente o que os oponentes do Controle de Natalidade anseiam”. Com medo de perder seu pequeno soldo que, querendo ou não, servia para alimentar suas crianças, muitos trabalhadores não ousavam “ingressar na organização revolucionária; não ousam entrar em greve; não ousam expressar uma opinião” (GOLDMAN, 2019b, p. 80). Aqui, observamos que, para Goldman, o projeto de oposição ao controle de natalidade tinha recortes classistas evidentes. Não só por terem uma dada crença, mas sim para manter as opressões de classe, muitos se opunham ao movimento pelo controle de natalidade. De qualquer forma, massas trabalhadoras “despertam para a importância do controle de natalidade como meio de se libertarem do jugo e, além disso, como um meio de fazer algo pelos que já existem, impedindo que venham mais crianças ao mundo” (GOLDMAN, 2019b, p. 80).

Outro aspecto que estaria contribuindo para a defesa do controle de natalidade, segundo Goldman, seria as mudanças ocorridas nas “relações entre os sexos” (GOLDMAN, 2019b, p. 80). Ainda que essas mudanças estejam restritas a uma minoria, visto que a “mulher continua sendo um mero objeto para o homem comum de hoje, um meio para atingir um fim; comumente um meio físico e só” (GOLDMAN, 2019b, p. 80), ainda assim, existiam homens “que perceberam que, mesmo que o homem se emancipe das superstições do passado, nada mudaria na estrutura social enquanto a mulher não tomasse seu lugar junto dele na grandiosa luta social” (GOLDMAN, 2019b, p. 81). Sendo assim, esses homens perceberam que, se a mulher gasta suas energias em um eterno estado de gravidez, “sobra pouco tempo para todo o resto. Seu tempo para considerar as perguntas que absorvem e agitam o pai de seus filhos é

menor. Sem exaustão física e estresse, ela se torna um obstáculo no caminho do homem” (GOLDMAN, 2019b, p. 81). Diante desse fato, “é, então, por sua própria proteção e pela necessidade de companheirismo e amizade da mulher amada que homens querem sua libertação da terrível imposição da constante reprodução da vida, sendo, por isso, a favor do Controle de Natalidade” (GOLDMAN, 2019b, p. 81). Percebemos, então, mais um esforço de Goldman de demonstrar o papel dos homens no que se refere ao movimento pelo controle de natalidade.

Goldman também reservou algumas páginas para demonstrar a hipocrisia daqueles que se opunham ao controle de natalidade em nome da defesa da maternidade. Segundo Goldman, muitos desses “charlatões” (GOLDMAN, 2019b, p. 81) desconsideravam os desdobramentos reais de uma maternidade fruto da ausência de acesso a métodos contraceptivos, isto é, desconsideram que “mães foram forçadas a trabalhar arduamente para sustentar as criaturas que, a contragosto, trouxeram ao mundo” (GOLDMAN, 2019b, p. 81). Negligenciavam também o fato de que “milhares de mulheres são sacrificadas resultado de abortos realizados em segredo e apressadamente por médicos charlatões ou parteiras ignorantes” (GOLDMAN, 2019b, p. 82), isso tudo por não terem acesso e conhecimento sobre métodos contraceptivos. Em um cenário no qual a maternidade está entrelaçada a consequências tão problemáticas, a exaltação da maternidade por parte dos poetas e políticos, isto é, o culto sexista à maternidade tão presente naquele contexto, seria, para Goldman, o “crime maior contra a mulher” (GOLDMAN, 2019b, p. 82).

A crítica goldminiana em relação a essa retórica em torno da maternidade evidencia, mais uma vez, a complexidade de sua visão em relação a esse assunto. Por mais que ela valorizasse e admirasse uma maternidade que fosse desejada, isto é, uma maternidade que se dava em virtude da livre escolha, Goldman conseguia perceber que uma maternidade não desejada, ao contrário da desejada, poderia trazer prejuízos físicos e mentais para as mulheres e as crianças e, por isso mesmo, dizer que toda maternidade era sagrada e benéfica (como faziam, por exemplo, os discursos conservadores) parecia um tanto quanto raso para Emma Goldman. E, para responder aos moralistas que diziam que “limitar a reprodução” (GOLDMAN, 2019b, p. 82) era uma “tendência inteiramente contemporânea, porque a mulher moderna não tem moral e deseja fugir à responsabilidade” (GOLDMAN, 2019b, p. 82), Goldman recorreu à produção do médico alemão Dr. Theilhaber<sup>257</sup>. Emma evidencia, então, que o médico “compilou dados históricos que provam” (GOLDMAN, 2019b, p. 82) que a tendência

---

<sup>257</sup>Felix Aaron Theilhaber (1884-1956) médico e escritor defensor do controle de natalidade e da reforma sexual.



de limitar a reprodução era predominante entre “Hebreus, Egípcios, Persas e muitas tribos indígenas americanas” (GOLDMAN, 2019b, p. 82). Segundo Goldman, a produção de Felix Aaron Theilhaber era importante, pois desmentia “a superstição que toda mulher deseja se tornar mãe de uma extensa família” (GOLDMAN, 2019b, p. 82).

Mesmo diante da possibilidade de prisão, Goldman reafirmou sua posição enquanto “defensora do movimento mundial, um movimento que visa libertar as mulheres do terrível jugo e *sujeição à gravidez forçada* [grifo nosso]; um movimento que demanda o *direito à cada criança de nascer bem* [grifo nosso]” (GOLDMAN, 2019b, p. 84). Em suma, “um movimento que deverá ajudar *a libertar o parto de sua eterna opressão; um movimento que deverá abrir as portas para um novo tipo de maternidade* [grifo nosso]” (GOLDMAN, 2019b, p. 84). Creio que nada expressa melhor a perspectiva goldminiana sobre o controle de natalidade do que a ideia de possibilitar caminhos para o desenvolvimento de um novo tipo de maternidade. Aqui, observamos que, de fato, Goldman reconhecia a maternidade compulsória como um problema e, simultaneamente, desejava criar saídas para que fosse possível uma maternidade baseada na livre escolha dos indivíduos. Um novo tipo de maternidade se fazia necessário, não só para que a mulher pudesse ser livre, mas também para que as crianças tivessem “infância repleta de júbilo e alegria” (GOLDMAN, 2019b, p. 84).

### 2.3 O SUFRÁGIO FEMININO

*“Nada é tão perigoso como dissecar um fetiche [...] Sendo assim, provavelmente serei considerada uma oponente da mulher [...] Sim, eu posso ser considerada uma inimiga da mulher; mas se puder ajudá-la a ver a luz, não vou lamentar”.*

(Emma Goldman, 1911)

Como bem salientou Angela Davis (2016, p. 58), seria um erro acreditar que a luta estadunidense pela emancipação das mulheres começou somente em 1840, devido à atuação de Lucretia Mott<sup>258</sup> e Elizabeth Cady Stanton<sup>259</sup>, após suas insatisfações dentro da Convenção Antiescravista Mundial de 1840, como foi proposto por Susan B. Anthony<sup>260</sup> no livro *History*

<sup>258</sup>Lucretia Mott (1793-1880) foi uma americana ativista dos direitos das mulheres e reformadora social.

<sup>259</sup>Elizabeth Cady Stanton (1815-1902) foi uma feminista e ativista social estadunidense, uma figura líder do movimento pelos direitos das mulheres.

<sup>260</sup>Susan Brownell Anthony (1820-1906) foi uma escritora, professora e ativista feminista norte-americana que atuou fortemente na luta das mulheres pelo direito ao voto.

*of Woman Suffrage*<sup>261</sup>. Isso porque essa narrativa não levará “em conta as lições acumuladas ao longo de quase uma década, durante a qual as abolicionistas lutaram por sua emancipação política enquanto mulheres” (DAVIS, 2016, p. 58). Antes de 1840, “a rebelião de Nat Turner, o surgimento do jornal *Liberator*, de Garrison, e a fundação da primeira organização antiescravagista nacional” (DAVIS, 2016, p. 48) já “anunciaram o início de uma época de violentas lutas sociais” (DAVIS, 2016, p. 48). Aliás, as mulheres trabalhadoras, a partir de 1820, também “já organizavam ‘paralisações’ e greves, militando contra a dupla opressão que sofriam, como mulheres e como operárias” (DAVIS, 2016, p. 65) e, em 1828, “em Dover, New Hampshire, por exemplo, as trabalhadoras abandonaram os empregos para demonstrar seu desacordo com restrições recentemente impostas” (DAVIS, 2016, p. 65).

A luta antiescravagista, iniciada ainda na década de 30 dentro dos Estados Unidos, contou com a ajuda de operárias que “ofereceram um apoio decisivo à causa abolicionista” (DAVIS, 2016, p. 49), de qualquer forma, “as figuras femininas brancas mais visíveis na campanha antiescravagista eram mulheres que não precisavam exercer trabalho remunerado [...] em outras palavras, mulheres da classe média emergente” (DAVIS, 2016, p. 49). Segundo Davis, as “abolicionistas acumularam experiências políticas de valor incalculável, sem as quais não teriam conseguido organizar de modo efetivo a campanha por seus direitos mais de uma década depois” (DAVIS, 2016, p. 49). Dito isso, a ideia presente em *History of Woman Suffrage*<sup>262</sup> de que, somente em 1840, devido às ações de Lucretia Mott e Elizabeth Cady Stanton, “começava assim, e ali, o trabalho missionário pela emancipação da mulher” (ANTONHY apud DAVIS, 2019, p. 58), como uma forma de reação à supremacia masculina no interior da campanha antiescravagista, não é de todo satisfatória.

Apesar de o encontro entre Lucretia Mott e Elizabeth Cady Stanton ter ocorrido em 1840, foi somente em 1848 que elas convocaram uma convenção de mulheres que ocorreu em Seneca Falls. E, “entre as cerca de 300 pessoas, mulheres e homens, que participaram da Convenção de Seneca Falls, a questão do poder eleitoral para as mulheres era o único grande ponto de desavença: a proposta do sufrágio, por si só, não tinha apoio unânime” (DAVIS, 2016, p. 61). A Declaração de Seneca Falls, resultado da convenção, criticava o matrimônio pois o “casamento roubava delas seu *direito à propriedade* [grifo nosso]” (DAVIS, 2016, p. 63), como também fazia com que as mulheres estivessem sujeitas a “desigualdades nas instituições de ensino e na carreira” (DAVIS, 2016, p. 63), entre outras coisas. Segundo Davis:

---

<sup>261</sup>Tradução: “História do sufrágio feminino”. (tradução nossa).

<sup>262</sup>Tradução: “História do sufrágio feminino”. (tradução nossa).

A importância inestimável da Declaração de Seneca Falls residia em seu papel como *expressão da consciência sobre os direitos das mulheres* em meados do século XIX. Tratava-se do resultado teórico de anos de contestações inseguras e muitas vezes silenciosas, voltadas a uma condição política, social, doméstica e religiosa que era contraditória, frustrante e claramente opressiva para as mulheres da burguesia e das classes médias emergentes. Entretanto, enquanto consumação exata da consciência do dilema das mulheres brancas de classe média, a declaração ignorava totalmente a difícil situação das mulheres brancas da classe trabalhadora, bem como a condição das mulheres negras tanto do Sul quanto do Norte. *Em outras palavras, a Declaração de Seneca Falls propunha uma análise da condição feminina sem considerar as circunstâncias das mulheres que não pertenciam à classe social das autoras do documento* [grifo nosso]. (DAVIS, 2016, p. 64).

Ainda segundo Davis, “se o reconhecimento concedido às mulheres da classe trabalhadora no encontro de Seneca Falls foi praticamente irrisório, não houve nem mesmo uma breve menção aos direitos de outros grupos de mulheres” (DAVIS, 2016, p. 67), nesse sentido, “não havia uma única mulher negra na audiência. Nem os documentos da convenção fazem qualquer referência às mulheres negras” (DAVIS, 2016, p. 67). Dois anos depois da referida Convenção, aconteceu a primeira Convenção Nacional pelos Direitos das Mulheres. Ali, estava presente Sojourner Truth<sup>263</sup> que, com seu discurso “Não sou eu uma mulher?”, foi capaz de calar aqueles que acreditavam que a superioridade masculina era um princípio cristão (DAVIS, 2016, p. 71). O discurso em questão era, também, “uma resposta às atitudes racistas das mesmas mulheres brancas que posteriormente louvaram sua irmã negra” (DAVIS, 2016, p. 72). Aliás, “não foram poucas as mulheres reunidas em Akron que, inicialmente, se opuseram às mulheres negras terem voz na convenção, e os opositores dos direitos das mulheres tentaram tirar vantagem desse racismo” (DAVIS, 2016, p. 72).

Os abolicionistas brancos também não reconheciam “que a mão de obra branca no Norte, não obstante sua condição de operárias ou operários ‘livres’, não estava em situação muito diferente da mão de obra escrava do Sul: ambas eram vítimas da exploração econômica” (DAVIS, 2016, p. 74). Segundo Davis, “como regra, pessoas brancas abolicionistas ou defendiam os capitalistas industriais ou não demonstravam nenhuma consciência de identidade de classe” (DAVIS, 2016, p. 75) e “*essa aceitação sem objeções do sistema econômico capitalista era evidente também no programa do movimento pelos direitos das mulheres* [grifo nosso]” (DAVIS, 2016, p. 75).

Para Davis, “a maioria das defensoras dos direitos das mulheres enxergava a supremacia masculina [...] como uma falha imoral de uma sociedade que, em seus demais

---

<sup>263</sup>Sojourner Truth (1797-1883) foi uma abolicionista afro-americana e ativista dos direitos das mulheres.

aspectos, era aceitável” (DAVIS, 2016, p. 75). De qualquer forma, por mais racistas e pouco preocupadas com os trabalhadores que as posturas iniciais desse movimento de mulheres possa parecer, “foi apenas na última década do século XIX que a campanha pelo sufrágio feminino começou a aceitar definitivamente o abraço fatal da supremacia branca” (DAVIS, 2016, p. 121). Tal domínio de uma visão excludente dentro do movimento das sufragistas é verificado quando a Nawsa<sup>264</sup>, em sua resolução de 1893:

Desconsiderava arrogantemente os direitos das mulheres negras e imigrantes, junto com os direitos de seus parentes homens [...] A lógica dessa resolução implicava um ataque à classe trabalhadora como um todo e uma disposição – consciente ou não – para adotar uma causa comum com os novos capitalistas monopolistas, cuja busca indiscriminada por lucro não conhecia limites humanos. Ao aprovar a resolução de 1893, as sufragistas bem que poderiam ter anunciado que se o poder do voto fosse concedido a elas, mulheres brancas da classe média e burguesia, rapidamente subjugariam os três principais elementos da classe trabalhadora dos Estados Unidos: a população negra, os imigrantes e a mão de obra branca nacional sem instrução [...] Em 1899, as sufragistas foram rápidas em fornecer evidências de sua consistente lealdade aos capitalistas monopolistas com ânsia de poder. Assim como os ditames do racismo e do chauvinismo deram forma à política da Nawsa em relação à classe trabalhadora doméstica, as novas realizações do imperialismo dos Estados Unidos eram aceitas sem questionamentos pela associação. (DAVIS, 2016, p. 122-123).

Muitas vezes, as mulheres reivindicavam seu direito ao voto utilizando-se de argumentos racistas (tal situação se agrava ainda mais em 1903), negligenciando a situação daqueles que pertenciam à classe trabalhadora e reproduzindo discursos repletos de estereótipos em torno da feminilidade e da moralidade feminina (DAVIS, 2016). E, vista a profunda crítica que Emma Goldman tinha da sociedade capitalista, sua preocupação com a emancipação feminina era acompanhada de uma visão de classe; sendo assim, sua crítica foi direcionada aos movimentos que, ao reivindicarem os direitos das mulheres, perpetuavam o espírito presente em Seneca Falls e na Nawsa, isto é, a movimentos que perpetuavam discursos pouco preocupados com as mulheres trabalhadoras e que reproduziam uma linguagem repleta do que hoje chamaríamos de estereótipos sexistas. Segundo Emma Goldman:

O movimento sufragista americano foi, até muito recentemente, um assunto menor, absolutamente apartado das necessidades econômicas das pessoas. Assim, Susan B. Anthony, uma mulher sem dúvida excepcional, não fora apenas indiferente, mas antagonista ao trabalhador; ela sequer hesitou em manifestar seu antagonismo quando, em 1869, aconselhou as mulheres a tomarem o lugar dos gráficos grevistas de Nova York. Não sei dizer se sua atitude mudou antes de sua morte. É evidente que existem algumas sufragistas afiliadas às trabalhadoras – a Liga Sindical das Mulheres, por exemplo; mas são minoria e suas atividades são essencialmente econômicas. O restante delas vê o trabalho como uma provisão justa da Providência. O que seria dos ricos,

<sup>264</sup>National American Woman Suffrage Association.

se não houvesse pobres? E dessas mulheres ociosas e parasitas, que gastam em uma semana o que suas vítimas ganham em um ano, quando não os 80 milhões de trabalhadores assalariados? (GOLDMAN, 2019g, p. 66).

Analisaremos, pois, o artigo *Sufrágio Feminino* para compreender melhor a crítica de Goldman ao movimento pelo direito ao voto feminino. No referido artigo, Goldman inicia sua discussão levantando um paradoxo existente na modernidade<sup>265</sup>. Segundo a anarquista, mesmo diante dos avanços da ciência, ainda assim, permanecia um “culto aos ídolos”. Leitora incessante de Nietzsche, Goldman compartilhava da ideia de que existiam “ídolos” e que eles variavam “em forma e essência, ainda que seu poder sobre a mente humana seja tão desastroso quanto era antigamente” (GOLDMAN, 2019g, p. 55).

Nas palavras de Goldman, “nos dias atuais, o símbolo idolatrado é o sufrágio universal” (GOLDMAN, 2019g, p. 55). O sufrágio seria, então, uma “onipotente divindade” (GOLDMAN, 2019g, p. 55) e, nesse sentido, “ai do herege que se atreve a questionar essa divindade!” (GOLDMAN, 2019g, p. 55). Na perspectiva goldminiana, o sufrágio se tornou a divindade do século XX, um símbolo idolatrado, de maneira não crítica, por muitos e, em resumo, o sufrágio seria o “novo ídolo” da modernidade (GOLDMAN, 2019g, p. 55). E, visto que as mulheres, por muito tempo, foram “ensinadas” a permanecerem sempre de joelhos, elas, não raro, “têm sido, desde tempos imemoriais, as maiores defensoras de todas as divindades” (GOLDMAN, 2019g, p. 55) e, diante da sua devoção, as mulheres pagavam um preço alto, perdendo “sua liberdade, o sangue de seu coração, a própria vida” (GOLDMAN, 2019g, p. 55).

E, a partir de então, Goldman dissertou sobre a relação entre as mulheres e os diferentes ídolos que se fizeram existentes na História e, só posteriormente, pensou sobre a dinâmica entre mulheres e o sufrágio, como veremos. Dito isso, fica evidente que Goldman aproveitou aquelas páginas não só para compreender a relação entre mulheres e voto, seus problemas e possíveis potencialidades, mas também para pensar o efeito que o poder (seja o da Igreja, do Lar, do Estado e até mesmo do “ídolo” moderno chamado sufrágio feminino) adquiriu nas mentes femininas, isso em diferentes contextos<sup>266</sup>.

---

<sup>265</sup>Esse paradoxo foi explorado por outras pensadoras, como, por exemplo, as mulheres francesas do século XVIII. De qualquer forma, em nossa pesquisa, nos delimitaremos a compreender como Goldman desenvolveu sua argumentação em torno do referido paradoxo.

<sup>266</sup>É certo que o “poder” e esses “ídolos” que são descritos por Goldman também afetavam os homens. Entretanto, percebemos um esforço por parte da pensadora em investigar os desdobramentos deles na vida e mente das mulheres. Tal fato não significa que Goldman negue que essas questões influenciavam também os homens; sinaliza somente que ela realizou um “recorte teórico”, isto é, buscou, no referido artigo, entender a força desses fatores na existência das mulheres.

Um dos primeiros pontos analisados por nossa pensadora foi a relação entre religião e mulher<sup>267</sup>, pois “a religião, especialmente a cristã, condenou a mulher a uma vida subalterna, uma escrava” (GOLDMAN, 2019g, p. 55) e, isso, “contrariou sua natureza e acorrentou sua alma; ainda assim, o cristianismo não tem maior apoio, ninguém mais devoto que a mulher” (GOLDMAN, 2019g, p. 55). A religião seria o ídolo que “acorrenta o espírito e escraviza o corpo” das mulheres (GOLDMAN, 2019g, p. 56) e, nesse sentido, quando Emma ressalta o desdobramento do poder religioso na mente das mulheres, percebemos que, em sua concepção, o poder tem consequências não só materiais, mas também nas “subjetividades”, na alma dos que estão submetidos a suas forças<sup>268</sup>.

Segundo Goldman, era possível “afirmar que a religião teria deixado de ser um agente na vida das pessoas se não fosse o apoio que recebe da mulher” (GOLDMAN, 2019g, p. 56), isso porque “os trabalhadores mais ardentes da igreja, os missionários mais incansáveis de todo mundo são as mulheres” (GOLDMAN, 2019g, p. 56). A essa altura, é importante frisar que alguns estudos mostraram exatamente o papel crucial que as mulheres exerceram enquanto missionárias, em diferentes países e contextos<sup>269</sup>. Nesse sentido, apesar de ser muito complicado compactuar integralmente com a ideia de que a religião teria deixado de ser um agente na vida das pessoas se não fosse a atuação das mulheres, ainda assim, é prudente falar que elas tiveram um papel importantíssimo enquanto missionárias e, de fato, foram fundamentais na pregação da moral das religiões<sup>270</sup>.

---

<sup>267</sup>Para saber mais da relação entre “mulher” e “religião” dentro da perspectiva goldminiana, ver (MARTINS, 2019). Além disso, através desse link o leitor poderá assistir a um recurso audiovisual que também diz sobre essa questão: MARTINS, Nilciana Alves. O puritanismo por Emma Goldman. *Youtube*, 5 de outubro de 2021. Disponível em < <https://youtu.be/EwYKxr3M0-g>>. Acesso 07/10/2021.

<sup>268</sup>Como já mencionado, primeiramente, Goldman escreveu sobre a relação entre as mulheres e os diferentes ídolos que se fizeram existentes na História e, só posteriormente, pensou sobre a dinâmica entre mulheres e o sufrágio. Nesse sentido, aqui, Goldman não está afirmando que, por serem religiosas, as mulheres não deveriam ter acesso ao sufrágio, mas somente desenvolvendo sua crítica às instituições religiosas e aos seus possíveis desdobramentos na vida e mente das mulheres. E, vale ressaltar, Goldman no decorrer de seu artigo, declarou que não se opunha “ao sufrágio feminino pelo *senso comum* [grifo nosso] de que ela não é igual aos homens. *Não vejo razões físicas, psicológicas ou mentais do porquê as mulheres não devam ter direitos de votar assim como os homens* [grifo nosso]. Mas, isso não pode me cegar da ideia absurda de que elas irão conquistar algo que os homens não foram capazes”. (GOLDMAN, 2019g, p. 57-58).

<sup>269</sup>Ver (SILVA, 2016).

<sup>270</sup>Novamente, não acreditamos que Goldman esteja propondo que os homens não eram passíveis de serem manipulados por instituições religiosas ou adeptos de alguma fé. Mas, visto que o objetivo dela era apresentar a relação de alguns “ídolos” e a vida e mente das mulheres, a pensadora decidiu por trazer exemplos que envolvesse as mulheres, e não os homens. Sim, ela poderia ter feito uma análise comparada, evidenciando os desdobramentos da religião tanto nas mulheres como nos homens, mas não o fez, traçando outro caminho, que descrevemos acima. Goldman, em diferentes momentos de sua trajetória intelectual desenvolveu severas críticas às instituições religiosas, o que é esperado, visto sua opção ideológica. Entretanto, ao desenvolver essas críticas, ela recorre a diferentes argumentos e

A guerra apareceu, no referido artigo, como outro “ídolo” capaz de prejudicar as mulheres. Na perspectiva de Goldman, a guerra “rouba da mulher tudo o que lhe é caro e precioso. Extorque seus irmãos, amantes, filhos e, em troca, lhe fornece uma vida de *solidão* [grifo nosso] e desespero” (GOLDMAN, 2019g, p. 56) e, não raro, é a mulher “que paga o preço mais alto por esse monstro insaciável, a guerra” (GOLDMAN, 2019g, p. 56). Apesar disso tudo, “é ela a maior apoiadora e idólatra da guerra” (GOLDMAN, 2019g, p. 56), a mulher “infunde em seus filhos o amor à conquista e ao poder; que sussurra as glórias da guerra nos ouvidos de seus pequeninos e que nina seu bebê com as melodias das trombetas e o ruído da arma” (GOLDMAN, 2019g, p. 56).

É prudente frisar que, ao salientar que as mulheres, em inúmeros momentos e contextos, se mostraram como uma variável que, majoritariamente, contribuiu para a consolidação da Igreja e da prática da guerra, Goldman não estava pura e simplesmente “culpando” a mulher pela existência da religião e da guerra. Pelo contrário, a anarquista, na verdade, acabou por demonstrar um fenômeno complexo, isto é, a força que o poder tem na mente, no corpo, na alma e na atuação das mulheres. Podemos acreditar que o intuito de Goldman foi, ao apontar a contribuição feminina na consolidação da religião e na prática da guerra, salientar o fato de que as mulheres são, assim como os homens, seres construídos socialmente e que, as contribuições femininas a essas instituições e retóricas que as oprimem deveriam ser vistas como uma consequência, isto é, como desdobramento, resultado de uma opressão estrutural. Uma mente e um corpo feminino que “está sempre de joelhos, sempre com as mãos elevadas, sempre cega” (GOLDMAN, 2019g, p. 55) é uma “caricatura”, um exemplo da força da opressão. É, por fim, o desdobramento prático e construído de um sistema de opressão muito maior. Para Goldman, somos capazes de sair desse sistema de opressão, criando outra moral pessoal e é, por isso mesmo, que o caminho de emancipação sugerido pela anarquista não passava somente pelo voto.

O “Lar”, por sua vez, também é visto como um “ídolo terrível” (GOLDMAN, 2019g, p. 56), pois, afinal, ele “esgota a energia vital da mulher, esta *prisão moderna* [grifo nosso] com barras de ouro. Seu aspecto brilhante cega a mulher do preço que tem de pagar como esposa, mãe e dona-de-casa” (GOLDMAN, 2019g, p. 56). Ainda assim, a mulher “adere com vigor ao lar, à força que a mantém no cativeiro” (GOLDMAN, 2019g, p. 56). Segundo Goldman:

---

pensadores. Em alguns escritos, Goldman identificou e criticou a forma como, por exemplo, o “*ethos* puritano” da sociedade estadunidense influenciava a mente e corpos femininos. Sobre essa questão ver (GOLDMAN, 2010a).

“Pode-se dizer que, por reconhecer o terrível preço que deve pagar à Igreja, ao Estado e ao lar, a mulher anseie que o sufrágio a liberte. Isso pode ser verdade para algumas poucas; a maioria das sufragistas repudia totalmente tal blasfêmia. Pelo contrário, elas insistem que é o sufrágio feminino que a tornará uma melhor cristã e dona-de-casa, uma cidadã leal do Estado. Dessa forma, o sufrágio é apenas um meio para fortalecer a onipotência dos deuses a que a mulher tem servido desde tempos imemoriais. (GOLDMAN, 2019g, p. 56).

O próximo ídolo que, segundo Goldman, estava oprimindo a mulher, era o novo ídolo presente na modernidade, a divindade do século XX, isto é, o sufrágio feminino. Para nossa pensadora, era um erro a crença de que a conquista do voto seria o suficiente para garantir coisas como “felicidade, alegria, liberdade e independência” (GOLDMAN, 2019g, p. 57). A esta altura, é válido lembrar que a perspectiva feminista de Goldman sempre esteve em diálogo com sua visão anarquista. Um exemplo disso é o fato de ela afirmar que a demanda feminina “pelo sufrágio universal baseia-se, em grande parte, na ideia de que as mulheres devem ter direitos iguais em todas as questões sociais” (GOLDMAN, 2019g, p. 57), entretanto, “ninguém poderia refutar isso se o sufrágio fosse um direito” (GOLDMAN, 2019g, p. 57). Nesse sentido, para Goldman, a reivindicação de direitos iguais é virtuosa e necessária, mas, ela, na sequência, faz questão de frisar que o sufrágio é uma imposição (que tira das pessoas sua integridade e autossuficiência) e não um direito; portanto, para ela, “infelizmente, por ignorância, a mente humana consegue ver uma imposição como um direito” (GOLDMAN, 2019g, p. 57). Emma argumentou ainda que:

Ou não seria uma brutalidade impor que um grupo de pessoas façam as leis enquanto outro grupo é coagido, pela força, a obedecer? Ainda assim, as mulheres clamam por essa ‘possibilidade de ouro’ que causou tanta miséria ao mundo e roubou os homens de sua integridade e autossuficiência; uma imposição que corrompeu completamente as pessoas e as transformou em presas nas mãos de políticos inescrupulosos. (GOLDMAN, 2019g, p. 57).

Mais uma vez, fica evidente a relação entre o feminismo e o anarquismo de Goldman quando ela faz uma crítica à ideia de que a presença das mulheres no legislativo seria o suficiente para gerar a emancipação feminina. Ao valorizar a autogestão e, conseqüentemente, não compactuar com a democracia liberal, Goldman se colocou contra a ideia de que as mulheres seriam capazes de “purificar a política” (GOLDMAN, 2019g, p. 57). E, no fragmento abaixo, podemos compreender o ponto central da perspectiva goldmaniana no que diz respeito ao sufrágio feminino e sua relação com a emancipação. Goldman vai identificar como um grande equívoco a crença de que a mulher, pelo simples fato de ser mulher, ao entrar nas esferas políticas do Estado, seria capaz de purificar um ambiente que, para a anarquista, era estruturalmente autoritário e corrupto. Podemos perceber que Goldman, a todo momento, tenta



desmistificar os discursos essencialistas em relação às mulheres que até mesmo o movimento feminista acabava por endossar. Nas palavras da anarquista:

Não preciso dizer que não me oponho ao sufrágio feminino pelo *senso comum* [grifo nosso] de que ela não é igual aos homens. *Não vejo razões físicas, psicológicas ou mentais do porquê as mulheres não devam ter direitos de votar assim como os homens* [grifo nosso]. Mas, isso não pode me cegar da ideia absurda de que elas irão conquistar algo que os homens não foram capazes. *Assumir, portanto, que ela conseguirá purificar algo que não é suscetível de limpeza é acreditar que tem poderes sobrenaturais* [grifo nosso]. Já que o maior infortúnio das mulheres é serem vistas ou como anjas ou demônias, sua verdadeira redenção está em *serem postas na Terra; isto é, serem consideradas humanas e, portanto, sujeitas a todas as tolices e erros humanos* [grifo nosso]. (GOLDMAN, 2019g, p. 57-58).

Ainda desenvolvendo sua crítica aos sistemas políticos existentes que, na sua perspectiva, eram autoritários e incapazes de resolver as urgências por vida, Goldman se apresenta como leitora da obra *Equal Suffrage*<sup>271</sup>, da Dra. Helen L. Summer. Nossa pensadora recorreu a um fragmento do livro de Summer para mostrar que até mesmo as maiores defensoras do sufrágio tinham dificuldade em conseguir provar que o sufrágio universal, necessariamente, se traduziria em uma emancipação das mulheres. Emma identificava a pluralidade existente dentro do movimento sufragista e, sobre as “sufragistas devotas” (GOLDMAN, 2019g, p. 58) que, em seus discursos, valorizavam países como a Austrália e Nova Zelândia, visto que, para elas, muitas das conquistas ali adquiridas se relacionavam com a aceitação do voto feminino, Emma declarou que, pelo contrário, esses direitos teriam sido conquistados através da “grande luta social” (GOLDMAN, 2019g, p. 59).

Além disso, Goldman ainda afirmou que esses países tinham graves problemas sociais e que suas mulheres ainda eram reféns dentro de um amplo sistema de opressão. Claro, o sufrágio não era o culpado por essas opressões ainda existirem, mas, ainda assim, para Goldman, “não há razão para olharmos para a Austrália como o país das maravilhas das conquistas femininas, já que sua influência não foi capaz de libertar o trabalho da servidão política dos patrões” (GOLDMAN, 2019g, p. 59). Nas palavras de nossa pensadora:

A mulher na Austrália e Nova Zelândia pode votar e contribuir na confecção das leis. As condições trabalhistas lá são melhores do que na Inglaterra, onde as *suffragettes* travam uma batalha heroica? *Há uma maternidade melhor, mais feliz, são crianças mais livres na Inglaterra? A mulher lá não é mais considerada mercadoria sexual? Ela se libertou do moralismo puritano com valores diferentes para homens e mulheres? Certamente apenas uma política feminina ousará responder tais perguntas afirmativamente* [grifo nosso]. Nesse sentido, parece ridículo apontar para a Austrália e Nova Zelândia como a meca das conquistas do sufrágio igualitário. (GOLDMAN, 2019g, p. 59).

<sup>271</sup>Tradução: “Sufrágio Igualitário”. (tradução nossa).

No fragmento acima, percebemos que emancipação feminina, para Goldman, tinha a ver com uma mudança fundamental de valores, com uma nova forma de pensar a maternidade e a aquisição de direitos sociais. Por conta disso tudo, nossa pensadora acreditava que a conquista do voto, mesmo sendo uma reivindicação plausível e que poderia, sim, ter alguns desdobramentos positivos para um número restrito de mulheres, no que se refere a uma mudança estrutural na condição social das mulheres e nas mentes femininas, ele tinha pouco efeito e, por isso, ele não seria o meio mais adequado para conquistar a verdadeira emancipação, pois, afinal, ao fazer um recorte de classe<sup>272</sup>, no que diz respeito às conquistas adquiridas pelo voto feminino, Goldman afirmou que:

Claro, nos estados sufragistas, a mulher tem garantido o direito à propriedade; mas qual o proveito disso para a grande massa de mulheres sem propriedades, para as milhares de trabalhadoras assalariadas que vivem com salário contado? Até mesmo a Dra. Summer, que certamente está na posição de sabê-lo, admitiu que o sufrágio não afetou e nem pode afetar as condições dessas mulheres. Sendo uma sufragista fervorosa e tendo sido enviada ao Colorado pela Liga do Sufrágio Universal de Nova York, a fim de coletar material favorável ao sufrágio, ela seria a última a dizer qualquer coisa depreciativa; ainda assim, somos informados que o ‘sufrágio igualitário afetou apenas superficialmente as condições econômicas femininas’. (GOLDMAN, 2019g, p.61).

Nesse sentido, para Goldman, os desdobramentos do voto feminino não significavam a conquista de direitos sociais e nem mesmo melhoravam substancialmente a vida das mulheres pobres e tal fato não podia ser negado nem mesmo pelas sufragistas. E é por isso que Goldman utiliza o próprio livro da Summer para legitimar sua afirmação de que uma mudança estrutural, uma verdadeira revolução na vida e alma das mulheres, não seria possível através somente do sufrágio. E, dito isso, para a anarquista “a tão proclamada afirmação de que as mulheres irão

---

<sup>272</sup>Ainda sobre os antagonismos de classes presentes no interior dos movimentos de reivindicação de direitos femininos, Goldman apontou que, por exemplo, “o movimento sufragista americano foi, até muito recentemente, um assunto menor, absolutamente apartado das necessidades econômicas das pessoas. Assim, Susan B. Anthony, uma mulher sem dúvida excepcional, não fora apenas indiferente, mas antagonista ao trabalhador; ela sequer hesitou em manifestar seu antagonismo quando, em 1869, aconselhou as mulheres a tomarem o lugar dos gráficos grevistas de Nova York. Não sei dizer se sua atitude mudou antes de sua morte. É evidente que existem algumas sufragistas afiliadas às trabalhadoras – a Liga Sindical das Mulheres, por exemplo; mas são minoria e suas atividades são essencialmente econômicas. O restante delas vê o trabalho como uma provisão justa da Providência. O que seria dos ricos, se não houvesse pobres? E dessas mulheres ociosas e parasitas, que gastam em uma semana o que suas vítimas ganham em um ano, quando não os 80 milhões de trabalhadores assalariados?” (GOLDMAN, 2019g, p. 66). Goldman também identifica esses exemplos de antagonismo de classe quando analisa o movimento sufragista inglês; ela relaciona tal situação com o fato de as sufragistas não terem “uma real compreensão de igualdade” (GOLDMAN, 2019g, p. 66).

purificar a política é também um mito” (GOLDMAN, 2019g, p. 62). Além disso, Goldman acrescentou que:

As mulheres familiarizadas com o processo político conhecem a natureza da besta, mas, em sua arrogância e egoísmo, se fazem crer que possuem o necessário para domesticá-la e que ela se tornará gentil como um cordeiro, doce e meigo. Como se as mulheres não tivessem vendido seus votos, como se as mulheres políticas não pudessem ser compradas! *Se seus corpos podem ser vendidos em troca de bens materiais, por que não seu voto?* [grifo nosso] Isto ocorre no Colorado e em outros estados, e não é negado sequer pelos defensores do sufrágio feminino. (GOLDMAN, 2019g, p. 64).

Goldman, mais uma vez, recorrendo à noção de classe, isto é, recorrendo à ideia de que existem algumas mulheres que possuem privilégios quando comparadas a outras, ela desenvolveu uma crítica ao caráter “purista” de algumas sufragistas. Para mostrar o *ethos* purista de algumas feministas, Goldman recorreu ao exemplo oriundo da região de Idaho, onde mulheres ligadas às reivindicações femininas privaram “suas irmãs de rua de seus direitos e declararam que todas as mulheres de ‘caráter libidinoso’ são incapazes de votar” (GOLDMAN, 2019g, p. 62). E, na sequência, nossa pensadora apontou a ironia presente na definição do que era visto como libidinoso, pois, para essas mulheres, a prática da “prostituição do casamento” (GOLDMAN, 2019g, p. 62), por exemplo, não era vista como libidinoso. Prostituição, jogos de azar, tudo foi dito como imoral por algumas sufragistas de Idaho e, visto isso, Goldman concluiu que “a atitude restritiva e purista das mulheres em relação à vida a tornam um grande perigo para a liberdade onde quer que atue politicamente” (GOLDMAN, 2019g, p. 63).

Para Goldman, a emancipação feminina não se resumia à aquisição de direitos políticos como o voto. Anarquista que era, Goldman não compactuava com os sistemas políticos da época, entre os quais, estava, obviamente, a democracia liberal. E sua concepção de emancipação envolvia a criação de novos valores. Um exemplo disso é o fato de Goldman criticar a postura de feministas que, ainda presas a valores tradicionais, se indignam caso um homem fumasse em sua companhia, ou se ele “mantém seu chapéu e se não salta de seu assento como um lacaio. Podem parecer coisas triviais, mas não é nada menos que a essência da natureza das sufragistas americanas” (GOLDMAN, 2019g, p. 64). Por fim, para alcançar a verdadeira emancipação, as mulheres deveriam se libertar do peso das tradições e, ao comentar sobre os fatores que realmente contribuem para a emancipação feminina, Goldman conclui que:

Seu desenvolvimento, sua liberdade, sua independência devem vir de si mesma. Primeiro, afirmando-se como um *indivíduo*, e não como *mercadoria sexual* [grifo nosso]. Depois, recusando o direito de qualquer pessoa sobre seu corpo; recusando-se a ter filhos, a não ser que os queira; recusando a ser uma serva de deus, do Estado, da sociedade, de seu marido, da família etc., com isso tornando sua vida simples, porém mais profunda e rica [grifo nosso]. Ou seja, tentando aprender o significado e a substância da vida em sua

complexidade, libertando-se da opinião e condenação pública. Só isso, e não o voto, libertará a mulher, a tornará uma força até então desconhecida no mundo, uma força de amor verdadeiro, de paz, harmonia; uma força do sublime ardor capaz de gerar uma vida; criadora de homens e mulheres livres. (GOLDMAN, 2019g, p. 68-69).

Recorrendo ao conceito de “ídolos”, Goldman desenvolveu sua argumentação relacionando o peso que alguns “ídolos” tiveram na vida e mente de muitas mulheres. O Estado, o Lar, a Guerra, a Igreja e a família seriam instituições que, não raro, tinham a capacidade de oprimir as mulheres, cerceando sua vida sexual e suas mentes. Segundo Goldman, acreditar que o sufrágio feminino seria capaz de dar conta de proporcionar a emancipação feminina era crer em uma mentira. A saída, para Emma Goldman, era outra, bem distinta.

## 2.4 A PROSTITUIÇÃO E O TRÁFICO DE MULHERES

Como já mencionado, Emma Goldman, desde os acontecimentos de 1892, tornou-se uma figura pública, sendo intensamente representada em periódicos e documentos oficiais da época. Em 1901, ocorreu o atentado que tirou a vida do então presidente dos Estados Unidos, William McKinley<sup>273</sup>. A pessoa por detrás do evento era Leon Czolgosz<sup>274</sup>, entretanto, visto que o jovem tinha assistido algumas palestras de Goldman, isso foi utilizado como argumento para que Emma fosse detida. Apesar de logo ser posta em liberdade, já que não se tinham provas concretas de seu envolvimento no atentado, Goldman, novamente, vai ser assuntos de muitas páginas de diferentes jornais da época<sup>275</sup> e, diante de tal situação, conseguir se manter socialmente ativa tornou-se uma tarefa ainda mais difícil para nossa pensadora.

Diante de tamanho estardalhaço e representações negativas, Goldman se viu obrigada a buscar anonimato, já que, segundo ela, “había perdido mi identidad; había asumido un nombre falso, pues ningún casero deseaba darme alojamiento”<sup>276</sup> (GOLDMAN, 1996a, p. 353). A partir

<sup>273</sup>William McKinley (1843-1901) foi o 25º presidente dos Estados Unidos de 4 de março de 1897 até seu assassinato, em setembro de 1901.

<sup>274</sup>Leon Czolgosz (1873-1901) foi um jovem americano de origem polonesa que, em 1901, assassinou o presidente dos Estados Unidos William McKinley. Sua execução foi uma das poucas da época a ser registrada em vídeo pelo inventor Thomas Edison.

<sup>275</sup>Em 1901, como já mencionado, Goldman foi acusada de assassinar William Mckinley, entretanto, soube-se que o atentado havia sido realizado por Leon Gzolgez. Mas, ainda sim, parte da esfera pública da época buscou incriminar Goldman, considerando-a como um dado tipo de “mentora intelectual” do atentado, isso em virtude da sua atuação enquanto oradora pública. A edição de 8 de setembro de 1901, do *Chicago Daily Tribune*, por exemplo, representou Goldman de maneira extremamente “demonizada”; isso, em certo sentido, ilustra a forma pela qual a imprensa dos Estados Unidos da América alimentou a caracterização negativa das/os anarquistas.

<sup>276</sup>Tradução: “eu havia perdido minha identidade; havia assumido um nome falso, pois nenhum senhorio queria me dar acomodação”. (tradução nossa).

de então, Goldman transformou-se “en la señorita E. G. Smith”<sup>277</sup> (GOLDMAN, 1996a, p. 353), pessoa que buscava moradia em locais destinados as “mulheres de rua”. Nesse momento, Goldman se aproxima ainda mais da realidade dessas mulheres, socializando intensamente com elas e até mesmo cuidando da saúde de algumas delas. Essas experiências pessoais, junto com a leitura que fazia sobre o assunto, fizeram com que Goldman se interessasse ainda mais sobre as questões relacionadas à prostituição e ao tráfico de mulheres brancas.

Em janeiro de 1910, nossa pensadora publicou, na *Mother Earth*<sup>278</sup>, o artigo intitulado *Tráfico de mulheres* (GOLDMAN, 2019d). O artigo foi escrito em um cenário marcado por discussões públicas em torno da questão do tráfico de escravas brancas, discussões essas que resultaram na implementação da lei federal denominada Mann Act. O objetivo principal da lei seria proteger mulheres de serem atraídas para a prostituição, principalmente, as mulheres de origem europeia que emigravam para os Estados Unidos da América, daí a lei também ser conhecida como Lei do Tráfico de Escravas Brancas. Essa legislação fez com que se tornasse ilegal transportar mulheres nas divisas dos Estados para fins de prostituição ou libertinagem, ou para “qualquer propósito imoral”. A grande questão é: o que era considerado imoral nos Estados Unidos da América no início do século XX? Fato é que a lei Mann Act acabou ganhando contornos indevidos, servindo como ferramenta para reprimir relações extraconjugais e até mesmo interracialis, como comprova o caso de Jack Johnson<sup>279</sup>.

Diante de toda essa súbita agitação da esfera pública em relação a esse assunto, nossa pensadora lembra que “presumir que as recentes investigações do tráfico de mulheres brancas (e, diga-se de passagem, uma investigação bastante superficial) descobriram algo novo é, no mínimo, uma tolice” (GOLDMAN, 2019d, p. 38). Segundo Goldman, não havia novidade, pois, para ela, “a prostituição foi, e é, um mal generalizado, mas a humanidade mantém seus negócios, indiferente aos sofrimentos e desgraças de suas vítimas. Tão indiferente, na realidade, quanto se mantém do sistema industrial, ou da prostituição econômica” (GOLDMAN, 2019d, p. 38). O que Goldman critica aqui, mais uma vez, é a hipocrisia daqueles que lidam como um problema estrutural de maneira sensacionalista e superficial.

Para Goldman, mais importante do que se entreter com as chamativas manchetes sobre o tráfico de mulheres brancas, seria compreender qual era a verdadeira causa do tráfico feminino, não apenas das mulheres brancas, mas das “amarelas e negras também” (GOLDMAN, 2019d, p. 38). Citando a personagem Warren, da peça escrita por George Bernard

---

<sup>277</sup>Tradução: “na senhorita E. G. Smith”. (tradução nossa).

<sup>278</sup>*Mother Earth*, V.4, n.11, janeiro de 1910.

<sup>279</sup>Jack Johnson (1878-1946) primeiro negro campeão de boxe dos Estados Unidos.

Shaw<sup>280</sup>, de 1893<sup>281</sup>, como também a obra<sup>282</sup> de Reginald Wright Kauffman<sup>283</sup>, Goldman buscou fortalecer o seu argumento de que, assim como descrito nas obras, muitas mulheres entravam para o universo da prostituição em virtude de sua condição de classe. Para Goldman, “a inferioridade econômica e social da mulher é responsável pela prostituição” (GOLDMAN, 2019d, p. 39), sendo essa condição da mulher na sociedade que a faz se “vender para um homem, *dentro ou fora de um casamento* [grifo nosso], ou para muitos homens” (GOLDMAN, 2019d, p. 39). Por partir dessa ideia, Goldman criticava veementemente aqueles reformistas que, ao invés de se aprofundarem nesse aspecto, se opunham à prostituição simulando um “ultraje moral” (GOLDMAN, 2019d, p. 39). Segundo Goldman:

Atualmente as *peessoas de bem* [grifo nosso] estão chocadas com a divulgação de que, só na cidade de Nova York, 1 a cada 10 mulheres trabalham em fábricas, e que o salário médio delas é de 6 dólares por semana por 48 horas de trabalho e que a maioria das trabalhadoras enfrenta meses de ociosidade, o que as deixa com uma média salarial de 280 dólares por ano. *Frente a estes horrores econômicos, admira que a prostituição e escravidão das mulheres brancas se tornaram fatores dominantes?* [grifo nosso]. (GOLDMAN, 2019d, p. 39).

Para reafirmar a sua concepção de que a prostituição estava diretamente ligada às questões de classe, Goldman mobiliza a produção de William Sanger<sup>284</sup>, autor de *The History of Prostitution*<sup>285</sup>, para mostrar que, ao consultar tal livro, os reformistas veriam que “dos 2 mil casos observados, poucos dizem respeito à classe média, de boas condições ou lares agradáveis” (GOLDMAN, 2019d, p. 40), pois “de longe, a maioria era de meninas e mulheres trabalhadoras” (GOLDMAN, 2019d, p. 40), sendo “algumas levadas à prostituição por sua vontade, outras devido às condições cruéis e miseráveis em casa, outras ainda por consequência de deficiências físicas” (GOLDMAN, 2019d, p. 40). Acreditamos que Goldman se utilize da produção de especialistas de diferentes áreas da época, inclusive de discursos médicos, com o objetivo de legitimar sua própria narrativa, como também por conta de como se deu a construção de sua rede intelectual.

Goldman fez todo um esforço para se contrapor àqueles que identificavam a prostituição como um mero desvio moral por parte da mulher. E, em relação às “pessoas de bem” da época,

<sup>280</sup>George Bernard Shaw (1856-1950) foi um dramaturgo, romancista, contista, ensaísta e jornalista irlandês. cofundador da *London School of Economics*, foi também o autor de comédias satíricas de espírito irreverente e inconformista.

<sup>281</sup>Peça denominada “Mrs. Warren’s Profession”.

<sup>282</sup>A obra citada é a “The House of Bondage”.

<sup>283</sup>Reginald Wright Kauffman (1877-1959) foi um escritor.

<sup>284</sup>William Wallace Sanger (1819-1872) foi um médico da cidade de Nova York que escreveu um estudo inovador sobre prostituição.

<sup>285</sup>Tradução: “A História da Prostituição”. (tradução nossa).

que argumentavam que um bom casamento seria capaz de salvar essas mulheres da prostituição, Goldman lembra que o casamento, muitas vezes, poderia também se configurar como uma forma prostituição e, além disso, dos 2 mil casos analisados por Sanger, “490 diziam respeito às mulheres casadas, que viviam com seus maridos” (GOLDMAN, 2019d, p. 40). Tais dados colocavam em xeque a visão de reformadores da época que viam no casamento uma forma de manter a segurança e a suposta pureza das mulheres.

Em 1896, após sua profissionalização na Allgemeines Krankenhaus, Goldman se tornou enfermeira e parteira e, evidentemente, tal situação a aproximou da produção teórica de pesquisadores do campo da medicina. E, no artigo aqui analisado, com o objetivo de legitimar ainda mais sua concepção, Goldman recorreu também à produção dos médicos Alfred Blaschko<sup>286</sup> e Henry Havelock Ellis<sup>287</sup> para mostrar que, principalmente Blaschko, no livro *Prostitution in the Nineteenth Century*<sup>288</sup>, foi enfático “na caracterização das condições econômicas como um dos fatores mais vitais da prostituição” (GOLDMAN, 2019d, p. 41). Vemos aqui, ao trazer fragmentos de obras de outros pensadores, uma tentativa, por parte de Goldman, de fortalecer sua análise argumentativa. Muitos escritores marxistas e anarquistas se dedicaram a entender a prostituição e, aliás, muitos deles compartilharam da visão de que as condições de classe e a prostituição são fatores ligados. Entretanto, percebemos que Goldman recorreu, no presente artigo, a teóricos do universo do campo da medicina para fortalecer sua visão. Tal escolha é interessante, pois diz não só da formação profissional de nossa personagem, mas de uma tentativa de dar um tom científico para sua própria narrativa.

Apesar de reafirmar, a todo tempo, a centralidade da relação existente entre classe e prostituição, Goldman acreditava que “seria demasiado parcial e superficial defender que o fator econômico é a única causa da prostituição” (GOLDMAN, 2019d, p. 44), pois “existem outros não menos importantes ou vitais [...] me refiro à questão sexual, cuja mera menção causa, em muitas pessoas, espasmos morais” (GOLDMAN, 2019d, p. 44). A partir de então, Goldman dissertou sobre a relação existente entre o que ela chama de questão sexual e a prostituição.

Inicialmente, Goldman declarou que “é um fato reconhecido que a mulher é criada como uma *mercadoria sexual* [grifo nosso] e, ainda assim, é mantida na completa ignorância do *significado e importância do sexo* [grifo nosso]” (GOLDMAN, 2019d, p. 44). Com isso, muitas

---

<sup>286</sup>Alfred Blaschko (1858-1922) foi um dermatologista alemão. Em 1881, obteve seu doutorado em Berlim e depois trabalhou com Georg Wegner em Stettin. Mais tarde, ele abriu uma clínica dermatológica particular em Berlim.

<sup>287</sup>Henry Havelock Ellis (1859-1939) foi um médico, psicólogo britânico e reformador social que se destacou por seus estudos sobre a sexualidade humana.

<sup>288</sup>Tradução: “A prostituição no século XIX”. (tradução nossa).

meninas acabam por não aprender a como cuidarem de si mesmas, não compreendendo, nem mesmo, o funcionamento do próprio corpo. E, diante tal situação, alerta Emma, “não devemos ficar surpresos que ela se torne uma presa fácil da prostituição, *ou de qualquer outro tipo de relacionamento que a rebaixa à posição de um objeto para mera gratificação sexual* [grifo nosso]” (GOLDMAN, 2019d, p. 44). Dito isso, vemos a importância que Goldman confere ao que hoje chamaríamos de educação sexual. Em outros artigos, Goldman fez a defesa de que essa educação fosse oferecida nas escolas, visto que essa questão é fundamental para que as mulheres tenham condição de conhecer seus corpos e assim manter sua autonomia. A educação sexual aparece, na perspectiva de Goldman, como uma forma de preservar a saúde física e mental das mulheres, mas também como uma forma de essas mulheres se protegerem da prostituição e de relacionamentos ruins.

A ausência de espaço para o livre desenvolvimento de uma educação sexual faz com que “toda vida e natureza das garotas” (GOLDMAN, 2019d, p. 44) sejam “frustradas e mutiladas” (GOLDMAN, 2019d, p. 44). E se, por um lado, é assumido pela sociedade que “os meninos devem seguir o chamado selvagem” (GOLDMAN, 2019d, p. 44), gera espanto “pensar que a natureza feminina deva reivindicar-se” (GOLDMAN, 2019d, p. 44). Nesse sentido, a sociedade considera a “experiência sexual de um homem como um atributo normal de seu desenvolvimento, enquanto experiências similares na vida de uma mulher são vistas como uma calamidade terrível, a perda de sua honra” (GOLDMAN, 2019d, p. 45). E, tal *duplo valor de moralidade*, segundo Goldman, “teve um papel significativo na criação e perpetuação da prostituição” (GOLDMAN, 2019d, p. 45). Isso porque, a “perpetuação de jovens na completa ignorância dos assuntos sexuais [...] junto de uma natureza excitadíssima e reprimida, ajuda a provocar as situações que nossos puritanos estão tão desejosos de evitar e prevenir” (GOLDMAN, 2019d, p. 45). Sendo válido ressaltar que não é a satisfação sexual que necessariamente leva à prostituição, mas, pelo contrário, é “a perseguição cruel, desalmada e criminosa das que se atrevem a se desviar do caminho conhecido que é responsável por ela” (GOLDMAN, 2019d, p. 45). Aqui, percebemos a crítica que Goldman faz a uma moralidade social que cerceia a liberdade sexual das mulheres, negando-lhes até mesmo o conhecimento sobre seus corpos. A forma como o *ethos puritano* limita os corpos e mentes femininas<sup>289</sup>, também foi explorada por Goldman em seu artigo *The Hypocrisy of Puritanism* (1910).

Para Goldman, as jovens que se envolviam com a prostituição, muitas vezes, se sentiam “uma completa exilada, com as portas do lar e da sociedade fechadas diante de si”

---

<sup>289</sup>Sobre essa questão ver: (MARTINS, 2019).



(GOLDMAN, 2019d, p. 46). E, em virtude de sua educação e tradições indevidas, ela mesma se sentia “depravada e rebaixada” (GOLDMAN, 2019d, p. 46) e, para piorar, essas mulheres não podiam “recorrer à suas irmãs por ajuda” (GOLDMAN, 2019d, p. 46), pois elas “em sua ignorância, se consideram puras e castas demais, sem *perceber que sua posição é, em muitos aspectos, mais deplorável que a de sua irmã das ruas* [grifo nosso]” (GOLDMAN, 2019d, p. 46). Para Goldman, um casamento firmado por motivos financeiros também se caracterizava como uma forma de prostituição, daí a hipocrisia de mulheres casadas por motivos econômicos que se sentiam moralmente superiores às prostitutas.

E, na ênfase que a esfera pública da época direcionava em torno das escravas brancas importadas para a América, prevalecia a ideia de que a maior parte das prostitutas daquele período eram de origem europeia, mas Emma fez questão de negar que “a prostituição é recrutada em grande parte da Europa” (GOLDMAN, 2019d, p. 48). Para Goldman, poderia “ser verdade que a maioria das prostitutas de Nova York seja de estrangeiras, mas isso é em decorrência de a maioria da população ser estrangeira” (GOLDMAN, 2019d, p. 48), afinal “se formos a qualquer outra cidade americana, Chicago ou Midwest, veremos que as prostitutas estrangeiras são de longe, uma minoria” (GOLDMAN, 2019d, p. 48). Outra ideia que, segundo Goldman, era demasiadamente exagerada era a premissa de que essas mulheres já seriam prostitutas em seu país de origem, isso porque “a maioria delas fala excelente inglês e são americanizadas em hábitos e aparência – coisa absolutamente impossível, a menos que tenham vivido neste país há muitos anos” (GOLDMAN, 2019d, p. 48).

Nesse sentido, para Goldman, essas mulheres “foram levadas à prostituição pelas condições do país, pelo costume americano de excessivo exibicionismo de ornamentos e roupas, o que, naturalmente, exige dinheiro – dinheiro esse que não pode ser ganho em lojas ou fábricas” (GOLDMAN, 2019d, p. 48). Apesar disso, Emma concordou que “a exportação de meninas americanas para fins de prostituição não é de forma alguma um fator irrelevante” (GOLDMAN, 2019d, p. 49). Por fim, visto isso tudo, Goldman considerava “um tanto absurdo apontar a Europa como o pântano de onde vêm todas as doenças sociais da América” (GOLDMAN, 2019d, p. 50).

Goldman ressaltou a hipocrisia existente no fato de que, mesmo os bordéis sendo considerados locais inapropriados e as mulheres que ali trabalham vistas como seres inferiores, ainda assim, “a sociedade não profere uma palavra de condenação contra esses homens” que ali frequentam (GOLDMAN, 2019d, p. 47). Além disso, as prostitutas também são reféns de homens membros da força policial que adquirem uma “tremenda quantia” (GOLDMAN, 2019d, p. 47) de dinheiro ao usurpá-las. Goldman, no mesmo artigo, destinou algumas reflexões

para o sistema de cafetinagem e, para nossa pensadora, não havia muita diferença entre cafetões e o “policial que tira o último centavo da garota de rua e depois a detém na delegacia” (GOLDMAN, 2019d, p. 51). Além disso, Emma, ironicamente, questiona o porque de o cafetão ser considerado “mais criminoso, ou mais perigoso para a sociedade do que proprietários de lojas de departamentos e fábricas, que engordam graças ao suor de suas vítimas, apenas para jogá-las no olho da rua” (GOLDMAN, 2019d, p. 51); afinal, não seriam ambos consequências da mesma doença? Segundo Goldman:

Não apelo a favor dos cafetões, mas não vejo por que eles devem ser impiedosamente perseguidos, enquanto os verdadeiros perpetradores de todas as iniquidades sociais desfrutam da imunidade e respeito. Aqui também é bom lembrar que não é o cafetão que faz a prostituta. É nossa falsidade e hipocrisia que criam ambos: a prostituta e o cafetão [...] Embora comparativamente protegidas nos bordéis, onde representavam um certo valor monetário, as meninas se viram na rua, absolutamente à mercê da ganância policial. Desesperadas, precisando de proteção e ansiando afeto, essas garotas eram presas fáceis dos cafetões, sendo eles mesmos resultado do *espírito comercial* [grifo nosso] de nossos tempos. Assim, o sistema de cafetinagem foi resultado direto da perseguição policial, corrupção e tentativa de supressão da prostituição. Fora pura tolice confundir a fase moderna do mal social com suas causas. (GOLDMAN, 2019d, p. 51).

Para nossa pensadora, a “mera repressão e criação de decretos bárbaros servem apenas para amargurar e degradar as infelizes vítimas da ignorância e estupidez” (GOLDMAN, 2019d, p. 52) e, nesse sentido, “uma opinião pública instruída, *livre da perseguição legal e moral à prostituta* pode, sozinha, ajudar a melhorar as condições atuais [grifo nosso]” (GOLDMAN, 2019d, p. 52). Segundo Goldman, “quanto à completa erradicação da prostituição, nada pode ser feito a não ser uma completa *transvaloração dos valores aceitos, especialmente os morais – juntamente com a abolição da escravidão industrial* [grifo nosso]” (GOLDMAN, 2019d, p. 53). Por fim, vemos que o caminho proposto por Goldman para se erradicar a prostituição perpassa mudanças de valores e, simultaneamente, o fim de um sistema de trabalho baseado na exploração do homem pelo homem. Transvaloração de valores, conceito desenvolvido também por Nietzsche, aparece na teoria de Goldman como um protagonista. Seja para a emancipação feminina, ou para se dar fim a estereótipos morais em torno das prostitutas, ou até mesmo para o livre desenvolvimento de uma revolução social, em Goldman, qualquer um desses processos, para obter o devido êxito, precisava passar pela etapa de transvaloração de valores.

## 2.5 AMOR E CIÚMES

*"Se porventura o mundo der à luz o verdadeiro companheirismo e união, não será o casamento, mas o amor a concebê-los".*

(Emma Goldman, 1911)

Reflexões em torno do amor, do matrimônio e sobre ciúmes também se fizeram presentes nos escritos de Emma Goldman. Em 1911, como parte do livro *Anarchism and other essays*<sup>290</sup>, nossa pensadora publicou o artigo *Marriage and love*<sup>291</sup> e, nesse momento, se faz necessária uma investigação mais profunda sobre esse texto. Goldman já inicia sua narrativa evidenciando que a noção popular de que o casamento e o amor são sinônimos "não repousa em fatos, mas sobre superstições" (GOLDMAN, 2016, p. 136). Para Goldman, havia casamentos que eram "resultado do amor" (GOLDMAN, 2016, p. 136), entretanto, isso se dava "não por que o amor só se afirma em casamento, mas porque poucas pessoas são capazes de superar completamente uma *convenção* [grifo nosso]" (GOLDMAN, 2016, p. 136).

Segundo Goldman, "hoje, para um grande número de homens e mulheres, o casamento nada é senão uma farsa, mas a ele se submetem por amor à opinião pública" (GOLDMAN, 2016, p. 136). E, em todo caso, "enquanto é verdade que certos casamentos se fundam no amor é igualmente verdade que, certas vezes, o amor perdura na vida conjugal, eu sustento que isso se dá independentemente do casamento e não devido a ele" (GOLDMAN, 2016, p. 136). Aqui, percebemos que, para Goldman, o casamento oriundo de pressões sociais ou econômicas não necessariamente significava um vínculo amoroso, sendo o amor algo muito mais amplo que um vínculo contratual. Sobre como o casamento pode limitar o livre desenvolvimento das mulheres, Goldman acrescenta que:

O casamento é, em primeiro lugar, um *arranjo econômico, um contrato de seguro* [grifo nosso]. Só difere do contrato comum justamente naquilo que este tem de mais compulsório, de mais exigente. Os retornos são insignificantemente pequenos se comparados aos investimentos. Quando contratamos uma apólice de seguro, pagamos por ela em dólares e centavos, mas sempre nos resta a liberdade de descontinuar os pagamentos. *Contudo, se o prêmio do seguro for o marido, a mulher pagará com seu nome, com sua privacidade, com sua autoestima e com sua própria vida "até que a morte os separe". Além do que, o contrato do casamento condena-a a uma dependência vitalícia, ao parasitismo, à mais completa inutilidade individual bem como social* [grifo nosso]. O homem também paga a sua quota, mas como sua esfera é mais ampla, o casamento não o limita tanto quanto a mulher. Ele sente suas correntes pesarem num sentido mais econômico. E, assim, o mote do Inferno

<sup>290</sup>Tradução: "Anarquismo e outros ensaios". (tradução nossa).

<sup>291</sup>Tradução: "Casamento e amor". (tradução nossa).

de Dante se aplica ao casamento com a mesma força: 'Deixai toda esperança, ó vós que entraís!'. (GOLDMAN, 2016, p. 137).

Para Goldman, o casamento da forma que se tinha na época, era um fracasso e, tal situação se refletia em números estatísticos, pois, “a cada décimo segundo casamento, um termina em divórcio; segundo, que, desde 1870, os divórcios cresceram de 28 para 73 a cada população de 300; terceiro, que, desde 1867, o adultério como causa do divórcio cresceu 280,7%; quarto, que a deserção aumentou em 369,8%” (GOLDMAN, 2016, p. 137). E, segundo a anarquista, o universo literário também foi capaz de exemplificar a insuficiência do casamento, visto que, somado aos já citados dados:

Há ainda um vasto material dramático e literário melhor elucidando o assunto. Robert Herrick<sup>292</sup>, em *Together*; Pinero<sup>293</sup>, em *Mid-Channel*; Eugene Walter<sup>294</sup>, em *Paid in Full*, e dezenas de outros escritores estão discutindo a aridez, a monotonia, a sordidez, e a inadequação do casamento como um fator de harmonia e entendimento. (GOLDMAN, 2016, p. 137).

Goldman recorreu à produção de Edward Carpenter<sup>295</sup> para evidenciar a insuficiência do casamento ao frisar que “separados por uma intransponível muralha de superstição, costume e hábito, o casamento não teria a potencialidade de desenvolver o conhecimento e o respeito mútuo, sem os quais toda união estaria fadada ao fracasso” (GOLDMAN, 2016, p. 137). Ademais, Goldman ressaltou que a velha ideia de que a mulher “é um mero apêndice do homem, feita de sua costela para sua conveniência” (GOLDMAN, 2016, p. 138) refletia nos casamentos, fazendo com que muitas mulheres fossem vistas, tratadas e, em última instância, se sentissem como seres inferiores. Entretanto, “agora que a mulher está dando conta de si, agora que ela está cada vez mais consciente de si mesma como um ser exterior à graça do mestre, a sagrada instituição do casamento está gradualmente ruindo, e nenhum lamento emocional pode mais evitá-lo” (GOLDMAN, 2016, p. 138).

Nossa pensadora destacou, também, que “desde a mais tenra infância, é ensinado à garota que seu objetivo final é o casamento; portanto, todo seu treino e educação devem ser direcionados para este fim. Como a besta muda na engorda, ela é conduzida para o abate” (GOLDMAN, 2016, p. 138). Mulheres, desde pequenas, destinadas ao casamento e, conseqüentemente, proibidas de terem acesso a uma educação sexual que as permitisse compreender melhor seus corpos e desejos. Nesse sentido, “a futura esposa e mãe é mantida na

---

<sup>292</sup>Robert Herrick (1591-1674) foi um poeta e clérigo inglês do século XVII.

<sup>293</sup>Arthur Wing Pinero (1855-1934) foi um ator, dramaturgo e diretor teatral britânico.

<sup>294</sup>Eugene Walter (1874-1941) foi um dramaturgo.

<sup>295</sup>Edward Carpenter (1844-1929) poeta inglês, socialista, filósofo, antologista e um dos primeiros ativistas políticos homossexuais. Figura destacada no Reino Unido em fins do século XIX.

mais completa ignorância em relação à sua única inclinação no campo competitivo — o sexo” (GOLDMAN, 2016, p. 138) e, desse modo, “ela entra numa relação vitalícia com um homem, na qual certamente ver-se-á chocada, repelida, e ultrajada além da medida, apenas devido ao seu mais natural e saudável instinto, o sexo” (GOLDMAN, 2016, p. 138).

Por isso, segundo Goldman, “é seguro dizer que uma grande porcentagem de infelicidade, miséria, aflição e sofrimento físico do matrimônio *decorra da ignorância criminosa em matéria de sexo que é exortada por muitos como uma grande virtude* [grifo nosso]” (GOLDMAN, 2016, p. 138). Novamente, identificamos a importância que Goldman direcionava para a educação sexual, pois, para ela, essa educação seria fundamental para permitir o livre desenvolvimento das mulheres, pois ajudaria as mulheres a se livrarem das coerções sociais e de valores impostos. Segundo Goldman:

Se a mulher for grande e livre o bastante para conhecer o mistério do sexo sem a sanção do Estado ou da Igreja, ela será julgada como absolutamente imprópria para desposar um “bom” homem, sua bondade consistindo num cérebro vazio e num bolso cheio. Pode existir algo mais ultrajante que a ideia de uma mulher saudável, em plena idade, cheia de paixão e vida, dever negar as demandas da natureza, reprimir o seu mais intenso desejo, prejudicar a sua saúde, quebrantar o seu espírito, cegar a própria vista, abster-se de toda a glória e de toda profundidade da experiência do sexo, até que eis que lhe apareça um “bom” homem para tomá-la como legítima esposa? É precisamente isso que significa o casamento. Como poderia tal arranjo terminar senão em fracasso? Estes são alguns fatores, não menos importantes, que diferenciam o casamento do amor. (GOLDMAN, 2016, p. 139).

Com certo pesar, Emma argumentou que “a nossa era é uma era prática” (Idem) e, por isso mesmo, “o tempo em que Romeu e Julieta se arriscaram à fúria dos pais por amor, em que Gretchen expôs-se aos seus concidadãos por amor, acabou” (GOLDMAN, 2016, p. 139). Isso porque as questões que, atualmente, se tornaram relevantes para a oficialização ou não de um casamento seriam coisas como “Conseguirá este homem ganhar a vida? Conseguirá ele sustentar uma esposa?” (GOLDMAN, 2016, p. 139), sendo essa “a única coisa que justifica o casamento” (GOLDMAN, 2016, p. 139). Tudo se tornou uma questão de utilidade e não mais de amor. E a preponderância do fator econômico e não do amor para a definição do casamento “satura o pensamento da garota que, então, já não mais sonha com beijos à luz da lua, sorrisos e lágrimas; seus únicos sonhos, agora, são compras e bons negócios. Tal pobreza e sordidez da alma são elementos inerentes à instituição do casamento” (GOLDMAN, 2016, p. 139). Nesse cenário, “a única razão pela qual o Estado e a Igreja aprovam este ideal e não outro é, simplesmente, por que este é o ideal que requer o controle do Estado e da Igreja sobre a vida dos homens e mulheres” (GOLDMAN, 2016, p. 139).

E as mulheres trabalhadoras, como ficam nessa situação? Elas seriam capazes de se autossustentar e, por isso mesmo, capazes de não entrar em um casamento por motivos econômicos? Primeiramente, Emma faz questão de lembrar ao leitor que ter um trabalho assalariado não significa uma plena condição de se autossustentar, ainda mais com os baixos salários destinados às mulheres. A entrada das mulheres nas fábricas permitiu que elas tivessem os “mesmos direitos dos homens” (GOLDMAN, 2016, p. 139), isto é, “direito de ser explorada, roubada e direito de declarar greve; e o pior, o mesmo direito de passar fome” (GOLDMAN, 2016, p. 139). Com isso, para Goldman, a entrada das mulheres no mercado de trabalho não permitiu uma verdadeira emancipação<sup>296</sup>, e tal situação se agrava visto que:

Só um número muito pequeno do vasto exército de trabalhadoras enxerga o seu trabalho como situação permanente na mesma luz que um homem o faz. Não importa quão decrépito este último o seja, ele foi ensinado a ser independente, a se autossustentar. Ah! Mas ninguém é realmente independente em nosso moinho econômico; assim mesmo, o mais miserável espécime de homem odiaria ser um parasita ou, pelo menos, ser reconhecido como tal. A mulher considera sua situação de trabalhadora transitória, prestes a ser largada com o aparecimento do primeiro pretendente. Este é o porquê de ser infinitamente mais difícil organizar mulheres do que homens. “Por que me filiar a um sindicato? Vou me casar, ter um lar”. *Desde a infância não lhe foi ensinado a enxergar isso como sua convocação última? Mas ela prontamente descobre que apesar de não tão espaçosa quanto a prisão da fábrica, o lar possui grades e portões ainda mais férreos. E um guarda tão fiel a qual nada pode passar despercebido. E a parte mais trágica, contudo, é que o lar não a liberta da escravidão assalariada; apenas redobra seus afazeres* [grifo nosso]. (GOLDMAN, 2016, p. 139-140).

O Lar, muitas vezes visto como local onde a mulher domina, para Goldman, na verdade, representa uma prisão para as mulheres, já que “o casamento só garante um lar à mulher graças ao marido” (GOLDMAN, 2016, p. 140) e, por isso mesmo, “ela gira em torno do lar *dele*, ano após ano, até que sua visão de mundo e de relações humanas se torne tão rasa, tão estreita e entediante quanto seu entorno” (GOLDMAN, 2016, p. 140). E, mesmo se ela quisesse, “não poderia partir; pois não há para onde ir. Além de que, um curto prazo de vida conjugal, da mais completa rendição de todas as faculdades, incapacita totalmente a mulher para o mundo exterior” (GOLDMAN, 2016, p. 140). Em pouco tempo, a mulher se torna “um aborrecimento que a maioria dos homens está acostumada a odiar e a desprezar” (GOLDMAN, 2016, p. 140). Por fim, Emma, ironicamente, pergunta, “que atmosfera magicamente

---

<sup>296</sup>Sobre essa questão ver secção 2.1 e 2.3 do presente trabalho.

inspiradora para o desenrolar da vida, não é mesmo?” (GOLDMAN, 2016, p. 140). Nesse sentido, o Lar, em Goldman, não é visto como um ambiente que permite a livre expressão das vontades femininas; pelo contrário, o Lar é uma instituição destinada a agradar ao homem, a fazer suas vontades, funcionando, muitas vezes, como um ambiente que reprime a individualidade, a mente e os corpos das mulheres. Em um ambiente tão sufocante, a mulher torna-se um “aborrecimento” para o entorno.

Para Goldman, a instituição do casamento, nos moldes que se tinha até então, “transforma a mulher numa completa parasita, uma dependente absoluta. Incapacita-a para a luta da vida, aniquila sua consciência social, paralisa sua imaginação” (GOLDMAN, 2016, p. 141). E, além disso, essa instituição também foi incapaz de permitir a proteção das crianças oriundas dessa relação. Para Goldman, o casamento comete “crimes contra a maternidade” (GOLDMAN, 2016, p. 141), isto é, contra “a mais elevada realização da *natureza* da mulher [grifo nosso]” (GOLDMAN, 2016, p. 141). Pois, “não é ele quem diz à mulher: darás à luz somente se me seguires? Não é ele quem degrada e humilha a mulher quando ela se recusa a vender junto consigo seu direito à maternidade?” (GOLDMAN, 2016, p. 141). Em resumo, “não é o casamento apenas a sanção da maternidade, ainda que a criança seja concebida em ódio, em compulsão?” (GOLDMAN, 2016, p. 141). Além disso tudo, é essa instituição também que, muitas vezes, marca as crianças nascidas “da livre escolha, do amor, do êxtase, da paixão desafiante” como bastardas (GOLDMAN, 2016, p. 141).

Ainda sobre a maternidade, apesar de as autoridades ainda preservarem uma visão da mulher como uma máquina destinada à “reprodução indiscriminada de crianças” (GOLDMAN, 2016, p. 142) e, somado a isso, ainda existir uma visão de que a “instituição do casamento é nossa única válvula de segurança contra o pernicioso despertar sexual da mulher” (GOLDMAN, 2016, p. 142), a mulher “não deseja mais participar da reprodução de uma raça de seres humanos doentios, débeis, decrepitos, miseráveis, que não possuem nem a coragem nem a força moral para se libertarem do jugo de pobreza e escravidão de suas vidas” (GOLDMAN, 2016, p. 142). Pelo contrário, a mulher, agora, “almeja poucos filhos, mas filhos superiores, *gerados e criados pelo amor e a livre escolha; e não por obrigação, como imputa o casamento* [grifo nosso]” (GOLDMAN, 2016, p. 142).

Essas mulheres teriam percebido que é “preferível renunciar para sempre à *glória da maternidade* do que dar à luz numa atmosfera em que se respira apenas destruição e morte [grifo nosso]” (GOLDMAN, 2016, p. 143). A partir de então, com uma maternidade fruto da livre escolha, a mãe faz de lema “crescer com a criança” (GOLDMAN, 2016, p. 143) e, por isso mesmo, “ela sabe que somente assim será capaz de construir a *verdadeira masculinidade*

*e a verdadeira feminilidade* [grifo nosso]” (GOLDMAN, 2016, p. 143). Novamente, percebemos a oposição de Goldman em torno da feminilidade e da masculinidade da época, isso porque nossa pensadora reivindica a *construção* de novas formas de feminilidade e masculinidade, formas essas desenvolvidas com base na liberdade, na premissa da necessidade do livre desenvolvimento de todas as potencialidades humanas, livres da coerção moral, econômica e cultural da sociedade.

E o amor, por sua vez, se torna fundamental nessa construção de uma alma livre; afinal, para Goldman, o amor, o verdadeiro amor, é necessariamente livre, aquele fruto da livre escolha dos indivíduos envolvidos. E o amor não precisa necessariamente do casamento, pois "o amor não precisa de proteção; *ele é sua própria proteção* [grifo nosso]” (GOLDMAN, 2016, p. 142). Ademais, “tão logo vidas sejam geradas pelo amor, nenhuma criança será deserdada, passará fome ou *carência afetiva* [grifo nosso]”. Sobre o amor, Goldman ainda acrescentou que:

Amor livre? Como se o amor pudesse não ser livre! O homem comprou cérebros, mas todos os cérebros do mundo foram incapazes de comprar o amor. O homem subjugou corpos, mas nenhum poder sobre a terra foi capaz de subjugar o amor. O homem conquistou nações inteiras, mas nenhum exército do mundo jamais conseguiu conquistar o amor. O homem agrilhou e acorrentou o espírito, mas diante do amor sucumbe absolutamente indefeso. Do alto dos tronos, diante de todo o esplendor e glória que o ouro pode comandar, pobre e desolado ainda é o homem que não conhece o amor. Mas quando o amor acontece, o casebre mais pobre é capaz de irradiar calor, cor e vida. E dessa forma, o amor possui o poder mágico de transformar um mendigo num rei. Sim, o amor é livre; não pode habitar outra atmosfera. Em liberdade doa-se sem reservas, abundantemente, completamente. Todas as leis nos estatutos, todos os tribunais do universo, não são capazes de extraí-lo da terra, uma vez que tenha fincado raízes. Contudo, se o solo é estéril, como poderia o casamento torná-lo fértil? Seria como a última batalha desesperada da vida contra a morte. (GOLDMAN, 2016, p. 142).

Em 1896, no artigo *Anarchy and the sexual question*<sup>297</sup>, publicado inicialmente no *The Alarm*<sup>298</sup>, Goldman refletiu sobre o casamento de homens e mulheres pobres, isto é, sobre como a condição de classe intervia no matrimônio de um casal de pessoas das camadas menos abastadas. Goldman identificou que muitos homens trabalhadores viam no casamento a oportunidade de "tener una esposa y ama de casa, quien debe trabajar como esclava desde la mañana hasta la noche, quien debe hacer todo esfuerzo por mantener bajos los gastos"<sup>299</sup> (GOLDMAN, 2017a, p. 61). E os nervos dessa mulher “están tan cansados por el continuo esfuerzo por hacer que el lamentable salario de su esposo les sustente a ambos, que se torna ella

<sup>297</sup>Tradução: “Anarquia e a questão sexual”. (tradução nossa).

<sup>298</sup>Tradução: “O alarme”. (tradução nossa).

<sup>299</sup>Tradução: “ter uma esposa e uma dona de casa, que deve trabalhar como escrava de manhã à noite, que deve fazer todos os esforços para manter as despesas baixas”. (tradução nossa).



irritable y ya no logra esconder su deseo de afecto por su señor y amo”<sup>300</sup>(GOLDMAN, 2017a, p. 61). Em um curto período, esses trabalhadores se darão conta de que o “el matrimonio es un fracaso”<sup>301</sup> (GOLDMAN, 2017a, p. 61). Percebe-se que, para Goldman, as questões de classe e as questões femininas são categorias de análise fundamentais quando se faz necessário investigar a instituição do casamento.

A condição de classe do casal intervia também no corpo e na mente da mulher e, à medida que os gastos aumentavam e o salário diminuía ou continuava insuficiente, “la esposa, que ha perdido toda la pequeña fortaleza que tenía en el matrimonio, de igual modo se siente traicionada, y la constante preocupación y temor de la inanición consume su belleza en corto tiempo después del casamiento”<sup>302</sup> (GOLDMAN, 2017a, p.61). Nessa conjuntura, a mulher:

Se desanima, abandona sus tareas domésticas, y como no hay lazos de amor y simpatía entre ella y su esposo como para darles fuerzas para enfrentar la miseria y la pobreza de sus vidas, en vez de aferrar- se el uno al otro, se separan más y más, y se impacientan más y más con las faltas de cada cual.<sup>303</sup> (GOLDMAN, 2017a, p.61-62).

Goldman ressaltou, ainda, que muitas mulheres permaneciam em um casamento que não mais desejam por receio de serem condenadas “por la opinión pública”<sup>304</sup> (GOLDMAN, 2017a, p.62) e, por isso mesmo, “el temor a esta desgracia con frecuencia le hace colapsar bajo el gran peso de la vida de casada sin atreverse a introducir una sola protesta contra el indignante sistema que la ha destrozado a ella y a tantas de sus hermanas”<sup>305</sup> (GOLDMAN, 2017a, p. 62). Os ricos permanecem nessas relações matrimoniais para evitar “el escândalo”<sup>306</sup> (GOLDMAN, 2017a, p. 62) e “os pobres por el bien de sus hijos y el temor a la opinión pública”<sup>307</sup> (GOLDMAN, 2017a, p. 62). Goldman evidenciou, ainda, o peso que a ideia de esposa carrega, pois “la mujer que vende sus favores está en libertad de abandonar al hombre que la compra en

---

<sup>300</sup>Tradução: “estão tão cansados do esforço contínuo para fazer com que o lamentável salário de seu marido os sustente, que ela fica irritada e não consegue mais esconder seu desejo de afeto por seu senhor e mestre”. (tradução nossa).

<sup>301</sup>Tradução: “o casamento é um desastre”. (tradução nossa).

<sup>302</sup>Tradução: “a esposa, que perdeu todas as poucas forças que tinha no casamento, também se sente traída, e a preocupação constante e o medo da fome consomem sua beleza logo após o casamento”. (tradução nossa).

<sup>303</sup>Tradução: “ela desanima, abandona suas tarefas domésticas, e como não há laços de amor e simpatia entre ela e seu marido que lhes dê forças para enfrentar a miséria e a pobreza de suas vidas, em vez de se apegarem um ao outro, eles se separam cada vez mais, e eles ficam cada vez mais impacientes com os defeitos uns dos outros”. (tradução nossa).

<sup>304</sup>Tradução: “pela opinião pública”. (tradução nossa).

<sup>305</sup>Tradução: “o medo desse infortúnio muitas vezes a leva ao colapso sob o grande peso da vida de casada, sem ousar apresentar um único protesto contra o sistema ultrajante que a destruiu e a tantas de suas irmãs”. (tradução nossa).

<sup>306</sup>Tradução: “o escândalo”. (tradução nossa).

<sup>307</sup>Tradução: “pobres por causa de seus filhos e por medo da opinião pública”. (tradução nossa).

cualquier momento, mientras ‘la respetable esposa’ *no se puede liberar de una unión que le es mortificante* [grifo nosso]”<sup>308</sup> (GOLDMAN, 2017a, p. 62). Opinião pública, moral da Igreja e do Estado e a própria relação entre as classes, todos esses fatores aparecem aqui como formas que acabam por limitar o livre desenvolvimento das mulheres.

Além do amor e do casamento, outro aspecto explorado por Goldman foi o ciúme. Nossa pensadora tratava o ciúme como uma “sobrevivência arcaica do pensamento burguês” (LOBO, 1983, p. 52-53). Ainda assim, em seu relacionamento com Ben Reitman<sup>309</sup>, diante das infidelidades dele, Goldman se via “ferida, atormentada pelo ciúme, ao mesmo tempo furiosa com Ben e consigo mesma por abandonar-se à raiva e ao ciúme” (WEXLER apud LOBO, 1983). Goldman “fora capaz de seguir Reitman como um cachorro”, dizia, “enquanto ele perseguia uma mulher” (LOBO, 1983, p. 53). Tal condição em que Goldman se encontrava a fez refletir sobre os ciúmes e, por fim, concluir que manter a própria individualidade e a liberdade pessoal é algo maior que um relacionamento amoroso conturbado. A anarquista, que palestrava e escrevia sobre emancipação feminina, direitos sexuais e amor livre, se via caminhando nas ruas atrás de Ben Reitman e essa nítida contradição mostra a complexidade da vida. De qualquer forma, Goldman conseguiu perceber essa contradição e lutar contra ela e, anos mais tarde, escreveu que “a luta para manter minha própria individualidade e liberdade foi sempre mais importante para mim do que o mais selvagem dos amores” (GOLDMAN apud LOBO, 1983).

Goldman não só experimentou o que é o ciúme, como também escreveu sobre esse sentimento no artigo *Jealousy: cause and possible cure*<sup>310</sup>. Emma inicia o artigo recorrendo ao livro *Além do bem e do mal*, escrito por Nietzsche<sup>311</sup>, afirmando que a obra “abre nuestros ojos a lo más profundo de la afirmación individual combinada con el entendimiento de otros que no son como nosotros, que son diferentes”<sup>312</sup> (GOLDMAN, 2017b, p. 83). Além disso, acrescenta Emma, “la visión de Más allá del bien y del mal apunta a la derecha de uno mismo, a la personalidad de uno. Tales posibilidades no excluyen el dolor del caos de la vida, pero excluyen

---

<sup>308</sup>Tradução: “a mulher que vende seus favores é livre para deixar o homem que a compra a qualquer momento, enquanto ‘a esposa respeitável’ *não pode se libertar de uma união que a mortifica* [grifo nosso]”. (tradução nossa).

<sup>309</sup>Ben Reitman (1879-1942) foi um médico estadunidense.

<sup>310</sup>Tradução: “Ciúme: causa e possível cura”. (tradução nossa).

<sup>311</sup>Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900) foi um filósofo, filólogo, crítico cultural, poeta e compositor prussiano do século XIX, nascido na atual Alemanha. Escreveu vários textos criticando a religião, a moral, a cultura contemporânea, filosofia e ciência, exibindo uma predileção por metáfora, ironia e aforismo.

<sup>312</sup>Tradução: “abre nossos olhos para as profundezas da afirmação individual combinada com a compreensão de outros que não são como nós, que são diferentes”. (tradução nossa).

la rectitud puritana que sienta juicio sobre todos, excepto uno mismo”<sup>313</sup> (GOLDMAN, 2017b, p. 83-84). Aqui, vemos, novamente, a importância dada por Goldman à noção de individualidade.

Para Goldman, a ideia de individualidade deve permanecer presente nas relações amorosas, isso porque as emoções sexuais e o amor “están tan relacionadas con los rasgos físicos y psíquicos *individuales* que cada romance acabaría en un romance independiente como ningún otro [grifo nosso]”<sup>314</sup> (GOLDMAN, 2017b, p. 84). Em outras palavras, “cada amor es el resultado de las impresiones y características que las dos personas involucradas le dan. Cada relación amorosa debe, por su misma naturaleza, permanecer como un *romance privado* [grifo nosso]”<sup>315</sup> (GOLDMAN, 2017b, p. 84). Privado no sentido de livre, isto é, “ni el Estado, ni la Iglesia, ni la moral, ni la gente deben meterse con eso”<sup>316</sup> (GOLDMAN, 2017b, p. 84). Assim deveria ser, segundo Emma Goldman. Entretanto, em nossa sociedade, os romances não são privados, pois “la relación más íntima es objeto de prohibiciones, regulaciones y coerciones”<sup>317</sup> (GOLDMAN, 2017b, p. 84).

Emma Goldman reconheceu que em uma sociedade marcada pela corrupção e degradação, o “amor puro”, antigamente aclamado pelos poetas, “es hoy en día matrimonio, divorcio y disputas, de seguro un raro espécimen. Con el dinero, estatus social y posiciones como criterios para el amor, *la prostitución es inevitable*, incluso si se cubre con un manto de legitimidad y moralidad”<sup>318</sup> (GOLDMAN, 2017b, p. 84). Mais uma vez, vemos que, para Goldman, um casamento baseado em questões econômicas ou moralmente impostas também se configura como uma forma de prostituição, ainda que essa instituição seja vista pela sociedade como legítima e moralmente correta.

---

<sup>313</sup>Tradução: “a visão de *Além do Bem e do Mal* aponta para o direito de si mesmo, para sua personalidade. Essas possibilidades não excluem a dor do caos da vida, mas excluem a justiça puritana que julga a todos, exceto a si mesmo”. (tradução nossa).

<sup>314</sup>Tradução: “estão tão intimamente relacionados a traços físicos e psíquicos individuais que cada romance terminaria em um romance independente como nenhum outro”. (tradução nossa).

<sup>315</sup>Tradução: “cada amor é o resultado das impressões e características que as duas pessoas envolvidas lhe dão. Todo caso de amor deve, por sua própria natureza, permanecer um romance privado”. (tradução nossa).

<sup>316</sup>Tradução: “nem o Estado, nem a Igreja, nem a moralidade, nem o povo deve mexer com isso”. (tradução nossa).

<sup>317</sup>Tradução: “a relação mais íntima está sujeita a proibições, regulamentos e coerção”. (tradução nossa).

<sup>318</sup>Tradução: “hoje é casamento, divórcio e brigas, certamente um espécime raro. Tendo o dinheiro, o status social e as posições como critérios para o amor, a prostituição é inevitável, ainda que coberta com um manto de legitimidade e moralidade”. (tradução nossa).

O “monstro de olhos verdes”<sup>319</sup> é o “mal más prevaleciente de nuestra mutilada vida amorosa [...] que miente, engaña, traiciona y mata”<sup>320</sup> (GOLDMAN, 2017b, p. 84) e, para Goldman, a noção popular de que “los celos son innatos y por lo tanto no se pueden erradicar del corazón humano”<sup>321</sup> (GOLDMAN, 2017b, p. 84) é conveniente para “aquellos que carecen de la habilidad y la astucia para profundizar en la causa y el efecto”<sup>322</sup> (GOLDMAN, 2017b, p. 84). Segundo Goldman:

Los celos son lo opuesto al entendimiento, a la simpatía, a un sentimiento de generosidad. Los celos no le aportan nada al *individuo* [grifo nosso], no lo hace grande y fino. Lo que hace es cegarlo con ira, atormentarlo con sospechas y herirlo com envidia [...] los celos no intentan entender, su deseo es castigar, tan severamente como les sea posible<sup>323</sup>. (GOLDMAN, 2017b, p. 84).

O ideal punitivo presente nos ciúmes é criticado por Goldman, que vai identificar como desdobramento desse mesmo ciúme o popular código de honra que “sostiene que la seducción de una mujer debe ser expiada con la muerte del seductor, incluso donde la seducción no tuvo lugar. Donde ambos han cedido voluntariamente a la tentación más profunda, el honor solo se restaura cuando hay sangre derramada, sea la de él o la de ella”<sup>324</sup> (GOLDMAN, 2017b, p. 84), nesse sentido, “los celos están obsesionados con la posesión y la venganza”<sup>325</sup> (GOLDMAN, 2017b, p. 84). O ciúme está de acordo com “todas las leyes punitivas sobre los estatutos que se adhieren a la barbárica noción de que una ofensa, que es a menudo simplemente el resultado de los males sociales, debe ser adecuadamente castigada o vengada”<sup>326</sup> (GOLDMAN, 2017b, p. 84). Aqui, vemos que até mesmo o ciúme, na visão de Goldman, é utilizado pela sociedade como uma ferramenta para coagir as mulheres e suas experiências amorosas. Sentimentos criados e impostos pela sociedade, isto é, premissas incutidas em nossas mentes, mas que se

---

<sup>319</sup> Forma como William Shakespeare se refere ao ciúme.

<sup>320</sup>Tradução: “o mal mais prevalente de nossa vida amorosa mutilada [...] que mente, engana, trai e mata”. (tradução nossa).

<sup>321</sup>Tradução: “o ciúme é inato e, portanto, não pode ser erradicado do coração humano”. (tradução nossa).

<sup>322</sup>Tradução: “aqueles que não têm a habilidade e astúcia para mergulhar em causa e efeito”. (tradução nossa).

<sup>323</sup>Tradução: “o ciúme é o oposto de compreensão, simpatia, sentimento de generosidade. O ciúme não acrescenta nada ao indivíduo [grifo nosso], não o torna grande e bom. O que isso faz é cegá-lo de raiva, atormentá-lo com suspeitas e feri-lo de inveja [...] O ciúme não tenta entender, seu desejo é punir, o mais severamente possível”. (tradução nossa).

<sup>324</sup>Tradução: “defende que a sedução de uma mulher deve ser expiada com a morte do sedutor, mesmo onde a sedução não ocorreu. Onde ambos cederam voluntariamente à mais profunda tentação, a honra só é restaurada quando o sangue é derramado, seja ele dele ou dela”. (tradução nossa).

<sup>325</sup>Tradução: “o ciúme é obcecado por possessão e vingança”. (tradução nossa).

<sup>326</sup>Tradução: “todas as leis de estatuto punitivo que aderem à noção bárbara de que uma ofensa, que muitas vezes é simplesmente o resultado de males sociais, deve ser adequadamente punida ou vingada”. (tradução nossa).

dizem sentimentos “naturais” – como é o caso do ciúme –, acabavam por criar barreiras sociais e culturais que dificultam o livre desenvolvimento das potencialidades femininas.

Goldman faz referência à produção de Reclus<sup>327</sup> para mostrar que qualquer pessoa familiarizada “con sus trabajos sabe que la monogamia es una versión tardía del sexo que tuvo lugar gracias a *la domesticación y apropiación de la mujer, lo que ha creado un monopolio sexual y la inevitable sensación de celos* [grifo nosso]”<sup>328</sup> (GOLDMAN, 2017b, p. 85). Emma, então, faz uma crítica não só ao ciúme, mas também à monogamia enquanto imposição moral da sociedade. Segundo Goldman, era “ridículo decir que los celos son perfectamente naturales. *De hecho, es el resultado artificial de una causa artificial, nada más* [grifo nosso]”<sup>329</sup> (GOLDMAN, 2017b, p. 85). E, não só os casamentos conservadores estão saturados com a noção do sexo monopolizado, mas também “las llamadas uniones libres también son víctimas”<sup>330</sup> (GOLDMAN, 2017b, p. 85), mas, para Goldman, isso não prova que o ciúme é algo natural, e sim que “el sexo monopolizado ha sido transmitido de generación en generación y se ha plasmado como la base de la pureza de la familia y del hogar”<sup>331</sup> (GOLDMAN, 2017b, p. 85).

E, por isso mesmo, até os ditos relacionamentos livres precisam de constante desconstrução para se livrar do ciúme. O ciúme e o monopólio do sexo, para Goldman, são construções sociais, legitimados e estimulados por diferentes instituições, como a Igreja e o Estado que “vieron el sexo monopolizado como la única forma de asegurar los lazos maritales, ambos han justificado los celos como el arma de legítima defensa para la protección del derecho de propiedad”<sup>332</sup> (GOLDMAN, 2017b, p. 85).

E, se algumas pessoas “ha superado la legalidad del sexo monopolizado”<sup>333</sup> (GOLDMAN, 2017b, p. 85), ainda assim, “no ha superado sus hábitos y tradiciones”<sup>334</sup> (GOLDMAN, 2017b, p. 85), sendo cegadas pelo “monstro dos olhos verdes”<sup>335</sup> (GOLDMAN,

<sup>327</sup>Jean Jacques Élisée Reclus (1830-1905) foi um geógrafo e um militante anarquista francês.

<sup>328</sup>Tradução: “com as suas obras sabe que a monogamia é uma versão tardia do sexo que se deu graças à *domesticação e apropriação das mulheres, que criou o monopólio sexual e o inevitável sentimento de ciúme* [grifo nosso]”. (tradução nossa).

<sup>329</sup>Tradução: “é ridículo dizer que o ciúme é perfeitamente natural. *Na verdade, é o resultado artificial de uma causa artificial, nada mais* [grifo nosso]”. (tradução nossa).

<sup>330</sup>Tradução: “as chamadas uniões livres também são vítimas”. (tradução nossa).

<sup>331</sup>Tradução: “o sexo monopolizado foi transmitido de geração em geração e tornou-se a base da pureza da família e do lar”. (tradução nossa).

<sup>332</sup>Tradução: “viram o sexo monopolizado como a única forma de garantir os laços matrimoniais, ambos têm justificado o ciúme como a arma de autodefesa para a proteção dos direitos de propriedade”. (tradução nossa).

<sup>333</sup>Tradução: “superou a legalidade do sexo monopolizado”. (tradução nossa).

<sup>334</sup>Tradução: “não superou seus hábitos e tradições”. (tradução nossa).

<sup>335</sup>Tradução: “monstro de olhos verdes”. (tradução nossa).

2017b, p. 85). Além disso, o homem ou mulher livre que desenvolvem um relacionamento livre, acabam, muitas vezes, sofrendo constrangimentos sociais, pois serão tidos como “degenerado o covarde”<sup>336</sup> (GOLDMAN, 2017b, p. 85) por conservadores. Por fim, esses homens e mulheres “serán objeto de chismes y chistes de mal gusto por el solo hecho de que le conceden a sus esposas, esposos o amantes, derechos sobre sus propios cuerpos y expresiones emocionales sin montar escenas celosas ni amenazas de muerte al intruso”<sup>337</sup> (GOLDMAN, 2017b, p. 85). Vemos, então, que Goldman reconhecia as dificuldades que a sociedade impunha àqueles que desejavam ter um relacionamento ancorado dentro de um outro código moral, livre do ciúme e do monopólio do sexo.

Sobre os motivos que geram o ciúme, Goldman ressaltou que, geralmente, o “monopolio sexual junto con la irreverente vanidad del hombre [...] son los antecedentes de los celos”<sup>338</sup> (GOLDMAN, 2017b, p. 85). E, no caso do ciúme por parte da mulher, muitas vezes, “el miedo económico por ellas y sus niños y la penosa envidia hacia otras mujeres que obtienen gracia en los ojos de su acompañante, invariablemente crea celos”<sup>339</sup> (GOLDMAN, 2017b, p. 85). E, o fato de as mulheres sentirem ciúmes pelo motivo acima citado tem relação direta com o fato de que “desde hace siglos, la atracción física era su única carta sobre la mesa, por eso, necesita envidiar el encanto y valor de otras mujeres que amenazan quedarse con su propiedad preciada”<sup>340</sup> (GOLDMAN, 2017b, p. 85).

O ciúme, em Goldman, não necessariamente é consequência do amor, mas sim do que hoje chamaríamos de “relações de poder”, sendo possível identificar que “hombres y mujeres pueden llegar a estar violentamente celosos de aquellos *a quienes no les importan* [grifo nosso]”<sup>341</sup> (GOLDMAN, 2017b, p. 85), isto é, um ciúme oriundo da “vanidad”<sup>342</sup> (GOLDMAN, 2017b, p. 85) e não do “amor ultrajado”<sup>343</sup> (GOLDMAN, 2017b, p. 85). Goldman reconhece, por exemplo, que algumas mulheres, mesmo sem amor ou sem nenhum interesse para o

---

<sup>336</sup>Tradução: “degenerado e covarde”. (tradução nossa).

<sup>337</sup>Tradução: “serão alvo de fofocas e piadas de mau gosto pelo simples fato de concederem a suas esposas, maridos ou amantes, direitos sobre seus próprios corpos e expressões emocionais, sem montar cenas de ciúmes ou ameaças de morte ao intruso”. (tradução nossa).

<sup>338</sup>Tradução: “o monopólio sexual junto com a vaidade irreverente do homem [...] são os antecedentes dos ciúmes”. (tradução nossa).

<sup>339</sup>Tradução: “o medo econômico por eles e seus filhos e a dolorosa inveja de outras mulheres que obtêm graça aos olhos de seu companheiro, invariavelmente cria os ciúmes”. (tradução nossa).

<sup>340</sup>Tradução: “por séculos, a atração física foi sua única carta na mesa, então, precisa invejar o charme e a coragem de outras mulheres que ameaçam ficar com sua valiosa propriedade”. (tradução nossa).

<sup>341</sup>Tradução: “homens e mulheres podem ficar com ciúme violento daqueles que não se importam”. (tradução nossa).

<sup>342</sup>Tradução: “vaidade”. (tradução nossa).

<sup>343</sup>Tradução: “amor ultrajado”. (tradução nossa).

desenvolvimento de uma relação harmoniosa, acabam por espiar o homem somente “en el momento en que una competidora aparece, ella empieza a valorar su propiedad sexual para defender lo que de otra forma seria vil y cruel”<sup>344</sup> (GOLDMAN, 2017b, p. 85). Nesse sentido, percebemos que Goldman reconhecia a complexidade das relações humanas, identificando os sentimentos que são influenciados por relações de poder que perpassam o cotidiano. No fragmento acima, identificamos que nossa pensadora percebia como a competitividade feminina, ensinada às mulheres desde a infância, acaba refletindo na criação de um ciúme baseado na ideia de que seria um problema seu antigo parceiro entrar em um novo relacionamento.

Para Goldman, “los celos *no son resultado del amor* [grifo nosso]”<sup>345</sup> (GOLDMAN, 2017b, p. 88), aliás, “si fuese posible investigar muchos casos de celos, sería muy probable encontrar que cuanta menos gente está imbuida de un gran amor, más violentos y competitivos serán los celos”<sup>346</sup> (GOLDMAN, 2017b, p. 88). E, para nossa pensadora, é algo completamente possível amar mais de uma pessoa e, por isso mesmo, “ver a personas que aman a más de una persona como perversos y anormales, es ser muy ignorante”<sup>347</sup> (GOLDMAN, 2017b, p. 88). Para Emma, a própria ideia de casal “unido em corpo e alma”, tão professado pela Igreja, acaba criando um ambiente propício para o ciúme, pois “dependiendo uno del otro para cada pensamiento y sensación, sin intereses ni deseos individuales, y pregúntate a ti mismo si esa relación no se tornará odiosa e insuportable con el tempo”<sup>348</sup> (GOLDMAN, 2017b, p. 88).

Em outras palavras, “la intervención legal, religiosa y moral son los padres de nuestra innatural vida sexual y amorosa, y de eso es que los celos se han ido alimentando. Es el látigo que castiga y tortura a los pobres mortales por su estupidez, ignorancia y prejuicios”<sup>349</sup> (GOLDMAN, 2017b, p. 88-89). Novamente, vemos a importância que a noção de individualidade possui dentro da perspectiva goldminiana. No fragmento abaixo, observamos

---

<sup>344</sup>Tradução: “no momento em que um concorrente aparece, ela começa a valorizar sua propriedade sexual para defender o que de outra forma seria vil e cruel”. (tradução nossa).

<sup>345</sup>Tradução: “os ciúmes não são resultado do amor”. (tradução nossa).

<sup>346</sup>Tradução: “se fosse possível investigar muitos casos de ciúme, seria muito provável descobrir que quanto menos pessoas estiverem imbuídas de grande amor, mais violento e competitivo será o ciúme”. (tradução nossa).

<sup>347</sup>Tradução: “ver pessoas que amam mais de uma pessoa como perversas e anormais é ser muito ignorante”. (tradução nossa).

<sup>348</sup>Tradução: “dependendo um do outro para cada pensamento e sentimento, sem interesses ou desejos individuais, e pergunte-se se essa relação não se tornará odiosa e insuportável com o tempo”. (tradução nossa).

<sup>349</sup>Tradução: “intervenção legal, religiosa e moral são os pais de nossa vida sexual e amorosa não natural, e é disso que o ciúme tem se alimentado. É o chicote que castiga e tortura os pobres mortais por sua estupidez, ignorância e preconceito”. (tradução nossa).

que Emma, mesmo reconhecendo o peso dos condicionantes sociais, também reconhecia a capacidade dos indivíduos de criar formas criativas de sair de uma dada situação, isto é, de resistir e, por isso mesmo, criar novas formas de vida. Segundo Goldman:

Pero nadie necesita justificarse a sí mismo por ser una víctima de estas condiciones. Es muy cierto que todos caemos bajo el peso de inicuos acuerdos sociales bajo coerción y ceguera moral. Pero no somos individuos conscientes, ¿De quién es el deber de llevar verdad y justicia a los asuntos humanos? La teoría de que el hombre es un producto de estas condiciones ha llevado solo a la indiferencia y a una lenta aceptación de estas condiciones. Aun así, todo el mundo sabe que la adaptación a un modo de vida injusto y no saludable solo fortalece ambas cosas, mientras el hombre, el así llamado ‘Corona de la Creación’, equipado con la habilidad de pensar y ver por encima de todo para emplear sus poderes de iniciativa, se debilita, se vuelve más pasivo, más fatalista<sup>350</sup>. (GOLDMAN, 2017b, p. 89).

Ainda ressaltando a necessidade de que em uma relação se tenha espaço para a individualidade de cada um dos envolvidos, Goldman afirma que um forte antídoto para o ciúme seria lembrar que “el hombre y la mujer no son uno en cuerpo y espíritu”<sup>351</sup> (GOLDMAN, 2017b, p. 90), que são, na verdade, “dos seres humanos con diferentes temperamentos, sentimientos y emociones. Cada uno es un pequeño cosmos de sí mismo, envuelto en sus propios pensamientos e ideas”<sup>352</sup> (GOLDMAN, 2017b, p. 90). Para nossa pensadora:

Sería glorioso y poético si estos dos mundos se fusionaran en libertad e igualdad. Incluso si esto dura poco tiempo valdría la pena. Pero el momento en que estos dos mundos son forzados a estar juntos, toda la belleza y fragancias no dejan más que hojas muertas<sup>353</sup>. (GOLDMAN, 2017b, p. 90).

Por fim, tem-se uma Emma Goldman que reconhece os condicionantes sociais que dificultam o livre desenvolvimento sexual da mulher, que critica severamente o casamento baseado em critérios econômicos e/ou imposições sociais e morais e que vê o ciúme como uma criação artificial de uma sociedade marcada pela noção de propriedade. Goldman, ao

---

<sup>350</sup>Tradução: “mas ninguém precisa se justificar por ser vítima dessas condições. É bem verdade que todos nós caímos sob o peso de arranjos sociais perversos sob coação e cegueira moral. Mas não somos indivíduos conscientes de quem é o dever de levar a verdade e a justiça aos assuntos humanos? A teoria de que o homem é um produto dessas condições levou apenas à indiferença e à lenta aceitação dessas condições. Ainda assim, todos sabem que a adaptação a um modo de vida injusto e doentio apenas fortalece a ambos, enquanto o homem, a chamada 'Coroa da Criação', equipado com a capacidade de pensar e ver acima de tudo para usar seus poderes de iniciativa, torna-se mais fraco, mais passivo, mais fatalista”. (tradução nossa).

<sup>351</sup>Tradução: “o homem e a mulher não são um em corpo e alma”. (tradução nossa).

<sup>352</sup>Tradução: “dois seres humanos com temperamentos, sentimentos e emoções diferentes. Cada um é um pequeno cosmos de si mesmo, envolto em seus próprios pensamentos e ideias”. (tradução nossa).

<sup>353</sup>Tradução: “seria glorioso e poético se esses dois mundos se fundissem em liberdade e igualdade. Mesmo que durasse pouco, valeria a pena. Mas no momento em que esses dois mundos são forçados a ficar juntos, toda a beleza e fragrâncias não deixam nada além de folhas mortas”. (tradução nossa).



reconhecer a capacidade dos seres humanos de criar formas criativas para sair de uma dada situação, compreende que homens e mulheres podem sim criar novas formas de vida, novas subjetividades, novas corporeidades livres dos condicionantes sociais que os oprimem e cerceiam suas vontades. Que homens e mulheres, então, façam isso com o amor.

### CAPÍTULO 3. ELAS POR ELA: A TRAJETÓRIA DE OUTRAS MULHERES NOS ESCRITOS DE EMMA GOLDMAN<sup>354</sup>

#### 3.1 VOLTAIRINE DE CLEYRE: UM INTERLÚDIO ENTRE SAÚDE, BELEZA E LUTA

*“Foi quando entendi que havia essa vida toda por trás das coisas [...] E essa incrível força benevolente [...] que dizia não haver razão para ter medo [...] nunca. Acho que eu deveria estar puto com o que aconteceu [...] Mas é difícil ficar zangado quando há tanta beleza no mundo”*

(Filme *Beleza Americana*, 1999, direção de Sam Mendes)

Amigo leitor, no presente capítulo, daremos conta de compreender como a trajetória de outras mulheres apareceu nos escritos de Emma Goldman. Quais aspectos da vida dessas outras mulheres Emma destacou? Como a produção intelectual dessas mulheres apareceu nas análises realizadas por Goldman? Emma construiu qual narrativa em torno delas? Pois bem, essas são algumas perguntas que orientam o capítulo 3 da presente dissertação. Começaremos, então, por identificar como Voltairine De Cleyre foi retratada dentro da perspectiva goldminiana.

Se as pesquisas que se destinam a apresentar Emma Goldman ao público brasileiro são raras, os estudos em torno de Voltairine De Cleyre, em solo brasileiro, são, ousaríamos dizer, praticamente inexistentes. Sua vida e sua obra ainda permanecem negligenciadas. Voltairine<sup>355</sup> nasceu em 1866, no Estado de Michigan. Sua família era de origem operária e abolicionista e, como uma forma de homenagear Voltaire<sup>356</sup>, seus pais nomearam sua filha mais nova de Voltairine. Mas, devido a um novo alinhamento ideológico e a problemas financeiros de sua família, o pai de Voltairine decidiu colocá-la em um convento católico, no Canadá. A sua estadia de anos ali fez com que ela, assim como aconteceu com Emma Goldman, ainda que por razões diferentes, percebesse o autoritarismo presente nesses ambientes disciplinares. Entre tentativas de fuga e outras formas de resistência, Voltairine conseguiu se desvincular do convento e, no final da década de 1880, já estava próxima dos círculos intelectuais de sua época.

<sup>354</sup>Os títulos dos subcapítulos que compõem a terceira parte da presente dissertação são inspirados na forma como Emma Goldman retratou essas mulheres.

<sup>355</sup>A trajetória biográfica que apresentamos de Voltairine De Cleyre está baseada e, em convergência, com a produção de Paul Avrich. Ver mais em: (AVRICH, 1978).

<sup>356</sup>Voltaire (1694-1778) foi um escritor, ensaísta e filósofo iluminista francês.

Nesse momento mais inicial, Voltairine estava ligada a redes intelectuais da corrente norte-americana do “livre pensamento”<sup>357</sup>.

Voltairine, a partir de então, tornou-se uma escritora<sup>358</sup> e, em alguns momentos, atuou como oradora pública. Como mencionado, Voltairine, inicialmente, se aproximou e defendeu perspectivas mais individualistas e que flertavam com o universo mais liberal, chegando a defender a propriedade privada como uma forma de garantir a liberdade individual. Entretanto, com o passar do tempo, Voltairine tornou-se uma defensora de um “anarquismo sem adjetivos” se afirmando, a partir de então, como uma anarquista que reconhecia os problemas oriundos da propriedade privada. Voltairine foi mãe em 1890, mas seu filho, chamado Harry, foi criado pelo pai, James B. Elliot.



**Figura 21.** Foto de Voltairine de Cleyre. Disponível em: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/5/5a/VoltairinedeCleyre.jpg/1200px-VoltairinedeCleyre.jpg> . Acesso: 05/11/2021.

---

<sup>357</sup>Pensamento livre é o ponto de vista, filosófico ou não, que sustenta que os fenômenos e todas as coisas devem ser formados a partir da ciência, da lógica e da razão e não devem ser influenciados por nenhuma tradição, autoridade ou qualquer dogma, cujo adepto se proclama livre pensador e cuja aplicação por vezes é chamada de livre pensar.

<sup>358</sup>Algumas obras de Voltairine foram disponibilizadas pelo The Project Gutenberg e podem ser acessadas no site <http://www.gutenberg.org>.

Em 1893, Emma estava encarcerada na cinzenta Blackwell's Island. Obviamente, a prisão de Emma impediu o cumprimento de sua agenda de conferências públicas. Nesse cenário, Voltairine substituiu Emma, concluindo os compromissos que já estavam marcados. Mas não só isso: com a prisão de Emma Goldman, Voltairine dirigiu-se até a ilha para vê-la. E, sobre a visita de Voltairine, nossa pensadora, em sua autobiografia, relatou que apreciou a oportunidade de se aproximar da anarquista: “hablamos de las cosas que más nos interesaban, de Sasha, del movimiento. Voltairine prometió que cuando me pusieran en libertad se uniría a mí en un nuevo esfuerzo por Sasha. Mientras tanto, le escribiría”<sup>359</sup> (GOLDMAN, 1996a, p. 170). Voltairine cumpriu sua promessa, isto é, atuou pela libertação de Sasha, como também escreveu cartas para Emma Goldman.

Ainda em sua autobiografia, Emma lembra que desde que entrara “en el movimiento anarquista”<sup>360</sup> (GOLDMAN, 1996a, p. 187), ela havia “deseado tener una amiga, un alma gemela con la que compartir mis pensamientos y sentimientos más íntimos, los que no podía contar a um hombre”<sup>361</sup> (GOLDMAN, 1996a, p. 187), mas, ao invés disso, Emma encontrava, por parte das mulheres, “envidia mezquina y celos porque gustaba a los hombres”<sup>362</sup> (GOLDMAN, 1996a, p.187). Obviamente, acrescenta Emma, “había excepciones: Annie Netter, siempre noble y generosa; Natasha Notkin, María Louise y una o dos más. Pero lo que me unía a ellas era el movimiento; no había nada personal ni íntimo”<sup>363</sup> (GOLDMAN, 1996a, p. 187). Nas palavras da própria Emma Goldman, “cuando Voltairine de Cleyre llegó a mi vida tuve esperanzas de conseguir una buena amistad”<sup>364</sup> (GOLDMAN, 1996a, p. 187). Após a visita, Voltairine e Goldman continuaram trocando cartas e, segundo nossa pensadora, Voltairine havia escrito continuamente “cartas maravillosas, llenas de afecto y compañerismo”<sup>365</sup> (GOLDMAN, 1996a, p. 188).

---

<sup>359</sup>Tradução: “falamos das coisas que nos eram queridas: Sasha e o movimento. Voltairine prometeu juntar-se a mim, quando libertada, num novo esforço por Sasha. Enquanto isso escreveria para ele, disse-me”. (tradução nossa).

<sup>360</sup>Tradução: “no movimento anarquista”. (tradução nossa).

<sup>361</sup>Tradução: “desejava ter uma amiga, uma companheira em espírito com quem eu pudesse dividir meus pensamentos mais profundos, que eu não poderia expressar a homens”. (tradução nossa).

<sup>362</sup>Tradução: “invejas mesquinhas e ciúmes porque os homens gostavam de mim”. (tradução nossa).

<sup>363</sup>Tradução: “havia exceções, é claro: Natasha Notkin, Maria Louise, e um ou duas outras. Mas meu elo com essas era o movimento; não havia nenhum ponto íntimo de contato pessoal”. (tradução nossa).

<sup>364</sup>Tradução: “a chegada na minha vida de Voltairine de Cleyre deu-me a esperança de uma bela amizade”. (tradução nossa).

<sup>365</sup>Tradução: “ótimas cartas de camaradagem e afeição”. (tradução nossa).

Em uma dessas cartas, Voltairine escreveu “diciendo que ella y su amigo A. Gordon iban a venir a Nueva York y estaban ansiosos por hacerme una visita”<sup>366</sup> (GOLDMAN, 1996a, p. 188). Emma, então, decidiu por não aceitar a visita de Gordon, pois ele “un seguidor de Most y, como tal, me odiaba. En una reunión de compañeros me acusó de ser la responsable del desbaratamiento del movimiento, y de hacerlo sólo con fines sensacionalistas”<sup>367</sup> (GOLDMAN, 1996a, p. 188). Além disso, ele “no participaría en ningún mitin donde yo fuera a hablar. Como no era tan pueril como para creer que mi encarcelamiento me había añadido importancia, no veía ningún motivo por el que Gordon hubiera cambiado de opinión sobre mí”<sup>368</sup> (GOLDMAN, 1996a, p. 188). Emma, por conta disso, escreveu “sinceramente todo esto a Voltairine, explicándole que prefería no ver a Gordon. Sólo se me permitían dos visitas al mes; no renunciaría a la visita de Ed, la otra estaba dedicada a mis amigos más próximos”<sup>369</sup> (GOLDMAN, 1996a, p. 188).

Após a rejeição de Emma em ver Gordon, ela não recebeu mais cartas de Voltairine e, ao se informar com amigos em comum, Emma se deu conta que Voltairine “había sentido muy herida ante mi negativa a permitir a Gordon que me visitara en la isla”<sup>370</sup> (GOLDMAN, 1996a, p. 188). Sobre essa situação, Emma diz que “apenaba saber que una revolucionaria tan espléndida podía alejarse de mí porque no me gustaba un amigo suyo [...] no entendía cómo una mujer libre debía esperar que sus amigos aceptaran a su amante”<sup>371</sup> (GOLDMAN, 1996a, p. 188). Diante disso, Emma sentiu que “Voltairine había demostrado ser estrecha de miras y que eso me impedía ser libre y sentirme a gusto con ella. Mis esperanzas de una amistad íntima se desvanecieron”<sup>372</sup> (GOLDMAN, 1996a, p. 188). Portanto, apesar de haver reciprocidade e

---

<sup>366</sup>Tradução: “dizendo que ela e seu amigo A. Gordon estavam vindo a Nova York e queriam muito me ver”. (tradução nossa).

<sup>367</sup>Tradução: “era um seguidor de Most e, portanto, me odiava. No encontro dos camaradas ele me acusou de ser a responsável pela interrupção do movimento e de fazê-lo apenas por motivos sensacionalistas”. (tradução nossa).

<sup>368</sup>Tradução: “ele não participaria de nenhum encontro em que eu fosse falar. Sem ingenuidades, eu não tinha motivo para crer que minha estadia na prisão mudaria a opinião de Gordon”. (tradução nossa).

<sup>369</sup>Tradução: “francamente para Voltairine, explicando que eu preferia não ver mais Gordon. Só me permitiam duas visitas por mês; eu preferia não abrir mão da visita de Ed, a outra sendo tomada por amigos próximos”. (tradução nossa).

<sup>370</sup>Tradução: “havia ficado bastante magoada porque eu havia recusado que Gordon me visitasse na ilha”. (tradução nossa).

<sup>371</sup>Tradução: “era triste saber que uma revolucionária tão esplêndida poderia se afastar de mim porque eu não gostava de um amigo dela [...] eu não entendia como uma mulher livre deveria esperar que seus amigos aceitassem seu amante”. (tradução nossa).

<sup>372</sup>Tradução: “Voltairine havia demonstrado demasiada estreiteza para que eu pudesse aceitá-la com liberdade. Minha esperança de uma amizade íntima com ela foi destruída”. (tradução nossa).

respeito intelectual entre as anarquistas, observamos que não se tratava de uma amizade íntima, privada.

Voltairine, além de escritora, poeta e oradora, foi uma professora preocupada com o oferecimento de uma educação racional e libertária. Em sua vida e em seus escritos, buscou discutir sobre as questões sociais e femininas. Preocupava-se, assim como Emma, com essas questões vitais. Defensora da ação direta como estratégia de luta, Voltairine, assim como Emma, reivindicava a necessidade de um mundo que permitisse o livre desenvolvimento das potencialidades humanas. Voltairine, durante toda sua vida, trabalhou arduamente para sobreviver. Emma, em sua autobiografia, relata que, em sua última visita à Filadélfia, ficara sabendo que ela “estaba haciendo grandes esfuerzos para ganarse la vida enseñando inglés a los inmigrantes judíos y dando clases de música, al mismo tiempo continuaba con sus actividades en el movimiento. Admiraba sus energías y laboriosidad, pero me sentía herida y rechazada por lo que me parecía una actitud poco razonable y mezquina de su parte”<sup>373</sup> (GOLDMAN, 1996a, p. 367).

Em 1901, em virtude da eufórica repressão direcionada aos anarquistas depois da morte do presidente McKinley<sup>374</sup>, Emma Goldman, como já mencionado, chegou a ser detida, mas, posteriormente, ganhou a liberdade, pois não havia provas que a ligassem diretamente ao ato. De qualquer forma, a morte de McKinley foi utilizada como justificativa para que se reprimisse qualquer ação anarquista. Bibliotecas foram fechadas, periódicos censurados e a vida privada e pública dos anarquistas tornou-se ainda mais difícil. Nesse cenário, Voltairine publicou uma carta, no *Free Society*<sup>375</sup>, respondendo à proposta do senador Hawley (Connecticut). O senador havia anunciado, aproveitando-se dessa onda antianarquista que se alastrou pelos Estados Unidos após a morte de McKinley, que pagaria mil dólares para todos que atirassem em um anarquista. Sobre esse artigo de Voltairine, Emma diz que:

Su valiente postura durante la histeria que siguió al suceso de Buffalo aumento mucho la estima que sentía por ella y su carta al senador Hawley, publicada en *Free Society*, quien había dicho que daría mil dólares por disparar a un anarquista, me produjo una profunda impresión. Mandó su dirección al patriota senatorial y le escribió que estaba dispuesta a darle el placer de disparar a una anarquista gratis, con la sola condición de que le permitiera

---

<sup>373</sup>Tradução: “sabendo que ela estava lutando arduamente para sobreviver dando aulas de inglês para alguns imigrantes judeus, bem como aulas de música, enquanto mantinha, ao mesmo tempo, as atividades no movimento. Admirei sua energia e industriiosidade, mas me senti magoada e rejeitada pelo que me pareceu uma atitude irracional e mesquinha de sua parte”. (tradução nossa).

<sup>374</sup>William McKinley (1843-1901) foi o 25º presidente dos Estados Unidos de 4 de março de 1897 até seu assassinato em setembro de 1901.

<sup>375</sup>Tradução: “Sociedade Livre”. (tradução nossa).

explicarle los principios del anarquismo antes de abrir fuego.<sup>376</sup> (GOLDMAN, 1996a, p. 367-368).

Em dezembro de 1902, Voltairine viu a morte de perto, pois sofreu uma tentativa de assassinato orquestrada por Herman Helcher, um ex-aluno. O ato gerou sequelas permanentes na saúde da anarquista. Mas, de imediato, Voltairine compreendeu a situação e não julgou Helcher, pois acreditava que ele era portador de “crises de insanidade”, isto é, “alterações psicológicas”. Voltairine optou por não julgar o ato de Helcher e, mais do que isso, lutou por sua libertação. Emma, após essa atitude de Helcher, organizou ações para arrecadar fundos que pudessem ajudar a Voltairine. Sobre a posição de Voltairine diante do atentado, Emma lembra que:

Voltairine no sólo se negó a denunciar al joven que le había disparado, sino que incluso pidió a nuestra prensa que le ayudaran en su defensa. “Está enfermo, pobre y sin amigos” escribió, “lo que necesita es amabilidad, no la cárcel”. En una carta a las autoridades señaló que el muchacho había estado sin trabajo durante mucho tiempo y que como resultado de sus preocupaciones sufría alucinaciones. Pero la ley tenía que cobrarse su presa: el joven fue declarado culpable y sentenciado a seis años y nueve meses. El veredicto le provocó a Voltairine una recaída muy grave que nos mantuvo en angustiada espera durante semanas. Finalmente, fue declarada fuera de peligro y pudo abandonar el hospital. Los periódicos de Filadelfia proporcionaron su lado divertido a este trágico incidente. Como el resto de la prensa americana, durante años habían estado llenos de invectivas contra el anarquismo y los anarquistas. “Demonios encarnados - defensores de la muerte y la destrucción – cobardes” eran algunos de los epítetos más delicados que nos aplicaban. Pero cuando Voltairine se negó a denunciar a su asaltante y le defendió, los mismos editores escribieron que “el anarquismo era la verdadera doctrina del Nazareno, el evangelio del perdón”<sup>377</sup>. (GOLDMAN, 1996b, p. 369).

---

<sup>376</sup>Tradução: “sua destemida posição durante a histeria McKinley havia ajudado muito para que eu a respeitasse, e sua carta no *Free Society* ao senador Hawley, que dissera que daria mil dólares para matar um anarquista, havia me impressionado muito. Ela havia enviado seu próprio endereço a esse patriota do senado e escrito que ela estava disposta e deixá-lo atirar num anarquista de graça, com a única condição que ela lhe permitisse explicar os princípios do anarquismo antes da execução”. (tradução nossa).

<sup>377</sup>Tradução: “Voltairine não apenas se recusou a processar o jovem que havia disparado nela, mas até mesmo recorreu à nossa imprensa para ajudá-lo em sua defesa. ‘Ele é doente, pobre e desamparado’, ela escreveu; ‘necessita de bondade, não de prisão’. Numa longa carta às autoridades, ela salientou que o garoto havia estado desempregado por um longo tempo e que, como resultado, ele sofria de alucinações. Contudo, a lei precisava de sua libra de carne: o jovem foi considerado culpado e recebeu uma sentença de seis anos e nove meses. O efeito do veredicto sobre Voltairine levou a uma piora de saúde que nos manteve em suspense durante semanas. Finalmente declararam que ela estava fora de perigo e podia deixar o hospital. Os jornais de Filadélfia forneceram um lado cômico para o incidente trágico. Como o resto da imprensa americana, eles estiveram cheios, durante anos, de invectivas contra o anarquismo e os anarquistas. ‘Verdadeiros vilões – campeões da morte e da destruição – covardes’, eram os epítetos mais delicados contra nós. Porém, quando Voltairine recusou-se a processar seu ofensor e se manifestou a favor dele, os mesmos editores escreveram que ‘o anarquismo é na verdade a doutrina do Nazareno, o evangelho do perdão’”. (tradução nossa).

Voltairine morreu em 20 de junho de 1912 e, Emma, em sua autobiografia, relata que o fim de Voltairine a “afectó muy profundamente” (GOLDMAN, 1996b, p. 7), pois toda a vida de Voltairine “había sido una cadena de sufrimientos”<sup>378</sup> (GOLDMAN, 1996b, p. 7). Sua morte, segundo Goldman, foi “una gran pérdida para nuestro movimiento y para todos aquellos que apreciaban su fuerte personalidad y su talento poco común”<sup>379</sup>. Voltairine, como desejava, foi enterrada no cemitério Waldheim, próximo dos túmulos dos mártires de Chicago. O martírio deles havia “provocado el despertar del alma de Voltairine, como el de tantos otros”<sup>380</sup> (GOLDMAN, 1996b, p. 7), porém, para Goldman, “pocos sé habían consagrado tan completamente a su causa como ella, y menos aún poseían esse don especial para servir al ideal con determinación [...] Voltairine poseía unas dotes excepcionales como poetisa, escritora y oradora”<sup>381</sup> (GOLDMAN, 1996b, p. 7). Na concepção de Goldman, Voltairine certamente “habría alcanzado una alta posición y notoriedad si fuera alguien que comercializara sus talentos, pero no aceptaba ni las más simples comodidades para sus actividades en los diversos movimientos sociales”<sup>382</sup> (GOLDMAN, 1996b, p. 7). Voltairine “compartía el destino de la gente humilde a la que intentaba enseñar e inspirar. Vestal revolucionaria, vivió como la más pobre de los pobres en un ambiente de miseria y sordidez, forzando su cuerpo al límite, sostenida sólo por su ideal”<sup>383</sup> (GOLDMAN, 1996b, p. 8).

A relação intelectual de Emma e Voltairine foi perpassada por divergências e convergências. Publicamente, Voltairine, inicialmente, identificava em Emma uma anarquista de cunho comunista e, tal situação, em sua perspectiva, era problemática. Isso porque, no início de sua trajetória intelectual, Voltairine se considerava uma individualista e ainda defendia a propriedade privada. Como já mencionado, posteriormente, tal situação se modificou e, com isso, a convergência de ideias entre Emma e Voltairine tornou-se mais intensa, visto que, nesse cenário, Voltairine abandonou a defesa da propriedade privada e abraçou a ideia de um anarquismo sem adjetivos. Sobre a trajetória intelectual de Voltairine, Emma acrescenta que:

---

<sup>378</sup>Tradução: “havia sido uma sequência de sofrimentos”. (tradução nossa).

<sup>379</sup>Tradução: “foi uma grande perda a nosso movimento e àqueles que apreciavam sua personalidade forte e seus talentos incomuns”. (tradução nossa).

<sup>380</sup>Tradução: “despertado a alma de Voltairine, como com tantos outros camaradas”. (tradução nossa).

<sup>381</sup>Tradução: “poucos haviam se consagrado à causa deles como ela, e menos ainda haviam sido os que tiveram o gênio para servir o ideal com um propósito único [...] Voltairine era excepcionalmente dotada como poeta, escritora e palestrante”. (tradução nossa).

<sup>382</sup>Tradução: “teria certamente alcançado uma alta posição e renome se fosse alguém que mercadejasse seus talentos, mas não aceitava mesmo os mais simples confortos por suas atividades nos vários movimentos sociais”. (tradução nossa).

<sup>383</sup>Tradução: “ela compartilhava o destino dos desvalidos que ela buscava ensinar e inspirar. Uma vestal revolucionária, vivia como os mais pobres dentre os pobres num ambiente miserável que exigia o máximo de seu corpo – era seu ideal que a sustentava”. (tradução nossa).



Voltairine empezó su carrera como pacifista y durante muchos años se opuso radicalmente a los métodos revolucionarios. Pero un mayor conocimiento de los sucesos de Europa y de la Revolución Rusa de 1905, el rápido crecimiento del capitalismo en su propio país, con la violencia e injusticia consiguientes y, especialmente, la Revolución Mexicana, fueron cambiando su actitud. Después de una gran lucha interior, la integridad intelectual de Voltairine le obligó a admitir su error abiertamente y a luchar con valor por esa nueva visión. Lo hizo en varios de sus ensayos y, en particular, cuando se puso a trabajar a favor de la Revolución Mexicana, que consideraba de vital importancia. Se consagró completamente a ella, escribiendo, dando conferencias, recaudando fondos. Con la muerte de Voltairine, el movimiento por la libertad y el humanitarismo, y especialmente la causa anarquista, perdió a uno de sus trabajadores más dotados e incansables.<sup>384</sup> (GOLDMAN, 1996b, p. 369).

Quando realizamos uma análise comparada entre Emma e Voltairine, percebemos que não só a vida, mas a produção teórica e os círculos de sociabilidade intelectual delas, em alguns momentos, se cruzaram. Ambas foram escritoras que advogavam o livre desenvolvimento das potencialidades humanas. E, se o anarquismo estadunidense fosse um palco, poderíamos dizer que, no início do século XX, no que se refere à atuação de mulheres escritoras e oradoras públicas conhecidas, esse palco era dividido, principalmente, por três pessoas: Emma Goldman, Lucy Parsons<sup>385</sup> e Voltairine De Clayre. Ao olhar as páginas da *Mother Earth*<sup>386</sup>, percebemos que Voltairine tinha um espaço ali, isto é, seus textos eram publicados e ela também chegou, em alguns momentos, a ajudar a gerir a editora. A trajetória dessas duas anarquistas se cruzou física e intelectualmente.

A essa altura, sabendo da existência dessa rede que ligava essas duas mulheres, iremos investigar o artigo *Voltairine de Cleyre*, escrito por Goldman e publicado, inicialmente, no jornal *The Orile Press* (1932). A primeira importante observação a ser feita é que Emma reservou parte significativa de suas páginas para fazer citações diretas da obra de Voltairine. De todas as fontes que analisamos na presente dissertação, esse artigo foi o que mais Goldman utilizou-se de citações diretas. Emma optou por deixar Voltairine falar por si mesma. Nossa

---

<sup>384</sup>Tradução: “Voltairine começou sua carreira pública como pacifista, e por muitos anos ela se colocou contra métodos revolucionários. Porém, maior familiaridade com acontecimentos europeus, como a Revolução Russa de 1905, o rápido crescimento do capitalismo em seu próprio país, com toda sua violência e injustiça resultante e, em especial, a Revolução Mexicana acabaram por mudar sua atitude. Após uma luta interior, a integridade intelectual de Voltairine obrigou que ela admitisse seu erro francamente e que defendesse bravamente sua nova visão. Ela o fez num número de ensaios e especialmente quando assumiu o trabalho pela Revolução Mexicana, que ela considerava da maior importância. Ela devotou-se inteiramente a isso, escrevendo, palestrando e arrecadando fundos. Com a morte de Voltairine, o movimento pela liberdade e humanismo, especialmente a causa anarquista, perdeu um de seus trabalhadores mais incansáveis e talentosos”. (tradução nossa).

<sup>385</sup>Lucy Parsons (1851-1942), anarquista estadunidense que durante a infância fora escrava, mas que se tornou uma das mais influentes oradoras e escritoras de sua época.

<sup>386</sup>Tradução: “Mãe Terra”. (tradução nossa).

pensadora transcreveu longas passagens de *The Dominat Idea*<sup>387</sup>, texto escrito por Voltairine e publicado em 1910 pela editora *Mother Earth*<sup>388</sup>. Para Emma, é nessa obra que Voltairine demonstra poeticamente sua “persistente força de vontade” (GOLDMAN, 2019i, p. 101) diante de seu corpo “tão frágil” (GOLDMAN, 2019i, p. 100). Goldman lembra que Voltairine, com frequência, “ficava acamada por dias, em constante agonia por causa de uma doença em seu sistema nervoso, que desenvolveu na primeira infância e continuou a piorar ao longo dos anos” (GOLDMAN, 2019i, p. 99) e, tal situação, para Goldman, influenciava na narrativa que dava forma aos escritos de Voltairine. Nesse artigo, nossa pensadora se mostra muito impressionada com a força de Voltairine diante de sua problemática saúde. Segundo Emma, Voltairine sempre se destacou como:

Uma personalidade forte, uma mente brilhante, uma fervorosa idealista, uma guerreira incansável, uma camarada devota e leal. Mas sua principal característica era dominar sua deficiência física – algo que garantia o respeito até mesmo de inimigos e o amor e admiração de seus amigos. (GOLDMAN, 2019i, p. 100).

No artigo *The Dominat Idea*<sup>389</sup>, Voltairine descreve o caso da flor glória-da-manhã, flor que, diante de insistentes infortúnios (seja uma minhoca ou criança travessa que puxa seus botões para baixo, por exemplo), perde sua vitalidade, mas que, visto sua copa que segue firme e a chuva que toma conta do céu, dá origem a novas e radiantes flores. Para Voltairine, essa história ilustra que “sobre a morte e decadência, a Ideia Dominante sorriu; a videira estava no mundo para florescer, para portar flores brancas, coradas de púrpura; e manteve sua determinação além da morte” (VOLT AIRINE apud GOLDMAN, 2019i, p. 102). Na concepção de Goldman, “a Ideia Dominante fora o lema da memorável vida de Voltairine de Cleyre” (GOLDMAN, 2019i, p. 102), pois:

Embora ela fosse constantemente incomodada por problemas de saúde, que mantinham seu corpo aprisionado e que no final a mataram, a Ideia Dominante estimulava Voltairine a esforços intelectuais cada vez maiores, elevando-a às alturas supremas de um ideal superior e fortalecendo sua força de vontade a enfrentar cada dificuldade e obstáculo em sua sofrida vida. Diversas vezes, nos dias de tormento físico excruciante, em períodos de desespero e dúvida espiritual, a Ideia Dominante deu asas ao espírito desta mulher – asas para sobrevoar o imediato, para contemplar a radiante visão da humanidade e para se dedicar a ela com todo o fervor de sua intensa alma. (GOLDMAN, 2019i, p. 102).

---

<sup>387</sup>Tradução: “A Ideia Dominante”. (tradução nossa).

<sup>388</sup>Tradução: “Mãe Terra”. (tradução nossa).

<sup>389</sup>Tradução: “A Ideia Dominante”. (tradução nossa).

Emma resgata também o texto *The Sorrows of the Body*<sup>390</sup>, escrito por Voltairine e publicado pela editora *Mother Earth*<sup>391</sup> em 1914, para mostrar que Voltairine ansiava por vida, ar puro, felicidade, ansiava por ter acesso às mesmas coisas que os animais selvagens possuem, ainda sem perceberem. Mas, em contrapartida, durante os anos em que esteve na Terra, Voltairine, como declara no referido artigo, sempre se sentiu “muda, sem alegrias, presa [...] dissociada da minha época, sem sangue, sem sono, sem fôlego, perdendo a visão, com cada articulação esgotada, trêmula” (VOLTAIRINE apud GOLDMAN, 2019i, p. 104). Diante de tamanha dor, para Goldman, foi a Ideia Dominante que deu forças para Voltairine continuar até o final. Aqui, vemos que Goldman percebe o entrelaçamento existente entre a vida e obra em Voltairine. Foi uma ideia, a Ideia Dominante, que contribuiu para que Voltairine resistisse às dores e ao sofrimento do mundo.

Emma, a partir de então, realizou um resgate biográfico de Voltairine, mostrando, além das origens e das mudanças ideológicas de sua família, que ela tinha uma boa projeção de futuro, pois, aos 12 anos, “se graduou na Escola de Gramática, com honras e muito provavelmente teria superado a maioria das mulheres de sua época em erudição e aprendizado, caso a primeira tragédia de sua vida não tivesse ocorrido” (GOLDMAN, 2019i, p. 105). A tragédia em questão é a estadia de Voltairine no Convento de Nossa Senhora do Lago Hurone, em Sarnia, Ontário, Canadá. Emma cita, então, passagens do ensaio *The Making of an Anarchist*<sup>392</sup> (escrito em 1903 e publicado em 1914 pela editora *Mother Earth*<sup>393</sup>) para evidenciar as “terríveis provocações” (GOLDMAN, 2019i, p. 105) pelas quais Voltairine passou ali. No fragmento, Voltairine relata que sua estadia no convento foi “como o Vale da Sombra da Morte” (VOLTAIRINE apud GOLDMAN, 2019i, p. 106) e, conclui Voltairine:

Ficaram cicatrizes brancas em minha alma onde a ignorância e a superstição me queimaram com seu fogo do inferno naqueles dias sufocantes. Estarei cometendo blasfêmia? Nas palavras deles, não nas minhas. Comparadas àquelas batalhas dos meus dias de juventude, todas as outras foram fáceis, pois, quaisquer que fossem, minha própria Vontade era suprema. Ela não deve obediência e nunca irá; se move em uma única direção, o conhecimento e a afirmação de sua própria liberdade, assumindo toda a responsabilidade. (VOLTAIRINE apud GOLDMAN, 2019i, p. 106).

Após sair do convento, Voltairine já era uma livre pensadora e, por isso mesmo, agora fora daquela prisão religiosa, se aproximou dos círculos intelectuais de sua época. Segundo Emma, Voltairine “se dedicou ativamente aos estudos do livre pensamento, sua mente desperta

<sup>390</sup>Tradução: “As dores do corpo”. (tradução nossa).

<sup>391</sup>Tradução: “Mãe Terra”. (tradução nossa).

<sup>392</sup>Tradução: “A fabricação de um anarquista”. (tradução nossa).

<sup>393</sup>Tradução: “Mãe Terra”. (tradução nossa).

absorvia tudo com facilidade. Logo integrou o movimento secular e se tornou ela mesma uma de suas figuras mais significativas” (GOLDMAN, 2019i, p. 107). Sobre a atuação de Voltairine enquanto oradora, Emma lembra que “suas palestras, sempre preparadas com cuidado (desprezava a fala extemporânea) eram ricamente construídas com pensamentos originais e brilhantemente apresentadas” (GOLDMAN, 2019i, p. 107), diz Emma que, “seu discurso sobre Thomas Paine<sup>394</sup>, por exemplo, superou os esforços similares de Robert Ingersoll<sup>395</sup> com sua oratória floreada” (GOLDMAN, 2019i, p. 107). Aqui, vemos um esforço de Emma em evidenciar ao leitor o protagonismo e as contribuições intelectuais de Voltairine.

Sobre o desenvolvimento e as mudanças presentes na trajetória intelectual de Voltairine, Emma destaca que, foi ao ouvir uma palestra do Clarence Darrow<sup>396</sup>, durante uma convenção em memória de Paine, que aconteceu na Pennsylvania, que Voltairine teve a oportunidade de ouvir sobre os “aspectos econômicos e os planos socialistas de uma sociedade futura” (GOLDMAN, 2019i, p. 107). Clarence Darrow, segundo Goldman, “era alguém que analisava com maestria as causas da escravidão econômica, com todos seus efeitos degradantes às massas; além disso, alguém que delineava de forma clara um plano de reconstrução” (GOLDMAN, 2019i, p. 107-108). Para Goldman, “a palestra de Darrow fora o maná para aquela jovem espiritualmente faminta” (GOLDMAN, 2019i, p.108), mas, “sua integridade intelectual a levou a parar de palestrar sobre o assunto e a começar a investigar os mistérios da sociologia e economia política” (GOLDMAN, 2019i, p. 108). De qualquer forma, lembra Goldman, “com as ideias primárias de socialismo”, Voltairine chega “às ideias mais avançadas do anarquismo, o amor inerente de Voltairine à liberdade não pôde se alinhar com noções do socialismo dominadas pelo Estado” (GOLDMAN, 2019i, p. 108). Sobre a trajetória intelectual de Voltairine, Emma destacou ainda que:

Por anos ela acreditou ter encontrado a resposta para sua busca por liberdade na escola do anarco-individualismo representado pela obra *Liberdade* de Benjamin R. Tucker, e nos trabalhos de Proudhon, Hebert Spencer e outros pensadores sociais. Mas, em seguida, ela abandonou as questões econômicas, declarando-se simplesmente uma anarquista, pois acreditava que “a liberdade e a experiências sozinhas podem determinar qual a melhor forma econômica para a sociedade. (GOLDMAN, 2019i, p. 108).

A força da Ideia Dominante era tão forte em Voltairine que, mesmo com os problemas físicos constantes, ela “ministrava aulas por 14 horas por dia, 7 dias por semana, contribuía para diversas revistas e jornais, escrevia poesias e esboços, preparava e apresentava palestras, que

---

<sup>394</sup>Thomas Paine (1737-1809) foi um filósofo e um dos pais fundadores dos Estados Unidos.

<sup>395</sup>Robert Ingersoll (1833-1899) foi um livre pensador, orador e defensor do agnosticismo.

<sup>396</sup>Clarence Darrow (1857-1938) foi um advogado estadunidense.

por sua lucidez e beleza eram obras primas” (GOLDMAN, 2019i, p. 110). Sua já frágil saúde, após os acontecimentos de 1902, se tornou ainda mais crítica, segundo Goldman:

Em 1902, um jovem louco que fora aluno de Voltairine e que, de alguma maneira, achou que ela era antisemita (justo ela, que dedicou anos de sua vida educando judeus!) a abordou quando voltava de uma aula de música. Quando ela se aproximava dele, sem consciência do perigo iminente, ele disparou várias balas contra seu corpo. A vida de Voltairine foi salva, mas os efeitos do choque e suas cicatrizes marcam o começo de um terrível purgatório físico. Ela passou a ser atormentada pelo estrondo enlouquecedor e constantemente presente em seus ouvidos. Ela dizia que os mais terríveis sons de Nova York eram harmoniosos comparados ao estrondo ensurdecedor em seus ouvidos [...] A doença a levou de hospital a hospital, entrando em diversas cirurgias, sem descanso. Deve ter sido em um desses momentos de desespero que Voltairine contemplou o suicídio. (GOLDMAN, 2019i, p. 110-111).

Emma lembra que, ao traçar a trajetória de Voltairine, independente do que ela escrevesse, tudo parecia insuficiente para “esclarecer as qualidades que formam seu caráter, as contradições de sua alma, as tragédias emocionais de sua vida” (GOLDMAN, 2019i, p. 115). Segundo Goldman, “a carreira política de Voltairine não continha muitos eventos” (GOLDMAN, 2019i, p. 115), ainda assim, “ela teve conflitos com alguns poderes, já fora retirada à força do palco diversas vezes, foi também presa e julgada em outras, mas nunca condenada. No todo, suas atividades transcorreram com fluidez e sem perturbações” (GOLDMAN, 2019i, p. 115-116).

Se as atividades públicas transcorriam sem muitas perturbações, a mente de Voltairine, por outro lado, estava em completa ebulição. Para Emma, eram os conflitos internos os que mais geravam perturbações a Voltairine. Segundo nossa pensadora, por mais que a estadia de Voltairine no convento tivesse, de fato, aniquilado “sua fonte de alegria e vivacidade” (GOLDMAN, 2019i, p. 116), “nem mesmo 4 anos em uma tumba viva poderiam ter colocado tamanha opressão em sua vida” (GOLDMAN, 2019i, p. 116). E, é por isso mesmo que, para Goldman, além da estadia no convento, outro fator também poderia explicar os conflitos internos de Voltairine. O fator seria a tendência interior de Voltairine ao “ascetismo”<sup>397</sup> (GOLDMAN, 2019i, p. 116), já que toda a natureza de Voltairine era “de um ascético” (GOLDMAN, 2019i, p. 116). Vejamos abaixo a análise “psicológica” que Emma Goldman desenvolveu em torno dessa questão:

Sua visão e ideias de vida eram a de uma santidade dos velhos tempos, que flagelavam seus corpos e torturavam suas almas pela glória de deus. Figurativamente falando, Voltairine também se flagelava, como punição por

---

<sup>397</sup>Ascetismo é uma doutrina de pensamento ou de fé que considera a ascese, isto é, a disciplina e o autocontrole estritos do corpo e do espírito, um caminho imprescindível em direção a Deus, à verdade ou à virtude.

nossos pecados sociais; seu corpo era coberto pelas vestimentas mais desajeitadas e ela se negava às alegrias mais simples, não apenas por não ver sentido nelas, mas também porque fazê-las seria ir contra seus princípios. Todo movimento ético e social já teve seus ascetas, claro; a diferença deles para Voltairine é que eles não idolatravam nenhum outro deus e não precisavam de outros além daqueles de seu ideal particular. *Mas não Voltairine. Com toda sua devoção e ideias sociais, ela tinha outro deus – o da Beleza. Sua vida fora uma luta incessante entre os dois; a asceta nela sufocava seu anseio pela beleza, enquanto seu lado poeta ansiava por ela, venerando-a em seu absoluto abandono, unicamente para ser puxada de volta pela asceta em direção a outra divindade, seu ideal social, sua devoção à humanidade. Não era possível para Voltairine combinar ambos; daí sua luta interior dilacerante* [grifo nosso]. (GOLDMAN, 2019i, p. 116-117).

Outro fator, listado por Goldman e que, em sua concepção contribuía para a insatisfação interna de Voltairine, seria a “beleza física e o charme feminino que foram negados a ela” (GOLDMAN, 2019i, p. 117) e, aliás, acrescenta Emma, “a ausência destes era mais visível devido à sua condição de saúde e à sua aversão ao uso de artifícios” (GOLDMAN, 2019i, p. 117). A essa altura, se faz necessário lembrar que Goldman era uma pessoa preocupada com sua beleza física. Em sua autobiografia, ela relata um caso que nos ajuda e identificar essa preocupação. Antes de subir ao palco para mais uma de suas palestras, Emma recebeu, na noite anterior, uma carta anônima na qual o autor “avisaba de un plan para acabar con mi vida; me aseguró que me iban a disparar cuando fuera a entrar en la sala”<sup>398</sup> (GOLDMAN, 1996a, p. 548). Apesar da ameaça, Emma diz que, inicialmente, não se sentiu acuada, dirigindo-se tranquilamente para o local da reunião. Entretanto, “quando estuve a media manzana de distancia, instintivamente, levanté el gran bolso que llevaba siempre a todos lados y me lo puse delante de la cara. Entré sana y salva en la sala y caminé hasta la plataforma, todavía sosteniendo en alto el bolso”<sup>399</sup> (GOLDMAN, 1996a, p. 548). A reação quase que “instintiva” de Emma a fez refletir muito: “durante toda la conferencia un pensamiento persistía en mi cérebro: ‘¡Ojalá pudiera protegerme la cara! Por la noche hice lo mismo, sostuve el bolso delante de la cara durante todo el camino hacia la sala. Los mítines salieron bien y los conspiradores no dieron señales de vida’”<sup>400</sup> (GOLDMAN, 1996a, p. 548).

<sup>398</sup>Tradução: “alertou sobre um plano para acabar com minha vida; ele me garantiu que eles iam atirar em mim quando eu fosse entrar na sala”. (tradução nossa).

<sup>399</sup>Tradução: “quando estava a meio quarteirão de distância, instintivamente peguei a bolsa grande que sempre carregava para todos os lugares e segurei na frente do meu rosto. Entrei em segurança na sala e caminhei até a plataforma, ainda segurando minha bolsa”. (tradução nossa).

<sup>400</sup>Tradução: “durante toda a conferência, um pensamento persistiu em meu cérebro: "Eu gostaria de poder proteger meu rosto!". À noite eu fiz o mesmo, segurei a bolsa na frente do rosto todo o caminho até a sala. As manifestações correram bem e os conspiradores não deram sinais de vida”. (tradução nossa).

Diante dessa reação de cobrir o rosto, Emma “durante los días que siguieron intenté encontrar una explicación plausible a la bobada que había hecho con mi bolso. ¿Por qué me había preocupado más por el rostro que por el pecho o cualquier otra parte del cuerpo?”<sup>401</sup> (GOLDMAN, 1996a, p. 548). Concluiu, então, que “seguramente, ningún hombre pensaría en su cara en tales circunstancias. *No obstante, a mi, en presencia de una muerte probable, me había dado miedo que me desfiguraran la cara. Fue un duro golpe descubrir en mí misma tal vanidad femenina* [grifo nosso]”<sup>402</sup> (GOLDMAN, 1996a, p. 548). Mas, veja bem, nossa pensadora, acreditava que a falta de atributos físicos tinha afetado Voltairine não só porque a variável beleza física feminina era algo importante para ela própria, mas também porque Voltairine, no esboço autobiográfico *The Reward of an Apostate*<sup>403</sup>, dissertou sobre essa questão que a afligia. Emma optou por transcrever extensivamente o referido esboço pois, para ela:

Este esboço é simbólico das tragédias emocionais de Voltairine e revelador das suas lutas silenciosas contra o destino que lhe deu tão pouco do que ela mais desejava. No entanto, Voltairine tinha seu charme peculiar, que se mostrava mais encantador quando despertos por um erro, ou quando sua face pálida se iluminava com seus ideais. Mas os homens que entraram em sua vida raramente sentiram isso; eles ficavam muito intimidados com sua superioridade intelectual, o que os fazia ficar por um tempo. Mas sua alma faminta ansiava por mais do que a mera admiração, que os homens não tinham nem capacidade nem a graça de lhe dar. Cada um a seu modo ‘desferiu contra ela um golpe cruel’ e a deixou desolada, solitária e emocionalmente carente. (GOLDMAN, 2019i, p. 119).

Goldman concluiu, com base nos escritos de Voltairine, que sua vida amorosa gerava tortuosos conflitos emocionais. E, para Emma, essa situação não era restrita a Voltairine, já que essa “é uma tragédia de muitas mulheres intelectuais” (GOLDMAN, 2019i, p. 119). Isso porque, apesar da “relação sexual na modernidade” (GOLDMAN, 2019i, p. 119) ter perdido “muito da sua antiga brutalidade e vulgaridade” (GOLDMAN, 2019i, p. 119), a “atração física sempre foi, e sem dúvida sempre será, um fator decisivo na vida amorosa de duas pessoas” (GOLDMAN, 2019i, p. 119). Sendo um fato que “os homens se sentem mais atraídos principalmente não pela mente e talentos de uma mulher, mas por seu charme físico”,

---

<sup>401</sup>Tradução: “nos días seguintes, tentei encontrar uma explicação plausível para o absurdo que fizera com minha bolsa. Por que me importava mais com o rosto do que com o peito ou qualquer outra parte do corpo?”. (tradução nossa).

<sup>402</sup>Tradução: “Certamente, nenhum homem pensaria em seu rosto em tais circunstâncias. No entanto, para mim, na presença de uma provável morte, eu temia que meu rosto ficasse desfigurado. Foi um duro golpe descobrir tamanha vaidade feminina em mim”. (tradução nossa).

<sup>403</sup>Tradução: “A recompensa de um apóstata”. (tradução nossa). O esboço pode ser encontrado através do link: <https://www.gutenberg.org/files/43098/43098-h/43098-h.htm#The-Reward-of-an-Apostate>. Acesso 21/10/21.

obviamente, continua Emma, isso não necessariamente implica que eles preferem que as “mulheres sejam burras. Mas que a maioria prefere a beleza à inteligência, talvez porque nos verdadeiros modos masculinos eles se lisonjeiam de que não precisam de beleza em sua constituição física e que têm o suficiente da inteligência, não precisando procurá-la em uma esposa” (GOLDMAN, 2019i, p. 119). Emma, no artigo *A tragédia da Emancipação Feminina*, escrito 26 anos antes do texto que aqui analisamos, também dissertou sobre o que ela denomina como “tragédia de muitas mulheres intelectuais”<sup>404</sup>. Parece, então, que tais premissas acompanharam o pensamento de Emma por anos.

Goldman, ainda dissertando sobre os conflitos internos de Voltairine, lembra que “considerando a média, Voltairine de Cleyre fora tudo menos normal em emoções e reações” (GOLDMAN, 2019i, p. 120). Sem dúvida, Voltairine sabia dar sentido e propósitos para a existência, e isso a fazia grande, mas Emma afirma também que “como estudo das complexidades humanas, ela forneceu um material rico”, isso porque:

Uma mulher que se dedicou ao serviço dos miseráveis, compartilhando agonia e dor do menor sofrimento, seja de uma criança ou dos animais (ela era obececada por eles, abrigava e cuidava de todo gato e cachorro, até o ponto de romper com uma amiga que se opunha aos gatos invadirem todos os cantos da casa), uma mulher que amava sua mãe com devoção, mantendo-a às custas de suas próprias necessidades – essa generosa camarada cujo coração se afligia por todos com sofrimentos ou tristezas, era quase inteiramente *faltosa de instinto materno* [grifo nosso]. (GOLDMAN, 2019i, p. 120).

---

<sup>404</sup>Sobre essa questão ver capítulo 2.1 da presente dissertação.





**Figura 22.** “Voltairine de Cleyre (32 anos), na Filadélfia”. Disponível em: [https://en.wikiquote.org/wiki/Voltairine\\_de\\_Cleyre#/media/File:Voltairine\\_de\\_Cleyre,\\_Philadelphia,\\_August\\_1898.jpg](https://en.wikiquote.org/wiki/Voltairine_de_Cleyre#/media/File:Voltairine_de_Cleyre,_Philadelphia,_August_1898.jpg) . Acesso: 05/11/2021.

Essa “ausência de instinto materno” (GOLDMAN, 2019i, p. 121) poderia, segundo Goldman, ser porque Voltairine “nunca tenha tido a chance de se impor em uma atmosfera de liberdade e harmonia” (GOLDMAN, 2019i, p. 121) e, além disso, “a única criança que trouxe ao mundo não foi desejada. Voltairine estava à beira da morte em sua gravidez e o nascimento de sua criança quase custou sua vida” (GOLDMAN, 2019i, p. 121). E “sua situação se agravou pelo rompimento com o pai de sua criança. A asfíxica atmosfera puritana em que os dois viviam não ajudou. O que fez com que o pequeno fosse constantemente transferido de lugares” (GOLDMAN, 2019i, p. 121). Harry também foi “usado pelo pai como uma isca para fazer Voltairine voltar para ele” (GOLDMAN, 2019i, p. 121). Sobre a relação de Voltairine com seu filho, Emma lembra que:

Consequentemente, privada da oportunidade de ver sua criança, ignorante até mesmo de seu paradeiro, ela eventualmente se afastou dele. Muitos anos se passaram até que visse o menino novamente, ele já tinha 17 anos. Seus esforços de melhorar sua educação negligenciada falharam. Eles eram estranhos. Talvez até naturalmente, o filho homem se sentiu como a maioria dos homens de sua vida; ele também temia sua inteligência, e era repelido pelo seu modo de vida rigoroso. Ele seguiu seu caminho. Provavelmente, hoje é um dos 100% americanos, banais e embrutecidos. (GOLDMAN, 2019i, p. 121).

Ainda sobre a personalidade de Voltairine, Emma diz que, apesar de a anarquista se sentir “em casa quando no palanque” (GOLDMAN, 2019i, p. 122), ela temia “companhias e multidões” (GOLDMAN, 2019i, p. 122). E, para Emma, “sua reserva e isolamento, sua incapacidade de romper as barreiras construídas em anos de silêncio no convento e anos de doenças” (GOLDMAN, 2019i, p. 122) faziam com que “em raras ocasiões Voltairine de Cleyre se expressava livremente, expunha sua rica alma àqueles que a amavam e a entendiam” (GOLDMAN, 2019i, p. 122). Voltairine “era uma observadora atenta dos homens e de seus costumes, detectando rapidamente uma farsa e sendo capaz de separar o joio do trigo. Seus comentários nessas ocasiões eram profundos, repletos de um humor silencioso e agitado” (GOLDMAN, 2019i, p. 123). Emma diz ainda que:

Eram momentos raros em que Voltairine conseguia superar sua timidez e reserva e realmente se sentir em casa com alguns poucos amigos. Normalmente, sua disposição natural, agravada pela constante dor física e o zumbido ensurdecedor em seus ouvidos, a deixavam taciturna e extremamente incomunicativa. Ela era melancólica, as desgraças do mundo pesavam sobre si. Via a vida em tons cinza e preto e pintou a sua de acordo. Foi isso que impediu que Voltairine se tornasse uma das maiores escritoras de sua época. (GOLDMAN, 2019i, p. 124).

Apesar disso tudo, lembra Emma, “ninguém que aprecie literatura de qualidade e prosa musical negará a grandeza de Voltairine de Cleyre depois de ler suas histórias e esboços” (GOLDMAN, 2019i, p. 124). Voltairine “não acreditava na ‘arte pela arte’” (GOLDMAN, 2019i, p. 124); para ela “a arte era um meio e instrumento para expressar a fluidez e a decadência da vida, em todos os rígidos aspectos daqueles que trabalham e sofrem, que sonham com liberdade e dedicam suas vidas para conquistá-la” (GOLDMAN, 2019i, p. 124). Entretanto, “mais significativa do que sua arte era a própria vida de Voltairine de Cleyre, um heroísmo supremo movido e estimulado por sua Ideia Dominante sempre presente” (GOLDMAN, 2019i, p. 124).

Apesar da produção teórica frutífera e da vida repleta de Ideia Dominante, Voltairine permanecia uma “estrangeira em sua própria terra” (GOLDMAN, 2019i, p. 124), poucos conheciam sua vida e obra. Emma Goldman conclui, então, já no final de seu texto, que “os

poucos que são almas em agonia, que anseiam por liberdade e pela faculdade de ver precisam saber sobre Voltairine. Precisam saber que o solo americano às vezes produz plantas primorosas” (GOLDMAN, 2019i, p. 125).

Dada a proximidade de Emma Goldman e Voltairine de Cleyre, seria até compreensível que Emma, 20 anos após a morte de Voltairine, trouxesse a público uma narrativa mítica da anarquista, apresentando sua vida e obra de forma a despertar no leitor sensações de reciprocidade. Mas, de forma geral, não é isso que Goldman fez no artigo que aqui analisamos. Nossa pensadora apresentou, sim, aspectos importantes da trajetória biográfica de Voltairine, mostrando, por exemplo, as consequências que a estadia no convento gerou nas ideias e na saúde de Voltairine. Descreveu, também, sua relação com Voltairine, mostrando as convergências e as divergências que existiam entre as duas. Emma dá vida aos aspectos biográficos que ela considerava importantes e que, em sua visão, impactaram diretamente na produção e nas ações de Voltairine. Goldman transcreveu linhas e mais linhas dos textos de Voltairine para o leitor e tal situação evidencia o intuito de Emma em deixar Voltairine falar por si mesma, de publicizar seus escritos. Além, claro, de Emma, com a presença dos fragmentos, conseguir justificar melhor suas afirmações.

Se você, amigo leitor, chegou até esta página da presente dissertação, já deve ter percebido que variáveis como maternidade, sexo, amor e personalidade são importantes dentro da perspectiva goldminiana. E, no artigo aqui investigado, Emma, além de apresentar a trajetória intelectual de Voltairine, tentou compreender como essas variáveis citadas acima criaram conflitos internos na alma da anarquista e, mais do que isso, como esses conflitos se refletiram nos escritos de Voltairine. Saúde, personalidade e a influência disso tudo na obra de Voltairine fazem parte das questões que orientaram o texto de Emma Goldman. Por fim, podemos sugerir que mais do que apresentar ao público quem foi e o que escreveu Voltairine, Emma Goldman realizou uma análise comportamental da anarquista, criando uma narrativa que tentava explicar o entrelaço existente entre a vida e a obra de Voltairine de Cleyre.

### 3.2 MARY WOLLSTONECRAFT: A MULHER À FRENTE DE SEU TEMPO

*“Quem já provou a loucura da vida nunca mais pode ajustar-se a um tenor uniforme”*

(Emma Goldman)

*“Meu bem, o meu lugar é onde você quer que ele seja [...] Não quero o que a cabeça pensa, eu quero o que a alma deseja [...] Arco-íris, anjo rebelde, eu quero o corpo [...] Tenho pressa de viver [...] Meu bem, talvez você possa compreender a minha solidão [...] O meu som e a minha fúria e essa pressa de viver [...] E esse jeito de deixar sempre de lado a certeza [...] E arriscar tudo de novo com paixão”.*

(Belchior)

Se, hoje, você perguntasse, entre as variadas vozes feministas, quais são as precursoras do feminismo, ainda no século XVIII, sem dúvida, elas evocariam o nome de Mary Wollstonecraft<sup>405</sup>. Em 1759, em Spitaefiels, extremo leste de Londres, nasceu Mary. Sua família era de origem burguesa, mas os negócios não iam tão bem e, com a morte de Edward John, pai de Mary, foi seu irmão quem assumiu, o agora mais caótico, universo financeiro da família Wollstonecraft. Nesse período, Mary trabalhou cuidando de crianças para arrecadar fundos, entretanto, no decorrer de sua vida, Wollstonecraft se dedicou e se destacou foi como escritora, tradutora e crítica literária.

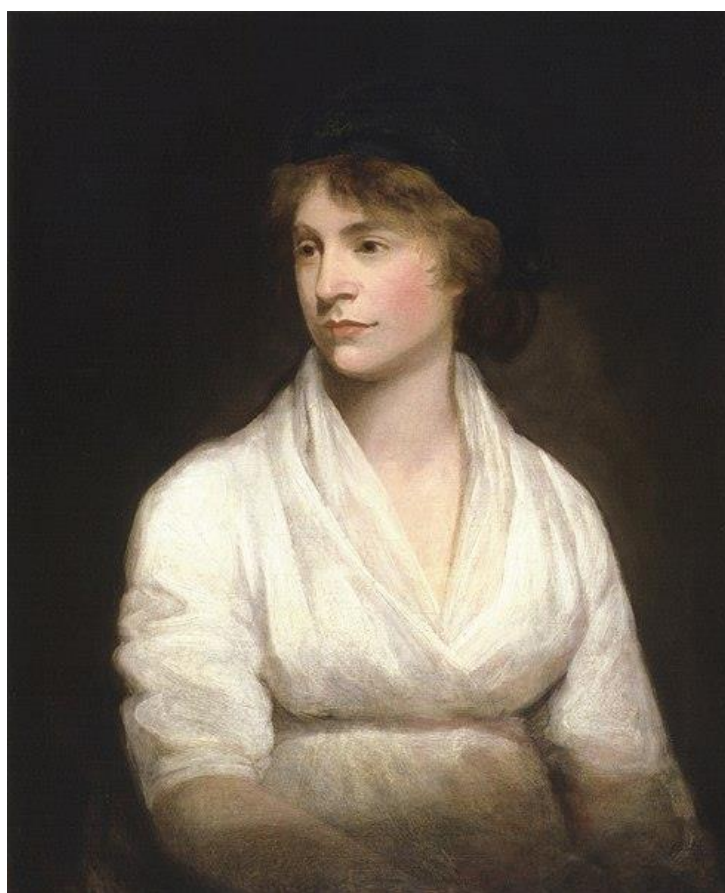
Um de seus livros mais conhecidos é o *Reivindicação dos direitos da mulher* (WOLLSTONECRAFT, 2016), escrito em 1792. Nessa obra, escrita com base em sua experiência na Revolução Francesa, Mary identificou as desigualdades que assolavam as mulheres. Wollstonecraft apontou os problemas oriundos de uma educação feminina marcada pelo que hoje chamaríamos de estereótipos machistas e da reprodução de visões românticas e sexistas em torno da mulher. Ali, Mary mostrou a primazia da razão e a necessidade de a mulher ser vista como um ser racional, não apenas como alguém que, necessariamente, age pelas emoções, como sempre foi inculcado em nossas mentes. No decorrer de sua narrativa, Mary se mostrou como integrante de uma rede intelectual ampla, rebatendo pensadores como

---

<sup>405</sup>Nossa narrativa biográfica em torno de Mary Woollstonecraft está em convergência com a obra *Mulheres Extraordinárias: as criadoras e a criatura*. Ver mais em: (GORDON, 2020).

Rousseau<sup>406</sup>. Mary, então, reivindica um espaço para a mulher dentro da igualdade pensada pelos teóricos da Razão.

Apesar da produção teórica significativa, Mary recebia, em seu tempo, mais holofotes por conta de sua vida privada que, recorrentemente, “chocava” a elite inglesa. Mary teve sua primeira filha, Fanny Imlay, fora do casamento. Além disso, seus casos amorosos com homens comprometidos também eram assunto recorrente dentro dos círculos da elite inglesa. Posteriormente, Mary casou-se com William Godwin<sup>407</sup> e deu vida a Mary Shelley<sup>408</sup> que, mais tarde, ficou conhecida como autora do romance Frankenstein. Em decorrência de problemas oriundos do parto, Mary Wollstonecraft morreu em 1797.



**Figura 23.** "Mary Wollstonecraft por John Opie (1797)". Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Mary\\_Wollstonecraft\\_by\\_John\\_Opie\\_\(c.\\_1797\).jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Mary_Wollstonecraft_by_John_Opie_(c._1797).jpg) . Acesso: 05/11/2021.

---

<sup>406</sup>Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) foi um importante filósofo, teórico político, escritor e compositor autodidata genebrino. É considerado um dos principais filósofos do iluminismo e um precursor do romantismo.

<sup>407</sup>William Godwin (1756-1836) foi um jornalista, filósofo político e romancista. Considerado um dos expoentes do utilitarismo, doutrina que avalia a moral e, sobretudo, as consequências dos atos humanos. O utilitarismo caracteriza-se pela ideia de que as condutas adotadas devem promover a felicidade ou prazer coletivo, evitando assim as ações que levam ao sofrimento e a dor.

<sup>408</sup>Mary Shelley (1797-1851) foi uma escritora britânica, filha do filósofo William Godwin e da escritora Mary Wollstonecraft.

Em 1911, Emma Goldman publicou o artigo *Mary Wollstonecraft, sua trágica vida e apaixonada luta pela liberdade*, o qual analisaremos agora. Emma iniciou sua narrativa conceituando o que era um pioneiro, mostrando que seres pioneiros são aqueles capazes de vislumbrar “novos alcances de pensamento audacioso” (GOLDMAN, 2019h, p. 127), são “precursores da vida” (GOLDMAN, 2019h, p. 127) que discernem “o enfurecido rugir das ondas da nova mensagem, o novo emblema da humanidade” (GOLDMAN, 2019h, p. 127). Para Emma, as pessoas pioneiras, não raro, precisam lidar com um ambiente hostil, que não compreende a forma de pensar e agir dos pioneiros. Nesse sentido, acrescenta Emma, “pioneiras são ouvidas por poucos, porque não irão trilhar caminhos já estabelecidos, e a massa não tem vigor para seguir o desconhecido” (GOLDMAN, 2019h, p. 127). Ainda segundo Goldman:

Em conflito com todas as instituições de sua época, uma vez que não estão de acordo, é inevitável que aquelas que lutam na linha de frente se tornem *estranhas para aqueles que deseja servir*; que sejam isoladas, afastadas e repudiadas pelos mais próximos e queridos. *No entanto, a tragédia que as pioneiras enfrentam não diz respeito à falta de compreensão, mas sim por ter vislumbrado as novas possibilidades para o avanço humano, pioneiras não se conformam no antigo, e com o porvir ainda distante se tornam párias marginalizadas da Terra, almejando coisas que nunca encontrarão.* São consumidas pelo calor da compaixão e simpatia para todos os sofrimentos de seus companheiros, no entanto são forçadas a se afastar de seu ambiente. Sequer desejam receber o amor que suas grandes almas almejam, tal é punição de um grande espírito; o que recebem não é nada comparado ao que dão [grifo nosso]. (GOLDMAN, 2019h, p. 127-128).

Para Emma, Mary sofreu dessa tragédia que assola os seres pioneiros, isso porque o que “ela ofereceu ao mundo, para aqueles que amava, elevava-se acima do possível a receber de volta, nem sua ardente e aflitiva alma se contentava com as míseras migalhas que caíam da estéril mesa da vida medíocre” (GOLDMAN, 2019h, p. 128). Se ainda hoje é desafiador ser mulher, na época de Mary isso era ainda mais complicado. Como apontou Emma, Mary “chegou ao mundo em uma época que seu sexo era escravizado: uma propriedade do pai enquanto vivia com a família e transferida como mercadoria ao marido quando casava” (GOLDMAN, 2019h, p. 128). E, por mais que, no momento em que Emma escrevia esse texto, as possibilidades para as mulheres estivessem um pouco mais abertas do que anteriormente, para Goldman, “*Mary Wollstonecraft ainda é uma pioneira, muito à frente de nosso tempo* [grifo nosso]” (GOLDMAN, 2019h, p. 128).

Nossa pensadora destacou, no decorrer de seu texto, parte da infância de Mary, mostrando que, devido à tirania de seu pai e a problemas financeiros, o casamento aparecia como a solução para essa realidade hostil. Talvez por isso, a irmã de Mary “se casou com um

homem que não amava para fugir da miséria da casa dos pais” (GOLDMAN, 2019h, p. 128). Mary, entretanto, não seguiu esse caminho, não se casou e, para Emma, isso provava que ela era feita de “algo diferente, algo tão ricamente trançado que não poderia se adaptar a situações grosseiras. Seu intelecto viu a degradação de seu sexo, e sua alma – sempre iluminada contra todo mal – se rebelou contra a escravidão de metade da raça humana” (GOLDMAN, 2019h, p. 128-129). Para se tornar independente financeiramente, Mary adentrou o mundo do trabalho e, sobre essa experiência de Mary, Emma lembra que:

Para se tornar economicamente independente, Mary primeiro deu aulas e então aceitou uma posição como governanta de filhos mimados de uma senhora rica, mas logo percebeu que *não era apta para servir e que deveria recorrer a algo que lhe permitisse viver e, ao mesmo tempo, não a rebaixasse. Ela descobriu a armadura e a humilhação da luta por dinheiro. Não era apenas a falta de conforto que atormentava a alma de Mary, mas também a ausência de liberdade pessoal, que resulta da pobreza e da dependência, que a fazia gritar: “Como alguém pode se declarar defensor da liberdade e não ver que a pobreza é seu maior mal [grifo nosso].* (GOLDMAN, 2019h, p. 130).

Quando o casamento deixou de ser uma possibilidade para ela, Mary decidiu “sustentar-se por conta própria. Sua determinação se fortaleceu por sua amizade com Fannie Blood<sup>409</sup>, que deu o primeiro passo em direção à sua emancipação trabalhando para se sustentar” (GOLDMAN, 2019h, p. 129). Mas, segundo Emma, mesmo sem o apoio de Blood, Mary conseguiria superar a imposição social do casamento, pois ela “estava destinada, por sua própria natureza, a se tornar uma iconoclasta dos falsos deuses cujos padrões o mundo exigia que ela obedecesse” (GOLDMAN, 2019h, p. 129). Para Goldman, “Mary era uma rebelde de berço, *uma que criava*, ao invés de se submeter a qualquer modelo criado para ela [grifo nosso]” (GOLDMAN, 2019h, p. 129). Para Emma, Mary era, *a priori*, uma grande heroína. Segundo Goldman:

Diz-se que a natureza usa uma grande quantidade de matéria humana para criar um gênio. O mesmo vale para a verdadeira rebelde, a verdadeira pioneira. *Mary nasceu e não foi feita por esse ou aquele incidente individual. A riqueza de sua alma, a sabedoria de sua filosofia de vida, a profundidade de suas reflexões, a intensidade de sua batalha pela emancipação humana e, especialmente, sua luta indomável pela libertação de seu próprio sexo são, ainda hoje, tão à frente da compreensão geral que realmente podemos reivindicar, para ela, a rara exceção do que a natureza cria uma vez em um século. Como o falcão que sobe ao espaço para contemplar o sol, e por isso paga com sua vida, Mary secou a taça da tragédia, pois tal é o preço da sabedoria [grifo nosso].* (GOLDMAN, 2019h, p. 129).

---

<sup>409</sup>Fanny Blood (1758-1785) foi uma ilustradora e educadora inglesa.

Nossa pensadora destacou também a necessidade de os movimentos das mulheres olharem e aprenderem com a trajetória de Mary, isso porque “o movimento das mulheres de hoje, e especialmente as sugrafistas, encontrarão na vida e na luta de Mary Wollstonecraft muito sobre a insuficiência de benefícios superficiais como meio de libertar seu sexo” (GOLDMAN, 2019h, p. 129). Para Emma, a trajetória de Mary exemplificava bem sua ideia que foi desenvolvida no artigo *A tragédia da emancipação feminina* e no texto *Sufrágio feminino*, o qual já investigamos na presente dissertação, isto porque “sua trágica vida prova que conquistar apenas direitos econômicos e sociais para as mulheres não é o suficiente para contemplar suas vidas, para preencher qualquer vida, seja homem ou mulher” (GOLDMAN, 2019h, p. 130). A isso, Emma acrescentou que “não é verdade que um homem nobre e bom – não me refiro ao homem comum – difere muito da mulher nobre e boa” (GOLDMAN, 2019h, p. 130), isso porque “ele também busca beleza e amor, harmonia e compreensão” (GOLDMAN, 2019h, p. 130). Segundo Goldman, “Mary percebeu isso, porque ela não se limitava ao seu próprio sexo, ela exigia liberdade para toda a humanidade” (GOLDMAN, 2019h, p. 130).

Ademais, Goldman destinou algumas páginas de seu artigo para falar sobre a rede intelectual da escritora inglesa. Destacando a importância da entrada de Mary no periódico *Analytical Review*<sup>410</sup>, do editor Johnson<sup>411</sup>, no qual ela atuou como revisora, tradutora e colaboradora. Emma lembra, ainda, que “nos escritórios de Johnson se davam os encontros da elite intelectual de Londres. Thomas Paine<sup>412</sup>, Godwin<sup>413</sup>, Dr. Fordyce<sup>414</sup>, o pintor Fuseli<sup>415</sup> e muitos outros se reuniam lá para discutir todos os grandes assuntos de seu tempo” (GOLDMAN, 2019h, p. 131). Ao entrar nessa rede, em pouco tempo, Mary “se tornou o centro da agitação intelectual” (GOLDMAN, 2019h, p. 131). Com a entrada de Mary no periódico e nessa rede mais ampla de pensadores, ela teve a oportunidade de responder às proposições de Edmund Burke<sup>416</sup> e desenvolver sua visão em torno da Revolução Francesa e, sobre isso, Emma diz que:

O outrora defensor do liberalismo inglês, o grande Edmund Burke, entregou-se a um sermão sentimental contra a Revolução Francesa. Ele conheceu a

---

<sup>410</sup>Tradução: "Revisão Analítica". (tradução nossa). Periódico inglês publicado entre 1788 e 1798.

<sup>411</sup>Joseph Johnson (1738-1809) foi um livreiro e editor de Londres.

<sup>412</sup>Thomas Paine (1737-1809) foi um filósofo e um dos pais fundadores dos Estados Unidos.

<sup>413</sup>William Godwin (1756-1836) foi um jornalista, filósofo político e romancista. Considerado um dos expoentes do utilitarismo, doutrina que avalia a moral e, sobretudo, as consequências dos atos humanos. O utilitarismo caracteriza-se pela ideia de que as condutas adotadas devem promover a felicidade ou prazer coletivo, evitando assim as ações que levam ao sofrimento e a dor.

<sup>414</sup>George Fordyce (1736-1802) foi um médico escocês, professor de medicina e químico.

<sup>415</sup>Henry Fuseli (1741-1825) foi um pintor suíço.

<sup>416</sup>Edmund Burke (1729-1797) foi um filósofo, teórico político e orador irlandês.



honrosa Maria Antonieta<sup>417</sup> e lamentou a ação dos enfurecidos habitantes de Paris. Seu sentimentalismo de classe média enxergava nas revoltas apenas a superfície e não as terríveis injúrias que os franceses suportaram antes de serem levados àqueles atos. Mas Mary Wollstonecraft enxergava além e sua resposta ao poderoso Burke, *Uma Reivindicação dos Direitos dos Homens*<sup>418</sup>, é um dos apelos mais poderosos já feitos aos oprimidos e aos deserdados. Fora escrito com ardor, pois Mary acompanhou a revolução atentamente. Sua força, seu entusiasmo e, acima de tudo, sua lógica e visão clara demonstraram que essa mulher, que fora uma professora, possuía um intelecto formidável e um grande coração que palpitava apaixonadamente. Algo assim emanar de uma mulher era como uma bomba, algo inédito. Esta bomba abalou o mundo e conquistou para Mary o respeito e a afeição de seus contemporâneos masculinos. Eles não tiveram dúvidas de que ela não era apenas sua igual, mas, em muitos aspectos, superior à maioria deles. (GOLDMAN, 2019h, p. 132).

Como já mencionado, Mary se envolveu amorosamente com um homem casado, o pintor Fuseli<sup>419</sup>. Tal relação foi mal vista pela sociedade londrina. Para Emma, Mary, nesse contexto, estava “tomada de paixão pela beleza do pintor Fuseli” (GOLDMAN, 2019h, p. 133) e, mesmo ela não sendo “o tipo de mulher a se atirar no pescoço de qualquer homem” (GOLDMAN, 2019h, p. 133), Mary “estava sexualmente faminta” e seu interesse por Fuseli era significativo (GOLDMAN, 2019h, p. 134). Mas, Fuseli “tinha uma esposa, e a pressão da opinião pública era demais” (GOLDMAN, 2019h, p. 133), além disso, ele era um “fofoqueiro” (GOLDMAN, 2019h, p. 133) que não era “tão livre quanto Mary para satisfazer sua atração sexual” (GOLDMAN, 2019h, p. 133). Para Emma, se esse desejo tivesse sido saciado, “Mary provavelmente permaneceria com sua vida normalmente” (GOLDMAN, 2019h, p. 133). Com toda essa situação, Mary “sofreu intensamente e fugiu para a França” (GOLDMAN, 2019h, p. 133). Na França, a escritora, depois de um forte empenho intelectual, voltou para si mesma, deixando Fuseli de lado e desenvolvendo suas análises sobre a Revolução Francesa. Nesse cenário, nasceu a obra *Uma Reivindicação dos Direitos das Mulheres*. Sobre esse livro, Emma diz que Mary:

Enfatiza o fato de que a própria mulher era um obstáculo para o progresso humano, porque ela persistia em ser um objeto sexual, em vez de ter uma personalidade, ser uma força criativa na vida. Naturalmente, ela argumentava que o homem era tirano há tanto tempo que ele se ressentia de qualquer invasão em seu domínio, mas alegava que era tanto pelo bem do homem quanto da mulher que exigia liberdade econômica, política e sexual das mulheres como única solução para o problema da emancipação humana.

<sup>417</sup>Maria Antonieta (1755-1793) foi uma arquiduquesa da Áustria e rainha consorte da França e Navarra.

<sup>418</sup>*Uma Reivindicação dos Direitos dos Homens* é um panfleto político, escrito no século XVIII por Mary Wollstonecraft. O referido texto foi a primeira resposta na “guerra de panfletos” iniciada pela publicação de *Reflexões sobre a Revolução Francesa*, de Edmund Burke, em 1790.

<sup>419</sup>Henry Fuseli (1741-1825) foi um pintor suíço.

Para Emma, a natureza foi generosa com Mary, já que ela “não apenas a dotou de um tremendo intelecto, mas também lhe deu grande beleza e charme” (GOLDMAN, 2019h, p. 134) e, Mary, dada sua beleza e sua alma, “estava condenada a se tornar vítima de mais uma paixão” (GOLDMAN, 2019h, p. 134). Após Fuseli, Mary se apaixonou por Imlay, “o americano vivaz, belo e elementar” (GOLDMAN, 2019h, p. 135), mas, em pouco tempo, segundo Emma, a relação passou por sérios problemas, porque Imlay era um aventureiro, um viajante e amou Mary como podia, mas “a fome insaciável dela por amor não se contentava com pouco, por isso a tragédia” (GOLDMAN, 2019h, p. 135). Do relacionamento, resultou uma gravidez e, durante esse período, “Mary buscava aquele homem, implorava e chamava, mas ele estava ocupado” (GOLDMAN, 2019h, p. 136). Ocupado porque “não seria estadunidense se negligenciasse o seu amor pelos negócios” (GOLDMAN, 2019h, p. 135). Além disso, Imlay dedicava muito tempo para praticar seu *Wanderlust*<sup>420</sup>. Ainda dentro dessa relação conturbada, Mary escreveu a obra *A Revolução Francesa*. Ela, também nesse período, “descobriu que Imlay tinha outros casos e que a estava enganando, não tanto por maldade quanto por covardia” (GOLDMAN, 2019h, p. 136). Foi uma grande dor e “na luta entre seu intelecto e sua paixão, Mary foi derrotada” (GOLDMAN, 2019h, p. 137). Ela, então, “se jogou no Tâmis depois de caminhar por horas para molhar sua roupa e se assegurar que afogaria” (GOLDMAN, 2019h, p. 136), mas “o destino, que tanto brincou com Mary Wollstonecraft, decidiu o contrário. Ele trouxe de volta sua vida e esperanças”, ainda que temporariamente.

Então, outro homem entra na vida de Mary: William Godwin<sup>421</sup>. Segundo Goldman, em William, Mary encontrou “uma camaradagem doce e terna, não de natureza selvagem, primitiva, mas do tipo calma, madura e ardente, que acalma, como uma mão fria sobre uma testa ardente” (GOLDMAN, 2019h, p. 137). Novamente, “Mary estava prestes a se tornar mãe, *não sob pressão e dor como da primeira vez, mas em paz e cercada de gentileza [grifo nosso]*” (GOLDMAN, 2019h, p. 137), entretanto, “tão estranho é o destino, Mary teve que pagar com sua vida por sua garotinha, Mary Godwin” (GOLDMAN, 2019h, p. 137). Após esse regaste intelectual e biográfico de Mary, Emma Goldman conclui que:

*Mary Wollstonecraft, gênio intelectual, a brava lutadora dos séculos XVIII, XIX e XX, Mary Wollstonecraft, a mulher e a amante, estava condenada à dor por causa da grande riqueza de seu ser. Mesmo com todos os seus amantes, ela continuou praticamente sozinha – sem dúvida, essa é a*

<sup>420</sup>*Wanderlust* é um termo alemão que descreve o desejo incontrolável de explorar o mundo e não uma simples vontade.

<sup>421</sup>William Godwin (1756-1836) foi um jornalista, filósofo político e romancista. Considerado um dos expoentes do utilitarismo, doutrina que avalia a moral e, sobretudo, as consequências dos atos humanos. O utilitarismo caracteriza-se pela ideia de que as condutas adotadas devem promover a felicidade ou prazer coletivo, evitando assim as ações que levam ao sofrimento e a dor.

*penalidade pela grandeza.* Sua coragem indomável em favor dos deserdados da Terra alienou-a de seu próprio tempo e criou a discórdia em seu ser que, por si só, explica sua terrível tragédia com Imlay. Mary Wollstonecraft almejou a mais alta cimeira das possibilidades humanas. Ela era muito sábia e mundana para não ver a discrepância entre seu mundo de ideais e seu mundo de amor, que provocou a ruptura do fio de sua delicada e complicada alma. *Talvez tenha sido melhor ela ter morrido nesse momento particular. Pois, quem já provou a loucura da vida nunca mais pode ajustar-se a um tenor uniforme.* Mas perdemos muito e podemos apenas conciliar o que ela deixou, o que já é muito. Se Mary Wollstonecraft não tivesse escrito uma linha, sua vida seria o suficiente para nos fazer refletir. Mas ela nos deu ambas, e, portanto, está entre as maiores do mundo, uma vida tão nobre, tão rica, tão requintadamente bela em sua completa humanidade [grifo nosso]. (GOLDMAN, 2019h, p. 137-138).

Neste momento, já é possível dizer algumas coisas a respeito do artigo *Mary Wollstonecraft, sua trágica vida e apaixonada luta pela liberdade*. Primeiramente, se faz necessário destacar que prevalece, no decorrer do referido artigo, a criação de uma narrativa um tanto “mítica” em relação a Mary. Queremos dizer com isso que Emma Goldman criou uma linha argumentativa que, em alguns momentos, retrata uma Mary “muito à frente” (GOLDMAN, 2019h, p. 128) de seu tempo, uma Mary que “*nasceu e não foi feita por esse ou aquele incidente individual* [grifo nosso]” (GOLDMAN, 2019h, p.129). Curioso o fato de essas afirmações tão categóricas estarem presentes aqui, porque Emma Goldman, em parte significativa de seus textos, opta, geralmente, por mostrar a primazia do meio, mas, nesse artigo em específico, ela passa a ideia de que Mary e sua alma, principalmente a Mary “mulher e amante” (GOLDMAN, 2019h, p. 137), seria uma obra da natureza. Nesse sentido, quando se trata de Mary, Emma trabalha com a concepção de que a essência precede a existência. E, apesar de citar os círculos intelectuais e a produção teórica de Mary, parece ser a vida de Wollstonecraft o foco principal desse texto de Emma Goldman.

Apesar disso, nossa pensadora não ignora o papel do meio na vida e obra de Mary Wollstonecraft. Por isso mesmo, o apoio de pessoas como Fannie Blood<sup>422</sup> assim como a inserção de Mary na rede intelectual que girava em torno do jornal *Analytical Review*<sup>423</sup> foram fatores destacados por Emma. Como já mencionamos, variáveis como amor, sexo, beleza e maternidade são importantes dentro da perspectiva de Goldman e, com isso, ao olhar para a vida e obra de Mary, Emma destaca essas mesmas questões. Ademais, observamos que Emma valoriza partes da produção intelectual de Mary com as quais ela também se identifica, isto é, nossa pensadora valoriza a crítica de Mary à propriedade privada e sua leitura sobre a

<sup>422</sup>Fanny Blood (1758-1785) foi uma ilustradora e educadora inglesa.

<sup>423</sup>Tradução: "Revisão Analítica". (tradução nossa). Periódico inglês publicado entre 1788 e 1798.

necessidade da emancipação interna das mulheres. Além disso, Emma destacou, também, a crítica de Mary à leitura liberal de Burke<sup>424</sup>. Diante disso, podemos dizer que nossa pensadora foca em trazer a público os pontos da produção de Mary com os quais ela também concorda, esquivando-se, então, de fazer uma crítica mais profunda, de apontar os problemas e as discordâncias existentes entre Mary e ela, se é que elas, de fato, existiram. Obviamente, nossa pensadora não tinha nenhuma obrigação de fazer isso. Aliás, nos parece que o objetivo do artigo aqui analisado nunca foi esse; pelo contrário, o objetivo principal pareceu ser desenvolver uma narrativa positiva em torno da vida e obra de Mary Wollstonecraft e, se o objetivo pensado por Goldman tenha mesmo sido esse, podemos dizer que ela cumpriu sua tarefa.

### 3.3 MARIA SPIRIDONOVA: A MATUSHKA DE INTEGRIDADE REVOLUCIONÁRIA

*“Até o fim dos meus dias, meu lugar será com os deserdados e oprimidos. Não me interessa se a tirania governa no Kremlin ou em qualquer outro lugar”.*

(Emma Goldman)

Em 1919, Emma foi deportada para Rússia, seu país de origem. Goldman chegou ali em um momento peculiar, pois, naquele contexto, prevalecia o vermelho. Lenin<sup>425</sup> e suas tendências burocratizantes eram, em grande medida, a essência do Estado bolchevique. Era uma Rússia caótica, atravessada por ciclos revolucionários e guerras civis<sup>426</sup>. Goldman, ainda em solo estadunidense, nutria esperanças em relação à Rússia vermelha, mas os dois anos passados ali foi o suficiente para Emma viver, o que ela mesmo chamou de uma desilusão. É extremamente rica a obra *Minha desilusão na Rússia*. Emma conta seus dilemas internos, como também sua experiência prática, isto é, suas viagens pelo território russo e suas observações baseadas no cotidiano que encontrou. Quando chegaram na Rússia, Goldman e Berkman foram consideradas “pessoas importantes”, isso dada a trajetória de militância de ambos e, principalmente, porque aquele Estado via neles estrangeiros que falavam inglês. E, nesse momento, os estrangeiros eram uma preocupação do Estado bolchevique, pois Lenin e sua

<sup>424</sup>Edmund Burke (1729-1797) foi um filósofo, teórico político e orador irlandês.

<sup>425</sup>Vladimir Ilyich Ulianov (1870-1924) foi um revolucionário comunista, político e teórico político russo que serviu como chefe de governo da Rússia Soviética de 1917 a 1924 e da União Soviética de 1922 até sua morte.

<sup>426</sup>Sobre os ciclos revolucionários russos (Revolução Russa) e as guerras civis ver (REIS, 2017).

vanguarda queriam vender dada imagem da Rússia para o mundo, daí a importância de estar sempre de olho nos estrangeiros que ali estavam.

O fato de terem passado tantos anos nos Estados Unidos da América e, além disso, de terem criado uma rede de sociabilidade tão rica e extensa, fez com que Emma e Alexandre, quando chegaram na Rússia, tivessem a oportunidade de conversar e de atuar junto com os grandes nomes da vanguarda bolchevique. O casal chegou até mesmo a se reunir com Lenin, o que, convenhamos, era para poucos naquele momento. Se, inicialmente, o casal tentou ajudar na construção da Rússia vermelha, isto é, se, primeiramente, eles se aproximaram desse Estado e receberam a função de viajar pelo território russo para ancariar materiais para a ampliação do Museu da Revolução, foi essa mesma tarefa que aproximou ambos do cotidiano e das contradições daquela sociedade. Em suas viagens, o casal percorreu Hanko, Beloostrov, Petrogrado, Moscou, Carcóvia, Poltava, Kiev, Arcangel, Vologda, Dmitrov, Yaroslavl, Bryansk, Rostov do Don, Odessa e Zhmerynka e, ao observar e conversar com as pessoas que ali viviam, Emma e Berkman perceberam que havia uma evidente disparidade entre a retórica do Estado bolchevique e o cotidiano que a Rússia atravessava.

Emma Goldman, após os dois anos passados na Rússia, e de ver a repressão que, em 1921, o Estado bolchevique direcionou aos marinheiros de Kronstadt<sup>427</sup>, resolveu elevar sua voz e publicou, em 1923, a obra *Minha desilusão na Rússia*, texto que, por problema editoriais, foi dividido em dois volumes e que contou com a introdução de Rebecca West<sup>428</sup>. A narrativa da obra é rica, apresentando um panorama sobre o cotidiano da revolução russa e sobre as medidas políticas, econômicas e culturais adotadas pelo Estado bolchevique no período entre 1919 e 1921. Emma Goldman, no referido livro, definiu distinções primordiais entre a revolução, isto é, os ciclos revolucionários que tomaram conta da Rússia a partir de 1905, e o Estado bolchevique. Para nossa pensadora, essas duas coisas, revolução russa e Estado bolchevique, eram completamente distintas, sendo, em sua concepção, necessário compreender e fortalecer a revolução e criticar e romper com o Estado bolchevique. Mas, até chegar a essa conclusão, Emma passou por reflexões e por experiências contraditórias e angustiantes, como ela mesma narra no decorrer do livro.

Compreender a perspectiva intelectual de Emma Goldman em torno da revolução russa e do Estado bolchevique não é o objetivo principal da presente dissertação, mas já foi de nossos

---

<sup>427</sup>A Revolta de Kronstadt (1921) foi uma insurreição dos marinheiros soviéticos da cidade portuária de Kronstadt contra o governo bolchevique. Foi a última grande revolta contra o regime bolchevique no território russo durante as guerras civis.

<sup>428</sup>Cicely Isabel Fairfield (1892-1983) escritora britânica, jornalista e crítica literária.

antigos estudos (MARTINS, 2018) e será de nossas futuras pesquisas. De qualquer forma, iremos utilizar como fonte a obra *Minha Desilusão na Rússia* para compreender como nossa pensadora resgatou o rosto feminino da revolução russa. Apesar de a maior parte da historiografia, ainda hoje, se dedicar a entender a revolução russa através da atuação da vanguarda revolucionária e dos membros do partido bolchevique, Emma Goldman, ainda em 1923, escreveu sobre a atuação das pessoas comuns, isto é, das mulheres e dos camponeses durante os ciclos revolucionários. Emma Goldman, conta, então, uma história da revolução na qual transparece o papel primordial de grupos e indivíduos que, ainda hoje, são negligenciados pela historiografia mais tradicional.

No decorrer dos dois volumes da obra, a categoria “mulher” aparece recorrentemente. Ao olhar para as medidas políticas, econômicas e culturais do governo bolchevique e ao observar o cotidiano da Rússia vermelha, a lente de visão de Emma, recorrentemente, dá um *zoom* nas mulheres. Nossa pensadora cita o nome de mulheres anarquistas, como também de mulheres bolcheviques com as quais ela se relacionou, mas não só isso: quando Emma observa o cotidiano russo, ela também resgata a atuação das mulheres da multidão, das mulheres que ainda não tiveram seus nomes registrados pela História. Ao descrever as fábricas, as escolas, os hospitais e os espaços públicos russos, Goldman oferece ao leitor uma descrição de qual era o papel social que as mulheres estavam ocupando ali, ainda que ela não apresente o nome dessas mulheres. No presente subcapítulo, iremos investigar um rosto feminino em específico: o de Maria Spiridonova. Nossa pensadora, no capítulo 16, do primeiro volume do *Minha Desilusão na Rússia*, destaca a atuação de Maria, personagem que, apesar das contribuições, permanece desconhecida por muitos.

Maria Aleksandrovna Spiridonova nasceu em 1884 e, ainda jovem, já estava envolvida com os círculos revolucionários russos. Em 1906, assassinou o inspetor da polícia, Luzhenovsky, que coordenou uma brutal ação de repressão aos camponeses russos que se rebelavam naquele contexto. Spiridonova foi presa e levada para a prisão de Chuti. A partir de então, Maria foi alvo de torturas físicas e sexuais por parte dos soldados. Diante de tal situação, o mundo ocidental lhe garantiu simpatia, visto as condições desumanas a que ela estava sendo submetida na prisão. Com isso, sua sentença de morte foi transformada em prisão perpétua a ser cumprida na penitenciária de Maltzevskaya, na Sibéria. A vida é surpreendente e, em fevereiro de 1917, o que parecia impossível aconteceu: Maria ganhou a liberdade após a revolução tomar as ruas. Ao ganhar a liberdade, Spiridonova fez questão de destruir com dinamite a prisão de Chuti.

O alinhamento moral de Maria sempre foi com o campesinato e ela tornou-se, então, nome relevante dentro do Partido Socialista Revolucionário, um partido do campesinato russo que defendia a reforma agrária, isto é, a terra para os camponeses. Os socialistas revolucionários de esquerda eram conhecidos como maximalistas e, em julho de 1918, eles organizaram, com a ajuda de Maria, um atentado contra as medidas arbitrárias do Estado bolchevique. Entretanto, a ação não obteve o sucesso necessário e Spiridonova foi novamente presa. A partir de então, foi considerada uma inimiga do governo bolchevique o que, obviamente, lhe acarretou uma série de restrições, como veremos adiante. Durante os expurgos de Stálin, Maria novamente foi presa e, em 1941, Spiridonova foi executada por ordem de Stálin, junto com outros 150 prisioneiros políticos.



**Figura 24.** Maria Spiridonova. Disponível em: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/a/a1/MarijaSpiridonova.jpg/220px-MarijaSpiridonova.jpg> . Acesso: 05/11/2021.

Emma, no capítulo 16, denominado *Maria Spiridonova*, inicia sua narrativa lembrando de quando estava em Moscou para se reunir com Lunacharsky<sup>429</sup>. O objetivo do encontro era recolher a assinatura dele em uma credencial que iria permitir a viagem de Emma e sua equipe para a Ucrânia. A viagem era parte do projeto de angariar materiais para o Museu da Revolução que, naquele momento, tinha dois presidentes: Lunacharsky e Zinoviev<sup>430</sup>. Tudo na Rússia vermelha envolvia burocracia, eram necessárias credenciais específicas para atuar socialmente e era exatamente isso que Emma estava adquirindo com Lunacharsky. Nesse cenário, lembra Emma, “enquanto nossa comissão realizava os preparativos necessários para a viagem à Ucrânia, consegui um tempo para visitar várias instituições em Moscou e conhecer algumas pessoas interessantes” (GOLDMAN, 2017c, p. 164). Nossa pensadora ansiava por conhecer Maria Spiridonova de “quem tinha ouvido muitas histórias conflitantes” (GOLDMAN, 2017c, p. 165).

Emma declarou para “conhecidos revolucionários de esquerda” (GOLDMAN, 2017c, p. 164) sua intenção de ver Maria, mas rapidamente percebeu que, “naquele momento, não era possível organizar nenhum encontro” (GOLDMAN, 2017c, p. 165), pois isso “poderia expôr Spiridonova ao perigo, pois ela vivia ilegalmente, como uma mulher camponesa” (GOLDMAN, 2017c, p. 165). Maria continuar em perigo em uma Rússia que se dizia comunista era, para Emma, uma incongruência, mas, quando se trata de reprimir camponeses, lembra ironicamente Emma, “a história realmente se repete” (GOLDMAN, 2017c, p. 165). Sobre a trajetória de atuação pública de Maria, Goldman destacou que:

Sob o czar, Spiridonova, também disfarçada como uma menina do campo, tinha perseguido Luzhenovsky, o governador de Tambov, devido à sua fama de repressão aos camponeses. Depois de atirar nele, ela foi presa, torturada e mais tarde condenada à morte. Isso incitou o mundo ocidental e foi devido a seus protestos que a sentença de Spiridonova foi comutada para exílio na Sibéria por toda a vida. Ela passou 11 anos lá; a Revolução de Fevereiro trouxe sua liberdade e de volta à Rússia. Maria Spiridonova imediatamente retornou à atividade revolucionária. Agora, na república socialista, Maria estava novamente disfarçada depois de ter escapado da prisão no Kremlin. (GOLDMAN, 2017c, p. 165).

Fica evidente a crítica de Goldman ao fato de o Estado bolchevique criminalizar pessoas como Maria, que haviam contribuído tanto para a causa das pessoas comuns. A

---

<sup>429</sup>Anatóli Lunacharsky (1875-1933) foi um dramaturgo, crítico literário e político soviético, membro do Partido Comunista da URSS e da facção bolchevique durante a Revolução Russa de 1917. Ele foi responsável pelas políticas públicas revolucionárias para a Educação.

<sup>430</sup>Grigori Zinoviev (1883-1936) foi um revolucionário bolchevique e político soviético.



insistente repressão que, ainda sob o governo de Lenin<sup>431</sup>, esse Estado direcionava às oposições políticas compõe, a partir de 1923, uma parte importante da crítica goldminiana ao governo bolchevique. Maria era uma criminosa nas palavras do Estado bolchevique, mas não nas palavras de Emma Goldman e, por isso mesmo, nossa pensadora insistiu em vê-la. E, quando os arranjos para visitar Spiridonova foram concluídos, Emma foi “advertida para ter certeza de que não estava sendo seguida por homens da Tcheka” (GOLDMAN, 2017c, p. 165). Combinado o local de encontro, Emma ficou ziguezagueando “por várias ruas até finalmente chegar ao andar de cima de uma casa no fundo de um quintal” (GOLDMAN, 2017c, p. 165). A partir de então, ela foi “conduzida por uma pequena sala com uma cama, uma pequena mesa, uma estante e várias cadeiras” (GOLDMAN, 2017c, p. 165) e, diante da escrivãzinha, “repleta de cartas e papéis, estava sentada uma *mulherzinha frágil*<sup>432</sup>, Maria Spiridonova [grifo nosso]” (GOLDMAN, 2017c, p. 165).

Diante dos olhos de Emma Goldman, estava, segundo suas próprias palavras, “uma das grandes mártires da Rússia” (GOLDMAN, 2017c, p. 165), uma mulher “que sofreu implacavelmente as torturas infligidas contra ela pelos capangas do czar” (GOLDMAN, 2017c, p. 165). Mas Maria não sofreu apenas nas mãos dos homens czaristas. Emma lembra que foi dito “por Zorin<sup>433</sup> e Jack Reed<sup>434</sup> que Spiridonova tinha sofrido uma crise nervosa e fora mantida em um sanatório. Sua doença, disseram, era “neurastenia aguda e histeria” (GOLDMAN, 2017c, p. 165-166). Nessa narrativa, Maria era uma doente, uma mulher histérica. Mas, declara Emma que, “quando me encontrei cara a cara com Maria, imediatamente percebi que ambos os homens tinham me enganado” (GOLDMAN, 2017c, p. 166). Nossa pensadora acrescenta que “não estava mais surpresa com Zorin: grande parte do que ele havia me dito eu fui gradualmente descobrindo que era completamente falso” (GOLDMAN, 2017c, p. 166), mas, quanto a Reed, Emma acreditava “cegamente” nele (GOLDMAN, 2017c, p. 166). Por isso, Emma acreditava que Reed havia comprado o discurso de Zorin sobre Maria, por não ser “familiarizado com a língua” (GOLDMAN, 2017c, p. 166) e por estar “sob completa influência da nova fé” (GOLDMAN, 2017c, p. 166). Reed aparece na narrativa de Emma

---

<sup>431</sup>Vladimir Ilyich Ulianov (1870-1924) foi um revolucionário comunista, político e teórico político russo que serviu como chefe de governo da Rússia Soviética de 1917 a 1924 e da União Soviética de 1922 até sua morte.

<sup>432</sup>O termo “mulherzinha frágil” adquire, aqui, um sentido físico e, em grande medida, rebate o imaginário criado pelos bolcheviques de que Maria seria uma mulher perigosa, isto é, passível de fazer estragos significativos.

<sup>433</sup>Sergey S. Zorin (1891-1937) foi o primeiro secretário do comitê da cidade de Leningrado.

<sup>434</sup>John Reed (1887-1920) foi um jornalista e ativista norte-americano, famoso pelo seu livro *Dez dias que abalaram o Mundo*, em que relata, em primeira-mão, os acontecimentos que constituíram a Revolução de Outubro quando os bolcheviques tomaram o poder na Rússia.

Goldman não como um inimigo, mas como uma pessoa bem intencionada, entretanto, constantemente enganada pela retórica oficial do Estado bolchevique.

Emma, então, passou “dois dias com Maria Spiridonova, ouvindo sua narrativa dos acontecimentos desde outubro de 1917” (GOLDMAN, 2017c, p. 166). Maria “falou longamente sobre o entusiasmo e o zelo das massas e as esperanças das promessas dos bolcheviques; de sua ascedência ao poder e mudança gradual para a direita” (GOLDMAN, 2017c, p. 166). Spiridonova “explicou o Tratado de Brest- Litovski<sup>435</sup>, que considerava como o primeiro elo da cadeia que acorrentou a revolução” (GOLDMAN, 2017c, p. 166). Ela também se debruçou sobre o *razverstka*<sup>436</sup>, o sistema de confisco forçado, que devastou a Rússia e desconsiderou toda a luta da revolução” (GOLDMAN, 2017c, p. 166). Maria também alertou Emma sobre o “terrorismo praticado pelos bolcheviques contra todas as críticas revolucionárias, a nova burocracia comunista, a ineficiência e a desesperança de toda a situação” (GOLDMAN, 2017c, p. 166-167). De fato, como concluiu a própria Emma, “era uma acusação esmagadora contra os bolcheviques, suas teorias e métodos” (GOLDMAN, 2017c, p. 167). Entretanto, com o tempo que passou na Rússia, Emma pôde constatar que as críticas de Maria tinham fundamentação e, nos textos publicados no *The World*<sup>437</sup>, em 1923, como também na obra *Minha desilusão na Rússia*, Emma abraça as críticas de Maria. Observamos, então, a existência de um diálogo intelectual entre essas duas mulheres. Atualmente, no que se refere à historiografia em torno da revolução russa e do Estado bolchevique, certo consenso de que essas medidas burocratizantes, centralizadoras e violentas foram, de fato, praticadas<sup>438</sup>. Goldman, após ouvir Maria, concluiu que:

Se Spiridonova realmente sofreu uma crise nervosa, como tinham me assegurado, e estava histérica e mentalmente desequilibrada, ela tinha um controle extraordinário de si mesma. Ela estava calma, contida e era clara em todos os pontos. Tinha controle absoluto do assunto e das informações. Em várias ocasiões, durante sua narrativa, quando ela detectou a dúvida em meu rosto, comentou: “Temo que você não acredite em mim. Bem, aqui está o que alguns camponeses me escrevem”, e alcançava uma pilha de cartas em sua escrivaninha e lia passagens desgostosas de miséria e amarguras contra os

---

<sup>435</sup>Tratado de Brest-Litovski (ou de Brest-Litovsk) foi um tratado de paz assinado entre o novo governo bolchevique russo e as Potências Centrais (Império Alemão, Império Austro-Húngaro, Bulgária e Império Otomano) em 3 de março de 1918, em Brest (antigamente Brest-Litovski), na atual Bielorrússia, pelo qual era reconhecida a saída da Rússia no conflito. O governo bolchevique também anulou todos os acordos do Império Russo com seus aliados da Primeira Guerra Mundial. O governo russo também perdoou as dívidas do governo otomano no acordo.

<sup>436</sup>Método bolchevique de aquisição de cereais.

<sup>437</sup>Os artigos publicados por Emma Goldman no referido jornal em 1923 podem ser acessados através do link: <https://www.marxists.org/portugues/goldman/ano/mes/92.pdf>. Acesso 04/11/21.

<sup>438</sup>Sobre essa questão, ver: (FERRO, 2011); (HILL, 1967); (REIS, 2017); (CARR, 1981) e (ROCKER, 2008).

bolcheviques. Com uma caligrafia tremida, às vezes quase ilegível, os camponeses da Ucrânia e da Sibéria escreveram sobre os horrores da *razverstka*<sup>439</sup> e o que causou à sua terra. (GOLDMAN, 2017c, p. 167).

Como mencionamos, a obra *Minha desilusão na Rússia* é composta também de alguns conflitos internos passados por Emma Goldman. Um exemplo disso diz respeito a esse encontro com Maria. Emma ressalta que “a gravidade de suas acusações desafiava a credibilidade. Afinal, os bolcheviques eram revolucionários. Como poderiam ser culpados das coisas terríveis que lhes eram imputadas?” (GOLDMAN, 2017c, p. 167). Talvez, pensa Emma, “não fossem responsáveis pela situação tal como ela havia se desenrolado; eles tinham o mundo inteiro contra eles” (GOLDMAN, 2017c, p. 167). Sobre o Tratado de Brest-Litovski<sup>440</sup>, Emma lembra que “quando a notícia do Tratado chegou pela primeira vez à América, eu estava na prisão. Refleti longa e cuidadosamente se a Rússia soviética tinha justificativa em negociar com o imperialismo alemão. Mas não via nenhuma saída para a situação. Eu estava a favor do Tratado de Brest- Litovski” (GOLDMAN, 2017c, p. 168). Mas, durante sua estadia na Rússia, Emma teve a oportunidade de ouvir:

Versões conflitantes. Quase todos, com exceção dos comunistas, consideravam o acordo de Brest uma traição à revolução tão grande quanto a participação dos socialistas alemães na guerra – uma traição ao espírito do internacionalismo. Os comunistas, por outro lado, eram unânimes em defender a paz e denunciavam como contrarrevolucionários todos aqueles que questionavam a sabedoria e a justificativa revolucionária desse acordo. (GOLDMAN, 2017c, p. 168).

Para Maria, não havia justificativa para os bolcheviques assinarem o tratado, pois, como ela comentou com Emma, “é verdade que a Rússia não tinha um exército disciplinado para enfrentar o avanço alemão, mas tinha algo infinitamente mais eficaz: um povo revolucionário, consciente, que teria lutado contra os invasores até a última gota de sangue” (SPIRIDONOVA apud GOLDMAN, 2017c, p. 168). Para Maria, o problema dos bolcheviques era “que eles não têm fé nas massas. Eles se proclamavam um partido proletário, mas se recusaram a confiar nos trabalhadores. Foi esta falta de fé que fez os comunistas se curvarem ao imperialismo alemão” (SPIRIDONOVA apud GOLDMAN, 2017c, p. 169). Spiridonova não reivindica que o governo bolchevique deveria ter fé nos trabalhadores somente com base numa

---

<sup>439</sup>Método bolchevique de aquisição de cereais.

<sup>440</sup>Tratado de Brest-Litovski (ou de Brest-Litovsk) foi um tratado de paz assinado entre o novo governo bolchevique russo e as Potências Centrais (Império Alemão, Império Austro-Húngaro, Bulgária e Império Otomano) em 3 de março de 1918, em Brest (antigamente Brest-Litovski), na atual Bielorrússia, pelo qual era reconhecida a saída da Rússia no conflito. O governo bolchevique também anulou todos os acordos do Império Russo com seus aliados da Primeira Guerra Mundial. O governo russo também perdeu as dívidas do governo otomano no acordo.

ideia abstrata, mas, principalmente, porque foi com esses trabalhadores que derrotou Denikin<sup>441</sup> e que triunfou sobre Koltchak<sup>442</sup> e Yudenitch<sup>443</sup>. Segundo Maria, foi a própria força dos trabalhadores que garantiu a autonomia da Rússia revolucionária, mesmo diante das guerras civis presentes ali, sendo, então, moralmente incoerente o governo bolchevique assinar o acordo.

Historiadores<sup>444</sup> e os próprios comunistas demonstraram que, de fato, o campo se tornou um “problema” para o governo bolchevique. Isso porque esses camponeses resistiam às tendências burocratizantes e à repressão geridas por aquele Estado. Muitos russos e até mesmo membros minoritários dentro do partido bolchevique sentiram-se traídos devido à assinatura do tratado. Com o acordo, a Rússia perdeu muitos territórios e as pessoas que viviam ali, alerta Spiridonova, “foram entregues à misericórdia dos *junkers* alemães – os camponeses viram milhares de seus irmãos sendo mortos ou alvos de roubo e saques” (SPIRIDONOVA apud GOLDMAN, 2017c, p. 170). Nesse cenário, “os maximalistas advertiram os bolcheviques” (SPIRIDONOVA apud GOLDMAN, 2017c, p. 170), mas não foram ouvidos. Resumindo:

A ingênua mente camponesa não podia compreender a completa reversão dos antigos *slogans* bolcheviques de “nenhuma indenização e não anexações”. Mas, mesmo o camponês mais simples podia entender que seu trabalho e seu sangue pagariam as indenizações impostas pelas condições do Tratado. Os camponeses se tornaram amargos e hostis ao regime soviético. Desanimados e desestimulados, abandonaram a revolução [...] O fato histórico é que o Tratado de Brest-Litovski foi o começo do fim da revolução. Sem dúvida, outros fatores contribuíram para o desgate, mas o Tratado foi o mais fatal deles. (SPIRIDONOVA apud GOLDMAN, 2017c, p. 170).

Nossa pensadora ouviu Spiridonova com atenção e, no curso da conversa, sugeriu “que o método de *razverstka* provavelmente fora compelido aos bolcheviques pela recusa dos camponeses em alimentar a cidade” (GOLDMAN, 2017c, p. 171), afinal, era isso que aparecia na retórica oficial dos bolcheviques. Mas Maria lembrou a Emma que, “no início do período revolucionário, enquanto os soviets camponeses existiam, os camponeses forneciam de bom grado e generosamente” (SPIRIDONOVA apud GOLDMAN, 2017c, p. 171), entretanto,

---

<sup>441</sup>Anton Ivanovich Denikin (1872-1947) foi tenente-general do Exército Imperial Russo e um dos primeiros generais do Exército Branco na guerra civil. Foi o responsável por tentar estabelecer um governo civil em uma das partes ocupadas por ele durante a guerra, o então governo sul-russo.

<sup>442</sup>Aleksandr Kolchak (1874-1920) foi um comandante naval russo, um explorador polar e antigo líder de parte do Exército Branco durante a guerra civil russa.

<sup>443</sup>Nikolai Yudenich (1862-1933) foi um comandante do exército russo no Cáucaso e um dos generais mais bem-sucedidos do exército imperial russo durante a Primeira Guerra Mundial. Mais tarde, foi um líder da contrarrevolução no noroeste da Rússia durante a guerra civil russa.

<sup>444</sup>Sobre essa questão, ver: (FERRO, 2011); (HILL, 1967); (REIS, 2017); (CARR, 1981) e (ROCKER, 2008).

“quando o governo bolchevique começou a dissolver esses soviets e prendeu 500 delegados camponeses, o campesinato se virou contra o regime” (SPIRIDONOVA apud GOLDMAN, 2017c, p. 171). Ademais, acrescentou Spiridonova, os camponeses testemunham, diariamente, “a ineficiência do comunismo posto em prática: viram seus produtos apodrecendo, jogados pelos cantos das estações ou na posse de especuladores no mercado. Naturalmente, sob tais condições, eles não continuariam a fornecer” (SPIRIDONOVA apud GOLDMAN, 2017c, p. 171). Para Spiridonova, “a *razverstka* serviu apenas para alargar a brecha entre o campo e a cidade” e, para preencher essa lacuna criada por eles mesmos, os bolcheviques recorreram:

A expedições punitivas que se tornavam o terror do país. Eles deixavam morte e ruína onde quer que viessem. Os camponeses, finalmente desesperados, começaram a se rebelar contra o governo comunista. Em várias partes da Rússia, no Sul, no Ural e na Sibéria, as insurreições dos camponeses começaram a surgir e em todos os lugares foram reprimidas pela força das armas e com uma mão de ferro. (SPIRIDONOVA apud GOLDMAN, 2017c, p. 171).

Antes mesmo de encontrar com Maria, Goldman descobriu que “ela havia sido detida duas vezes e presa por um período considerável de tempo” (GOLDMAN, 2017c, p.171) e “mesmo, quando estava livre, ela era mantida sob vigilância, como havia sido no tempo do czar” (GOLDMAN, 2017c, p. 172). E, como se não fosse o suficiente, “em várias ocasiões ela foi torturada, como quando foi levada para fora à noite e informada que seria fuzilada – um método da Tcheka” (GOLDMAN, 2017c, p. 172). Emma resolveu tocar no assunto. Maria “não negava os fatos, embora não quisesse falar de si mesma” (GOLDMAN, 2017c, p. 172). Ela estava “inteiramente absorvida no destino da revolução e de seu amado campesinato. Ela não pensava em si, mas estava ansiosa para que o mundo e o proletariado internacional soubessem a verdadeira condição da Rússia bolchevique” (GOLDMAN, 2017c, p. 171). Emma concluiu o artigo afirmando que:

De todos os oponentes dos bolcheviques que conheci, Maria Spirodonova me impressionou como sendo uma das mais sinceras, bem equilibradas e convincentes. *Seu passado heróico e sua recusa em comprometer suas ideias revolucionárias sob o czarismo bem como sob o bolchevismo foram a garantia suficiente de sua integridade revolucionária* [grifo nosso]. (GOLDMAN, 2017c, p. 172).

Após a investigação do capítulo *Maria Spirodonova*, da obra *Minha desilusão na Rússia*, podemos concluir que, ainda que Goldman não cite diretamente algum texto de Maria, ela recupera a perspectiva de Spirodonova através do relato oferecido durante o encontro de dois dias. Partindo, então, de uma fonte oral e de algumas cartas apresentadas por Maria, Goldman apresenta ao público uma outra narrativa em torno da revolução russa e do Estado

bolchevique. Dito isso, fica evidente que Emma, ainda em 1923, contribuiu para a ampliação das possibilidades de análises em torno dos eventos russos, focando em entender aquilo tudo através das lentes e da experiência de mulheres camponesas de significativa “integridade revolucionária” (GOLDMAN, 2017c, p. 172).

Emma, inicialmente, nutria certa desconfiança em torno das duras críticas de Spirodonova. E, vale lembrar, essa desconfiança foi fruto da resistência, ainda que passageira, que Emma tinha de acreditar que os bolcheviques, que se diziam os verdadeiros revolucionários, estavam contribuindo para o fim dos ciclos revolucionários. Imagine, Goldman lutou a vida toda pela revolução e, quando a Rússia, a querida Rússia de Emma, fez a maior revolução do século XX, ela desejava acreditar que ali todos teriam condições de expandir suas potencialidades e de viver bem. Mas, a realidade foi mais forte que o desejo de Emma e, ao passar dois anos ali, nossa pensadora se deu conta de que revolução russa e Estado bolchevique eram coisas distintas e, que o “fracasso” dos ciclos revolucionários russos não era somente oriundo da pressão dos países capitalistas, mas também por conta da atuação burocratizante, centralizadora e violenta dos bolcheviques.

Foi um golpe duro, uma desilusão descrita por Emma de uma forma tão simples e profunda que o leitor pode compartilhar de sua aflição ao ler aquelas páginas. Emma Goldman, a oradora pública e escritora incessante, não podia negar a realidade. E, em 1923, apresentou sua crítica ao Estado bolchevique para o mundo. A partir de então, a desconfiança em relação à narrativa de Maria se desfez, no sentido de que Emma, com base na experiência vivida nesses dois anos, após o assassinato dos marinheiros de Kronstadt, viu, ela mesma, a força das tendências burocratizantes, a falta de liberdade de expressão e a atmosfera de violência que os bolcheviques engendraram na Rússia. A desconfiança se desfez e Emma Goldman passou a beber da fonte intelectual da narrativa feita por Maria Spiridonova, aquela nada frágil mulher.

### 3.4 ALEXANDRA KOLLONTAI: UMA DAMA VERMELHA

*"Quem detém o poder abusa dele; eis por que é preciso impedir toda tomada do poder, seja por um partido, seja por indivíduos, pois ela sempre conduz a uma nova escravidão para o povo. Que isso se passe sob o signo do cetro ou da foice e do martelo [...] não há, no fundo, grande diferença. Uma verdadeira libertação só é possível quando o aparelho do poder desaparece, pois o monopólio do poder não é menos perigoso do que aquele da propriedade".*

(Rudolf Rocker)

*"Se você pegar o mais ardente dos revolucionários, e der a ele um poder absoluto, num ano ele será pior que o próprio tsar".*

(Mikhail Bakunin)

*"Mas nem todas as razões que empurram à violência são boas. Talvez a violência só devesse encontrar-se nas mãos de pessoas sem ódio e sem ressentimento. Mas será isso possível?"*

(Anselm Jappe)

Assim como Maria Spiridonova, Alexandra Kollontai era outro conhecido rosto feminino da revolução russa. Entretanto, diferente de Spiridonova, Kollontai, devido ao seu alinhamento ideológico, não contribuiu somente para os ciclos revolucionários russos: ela também se aproximou dos bolcheviques e, no decorrer da consolidação do governo bolchevique, ocupou cargos relevantes. Alexandra Kollontai nasceu em 1872, em São Petersburgo. Sua família era bem abastada, seu pai era um militar de origem ucraniana e sua mãe uma camponesa finlandesa. Kollontai, durante sua infância, não teve uma educação formal, visto que seus pais decidiram que sua formação fosse fornecida por professores particulares sobre os quais, teoricamente, eles conseguiriam ter maior "controle". Apesar disso, ainda jovem, Kollontai conseguiu acessar perspectivas intelectuais críticas.

Aos 20 anos, Kollontai casou-se, com um primo, Vladimir Kollontai. O matrimônio não foi bem visto pela família, mas isso não foi o suficiente para impossibilitar a união. Da relação, surgiu Misha, único filho de Alexandra. Esse foi o primeiro dos dois casamentos de Kollontai. Por volta de 1896, Kollontai, que já conhecia e simpatizava com as veias

populistas<sup>445</sup> do mundo agrário russo, se aproximou propriamente do universo marxista. Ao seguir por esse caminho, ao se dirigir a uma experimentação intelectual mais ampla, Kollontai se afastou do marido e do filho e, a partir de então, começou a estreitar laços intelectuais e a publicar seus escritos.

Aos poucos, Kollontai consolidou sua visão teórica e, então, mulheres como Rosa Luxemburgo<sup>446</sup> e teóricos como Karl Kautsky<sup>447</sup> passam a ser suas referências. Em 1899, Kollontai estava na Inglaterra, estudando o movimento operário. E, muito provavelmente, a escolha pela Inglaterra se relaciona com o fato de esse país ter sido o principal objeto de análise de Karl Marx<sup>448</sup> que, por sua vez, acreditava que a revolução, antes de surgir em qualquer outro lugar do mundo, ocorreria na Inglaterra. Ainda que o país não estivesse passando por nenhuma revolução social naquele contexto, ao menos a estadia foi suficiente para Kollontai visualizar algumas das inúmeras contradições sociais do capitalismo europeu.

Em 1900, Kollontai filiou-se ao Partido Operário Social-Democrata Russo<sup>449</sup>, mas, em 1903, com a divisão do referido partido entre bolcheviques e mencheviques, Alexandra não aderiu a nenhuma das duas tendências; isso inicialmente. Em 1905, Kollontai participou do Domingo Sangrento<sup>450</sup>, evento que foi fundamental para o início do desenvolvimento dos ciclos revolucionários russos, como também para a trajetória política de Kollontai. Depois disso, ela juntou-se ao grupo bolchevique de Petrogrado, contribuindo para a imprensa clandestina e para a organização de mulheres operárias.

Sua atuação como membro do partido bolchevique foi carregada de contradições. Apesar de filiada, em alguns momentos, Kollontai se afastou dos bolcheviques, isto é, ocupou a posição de dissidência interna, compondo uma minoria que reivindicava mais espaço e que criticava algumas ações e determinados posicionamentos do partido. Por ser muito querida entre operários da cidade, Kollontai era aquele tipo de integrante partidário que, caso o partido o rejeite, sairia no prejuízo, pois teria que lidar com a hostilidade de outros membros do partido

---

<sup>445</sup>Vale lembrar que o que era chamado de populismo na Rússia desse contexto difere significativamente do que, no imaginário coletivo brasileiro, identificamos como populismo.

<sup>446</sup>Rosa Luxemburgo (1871-1919) foi uma pensadora marxista.

<sup>447</sup>Karl Kautsky (1854-1938) foi um filósofo tcheco-austriaco, jornalista e teórico marxista.

<sup>448</sup>Karl Marx (1818-1883) foi um filósofo, sociólogo, economista, jornalista e revolucionário socialista.

<sup>449</sup>O Partido Operário Social-Democrata Russo (1898-1917) foi um partido político socialista russo, fundado em 1898, em Minsk, de modo a unir as várias organizações revolucionárias em um partido único. O POSDR, mais tarde, se dividiria nas facções Bolcheviques e Mencheviques, com os primeiros se tornando o Partido Comunista da União Soviética.

<sup>450</sup>Domingo Sangrento foi um massacre que aconteceu em 22 de janeiro de 1905 na cidade de São Petersburgo, no Império Russo, quando manifestantes marcharam pacificamente até o Palácio de Inverno para apresentar uma petição ao czar, mas foram baleados pela Guarda Imperial Russa.



e, em certa medida, perderia parte de sua inserção no tecido social. Kollontai, no início do governo bolchevique, tornou-se Comissária do Povo para Assuntos do Bem-Estar Social. Com o cargo, Kollontai conseguiu aprovar o divórcio, o direito ao aborto, benefícios sociais para a maternidade e habilitação de creches. Mas, em 1918, ao se opor à assinatura do Tratado de Brest-Litovsk<sup>451</sup>, Kollontai perdeu seu lugar como comissária, perdendo, então, parte significativa de seu poder.

A partir de 1920, Kollontai integrou o que ficou conhecida como Oposição Operária<sup>452</sup> e, em 1921, no contexto do X Congresso do Partido, Kollontai discursou e escreveu sobre as contradições bolcheviques, isto é, sobre os problemas oriundos da burocracia e da centralização dos sindicatos. Como bem sabemos, e como provam as resoluções do referido congresso, a linha argumentativa de Kollontai foi derrotada e, a partir de então, nem mesmo a oposição interna dentro do partido bolchevique era permitida. Fortaleceu-se, nesse contexto, a narrativa oficial de que quem não apoiava integralmente os bolcheviques eram contrarrevolucionários, em outras palavras, inimigos dignos de morte. Em 1922, Kollontai iniciou sua carreira diplomática e, entre exílios e cargos, foi escrevendo e vivendo, até que, em 1952, faleceu em Moscou.

---

<sup>451</sup>Tratado de Brest-Litovski (ou de Brest-Litovsk) foi um tratado de paz assinado entre o novo governo bolchevique russo e as Potências Centrais (Império Alemão, Império Austro-Húngaro, Bulgária e Império Otomano) em 3 de março de 1918, em Brest (antigamente Brest-Litovski), na atual Bielorrússia, pelo qual era reconhecida a saída da Rússia no conflito. O governo bolchevique também anulou todos os acordos do Império Russo com seus aliados da Primeira Guerra Mundial. O governo russo também perdoou as dívidas do governo otomano no acordo.

<sup>452</sup>A organização defendia o controle dos trabalhadores sob a administração industrial e exigia deles a responsabilidade necessária para o bom desenvolvimento da “autogestão”.



**Figura 25.** Alexandra Kollontai. Disponível em: <https://esquerdaonline.com.br/wp-content/uploads/2017/04/unnamed-3.jpg> . Acesso: 08/11/2021.

Categorias tão importantes dentro da perspectiva goldminiana, como maternidade, amor, família, educação, novas formas de expressar a sexualidade, mudanças estruturais, modificações morais e individualidade também foram categorias relevantes para Alexandra Kollontai. Ao olhar para mundo, essas duas mulheres se preocupavam, em grande parte, com as mesmas questões, apesar de chegarem a conclusões e defenderem formas de ações distintas como maneira de solucionar as situações que constataram ao olhar para a realidade. Emma Goldman conheceu Kollontai, como também escreveu sobre ela. Vejamos, então, o que podemos concluir ao analisar esses escritos.

Em sua autobiografia, Goldman lembra que, ainda nos Estados Unidos, havia recebido de Kollontai “varias cartas y una copia de su libro sobre la participación de la mujer en el mundo

del trabajo”<sup>453</sup> (GOLDMAN, 1996b, p. 104) e, quando Kollontai e Trostky<sup>454</sup> estiveram em solo estadunidense, Emma tentou se encontrar com Kollontai, mas, como declara em sua autobiografia, “me había pedido que me reuniera con ella, pero no habla tenido tiempo. Más tarde la invité a cenar, pero no pudo venir a causa de una enfermedad”<sup>455</sup> (GOLDMAN, 1996b, p. 104). O encontro só foi acontecer anos mais tarde, em solo russo. A agonia e o desespero que tomavam conta da alma de Emma Goldman enquanto ela percebia as contradições do governo bolchevique fizeram com que ela, já na Rússia, buscasse conversar com Kollontai. Segundo Emma, “Alexandra Kollontai y Angelica Balabanoff eran fáciles de localizar, pues estaban viviendo en el National”<sup>456</sup> (GOLDMAN, 1996b, p. 272). Isso fez com que Emma buscasse “primero a Kollontai” (GOLDMAN, 1996b, p. 272).

Na descrição de Goldman sob o encontro com Alexandra, ela ressalta, inicialmente, os aspectos corporais da bolchevique. Segundo Emma, Kollontai “tenia un aspecto considerablemente joven y radiante, teniendo en cuenta su cincuenta años y la difícil operación a la que había pasado. Alta y majestuosa, parecía totalmente una *grande dame* en lugar de una apasionada revolucionaria”<sup>457</sup> (GOLDMAN, 1996b, p. 272). Interessante Goldman descrever Kollontai dentro da dicotomia *grande dame* versus revolucionária; talvez seu objetivo fosse narrar uma Kollontai que mescla diferentes e, às vezes, contraditórias performances de ser no mundo. Emma destacou também as características do ambiente de que Kollontai fazia uso, dizendo que “su atuendo y su suite de dos dormitorios hablaban de su buen gusto, las rosas carmesí de la mesa sobresalían en medio del gris ruso. Fueron los primeros que vi desde la deportación”<sup>458</sup> (GOLDMAN, 1996b, p. 272). A essa altura, vale lembrar que Emma, no decorrer da obra *Minha desilusão na Rússia*, mostrou como os membros do alto escalão do partido bolchevique tinham acesso a privilégios, isto é, possuíam melhores rações e bons

---

<sup>453</sup>Tradução: “várias cartas e uma cópia de seu livro sobre a participação da mulher no trabalho do mundo”. (tradução nossa).

<sup>454</sup>Leon Trostky (1879-1940) foi um intelectual marxista e revolucionário bolchevique, organizador do Exército Vermelho e, após a morte de Lenin, rival de Stalin na disputa pela hegemonia do Partido Comunista da União Soviética. Tornou-se figura central da vitória bolchevique nas guerras civis russas.

<sup>455</sup>Tradução: “ela havia pedido que eu a visitasse, mas eu não tivera tempo livre. Mais tarde eu a convidei para jantarmos, mas ela não pode devido a uma doença”. (tradução nossa).

<sup>456</sup>Tradução: “Alexandra Kollontay e Angelica Balabanoff estavam próximas, pois viviam no Nacional”. (tradução nossa).

<sup>457</sup>Tradução: “a madame Kollontay parecia notavelmente jovem e radiante, considerando seus 50 anos e a grave operação pela qual havia passado. Uma mulher alta e ativa, era muito mais uma *grande dame* do que a revolucionária”. (tradução nossa).

<sup>458</sup>Tradução: “suas vestes e suite de dois quartos diziam de seu bom gosto – as rosas rubras na mesa eram espantosas em meio ao cinza russo. Eram as primeiras que eu via desde a deportação”. (tradução nossa).

alojamentos. Nesse sentido, as flores e as condições do dormitório de Kollontai contrastavam com a realidade fria e precária que Emma encontrou no cotidiano russo; talvez seja por isso que ela tenha dedicado algumas linhas para descrição dos aposentos de Kollontai.

Segundo Emma, o aperto de mão de Kollontai “menos fue débil y distante, aunque dijo que se alegraba de conocerne por fim en la ‘gran y vital Rusia’”<sup>459</sup> (GOLDMAN, 1996b, p. 272). A bolchevique narrou uma grande e vital Rússia, enquanto Emma via uma Rússia perpassada por contradições. Kollontai, então, perguntou se Emma já havia encontrado seu lugar e o trabalho que queria fazer para a grande Rússia. Nossa pensadora respondeu que se “encontraba todavía demasiado insegura para decidir dónde podría ser de mayor ayuda”<sup>460</sup> (GOLDMAN, 1996b, p. 272). Mas, talvez, Kollontai pudesse ajudar nessa jornada de compreender o que era o cotidiano russo, pensava Emma e, por conta disso, a anarquista resolveu apresentar para Kollontai o que tanto a atormentava. A conversa foi descrita da seguinte forma por Goldman:

Quizás me ayudara hablar con ella sobre las cuestiones que me preocupaban, sobre las contradicciones que había encontrado. Debía contarle logo, dijo; estaba segura de que podría ayudarme en ese primer periodo de dificultades. Todo recién llegado pasa por el mismo estado, me aseguró, pero pronto aprenden a ver la grandeza de la Rusia Soviética. Las pequeñas cosas no importan. Intenté decirle que mis problemas no se referían a pequeñas cosas; eran vitales y absolutamente importantes para mí. De hecho, todo mi ser dependía de su edecuada interpretación. “De acuerdo, comience”, dijo con calma. Se reclinó en el sillón y yo empecé a hablar de las cosas espantosas que habían llegado a mi conocimiento. Me escuchó atentamente sin interrumpirme, pero no había en su rostro bello y frío el más mínimo signo de si mi relato la perturbaba. “Tenemos algunas áreas grises, mates, en nuestro vívido panorama revolucionario — dijo cuando concluí —, son inevitables en un país tan atrasado, con un pueblo tan ignorante y un experimento social de tal magnitud, al que se opone el mundo entero. Desaparecerán cuando hayamos liquidado los frentes de guerra y cuando hayamos aumentado el nivel mental de las masas”. Yo podía ser de ayuda en eso, continuó. Podría trabajar con las mujeres, eran ignorantes de los más simples principios de la vida, en todos los sentidos, ignorantes de sus propias funciones como madres y ciudadanas. Había hecho tan buen trabajo de ese tipo en América, y podía asegurarme que en Rusia existía un terreno más fértil. “¿ Por qué no te unes a mi y dejas de darle vueltas a unos pocos puntos grises? — dijo en conclusión —; no son más que eso, querida camarada, nada más. (GOLDMAN, 1996, p. 272-273).<sup>461</sup>

<sup>459</sup>Tradução: “seu aperto de mão era firme, mas distante, embora ela me dissesse que estava satisfeita em me ver por fim na ‘grande e vital Rússia’”. (tradução nossa).

<sup>460</sup>Tradução: “sentia-me incerta quanto ao que poderia fazer de melhor”. (tradução nossa).

<sup>461</sup>Tradução: “Talvez eu pudesse formar uma imagem melhor após conversar com ela sobre coisas que me perturbavam, as contradições que eu havia encontrado. Ela me pediu que lhe dissesse tudo, pois poderia me ajudar com o primeiro período difícil. Todo recém-chegado passa pelo mesmo estágio, ela me assegurou, mas logo todos aprendem a grandeza da Rússia soviética. As pequenas coisas não importam. Tentei lhe dizer que meus problemas não diziam respeito às pequenas coisas – eram vitais e de grande importância para mim. Na verdade, meu próprio ser dependia sua correta interpretação. ‘Tudo bem, vá em frente’, ela comentou, impassível. Ela se encostou em sua poltrona e eu comecei a falar das

Para Emma Goldman, “¡Gente sometida a redadas, encarcelada y ejecutada por sus ideas! Viejos y jóvenes retenidos como rehenes, toda protesta silenciada, la iniquidad y el favoritismo en alza”<sup>462</sup> (GOLDMAN, 1996b, p. 273), os “mejores valores humanos traicionados, el mismo espíritu de la revolución crucificado a diário”<sup>463</sup> (GOLDMAN, 1996b, p. 273), não podiam ser meros “pontos cinzas”, “aborrecimentos”<sup>464</sup>. Diante das palavras de Kollontai, Emma sentiu “un frió helador penetraba hasta la médula de mis huesos”<sup>465</sup> (GOLDMAN, 1996b, p. 273). Dois dias depois, ao visitar o Kremlin novamente, a “impenetrable ciudadela de la autoridad para la mente popular rusa”<sup>466</sup> (GOLDMAN, 1996b, p. 273), mas agora para conversar com Lunacharsky<sup>467</sup>, nossa pensadora reencontrou Kollontai e, segundo ela, “a saudação de Lunacharsky foi mais calorosa e cordial do que a de Kollontai”<sup>468</sup> (GOLDMAN, 1996b, p. 273). Até esse momento, parece que havia, entre essas duas mulheres, um certo “mal-estar”, isso por conta de suas diferentes narrativas em torno da revolução russa e do Estado bolchevique.

---

coisas terríveis de que eu havia tomado conhecimento. Ouviu-me com atenção, sem me interromper, mas não havia nenhuma indicação em seu belo rosto frio de qualquer perturbação quanto a meu relato. ‘Temos algumas sujeirinhas em nossa vívida revolução’, ela disse quando eu concluí. ‘São inevitáveis num país tão atrasado, com um povo tão bruto e com um experimento social desta magnitude, a que todo o mundo se opõe. Elas desaparecerão tão logo tenhamos liquidado as frentes militares e tivermos elevado o nível mental das massas’. Eu poderia ajudar nisso, ela continuou. Eu poderia trabalhar junto às mulheres – ignoravam os mais simples princípios da vida, físicos e outros, ignorantes de suas funções como mães e cidadãs. Eu havia feito um trabalho tão bom quanto a isso na América, ela me assegurou que a Rússia seria um campo mais fértil. ‘Por que não se juntar a mim e parar de se preocupar com algumas sujeirinhas?’ ela disse, concluindo; ‘não são nada mais do que isso, nada mais’. (tradução nossa).

<sup>462</sup>Tradução: “pessoas detidas, aprisionadas e fuziladas por suas ideias! Os velhos e os novos tornados reféns, todo protesto amordaçado, a iniquidade e o favoritismo em voga”. (tradução nossa).

<sup>463</sup>Tradução: “os melhores valores humanos traídos, o próprio espírito da revolução diariamente crucificado”. (tradução nossa).

<sup>464</sup>Apesar desse evento ser descrito dessa forma na autobiografia de Emma (1931), no livro *Minha desilusão na Rússia*, de 1923, nossa pensadora acrescentou que apesar de ter ficado afetada com o que pareceu ser uma “visão bastante superficial de Kollontai” (GOLDMAN, 2018, p. 42), ela, posteriormente, se tranquilizou visto que “fora o inglês inadequado de Kollontai que se descreveu como ‘aborrecida’ ao que, para mim, era um completo colapso de todo o idealismo”. (GOLDMAN, 2018, p. 42).

<sup>465</sup>Tradução: “Senti um frio até a medula dos ossos”. (tradução nossa).

<sup>466</sup>Tradução: “A cidadela impenetrável da autoridade na mente popular russa”. (tradução nossa).

<sup>467</sup>Anatóli Lunacharsky (1875-1933) foi um dramaturgo, crítico literário e político soviético, membro do Partido Comunista da URSS e da facção bolchevique durante a Revolução Russa de 1917. Ele foi responsável pelas políticas públicas revolucionárias para a Educação.

<sup>468</sup>Tradução: “a saudação de Lunacharsky foi mais calorosa e cordial do que a de Kollontai”. (tradução nossa).

Emma, em sua autobiografia, também relatou outro importante momento no qual encontrou Kollontai. Tratava-se do enterro de seu querido amigo Jack Reed<sup>469</sup>. No dia da cerimônia, “un cielo gris amenazante, una lluvia que salpicaba tenazmente Moscú con su son melancólico y coronas artificiales que habían servido para otros entierros, constituyeron la despedida dada a Jack en la Plaza Roja”<sup>470</sup> (GOLDMAN, 1996b, p. 369). Diante das falas e tentativas de homenagear Reed, Emma declara que não havia “nada de beleza para el hombre que tanto a había amado, ningún colorido para su alma de artista. Ninguna chispa de la brillante llama del luchador que inspirara a los que, en discursos ampulosos, le proclamaban camarada”<sup>471</sup> (GOLDMAN, 1996b, p. 369). Nesse cenário tão gelado, foi a fala de Kollontai que se destacou, visto que somente ela “se acercó al espíritu de John Reed y encontró palabras que le habrían complacido durante su homenaje sencillo y hermoso a Jack”<sup>472</sup> (GOLDMAN, 1996b, p. 369). Emma Goldman, apesar de não ter uma amizade íntima com Kollontai e, mais do que isso, mesmo existindo um “mal-estar” entre as duas, a anarquista foi capaz de evidenciar a importância significativa que a atuação pública de Kollontai tinha na Rússia daquele período. Em *Minha desilusão na Rússia*, Goldman acrescentou que, durante o enterro de Reed:

Estavam realizando palestras – com muitas declarações estereotipadas e frias sobre o valor de Jack Reed para a revolução e para o Partido Comunista. Tudo parecia mecânico, muito longe do espírito do homem na sepultura ainda fresca. Apenas uma palestrante lembrou o verdadeiro Jack Reed – Alexandra Kollontai. Ela captou a alma do artista, infinitamente maior em sua profundidade e beleza que qualquer dogma. Ela aproveitou a ocasião para advertir seus camaradas: “Nós nos declaramos comunistas”, disse, “mas somos realmente? Não extraímos a essência da vida daqueles que vêm até nós, e quando não nos são mais úteis, os deixamos pelo caminho, negligenciados e esquecidos? Nosso comunismo e nossa camaradagem são letra morta se não nos dedicarmos àqueles que precisam de nós. Tenha cuidado com esse comunismo. Jack Reed estava entre os melhores. (GOLDMAN, 2018, p. 41-42).

---

<sup>469</sup>John Reed (1887-1920) foi um jornalista e ativista norte-americano, famoso pelo seu livro *Dez dias que abalaram o Mundo*, em que relata, em primeira-mão, os acontecimentos que constituíram a Revolução de Outubro quando os bolcheviques tomaram o poder na Rússia.

<sup>470</sup>Tradução: “um céu cinzento pairava sobre Moscou, a chuva pingava numa canção melancólica. Coroas de flores artificiais de outros funerais foram a despedida a John Reed na Praça Vermelha”. (tradução nossa).

<sup>471</sup>Tradução: “nenhuma beleza para o homem que tanto amou a beleza, nenhuma cor para sua alma de artista. Nenhuma faísca da chama brilhante do lutador que inspirar aqueles que, em discursos bombásticos, o proclamaram camarada”. (tradução nossa).

<sup>472</sup>Tradução: “apenas Alexandra Kollontay se aproximou do espírito de John Reed e encontrou palavras que o teriam agradado”. (tradução nossa).

Segundo Emma, toda essa sinceridade de Kollontai durante sua fala no enterro de Reed, “desagradou os altos membros do Partido. Bukharin<sup>473</sup> franziu as sobrancelhas, Reinstein se moveu de forma impaciente, outros resmungavam” (GOLDMAN, 2018, p. 42), entretanto, Emma ficou “feliz com o que Kollontai havia dito. Não só porque representou Jack Reed melhor que qualquer outra fala daquele dia, mas também porque a aproximou de mim” (GOLDMAN, 2018, p. 42). Nossa pensadora, em sua autobiografia, ressaltou também a importância que a Oposição Operária<sup>474</sup>, que contava com o apoio direto de Kollontai, teve enquanto oposição dentro do partido bolchevique.

Sobre isso, Emma relata que chegou em Petrogrado “en el momento culminante de la agitación provocada por el destino que aguardaba a los sindicatos. El problema ya había sido discutido en las sesiones del partido en octubre y de continuo a partir de entonces en preparación del VIII Congreso Pan ruso de los Soviets”<sup>475</sup> (GOLDMAN, 1996b, p. 375). Lenin<sup>476</sup> tinha uma proposta para os sindicatos, Trotsky<sup>477</sup> outra, mas ambas eram perspassadas pela ideia de centralização. Nesse cenário, se destacava a posição de Kollontai e dos demais membros da Oposição Operária que, segundo Emma, era a visão que mais contava com apoio da população. Diante da insistência de Kollontai e da Oposição Operária em defender o controle da produção pelos próprios trabalhadores e, evidentemente, visto a inserção dessa proposta no tecido social da época, o governo bolchevique, que era liderado por Lenin naquele momento, reprimiu essa oposição. Sobre essa situação, Emma Goldman relatou que:

Lenin había declarado que los sindicatos debían servir como escuelas del comunismo, y las opiniones opuestas de Trotski, del viejo experto marxista Riazanov y de Kollontai, a la cabeza de los círculos obreros, debieron someterse al dictado de Ilich. Trotski insistió en que lo único que podía salvar la Revolución era la militarización del trabajo y la completa subordinación de los sindicatos a las necesidades del Estado. Lenin trató a sus oponentes con idéntico desprecio. Declaró que Trotski no se sabía el catecismo marxista, mientras que las ideas de Kollontai eran disparatadas. En cuanto a Riazanov, se le prohibió aparecer en público durante un periodo de seis meses porque no sabía lo que decía. La gran explosión la precipitó finalmente Kollontai y el

---

<sup>473</sup>Nikolai Bukharin (1888-1938) foi um revolucionário bolchevique russo, político soviético, filósofo marxista e prolífico autor sobre a teoria revolucionária.

<sup>474</sup>A organização defendia o controle dos trabalhadores sob a administração industrial e exigia deles a responsabilidade necessária para o bom desenvolvimento da “autogestão”.

<sup>475</sup>Tradução: “no ápice da agitação sobre o destino dos sindicatos. O problema já havia sido discutido em sessões do partido no outubro anterior e desde então em preparativo para o Oitavo Congresso Pan-Russo de Sovietes”. (tradução nossa).

<sup>476</sup>Vladimir Ilyich Ulianov (1870-1924) foi um revolucionário comunista, político e teórico político russo que serviu como chefe de governo da Rússia Soviética de 1917 a 1924 e da União Soviética de 1922 até sua morte.

<sup>477</sup>Leon Trotsky (1879-1940) foi um intelectual marxista e revolucionário bolchevique, organizador do Exército Vermelho e, após a morte de Lenin, rival de Stalin na disputa pela hegemonia do Partido Comunista da União Soviética. Tornou-se figura central da vitória bolchevique nas guerras civis russas.

viejo comunista Shliapnikov, que representaban a la oposición obrera. Insistían en que los trabajadores habían luchado por la Revolución y se le había asegurado al mundo que la verdadera dictadura de Rusia era la del proletariado. En lugar de eso, las masas habían sido despojadas de todos sus derechos y se les había negado la voz y el voto en la vida económica del país. Esos dos osados líderes obreros estaban en verdad expresando los pensamientos y sentimientos de las masas trabajadoras, incluso de los comunistas de base, que no tenían medios para hacerse oír. La tormenta que siguió amenazó con la ruptura del partido. Algo tenía que hacer y Lenin estuvo a la altura de las circunstancias. Cuando se burló de los heréticos que se atrevieron a articular sentimientos de "ideología pequeño burguesa". La oposición fue rápidamente estrangulada. El folleto de Kollontai sobre las peticiones de los trabajadores fue prohibido y su autora severamente castigada, mientras que el viejo Shliapnikov, de menor temple, fue silenciado con su ingreso en el Comité Ejecutivo del partido y ordenado a tomar un muy necesitado descanso.<sup>478</sup> (GOLDMAN, 1996b, p.375-376).

A essa altura, percebemos que Emma Goldman, apesar de não ter um vínculo de amizade tão profundo com Kollontai e, mais do que isso, apesar de essas duas mulheres serem ligadas a ideologias distintas e terem visões diferentes em torno da revolução russa e do Estado bolchevique, não negligenciou os importantes papéis que Kollontai ocupou na Rússia. Na narrativa que Emma Goldman construiu de Alexandra Kollontai há espaço para o contraditório, o que por si só já diz muito. Inicialmente, Kollontai aparece como uma dama vermelha, em outros momentos, ela surge como uma oposição dentro do partido que, anteriormente, diga-se de passagem, ela defendia acima de qualquer coisa, acima até mesmo dos questionamentos racionais vindo de Emma Goldman. Uma performance enquanto dama, outra enquanto membro fiel do partido e, finalmente, uma performance enquanto oposição operária. De fato, Emma

---

<sup>478</sup>Tradução: “Os sindicatos deveriam ser uma escola para o comunismo, Lenin havia declarado, e as visões contrárias de Trotsky, do velho acadêmico marxiano Ryazanov, de Kollontay que liderava os círculos trabalhistas, tinham que capitular ao *dictum* de Ilich. Trotsky insistiu que a única coisa que poderia salvar a Revolução era a militarização do trabalho e toda a subserviência dos sindicatos às necessidades do Estado. Lenin tratava todos os seus oponentes com o mesmo desprezo. Trotsky não entendia de Marx, declarava Lenin, e as visões de Kollontay eram insuficientes. Quanto a Ryazanov, foi-lhe proibido falar em público por um período de seis meses sob a alegação de que ele não sabia o que estava dizendo. A grande explosão foi finalmente precipitada por Kollontay e o velho comunista Shlyapnikov, representando a oposição trabalhista. A Revolução havia sido feita pelos trabalhadores, insistiam eles, e havia sido assegurado ao mundo inteiro que a verdadeira ditadura da Rússia era a do proletariado. Ao invés disso, as massas haviam sido roubadas de todos os direitos e proibidas de qualquer participação na vida econômica do país. Esses dois ousados líderes trabalhistas estavam de fato articulando os pensamentos e sentimentos das massas trabalhadoras, e mesmo de alguns dentre os comunistas, que não tinham como se fazer ouvir. A tempestade que se seguiu ameaçou destruir o partido. Algo precisava ser feito, e Lenin aproveitou a situação. Ridicularizou os heréticos que ousavam dar voz a sentimentos da ‘ideologia pequeno-burguesa’. Rapidamente a oposição foi estrangulada. O panfleto de Kollontay sobre as demandas trabalhistas foi suprimido e seu autor duramente disciplinado, enquanto o velho Shlyapnikov, de estofo mais fraco, foi silenciado ao ser tornado um membro do Comitê Executivo do partido e recebeu ordens para tirar um descanso de que muito necessitava”. (tradução nossa).



explora diferentes facetas de Kollontai, mostrando que, assim como todos nós, há espaço para contradições, mudanças, novas e, por que não, simultâneas e diferentes formas de ser no mundo.

A posição de observadora, que nossa pensadora ocupou entre 1919 e 1921 na Rússia bolchevique, fez com que ela conseguisse ter uma visão permonorizada do cotidiano dos ciclos revolucionários russos, e mais realista e, portanto, menos estereotipada sobre o partido bolchevique. Seria compreensível, devido às circunstâncias, que Emma Goldman colocasse todos os membros do partido como sendo uma só coisa, mas não é isso que ela faz. Emma Goldman olha para o indivíduo com quem teve contato direto e identifica como ele compõe o amálgama que chamamos de partido bolchevique. Com isso, nossa pensadora explora os inúmeros e distintos motivos que levaram diferentes pessoas a se colocarem publicamente como apoiadoras dos bolcheviques, como também as contradições que essas mesmas pessoas carregavam. Emma faz um esforço para separar o joio do trigo, percebendo, então, que a própria forma burocrática como o partido se organizava impossibilitava que algumas vozes, ainda que bolcheviques, fossem ouvidas, como foi o caso da oposição operária.

Kollontai, ainda que vermelha, aparece como uma personagem que queria o bem comum, apesar de não ter tido força suficiente para superar a burocratização e a criminalização da vida organizada e gerida, principalmente a partir de 1921, pelo Estado bolchevique. De qualquer forma, e aí está a parte trágica, querendo o bem comum, objetivando alcançar o melhor para todos, muitas pessoas, de formas e em graus diferentes, contribuíram para a consolidação do Estado que, mais tarde, transformou-se, definitivamente, em um Estado totalitário. Podem não ser culpados, mas, em algum grau, são responsáveis, pois aceitaram e reproduziram os discursos burocratizantes que já nasceram em outubro de 1917 e Emma reconhecia isso, apesar de saber que nem todos os bolcheviques eram “malvades”, como diríamos contemporaneamente. Acreditamos que, na narrativa que Emma traça de Kollontai, ao evidenciar os fatores que formavam essa mulher, nossa pensadora conseguiu exemplificar as contradições e as mudanças que foram se desenvolvendo dentro da alma de conhecidos bolcheviques. Que sirva de lição, pois, no final, devemos aprender que, muitas vezes, não importa o que pensamos que fazemos, mas sim o que realmente fazemos, isto é, o desdobramento real de qualquer filosofia política e de nossas atuações individuais e coletivas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação teve como objetivo principal apresentar a trajetória intelectual de Emma Goldman para o público brasileiro. Ao percorrer minuciosamente os escritos da autora, tivemos a oportunidade de compreender como vida (existência no mundo, práticas sociais), obra (texto) e contexto (modernidade) se entrelaçam na trajetória intelectual da anarquista. E, por consequência, no decorrer de nossa jornada, você teve acesso não só ao pensamento, ao ato ilocutório dos escritos de Emma, mas também a fatores que deram vida ao breve século XX. As questões sociais, as questões femininas, as reivindicações, as revoluções, ou seja, os temas que geraram a inquietação daquele contexto, influenciaram Goldman e, portanto, se fizeram presentes em nosso trabalho. Nosso fio condutor foi os escritos de Goldman, mas, ao lado dele, identificamos características fundamentais da vida da anarquista e do mundo no qual ela estava inserida. Ao historicizar Emma Goldman, conseguimos exemplificar como a efervescência intelectual e política de um tempo são sentidos e ressignificados por um sujeito histórico.

Observamos que nossa pensadora estava inserida em uma rede intelectual transnacional, isto é, Emma tinha acesso a produções de diferentes autores. Clássicos da literatura internacional, médicos, anarquistas, marxistas, liberais, artistas, políticos, Emma cita e ressignifica muitas produções, como identificamos no decorrer da pesquisa<sup>479</sup>. Além disso, através da *Mother Earth*<sup>480</sup>, Emma estreitou laços e criou uma ampla rede de sociabilidade intelectual, já que muitos escreviam e liam a revista. Outros periódicos, como o *Die Freiheit*<sup>481</sup>, o *Autonomie*<sup>482</sup>, o *Free Russia*<sup>483</sup>, o *The Blast*<sup>484</sup> e a revista *Mujeres Libres*<sup>485</sup> contaram com Goldman em sua equipe, e inúmeros foram os periódicos que publicaram algum texto de nossa pensadora. A imprensa compõe parte importante da atuação pública de Goldman que, desde finais do século XIX, já estava atuando nessa área. Além disso, muitos periódicos liberais e conservadores dos Estados Unidos reproduziam em suas páginas uma imagem estereotipada em torno de Emma Goldman, considerada por eles a mulher mais perigosa da América.

---

<sup>479</sup>Ver anexo.

<sup>480</sup>Tradução: “Mãe Terra”. (tradução nossa).

<sup>481</sup>Tradução: “A Liberdade”. (tradução nossa).

<sup>482</sup>Tradução: “Autonomia”. (tradução nossa).

<sup>483</sup>Tradução: “Rússia Livre”. (tradução nossa).

<sup>484</sup>Tradução: “A explosão”. (tradução nossa).

<sup>485</sup>Tradução: “Mulheres Livres”. (tradução nossa).

A participação em movimentos contestatórios é outra faceta importante da vida de Emma e que nos ajuda a entender sua produção teórica. Oradora pública conhecida, Emma se colocou a favor de um controle de natalidade e de um “feminismo” voltado aos interesses dos trabalhadores, se opondo, por exemplo, à Lei Comstock<sup>486</sup>. Além disso, atuou fortemente na luta antiguerra e participou intensamente dos movimentos que defendiam a liberdade de expressão. A greve de Homestead<sup>487</sup>, a revolução russa e a guerra civil espanhola também contaram com as contribuições de Goldman. Mulher dinâmica que era, destinou parte de sua energia aos movimentos contestatórios que marcaram o breve século XX e essa prática de luta teve evidentes desdobramentos em sua visão teórica, como demonstramos no decorrer de nossa pesquisa.

Emma Goldman elaborou uma definição em torno do anarquismo que é bem menos dogmática e, portanto, mais viva do que a de alguns de seus colegas de luta. Ela também desenvolveu uma crítica profunda e muito bem elaborada em torno do poder e seus desdobramentos cotidianos nos corpos/mentes; esse, aliás, é o pano de fundo de suas principais reflexões. Com base em sua experiência e leitura, Emma foi capaz de elaborar uma crítica ao formato prisão que aproxima suas ideias de noções presentes no que chamamos hoje de abolicionismo penal. Ademais, a violência foi um eixo importante dos estudos de Emma, a psicologia da violência política, a violência destinada a corpos imigrantes, entre outras coisas, foi tema de reflexão por parte de Emma.

Nossa pensadora também fez grandes contribuições dentro do campo anarquista, inserindo, por exemplo, uma análise singular em torno do papel social do sindicato, das revoluções, da Grande Guerra e das questões femininas e educacionais. Destinou muitas palestras públicas e textos à luta pela liberdade de expressão, principalmente durante sua atuação antiguerra. Goldman penetrou os debates sobre as questões femininas de seu tempo, criou uma perspectiva singular, que a distanciava de muitas feministas da época. Emma deu, em sua vida e produção teórica, espaço para segmentos sociais negligenciados por muitas outras escritoras: as prostitutas, as mulheres pobres, a sexualidade das jovens, o debate sobre aborto, todos esses temas eram primordiais para Goldman, diferente do que propunham feministas

---

<sup>486</sup>A Lei de Comstock foi uma lei federal estadunidense que tornava ilegal vender quaisquer materiais “obscenos, indecentes, e/ou lascivos” através do correio, incluindo contraceptivos e informação.

<sup>487</sup>Movimentação dos trabalhadores de Homestead (1892) contra as medidas arbitrárias – intensificadas pelo diretor Henry Clay Frick – e as péssimas condições às quais estavam submetidos, ao prestarem serviços para Companhia Carnegie Steel. Durante essa movimentação, trabalhadores foram assassinados pela Agência Nacional de Detetives Pinkerton, contratada por Frick para reprimir o movimento de reivindicação. Sobre esse movimento ver mais em: (KRAUSE, 1992).

importantes da época. Emma deslocou o eixo das reivindicações femininas do século XX, pois se preocupava menos com o voto e mais com a nova moral, com os corpos e mentes femininos. A trajetória de outras mulheres, tema do nosso terceiro capítulo, exemplifica como a produção dessas mulheres é desenhada por Goldman. As tensões, as aproximações, os distanciamentos, a admiração tornam-se, então, variáveis relevantes.

Se, por muito tempo, prevaleceu a ideia de que os anarquistas não seriam capazes de criar uma leitura de mundo em que fatores racionais e científicos fossem considerados, tal ideia cai por terra quando lemos Emma Goldman. E, aqueles que reproduzem, ainda hoje, a arcaica ideia de que Goldman, apesar da atuação pública significativa, não era uma pensadora relevante, não poderão mais afirmar tal coisa após ler as páginas acima. Ao investigar os escritos de Emma, percebemos que essa mulher trabalhadora, judia, imigrante e anarquista, foi, sim, capaz de dar vida a uma perspectiva intelectual rica e inserida em uma rede intelectual transnacional. A historiografia ter negligenciado, por tanto tempo, as contribuições teóricas de Emma é prova de que, ainda hoje, é necessário desenvolver uma história intelectual da mulher para além dos cânones e espero que nosso trabalho tenha contribuído nessa direção.

Ao falar sobre temáticas tão variadas, ao escrever sobre anarquismo, violência, prisão, sindicalismo, patriotismo, emancipação feminina, controle de natalidade, sufrágio feminino, prostituição e tráfico de mulheres, amor e ciúmes, como também ao descrever a trajetória de outras mulheres, Emma Goldman trata de temas que afligiam aquela sociedade. Entretanto, ela não somente descreve essa situação: Emma usa seu texto como uma forma de intervenção direta nessas questões. Lendo diferentes autores, de variadas “correntes”, ela vai dando vida a uma interpretação particular do mundo. Emma era, então, uma pensadora que criava. E talvez isso justifique porque, até hoje, muitos possuem dificuldade em defini-la. Seria Emma Goldman uma anarcoindividualista? Seria, pelo contrário, uma anarcocomunista? Ou então, melhor dizendo, uma anarcossindicalista? Creio que responder a uma dessas questões é simplificar demasiadamente algo complexo; é uma tentativa de enquadramento desnecessária. Por conta disso, optamos por concluir que Emma Goldman era uma pensadora que cria. Uma mulher que lê, que bebe em muitas fontes, mas que, para além de só reproduzir, cria. E, cria, como base em sua experiência teórica e existencial.

Com toda certeza, amigo leitor, você não tem muito a aprender comigo. Entretanto, eu e você, todos nós, podemos tirar lições, intelectuais e existenciais, importantes quando investigamos a perspectiva goldminiana e, talvez, seja essa a maior contribuição da presente dissertação. Em um mundo inebriado com polarizações artificiais como o nosso, ler e entender Emma Goldman nos lembra a necessidade de expandir nossos horizontes de expectativa e, a

partir de então, desejar o impossível até que todos tenham acesso às coisas bonitas e radiantes do mundo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### LIVROS

ANTONIOLI, Maurizio. **The International Anarchist Congress, Amsterdam 1907**. Edmonton: Black Cat Press, 2009.

ARENDDT, Hannah. **As Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

\_\_\_\_\_. **Da Violência**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.

AVELAR, Alexandre de Sá. Um gênero nas bordas ou sobre a indistinção epistemológica da biografia. In: MUNIZ, Altemar da Costa; MARTINS, Luís Carlos dos Passos (Org.). **História Política: interfaces e diálogos**. 1ed. Porto Alegre/ Fortaleza: EDIPUCRS/EDUECE, 2016, v. 1, p. 313-327.

AVRICH, Paul. **An American Anarchist: the life of Voltairine de Cleyre**. Princeton: Princeton University Press, 1978.

\_\_\_\_\_. **The Haymarket Tragedy**. Princeton: Princeton University Press, 1986.

\_\_\_\_\_.; AVRICH, Karen. **Sasha and Emma Goldman: the Anarchist Odyssey of Alexander Berkman and Emma Goldman**. Cambridge (Massachusetts): Belknap Press; 2012.

BAKUNIN, Mikhail. **Obras seletas 1**. São Paulo: Intermezzo, 2016.

\_\_\_\_\_. **Obras seletas 2**. São Paulo: Intermezzo, 2017.

BERKMAN, Alexander; HAVEL, Hippolyte (Org.). **Selected Works of Voltairine de Cleyre**. New York: Mother Earth Publishing Association, 1914.

BRIGATI, A.J. **The Voltairine De Cleyre Reader**. Califórnia: AK Press, 2004.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas sobre uma teoria performativa de assembleia**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2018.

CARR, Edward Hallett. **A Revolução Russa de Lenin a Stalin**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

CERTEAU, Michel de. A Operação Historiográfica. In: CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

CHOMSKY, Noam. **Notas sobre o anarquismo**. São Paulo: Editora Hedra, 2011.

CORRÊA, Felipe. Anarquismo e Sindicalismo revolucionário: uma resenha crítica do livro de Edilene Toledo, a partir das visões de Michael Schmidt, Lucien van der Walt e Alexandre Samis. In: **Ideologia e Estratégia: anarquismo, movimentos sociais e poder popular**. São Paulo: Faisca, 2011.

\_\_\_\_\_. **Bandeira Negra: Rediscutindo o Anarquismo**. Curitiba: Prismas, 2014.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Teoria e método dos estudos feministas: perspectiva histórica e hermenêutica do cotidiano. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina. **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992, pp. 39-53.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **O sonho de um homem ridículo**. São Paulo: Editora 34, 2003.

DRINNON, Robert. **Rebel in Paradise: A Biography of Emma Goldman**. Chicago: University of Chicago Press, 1961.

ENGELMAN, Peter. **A History of the Birth Control Movement in America**. Santa Barbara, Califórnia: Praeger, 2011.

ERNESTAN, G. Anarquismo e Marxismo. In: LEUERONTH, Edgar. **Anarquismo - Roteiro de Libertação Social**. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1963.

FALK, Candace. **Love, Anarchy, and Emma Goldman**. New York: Rinehart and Winston, 1984.

FANON, Frantz. **Os condenados da Terra**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2006.

FERRO, Marc. **A Revolução Russa de 1917**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A Microfísica do poder**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastro: Verdadeiro, Falso, Fictício**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GOLDMAN, Emma. **Dos años en rusia**: Diez artículos publicados en The World; Traducidos y editados por Aurora (revista quincenal), New York, 1923. Barcelona, Palma Mallorca: Pequeña Biblioteca Calamvs Scriptorivs, 1978.

GOLDMAN, Wendy. **Mulher, estado e revolução: política da família soviética e da vida social entre 1917 e 1936**. São Paulo: Boitempo/Iskra, 2014.

GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patricia Santos (Orgs.). **Intelectuais Mediadores: práticas culturais e ação política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

GORDON, Charlotte. **Mulheres Extraordinárias: as criadoras e a criatura**. Rio de Janeiro: Darkside, 2020.

GRAEBER, David. **O anarquismo no século XXI e outros ensaios**. São Paulo: Rizoma Editorial, 2013.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. São Paulo: Paz e terra, 2008.

HILL, Christopher. **Lenin e a Revolução Russa**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

IBÁÑEZ, Tomás. **Anarquismo é movimento: Anarquismo, Neoanarquismo e Pós-Anarquismo**. São Paulo: Intermezzo, 2016.

JAPPE, Anselm. **Violência, mas para quê?** São Paulo: Hedra, 2011.

KOLLONTAI, Alexandra. **A nova mulher e a moral sexual**. São Paulo: Global Editora, 1978.

\_\_\_\_\_. **Marxismo e revolução sexual**. São Paulo: Global Editora, 1982.

KRAUSE, Paul. **The battle for Homestead, 1880-1892: politics, culture, and steel**. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1992.

KROPOTKIN, Piotr. **Palavras de um revoltado**. São Paulo: Imaginário, 2005.

LENIN, Vladimir. **O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia**. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

LEVAL, Gastón. **Bakunin, fundador do sindicalismo-revolucionário/ A dupla greve de Genebra**. São Paulo: Imaginário/Faísca Publicações Libertárias, 2007.

LOBO, Elisabeth Souza. **Emma Goldman: a vida como Revolução**. São Paulo, Brasiliense, 1983.

LOWY, Michael. **A jaula de aço**. São Paulo: Boitempo, 2014.

MARX, Karl. A Lei geral da acumulação capitalista. In: MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. São Paulo: Boitempo, 2013. Livro I: O processo de produção do capital, p. 860.

MORITZ, Theresa; MORITZ, Albert. **The World's most dangerous woman: a new biography of Emma Goldman**. New York: Subway Books, 2001.

PALAMARTCHUK, Ana Paula. Assimetria das transformações: Nise da Silveira (notas de pesquisa). In: AVELAR, Alexandre de Sá; FARIA, Daniel Barbosa Andrade; PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. (Org.). **Contribuições à história intelectual do Brasil republicano**. 1ed. Ouro Preto: EDUFOP/PPGHIS, 2012, v. 10, p. 50-68.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros**. Paz & Terra, 2017.

PESAVENTO, Sandra Jatay; LOPES, Antonio Herculano; VELLOSO, Monica (Org.). **História e linguagens**: textos, imagens, oralidade, representações. Rio de Janeiro: Sete Palavras, 2006.

RAGO, Luzia Margareth. As mulheres na historiografia brasileira. In: Silva, Zélia Lopes (orgs.). **Cultura Histórica em debate**. São Paulo: Unesp, 1995.

REIS, Daniel Aarão. **A revolução que mudou o mundo**: Rússia, 1917. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

ROCKER, Rudolf. **Os Sovietes Traídos Pelos Bolcheviques**. São Paulo: Hedra, 2008.

ROLLEMBERG, Denise; QUADRAT, Samantha. **A Construção Social dos Regimes Autoritários. Legitimidade, Consenso e Consentimento no Século XX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. Vol. 3.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SCHMIDT, Michael e WALT, Lucien Van der. **Black Flame**: the revolutionary class politics of anarchism and syndicalism. Oakland: Ak Press, 2009.

SCHNEIDER, Graziela (org.). **Revolução das mulheres**: emancipação feminina na Rússia soviética. São Paulo, Boitempo, 2017.

SHULMAN, Alix Kates. **To the barricades**: the anarchist life of Emma Goldman. New York: Crowell, 1971.

TAIBO, Carlos. **Colapso**: capitalismo terminal, transição ecossocial, ecofascismo. Curitiba: Ed. UFPR, 2019.

TOLEDO, Edilene. **Travessias Revolucionárias** - Ideias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945). Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

VOLIN. **A Revolução Desconhecida (1)**: Nascimento, crescimento e triunfo da Revolução Russa (1825-1917). São Paulo: Global Editora, 1980.

WEXLER, Alix. **Emma Goldman**: An Intimate Life. New York: Pantheon Books, 1984.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação dos direitos da mulher**. São Paulo: Boitempo, 2016.

ZIZEK, Slavoj. **Violência**: seis reflexões laterais. São Paulo: Boitempo, 2014.

## ARTIGOS



BAGATIN, Francioli. A relevância do pensamento político de Emma Goldman para Ciência Política: uma análise por meio do contextualismo social. **Tempo da Ciência**, v.26, n.52, pág. 96-112, julho-dezembro, 2019.

BLANCHETTE, Thaddeus. Emma Vermelha e o espectro do ‘tráfico de mulheres’. **Cad. Pagu [online]**, São Paulo, n.37, pág. 284-297, julho-dezembro, 2011.

BURKE, Peter. A invenção da biografia e o individualismo renascentista. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.10, n. 19, pág. 83-99, 1997.

CONCEIÇÃO, Andrea da. Liberdade e igualdade para as mulheres na perspectiva da anarquista Emma Goldman. **Ofícios de Clio**, v.5, n.9, pág.303-321, julho-dezembro, 2020a.

FERES JÚNIOR, João. De Cambridge para o mundo, historicamente: revendo a contribuição metodológica de Quentin Skinner. **Dados – Revista de ciências sociais**, Rio de Janeiro, v.48, n.3, pág.655-680, julho-setembro, 2005.

IGGERS, Georg. Desafios do século XXI à historiografia. **História da Historiografia**. Ouro Preto, n. 4, março, pág. 105-124, março, 2010.

MARTINS, Nilciana Alves. “Ideias em movimento: um diálogo entre Emma Goldman e Francisco Ferrer y Guardia”. **Revista do Arquivo Público do Espírito Santo**, n.7, pág.116-131, janeiro-junho, 2020a.

\_\_\_\_\_. A representação da esfera pública norte-americana na autobiografia de Emma Goldman. **Em Perspectiva**, v. 6, n.1, pág. 171-190, 2020b.

\_\_\_\_\_. A Revolução Russa por Emma Goldman. **Aurora (UFF)**, v.1, n.1, pág.39-48, janeiro-junho, 2018a.

\_\_\_\_\_. Emma Goldman e Liév Trótsky: Uma Análise Comparada dos Discursos. **Cantareira (UFF)**, n.28, pág.161-171, janeiro-junho, 2018b.

\_\_\_\_\_. Mulher, política e religião: o puritanismo por Emma Goldman. **Revista Faces de Clio**, v.5, n.9, pág. 69- 82, janeiro-junho, 2019.

\_\_\_\_\_. O sufrágio feminino por Emma Goldman. **Revista Ars Historica**, n.21, pág.266-291, janeiro-junho, 2021.

PEDRO, Joana Maria. Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 22, pág. 270-283, junho, 2011.

RAGO, Luzia Margareth. Prefácio à Emma Goldman: tráfico de Mulheres. **Cad. Pagu [online]**, São Paulo, n.37, pág.263-271, julho-dezembro, 2011.

SEGRILLO, Angelo. Historiografia da Revolução Russa: Antigas e Novas Abordagens. **Projeto História [online]**, São Paulo, v.41, pág.63-92, agosto-dezembro, 2010.

SILVA, Selmo Nascimento da. O Sindicalismo Revolucionário: suas origens, princípios e programa. **Revista Estudos Libertários (REL)**, Rio de Janeiro, v.1, n.1, pág.89-117, abril, 2019.

SKINNER, Quentin. Significado y comprensión en la historia de las ideas. **Prismas**, Buenos Aires, v.4, n.2, pág.149-191, julho-dezembro, 2000.

TAVARES, Ana Claudia Diogo; QUINTANS, Mariana Trotta Dalallana. O lugar do camponês e questão agrária na Revolução Russa de 1917. **Rev. Direito & Práxis [online]**, Rio de Janeiro, v.8, n.3, pág.2314-2349, 2017.

TOKUNAGA, Larissa. Arte e vida como "Chamas Gêmeas da Revolta" na obra de Emma Goldman. **LUCÍA**, v.1, n.1, pág.34-43, março, 2021.

\_\_\_\_\_. Emma Goldman e o lume de um cinismo libertário. **Revista Estudos Libertários (REL)**, v.2, n.6, pág.73-86, julho-dezembro, 2020.

### **TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO, ANAIS, DISSERTAÇÃO E TESES**

BAGATIN, Francioli. **O pensamento político da anarquista Emma Goldman: uma contextualização social**. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual do Oeste do Paraná, departamento de Ciências Sociais. Paraná, 2018.

CONCEIÇÃO, Andrea da. Casamento e amor na perspectiva de Emma Goldman: uma questão de "fábulas matrimoniais". In: XIX Encontro de História da Anpuh-Rio. "História do Futuro: Ensino, Pesquisa e Divulgação Científica", 2020, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: XIX Encontro de História da Anpuh-Rio, 2020b.

MARTINS, Nilciana Alves. **A revolução russa por Emma Goldman**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Juiz de Fora, departamento de História. Juiz de Fora, 2018c.

RICHTER, Liane Peters. **Emancipação feminina e moral libertária: Emma Goldman e Maria Lacerda de Moura**. 1998. Dissertação de Mestrado. Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.

SILVA, Luciana Nogueira da. 'Século Cristão no Japão' ou 'Século das mulheres cristãs no Japão'? O jardim nipônico de Agostinho de Santa Maria. In: XXXII Semana de História da Universidade Federal de Juiz de Fora. "O papel social do historiador: desafios contemporâneos para a escrita da História", 2016, Juiz de Fora. **Anais...** Juiz de Fora: XXXII Semana de História, 2016.

### **MÍDIAS ELETRÔNICAS**

ANPG. **Quando a relação professor/estudante se torna abusiva na pós-graduação?** 11 de abril de 2017. Disponível em: <http://www.anpg.org.br/11/04/2017/quando-a-relacao-professorestudante-se-torna-abusiva-na-pos-graduacao/>. Acesso 10/09/2021.

CARTA CAPITAL. 2012. **A prostituição no masculino**. 10 de outubro de 2012. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cultura/a-prostituicao-no-masculino/> . Acesso 03/07/2021.

MARTINS, Nilciana Alves. Mulheres Revolucionárias: Emma Goldman. **Youtube**, 14 de julho de 2021. Disponível em < <https://youtu.be/nPYBDNgAiX0> >. Acesso 07/10/2021.

\_\_\_\_\_. O puritanismo por Emma Goldman. **Youtube**, 5 de outubro de 2021. Disponível em < <https://youtu.be/EwYKxr3M0-g> >. Acesso 07/10/2021.

\_\_\_\_\_. O top 5 características do anarquismo. **Youtube**, 28 de abril de 2021. Disponível em < <https://youtu.be/U7HOBdQ4DaY> >. Acesso 07/10/2021.

MORAES, Wallace dos Santos de. Historicídeo, ajuda mútua e o triplo epistemicídio contra negros, indígenas e anarquistas. **Youtube**, 17 de setembro de 2020. Disponível em <<https://youtu.be/0ANMeMC9C9U>>. Acesso 13/09/2021.

## FONTES PRIMÁRIAS

Emma Goldman é presa: Mandado Baseado em Palestras sobre o Controle de Natalidade Impede repetição na Noite Passada. **New- York Tribune**. New York, 12 de fevereiro, 1916.

Emma Goldman, pronta para discursar, é presa: Polícia determina que sua fala sobre o Controle de Natalidade é uma violação do código penal. **The Sun**. Lewiston, 12 de fevereiro, 1916.

GOLDMAN, Emma. Camaleão do Sufrágio Feminino. In: \_\_\_\_\_. **Questão Feminina/ Emma Goldman**. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2019a.

\_\_\_\_\_. Os aspectos sociais do controle de natalidade. In: \_\_\_\_\_. **Questão Feminina/ Emma Goldman**. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2019b.

\_\_\_\_\_. **Questão Feminina/ Emma Goldman**. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2019c.

\_\_\_\_\_. Tráfico de Mulheres. In: \_\_\_\_\_. **Questão Feminina/ Emma Goldman**. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2019d.

\_\_\_\_\_. **Vivendo mi vida**: Tomo I. Salamanca: Fundación de Estudios Libertarios Anselmo Lorenzo, 1996a.

\_\_\_\_\_. A tragédia da emancipação feminina. In: \_\_\_\_\_. **Questão Feminina/ Emma Goldman**. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2019e.

\_\_\_\_\_. Anarquía y la cuestion sexual. In: **La mujer más peligrosa del mundo: textos feministas de Emma Goldman**. [S.I.]: La Congregación [Anarquismo en PDF], 2017a, pág.61-67.

\_\_\_\_\_. Carta à Imprensa. In: \_\_\_\_\_. **Questão Feminina/ Emma Goldman**. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2019f.

\_\_\_\_\_. Casamento e amor. Tradução de José Paulo Maldonado de Souza. **Cadernos Cajuína**, Piauí, v.1, n.3, pág.136-143, 2016.

\_\_\_\_\_. Celos: causa y posible cura. In: **La mujer más peligrosa del mundo: textos feministas de Emma Goldman**. [S.I.]: La Congregación [Anarquismo en PDF], 2017b, pág.83-90.

\_\_\_\_\_. La hipocresía del puritanismo. In: \_\_\_\_\_. **La palavra como arma**. La Plata: Terramar, 2010a.

\_\_\_\_\_. **Minha desilusão na Rússia (Vol. 2)**. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2018.

\_\_\_\_\_. **O Indivíduo, a Sociedade e o Estado, e outros Ensaio**s. São Paulo: Hedra, 2007a.

\_\_\_\_\_. O Indivíduo, a Sociedade e o Estado. In: \_\_\_\_\_. **O Indivíduo, a Sociedade e o Estado, e outros Ensaio**s. São Paulo: Hedra, 2007b.

\_\_\_\_\_. Sufrágio Feminino. In: \_\_\_\_\_. **Questão Feminina/ Emma Goldman**. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2019g.

\_\_\_\_\_. **Vivendo minha Vida**. Curitiba: L-Dopa Publicações, 2015.

\_\_\_\_\_. **Vivendo mi vida**: Tomo II. Salamanca: Fundación de Estudios Libertarios Anselmo Lorenzo, 1996b.

\_\_\_\_\_. Maria Spiridonova. In: \_\_\_\_\_. **Minha desilusão na Rússia (Vol. 1)**. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2017c.

\_\_\_\_\_. **Minha desilusão na Rússia (Vol. 1)**. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2017d.

\_\_\_\_\_. A preparação militar nos conduz direto ao massacre universal. In: \_\_\_\_\_. **O Indivíduo, a Sociedade e o Estado, e outros Ensaio**s. São Paulo: Hedra, 2007c.

\_\_\_\_\_. **A psicologia da Violência Política**. Tradução de Inajá Reis. Juiz de Fora, 2021a.

\_\_\_\_\_. **A tragédia dos exílios políticos**. Tradução de Inajá Reis. Juiz de Fora, 2021b.

\_\_\_\_\_. **Anarquismo: o que realmente significa?** Traduzido por Antonio Henrique do Espírito Santo Loula. Revisado por Íris Nery do Carmo, 2009.

\_\_\_\_\_. Mary Wollstonecraft, sua trágica vida e apaixonada luta pela liberdade. In: \_\_\_\_\_. **Questão Feminina/ Emma Goldman**. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2019h.

\_\_\_\_\_. O patriotismo uma ameaça à liberdade. In: \_\_\_\_\_. **O Indivíduo, a Sociedade e o Estado, e outros Ensaio**s. São Paulo: Hedra, 2007d.

\_\_\_\_\_. Prisões: falência e crime social. **Revista Verve**, São Paulo, n.7, pág.57-74, 2005.

\_\_\_\_\_. **Sindicalismo: Sua Teoria e Prática**. [S.I.]: Ateneu Diego Giménez, 2010b.

\_\_\_\_\_. Voltairine De Cleyre. In: \_\_\_\_\_. **Questão Feminina/ Emma Goldman**. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2019i.

MALATESTA, Errico. Sindicalismo: a crítica de um anarquista. In: WOODCOCK, George. **Os grandes escritos anarquistas**. Porto Alegre: L&PM, 1981.

MONATTE, Pierre. Em defesa do Sindicalismo. In: WOODCOCK, George. **Os grandes escritos anarquistas**. Porto Alegre: L&PM, 1981.

## ANEXOS

**Anexo I:** Autores (as) e pessoas citadas no decorrer dos escritos de Emma Goldman analisados na presente dissertação.

NOME	PAÍS DE ORIGEM	ATUAÇÃO
Ivan Sergeievitch Turguêniev (1818-1883)	Rússia	Romancista, poeta e escritor
Nikolai Gavrilovitch Tchernichevski (1828-1889)	Rússia	Escritor e filósofo materialista
Alexander Berkman (1870-1936)	Lituânia	Escritor, editor e anarquista
Johann Joseph Most (1846-1906)	Alemanha	Escritor, editor, orador e anarquista
Henry Clay Frick (1849-1919)	EUA	Industrial
Walt Whitman (1819-1892)	EUA	Poeta, ensaísta e jornalista
Elton Mayo (1880 – 1949)	Austrália	Psicólogo
Herbert Spencer (1820-1903)	Reino Unido	Filósofo, biólogo e antropólogo
John Stuart Mill (1806-1873)	Reino Unido	Filósofo e economista
Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900)	Alemanha	Filósofo, filólogo, crítico cultural, poeta e compositor
Sigmund Freud (1856-1939)	República Checa	Médico neurologista e psiquiatra criador da psicanálise.

Louise Michel (1859-1909)	França	Professora, poetisa, enfermeira, escritora e anarquista
William McKinley (1843-1901)	EUA	25º presidente dos Estados Unidos de 4 de março de 1897 até seu assassinato em setembro de 1901.
Leon Czolgosz (1873-1901)	EUA	Jovem que em 1901 assassinou o presidente dos Estados Unidos William McKinley.
Piotr Kropotkin (1842-1921)	Rússia	Geógrafo, economista, cientista político, sociólogo, zoólogo, historiador, filósofo e anarquista
Francisco Franco Bahamonde (1892-1975)	Espanha	Militar, chefe de Estado e ditador espanhol
Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865)	França	Filósofo e anarquista
Mikhail Bakunin (1814-1876)	Rússia	Filósofo e anarquista
Max Stirner (1806-1856)	Alemanha	Filósofo
Pierre Monatte (1881-1960)	França	Sindicalista revolucionário
Nestor Makhno (1888-1934)	Ucrânia	Escritor, militar e anarquista
Ralph Waldo Emerson (1803-1882)	EUA	Escritor, filósofo e poeta
Oscar Wilde (1854-1900)	Irlanda	Escritor, poeta e dramaturgo.
Henry David Thoreau (1817-1862)	EUA	Poeta, naturalista, pesquisador, historiador e filósofo
John Burroughs (1837-1921)	EUA	Naturalista, ensaísta e defensor da conservação da natureza.
Maria Louise Ramé (1839-1908)	Reino Unido	Escritora

John Brown (1800-1859)	EUA	Abolicionista
Fiódor Dostoiévski (1821-1881)	Rússia	Escritor, filósofo e jornalista
Henry Havelock Ellis (1859-1939)	Reino Unido	Médico, psicólogo e reformador social
Cesare Lombroso (1835-1909)	Itália	Psiquiatra, cirurgião, higienista e criminologista
Brand Whitlock (1869-1934)	EUA	Jornalista, advogado, político e escritor
Adolphe Quételet (1796-1874)	Bélgica	Astrônomo, matemático, demógrafo, estatístico e sociólogo
Alexandre Lacassagne (1843-1924)	França	Médico e criminologista francês
Bjørnstjerne Bjørnson (1832-1910)	Noruega	Escritor
François Copp (1842-1908)	França	Romancista
Émile Zola (1840-1902)	França	Escritor
Augustin Hamon (1862-1945)	França	Escritor e editor anarquista
Alvin F. Sanborn (1866-1966)	EUA	Jornalista e escritor
Lazarus Averbuch (1889-1908)	Moldávia	Imigrante que foi baleado e morto pelo chefe de polícia de Chicago, George Shippy, em 2 de março de 1908
Auguste Valliant (1861-1894)	França	Autor de um atentado a bomba à Câmara de Deputados Francesa em 9 de dezembro de 1893
Michele Angiolillo Lombardi (1871-1897)	Itália	Tipógrafo e jornalista que decidiu assassinar Antonio Cánovas del Castillo (1828-1897), até então presidente do governo da Espanha

Gaetano Carlo Salvatore Bresci (1869-1901)	Itália	Tecelão e membro do jornal <i>La Questione Sociale</i> . Assassinou o monarca Humberto I da Itália
Madan Lal Dhingra (1833- 1909)	Índia	Revolucionário indiano, ativista pró-independência que enquanto estudava na Inglaterra assassinou William Hutt Curzon Wyllie, um oficial britânico
Eric Mühsam (1878-1934)	Alemanha	Ensaísta, poeta, dramaturgo e anarquista
Catherine Breshkovsky (1844-1934)	Rússia	Socialista russa, também conhecida como Babushka, a avó da revolução russa
Maria Spiridonova (1884- 1941)	Rússia	Revolucionária russa, considerada líder da esquerda do Partido Socialista Revolucionário
Angelica Balabanoff (1878- 1965)	Ucrânia	Ativista comunista
Benito Amilcare Andrea Mussolini (1883-1945)	Itália	Político que liderou o Partido Nacional Fascista
Lucy Parsons (1851-1942)	EUA	Anarquista
Susan Brownell Anthony (1820-1906)	EUA	Escritora, professora e ativista feminista norte- americana
Henri Bergson (1859-1941)	França	Filósofo e diplomata
Georges Sorel (1847-1922)	França	Escritor
Édouard Berth (1875-1939)	França	Teórico do sindicalismo francês
Paul Delesalle (1870-1948)	França	Anarquista e sindicalista
Louis Levine	-	-
Thomas Woodrow Wilson (1856-1924)	EUA	Advogado, professor e político



Karl Liebknecht (1871-1919)	Alemanha	Político socialista
Liev Tolstói (1828-1910)	Rússia	Escritor
Gustave Hervé (1871-1944)	França	Militante e político
William Buwalda (1869-1946)	Holanda	Soldado
George Sand (1804-1876)	França	Romancista e memorialista
Laura Marholm (1854-1928)	Letônia	Escritora
Eleonara Duse (1858-1924)	Itália	Atriz
Sonya Kovalevskaya (1850-1891)	Rússia	Matemática
Maria Bashkirtseff (1858-1884)	Ucrânia	Escritora, pintora e escultorista
Anthony Comstock (1844-1915)	EUA	Inspetor e político
Robert Thomas Malthus (1766-1834)	Reino Unido	Economista
Felix Aaron Theilhaber (1884-1956)	Alemanha	Médico e escritor
George Bernard Shaw (1856-1950)	Irlanda	Dramaturgo, romancista, contista, ensaísta e jornalista
Reginald Wright Kauffman (1877-1959)	EUA	Autor, editor e jornalista
William Wallace Sanger (1819-1872)	EUA	Médico
Alfred Blaschko (1858-1922)	Alemanha	Médico

Robert Herrick (1591-1674)	Reino Unido	Poeta e clérigo
Arthur Wing Pinero (1855 - 1934)	Reino Unido	Ator, dramaturgo e diretor teatral
Eugene Walter (1874 - 1941)	EUA	Dramaturgo
Edward Carpenter (1844-1929)	Reino Unido	Poeta, socialista, filósofo e antologista
Ben Reitman (1879-1942)	EUA	Médico
William Shakespeare (1564-1616)	Reino Unido	Poeta, dramaturgo e ator
Jean Jacques Élisée Reclus (1830-1905)	França	Geógrafo e anarquista
Thomas Paine (1737-1809)	Reino Unido	Filósofo
Robert Ingersoll (1833-1899)	EUA	Livre pensador, orador e defensor do agnosticismo
Clarence Darrow (1857-1938)	EUA	Advogado
Jean-Jacques Rousseau (1712-1778)	Suíça	Filósofo, teórico político, escritor e compositor autodidata
William Godwin (1756-1836)	Reino Unido	Jornalista, filósofo político e novelista
Mary Shelley (1797-1851)	Reino Unido	Escritora
Fanny Blood (1758-1785)	Reino Unido	Ilustradora e educadora
Joseph Johnson (1738-1809)	Reino Unido	Livreiro e editor
George Fordyce (1736-1802)	Escócia	Médico e professor

Henry Fuseli (1741-1825)	Suíça	Pintor
Edmund Burke (1729-1797)	Irlanda	Filósofo, teórico político e orador
Maria Antonieta (1755-1793)	Áustria	Arquiduquesa da Áustria e rainha consorte da França e Navarra.
Vladimir Ilyich Ulianov (1870-1924)	Rússia	Teórico e comunista
Cicely Isabel Fairfield (1892-1983)	Reino Unido	Escritora, jornalista e crítica literária.
Anatóli Lunacharsky (1875-1933)	Ucrânia	Dramaturgo, crítico literário e político soviético. Ele foi responsável pelas políticas públicas revolucionárias para a Educação.
Grigori Zinoviev (1883-1936)	Ucrânia	Revolucionário e político bolchevique
Sergey S Zorin (1891-1937)	Ucrânia	Revolucionário e político bolchevique
John Reed (1887-1920)	EUA	Jornalista e ativista norte-americano
Anton Ivanovich Denikin (1872-1947)	Polônia	Militar
Aleksandr Kolchak (1874-1920)	Rússia	Comandante naval
Nikolai Yudenich (1862-1933)	Rússia	Militar
Rosa Luxemburgo (1871-1919)	Polônia	Pensadora marxista
Karl Kautsky (1854-1938)	República Tcheca	Filósofo, jornalista e teórico marxista
Karl Marx (1818-1883)	Alemanha	Filósofo, sociólogo, economista, jornalista e revolucionário socialista
Leon Trostky (1879-1940)	Ucrânia	Escritor e militar

Nikolai Bukharin (1888-1938)	Rússia	Escritor, político e comunista
------------------------------	--------	--------------------------------